



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

LEIDIANI DA SILVA REIS

**O PROCESSO REFERENCIAL NA LIBRAS FACE ÀS OCORRÊNCIAS
ANAFÓRICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA**

CASCAVEL - PR

2019



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

LEIDIANI DA SILVA REIS

**O PROCESSO REFERENCIAL NA LIBRAS FACE ÀS OCORRÊNCIAS
ANAFÓRICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado e Doutorado - área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra

CASCAVEL - PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Reis, Leidiani da
O PROCESSO REFERENCIAL NA LIBRAS FACE ÀS OCORRÊNCIAS ANAFÓRICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA / Leidiani da Reis; orientador(a), JORGE BIDARRA, 2019.
235 f.

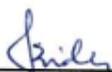
Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Libras. 2. Processo Referencial. 3. Interface Português-Libras. I. BIDARRA, JORGE . II. Título.

LEIDIANI DA SILVA REIS

O processo referencial na Libras face às ocorrências anafóricas em Língua Portuguesa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Jorge Bidarra

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Maria Del Carmen Cabeza Pereiro

Universidade de Vigo (UNIVIGO)



Rossana Finau

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)



Maria Elena Pires Santos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Terezinha da Conceição Costa Hübner

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 19 de fevereiro de 2019

Às minhas avós, Conceição e Dolira, *in memoriam*.

Aos meus pais, Jaira e Joaquim.

Às minhas filhas, Daniela e Paula.

Ao meu esposo, Daniel.

Ao meu irmão, Uéllinton.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Ao meu orientador, professor Jorge Bidarra, por todo incentivo, orientação e confiança em minha caminhada acadêmica, do Mestrado ao Doutorado. Obrigada por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim ao longo de todos esses anos de trabalho. Sem dúvida, suas palavras e seus conselhos foram essenciais para minha formação humana e profissional.

À minha coorientadora, professora María del Carmen Cabeza Pereiro, do Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE) na Universidade de Vigo - Espanha, pela acolhida, pelas trocas valiosas, pelo incentivo e pelos olhares prospectivos que me despertou.

Às professoras Rossana Aparecida Finau, María del Carmen Cabeza Pereiro, Maria Elena Pires Santos e Terezinha da Conceição Costa-Hübes, pelas contribuições ao trabalho.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná, por toda minha formação acadêmica, desde a Graduação até o Doutorado.

À Universidad de Vigo-Espanha, pela acolhida durante o PDSE, minha gratidão aos integrantes do grupo de pesquisa GRADES, aos meus companheiros de estudo, Ania Perez, Ana Varela, Jorge Diz e Marta Díaz.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste e a todo seu corpo docente.

Ao grupo de pesquisa Porlibras, pelo constante aprendizado, juntamente com meus companheiros de pesquisa, professor Jorge Bidarra, Tania Martins, Kely Malaquias, Valdenir Pinheiro e Rosana Constâncio.

Aos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado, motivando-me seguir em frente, em especial, à minha mãe, ao meu pai, ao meu esposo, às minhas filhas e ao meu irmão.

À comunidade surda, e, mormente, aos surdos colaboradores desta pesquisa.

Aos Tradutores e Intérpretes de Língua Portuguesa e Libras, colaboradores deste trabalho.

À CAPES, pela bolsa concedida para o desenvolvimento desta pesquisa, em especial pela bolsa de PDSE.

Às minhas comadres, amigas e irmãs de coração, Angelina e Silvia, parceiras de todas as horas.

Aos meus amigos da pós-graduação que dividiram esse momento de minha vida, em especial às minhas amigas Alexandra Figueiredo, Júlia Granetto, Keli Malaquias, Rosana Constâncio e Tania Martins que sempre me apoiaram e torceram por mim.

“Porque *Dele* e por *Ele*, para *Ele* são todas as coisas...”

Diante do Trono

REIS, Leidiani da Silva. **O processo referencial na Libras face às ocorrências anafóricas em Língua Portuguesa**. 2019. 235 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

RESUMO

O processo de referenciação nas línguas é produzido na interação, e depende de uma série de fatores cognitivos, linguísticos e discursivos, sendo fundamental para a condução da progressão textual, para a constituição dos sentidos e para os propósitos comunicativos dos interlocutores. Este trabalho de tese surge, portanto, do interesse de compreender como a *Referenciação* se comporta na Libras. Mais exatamente, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os processos referenciais realizados por sujeitos surdos na Libras diante das ocorrências de anáforas diretas em recortes textuais da Língua Portuguesa, em um viés tradutório. Assim sendo, buscamos responder às seguintes indagações: (i) Como a anáfora que se realiza na Língua Portuguesa ocorre na Libras, considerando-se a diferença de modalidade entre as duas línguas? (ii) Acontece na Libras outras categorias de elementos referenciais diferentes das que ocorrem na Língua Portuguesa? (iii) Há diferença entre as estratégias de *Referenciação* mobilizadas na Língua Portuguesa e na Libras? Na perspectiva de alcançar o objetivo proposto e encontrar respostas aos problemas elencados, sustentamos a pesquisa nos pressupostos teóricos da Linguística Textual, campo teórico que mobiliza discussões sobre o processo de *Referenciação*, com base em pesquisadores franco-suíços, tais como Mondada e Dubois (2003) e Apothéloz (2003), e estudiosos brasileiros, entre eles Koch e Marchuschi (1998), Cavalcante (2000, 2011), Ciulla (2008), Colamarco (2014), Morais (2017), Santos e Cavalcante (2012; 2014), e em estudos voltados ao processo referencial nas Línguas de Sinais, a partir de pesquisas realizadas por Pizzuto et al. (2006), Cuxac (2000), Meurant (2008), Schenker (2016; 2013; 2011), Landaluce (2015), Cabeza e García-Miguel (2018), Engberg-Pedersen (2010; 1993), Quadros, Pizzio e Rezende (2009), Ferreira Brito (2010) e Bernardino (2000). A pesquisa foi realizada por meio de uma metodologia de cunho qualitativo, mediante a constituição de um *Corpus* Paralelo Português-Libras, orientado pela Linguística de *Corpus*. Como resultado desse processo de investigação, tendo em vista que a Libras é organizada espacialmente, de forma visual, tivemos poucos casos semelhantes aos que adotamos na Língua Portuguesa. Percebemos nas análises realizadas a simultânea relação entre a anáfora e a dêixis presente nas glosas-Libras. Os dêiticos-anafóricos de classe padrão, assim como os de dêiticos-anafóricos de classe de complexas unidades manuais e não manuais, mostraram-se estratégias fundamentais para a condução da cadeia referencial na Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Modalidade Visuoespacial; Processo Referencial; Interface Português-Libras.

REIS, Leidiani da Silva. **The referential process in Libras against the anaphoric occurrences in Portuguese Language**. 2019. 235 pages. Thesis (Doctorate in Languages) - Post-Graduation Program Stricto Sensu in Languages, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel.

ABSTRACT

The process of referencing in languages is produced in interaction, and depends on a series of cognitive, linguistic and discursive factors, being fundamental for the conduction of textual progression, for the constitution of the senses and for the communicative purposes of the interlocutors. This thesis arises, therefore, from the interest of verifying how the referencing behaves in *Libras* (Brazilian Sign Language). More precisely, the general objective of this research is to analyze the referential processes performed by deaf individuals in *Libras* in the face of the occurrence of direct anaphora in textual cuts of the Portuguese Language, in a translation bias. Thus, we seek to answer in this research the following questions: (i) How does the anaphora that takes place in the Portuguese Language occurs in the *Libras*, considering the difference of modality between the two languages? (ii) Does *Libras* have other categories of reference elements different from those in the Portuguese language? (iii) Is there a difference between the reference strategies mobilized in the Portuguese language and in *Libras*? In order to reach the proposed objective, and to find answers to the problems listed, we support the research in the theoretical assumptions of Textual Linguistics in which reference is made, among which we can mention the French-Swiss researchers Mondada and Dubois (2003), Apothéloz (2003)) and Brazilians Koch and Marchuschi (1998), Cavalcante (2000, 2011), Ciulla (2008), Colamarco (2014), Morais (2017), Santos and Cavalcante (2012, 2014); as well as in works related to the referential process in Sign Language, including Pizzuto et al. (2006), Cuxac (2000), Meurant (2008), Schenker (2016, 2013, 2011), Landaluce (2015), Cabeza and García-Miguel (2018), Engberg-Pedersen (2010, 1993), Quadros, Pizzio and Rezende (2009), Ferreira Brito (2010), Bernardino (2000). The research was carried out through a qualitative methodology, through the constitution of a Parallel Corpus Portuguese-*Libras*, guided by Linguistics of Corpus. As a result of this research process, since *Libras* is organized spatially, visually, we had few cases similar to those we adopted in the Portuguese language. We observed in the analysis the simultaneous relationship between the anaphora and the dexis present in the glosses-Pounds. Standard-class deictic-anaphoric as well as deictic-anaphoric-class complexes of both manual and non-manual units have been found to be fundamental strategies for conducting the referential chain in *Libras*.

KEYWORDS: *Libras*; Visuospatial Modality; Referential Process; Portuguese-*Libras* interface.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Relação entre os processos anafóricos e a correferencialidade	38
Figura 2 -	Formas nominais referenciais	41
Figura 3 -	Diagrama Representativo dos Processos Referências abordados na pesquisa.....	53
Figura 4 -	Deictic Space	57
Figura 5 -	Espaço de realização dos sinais	63
Figura 6 -	Formas Pronominais usadas com Referentes Presentes	64
Figura 7 -	Formas Pronominais Usadas com Referentes Ausentes	65
Figura 8 -	Pronome de 2ª pessoa: VOCÊ/TU	66
Figura 9 -	Pronome de 3ª pessoa: ELE (A)	66
Figura 10 -	Pronome de 2ª pessoa: VOCÊ, VOCÊ, VOCÊ.....	67
Figura 11 -	Pronome de 3ª pessoa: ELE (A), ELE (A)	67
Figura 12 -	Pronome de 2ª e 3ª pessoas: VOCÊ, ELE (A)	68
Figura 13 -	Pronome de 1ª: NÓS.....	68
Figura 14 -	Armação da Mudança Referencial	77
Figura 15 -	Tela Inicial do ELAN.....	86
Figura 16 -	Figura das trilhas criadas	87
Figura 17 -	Diagrama do procedimento metodológico	92
Figura 18 -	Tela do Elan com o vídeo 1b.....	96
Figura 19 -	Tela do Elan com o vídeo 2b.....	97
Figura 20 -	Tela do Elan com o vídeo 3b.....	99
Figura 21 -	Tela do Elan com o vídeo 4b.....	100
Figura 22 -	Tela do Elan com o vídeo 5b.....	101
Figura 23 -	Tela do Elan com o vídeo 6b.....	104
Figura 24 -	Tela do Elan com o vídeo (7b)	106
Figura 25 -	Tela do Elan com o vídeo 8b.....	107
Figura 26 -	Tela do Elan com o vídeo 9b.....	108
Figura 27 -	Tela do Elan com o vídeo 10b.....	110
Figura 28 -	Tela do Elan com o vídeo 11b.....	113
Figura 29 -	Tela do Elan com o vídeo 12b.....	115
Figura 30 -	Tela do Elan com o vídeo 13b.....	118
Figura 31 -	Tela do Elan com o vídeo 14b.....	119
Figura 32 -	Tela do Elan com o vídeo 15b.....	121
Figura 33 -	Tela do Elan com o vídeo 16b.....	124
Figura 34 -	Tela do Elan com o vídeo 17b.....	125
Figura 35 -	Tela do Elan com o vídeo 18b.....	127
Figura 36 -	Tela do Elan com o vídeo 19b.....	128
Figura 37 -	Tela do Elan com o vídeo 20b.....	130
Figura 38 -	Tela do Elan com o vídeo 21b.....	133
Figura 39 -	Tela do Elan com o vídeo 22b.....	134
Figura 40 -	Tela do Elan com o vídeo 23b.....	136
Figura 41 -	Tela do Elan com o vídeo 24b.....	138
Figura 42 -	Tela do Elan com o vídeo 25b.....	139
Figura 43 -	Tela do Elan com o vídeo 26b.....	143
Figura 44 -	Tela do Elan com o vídeo 27b.....	144
Figura 45 -	Tela do Elan com o vídeo 28b.....	146
Figura 46 -	Tela do Elan com o vídeo 29b.....	148
Figura 47 -	Tela do Elan com o vídeo 30b.....	149

Figura 48 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora pronominal na Língua Portuguesa.....	152
Figura 49 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por repetição na Língua Portuguesa.....	153
Figura 50 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora sinonímica na Língua Portuguesa.....	154
Figura 51 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por hiperonímia na Língua Portuguesa.....	155
Figura 52 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por nomes genéricos na Língua Portuguesa.....	156
Figura 53 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por descrição definida na Língua Portuguesa.....	157
Figura 54 – Processos Referenciais na Libras.....	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de Dêixis.....	48
Quadro 2 - Processos Referenciais.....	52
Quadro 3 – Sistema de Anotação para Glosas-Libras	87
Quadro 4 - Corpus Paralelo Português-Libras	91
Quadro 5 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora pronominal.....	94
Quadro 6 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por repetição	102
Quadro 7 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora sinonímica	110
Quadro 8 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por hiperonímia	122
Quadro 9 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por nome genérico.....	130
Quadro 10 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por descrição nominal definida.....	140

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL - *American Sign Language* (Língua de Sinais Americana).

Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez.

EAls – Estruturas Altamente Icônicas.

ELAN - EUDICO – *Linguistic Annotator*

DSL - Língua de Sinais Dinamarquesa

Libras – Língua Brasileira de Sinais.

LSFB - Língua de Sinais do Sul da Bélgica.

LSF – Língua de Sinais Francesa.

LIS – Língua de Sinais Italiana.

LT – Linguística Textual.

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

PDSE - Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior.

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras.

TILS – Tradutor e intérprete de Língua Portuguesa e Libras.

Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	18
1 REFERENCIAÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS	23
1.1 OS PROCESSOS DE <i>REFERENCIAÇÃO</i>	28
1.2 AS ANÁFORAS	31
1.2.1 Recategorização: um olhar para a anáfora direta	39
1.3 A DÊIXIS.....	47
2 O PROCESSO REFERENCIAL NO ÂMBITO DAS LÍNGUAS VISUOESPACIAIS	54
2.1 UMA PROPOSTA ANALÍTICA APLICADA EM ASL, LSF E LIS: O DÊITICO COMO COMPONENTE DO PROCESSO ANAFÓRICO.....	59
2.2 O ESPAÇO NA CONSTITUIÇÃO DO PROCESSO REFERENCIAL NAS LÍNGUAS DE SINAIS	62
2.3 A LIBRAS.....	70
2.3.1 O processo referencial na Libras	72
3 APECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	83
3.1 PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> PARALELO	83
3.1.1 Anotação dos vídeos	85
3.1.2 Estruturação e organização do corpus para as análises	90
4 ANÁLISE DO PROCESSO REFERENCIAL NA INTERFACE PORTUGUÊS-LIBRAS	93
4.1 OCORRÊNCIAS ANAFÓRICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA. E NA LIBRAS, COMO FICAM?.....	93
4.1.1 CA 1: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta pronominal na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?	94
4.1.2 CA 2: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por repetição na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?	102
4.1.3 CA 3: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta sinonímica na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?	110
4.1.4 CA 4: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por hiperonímia na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?	121
4.1.5 CA 5: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por nomes genéricos na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?	130
4.1.6 CA 6: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por descrições definidas na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?	140
4.2 SINÓPSE REFLEXIVA DAS ANÁLISES REALIZADAS	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	162
ANEXOS	170

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	170
ANEXO II - TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE DADOS EM ARQUIVO.....	172
APÊNDICES.....	173
APÊNDICE I - <i>CORPUS</i> REPRESENTATIVO PORTUGUÊS-LIBRAS.....	173
APÊNDICE II - <i>CORPUS</i> PARALELO PORTUGUÊS-LIBRAS (INTEGRAL)	181
APÊNDICE III - CD: VÍDEO DO <i>CORPUS</i> PARALELO PORTUGUÊS-LIBRAS (INTEGRAL).....	235

APRESENTAÇÃO

Desde a Graduação¹, como aluna de Iniciação Científica (IC, doravante), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvi² um projeto voltado para o fenômeno linguístico da Língua Portuguesa (LP, de ora em diante), mais especificamente, trabalhei com os elementos referenciais em entrevistas da Revista Cult, o que depois me motivou a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no ano de 2008. Logo na sequência, com o intuito de aprofundar a pesquisa voltada à *Referenciação*³ desenvolvida na Graduação, ingressei no Mestrado, o que resultou na produção da Dissertação intitulada “Sondagem das anáforas não-correferenciais ativadas em processos interpretativos de fábulas” (REIS, 2012)⁴, com um olhar voltado para produções textuais de alunos no Ensino Fundamental Final, já sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Bidarra.

Até então, não tinha contato acadêmico e/ou profissional com a Língua Brasileira de Sinais (Libras, deste ponto em diante). Foi após a conclusão do Mestrado, como docente de uma Faculdade no interior do Mato Grosso, no ano de 2012, que estabeleci o primeiro contato com a referida língua, na disciplina de “Educação Inclusiva”, a qual ministrava nos cursos de Licenciatura. Nesse período, na Unioeste, o professor Jorge Bidarra iniciou o seu Pós-Doutorado com foco em um fenômeno linguístico da Libras, o que o levou a solicitar a colaboração na coleta de dados para sua pesquisa, mediante o auxílio dos meus orientandos de Iniciação Científica. Considero essa fase fundamental para a área que hoje trabalho. Foi nesse momento que comecei a pensar na Libras em um viés mais científico, surgindo então oportunidades de me dedicar ao conhecimento dessa língua. Como docente da Faculdade do Vale do Juruena (AJES), orientei tanto TCCs quanto de IC

¹ Graduei-me em Letras Português-Italiano, no ano de 2008, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste -, campus de Cascavel – PR.

² Por se tratar de um relato pessoal, nesta apresentação, optei por utilizar a primeira pessoa do singular. No restante do texto; porém, mantivemos a primeira pessoa do plural.

³ Como explicamos melhor no capítulo 2 desta tese, adotamos o termo *Referenciação* (grafado com a inicial maiúscula e itálico), que está pautado na Linguística Textual Sociocognitivointeracional. Fizemos isso para diferenciar do termo “Referência”, que advém da perspectiva teórica gerativa.

⁴ A pesquisa foi desenvolvida no Programa *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado -, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste -, campus de Cascavel – PR.

que visavam a uma pesquisa inicial da Libras; por isso, fiz cursos práticos para adquirir o conhecimento da língua e participei de eventos que tivessem em sua pauta os estudos da Libras.

Com o interesse em aprofundar os conhecimentos linguísticos da Libras, tendo como foco, em especial, o fenômeno de *Referenciação*, o qual já tinha pesquisado na Graduação e no Mestrado, no Doutorado optei por desenvolver a pesquisa a partir dessa temática, integrando, desse modo, o grupo Porlibras, orientado pelo professor Jorge Bidarra. Esse é um Grupo de Estudos e de Pesquisas voltado para a investigação da Libras em Interface com Língua Portuguesa Brasileira. Entre as principais atividades em execução no âmbito do Porlibras, encontram-se: a construção de corpora paralelos; análises e descrições linguísticas de fenômenos observados na língua; a especificação e implementação de ferramentas e recursos computacionais; a realização de cursos de curta duração; bem como investigações relacionadas às metodologias e às práticas educacionais voltadas para o ensino e a aprendizagem da Libras por indivíduos surdos e ouvintes e também da LP por pessoas com surdez. O grupo é composto por linguistas, cientistas da computação, alunos de Mestrado e Doutorado, e se caracteriza como um grupo interdisciplinar, cujos estudos se concentram em aspectos fundamentais relacionados ao processamento da língua em suas diferentes manifestações⁵.

Esta tese surge nesse contexto com o escopo de colaborar com o trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Porlibras, no tocante à sua investigação “guarda-chuva”: *Fundamentos para a especificação, modelagem e implementação de Soluções Computacionais com vistas ao desenvolvimento de um sistema bilíngue de tradução automática Português-Libras*. Por essa razão, muitas das escolhas metodológicas instauradas neste trabalho surgiram devido à necessidade de imbricar-se à proposta maior de pesquisa do Porlibras. Entre as escolhas metodológicas direcionadas está, por exemplo, a relação entre a Libras e a LP em um viés tradutório e a seleção de recortes textuais aleatórios em LP.

⁵ Informações disponíveis no site do Porlibras: <https://www5.unioeste.br/portal/prppg-grupos/grupo-de-pesquisa-porlibras/sobre-o-grupo>

INTRODUÇÃO

As línguas de sinais, línguas naturais das comunidades surdas, são realizadas no espaço, cuja sinalização é visual; por isso, são denominadas como *visuoespaciais*. Sendo um dos elementos culturais do indivíduo com surdez, a língua de sinais é então caracterizada como símbolo da identidade surda (SLOMSKI, 2012). Embora apresentem semelhanças, assim como com as línguas orais, em cada país pode haver uma ou mais línguas de sinais distintas, cada qual com um léxico próprio, adequado à realidade de cada uma de suas comunidades. No que diz respeito ao Brasil, a língua utilizada pela comunidade surda é a Libras, sigla de Língua Brasileira de Sinais.

Apesar de há muito tempo ter sido assumida pelos surdos como a sua língua natural e, portanto, o principal meio de comunicação e expressão dessa comunidade, foi somente em 24 de abril de 2002, com a publicação da Lei nº 10.436, regulamentada pelo Decreto nº 5.626, que a Libras se tornou a segunda língua oficial no país. O fato de ser uma língua visuoespacial, modalidade bastante distinta da LP (língua oroauditiva), vem abrindo um leque de possibilidades de pesquisas avançadas, principalmente no campo da Linguística. Nesse contexto, estudar os processos e os mecanismos linguísticos envolvidos na Libras tem sido um desafio e, ao mesmo tempo, um caminho promissor para as investigações científicas. Dos diversos fenômenos linguísticos observados nessa língua, os processos referenciais, assim como em outras línguas, são decisivos para a condução da progressão textual, para a constituição dos sentidos e para os propósitos comunicativos dos interlocutores. Esta tese surge, portanto, do interesse de verificar como tais processos se comportam na Libras.

Partindo da compreensão de língua como atividade sociocognitivainteracional e dos estudos da Linguística Textual acerca da *Referenciação*, compreendemos que os processos referenciais são produzidos na interação, tendo como base atividades cognitivas, sociais e o próprio entorno discursivo em que os falantes se encontram. Assim sendo, tanto em uma modalidade de língua quanto em outra, a *Referenciação* se configura não apenas como um recurso de retomada de entidades do mundo, ou seja, ela não diz respeito a simples rótulos usados para designar as coisas do mundo (KOCH; MARCUSCHI, 1998), mas, muito além disso, retrata uma forma de

construção e reconstrução de objetos do discurso realizados por sujeitos, em um processo de interação, o que significa dizer que carrega, entre outros aspectos, os interesses e os pontos de vista dos interlocutores envolvidos no processo discursivo. Os objetos do discurso, sendo construídos e reconstruídos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados e como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são desenvolvidos conforme o contexto de interação (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Apesar da complexidade envolvida no modo como se manifestam e na forma como se relacionam os itens que fazem parte do processo de *Referenciação*, avanços significativos já podem ser percebidos no âmbito das línguas orais. Quanto às línguas de sinais, em específico à Libras, trata-se de um campo bastante profícuo. Não há muitos trabalhos que fazem menção ao comportamento dos elementos referenciais na Libras. Tanto é verdade que Ferreira Brito (2010), em seus estudos voltados para a referida língua, argumenta que “[...] Um estudo mais aprofundado da correferência na Libras pode conduzir a uma sistematização de comportamentos que subjazem este fenômeno” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 115).

Em se tratando da relação entre a LP e a Libras diante dos processos de *Referenciação*, podemos inferir que há complexidades e singularidades que denotam diferenças relevantes quanto à operação linguística referencial. Nesse contexto, Ferreira Brito (2010) entende que a “Referência em Libras funciona de maneira similar àquela das línguas orais, tais como o Português. Entretanto, [...] observa-se algumas especificidades que, provavelmente, são devidas à modalidade espaço-visual de língua” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 115), entre elas supomos, por exemplo, a construção do referente em pontos específicos no espaço de sinalização, o qual conduz toda cadeia referencial.

A partir do exposto, buscamos responder, nesta tese, às seguintes indagações: (i) Como a anáfora que se realiza na Língua Portuguesa ocorre na Libras, considerando-se a diferença de modalidade entre as duas línguas? (ii) Acontece na Libras outras categorias de elementos referenciais diferentes das que ocorrem na Língua Portuguesa? (iii) Há diferença entre as estratégias de *Referenciação* mobilizadas na Língua Portuguesa e na Libras?

O objetivo geral do estudo foi analisar os processos referenciais realizados por sujeitos surdos na Libras diante das ocorrências de anáforas diretas em recortes

textuais da Língua Portuguesa, em um viés tradutório. A partir desse objetivo central, surgem os específicos, a saber: (i) Comparar os processos referenciais que se manifestam no *corpus* em Português com os que acontecem no *corpus* em Libras; (ii) Averiguar se incide na Libras outras categorias de elementos referenciais diferentes das situações de anáforas diretas presentes nos recortes textuais escritos da Língua Portuguesa; e (iii) Examinar as estratégias referenciais mobilizadas na Libras para a manutenção/ou não das anáforas diretas, considerando os efeitos de sentido que elas geram.

A presente pesquisa se justifica porque, embora haja trabalhos que considerem os processos referenciais na Libras⁶, não há um número relevante de pesquisas diretas e, especificamente, voltadas à descrição dos elementos referenciais dessa língua. Nesse sentido, Pizzio, Rezende e Quadros (2009) dizem que “há poucos estudos realizados no Brasil, logo, esse assunto carece de muitas reflexões. [...] estaremos usando referências de estudos de outras línguas, especialmente, de outras línguas de sinais, para pensar os mesmos fenômenos na nossa língua de sinais” (PIZZO; REZENDE; QUADROS, 2009, s/p).

As razões para pensar na relação entre a LP e a Libras são de caráter prático: fazemos parte do grupo de pesquisa Porlibras cuja investigação “guarda-chuva” é *Fundamentos para a especificação, modelagem e implementação de Soluções Computacionais com vistas ao desenvolvimento de um sistema bilíngue de tradução automática Português-Libras*. Nessa perspectiva, procuramos imbricar esta pesquisa à proposta maior de pesquisa do Porlibras, que visa à relação entre a Libras e a LP, em um viés tradutório. Ao fazermos tal escolha, consideramos o alerta feito por Garcia (2007), de que devemos ser cautelosos ao investigar uma língua visuoespacial partindo dos postulados de outra que é oroauditiva.

Assim sendo, atrelamos ao processo analítico: (i) a perspectiva teórica da *Referenciação* moderna, a partir de estudos desenvolvidos, principalmente, na LP, em que os processos referenciais apresentam características, muitas vezes em um *continuum*, não permitindo uma divisão estanque entre eles (CIULLA, 2008; SANTOS; CAVALCANTE, 2014; MORAIS, 2017); e (ii) os trabalhos que dizem respeito ao processo referencial nas línguas de sinais, ou seja, usamos também os estudos realizados em outras línguas visuoespaciais, especialmente partindo da

⁶ Esses trabalhos serão supracitados no Capítulo 2, mais especificamente no subtópico 2.3.1 sobre “O processo referencial na Libras”.

proposta de Pizzuto et al. (2006), desenvolvida nas línguas de sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS), em que os pesquisadores propõem o entrecruzamento do dêitico e da anáfora - por isso, denominado *dêitico-anafórico* -, permitindo aos sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no espaço de sinalização, simultaneamente, mediante duas grandes classes de dêitico-anafórico: classe padrão e classe de complexas unidades manuais e não manuais. Supomos que essas classes são concebidas como vestígios de operações sociais cognitivas e interativas realizadas pelos sinalizantes, por meio das quais transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (PIZZUTO et al., 2006). Por todas essas questões, acreditamos que a discussão sobre as fronteiras tênues dos processos referenciais, a saber, anáfora e dêixis, e as suas especificidades na Libras merecem destaque na agenda dos estudos sobre esse tema. Assim, esta proposta de pesquisa representa um importante movimento no sentido de ampliar as investigações sobre os processos referenciais na Libras.

O trabalho partiu de uma metodologia de natureza básica, de cunho qualitativo. Primeiramente, selecionamos e coletamos recortes textuais escritos compostos minimamente pela anáfora e seu antecedente em LP, extraídos de fontes diversas, a partir de múltiplos gêneros discursivos, a fim de não haver uma motivação de um uso específico de determinada anáfora. Com esses textos selecionados, submetemo-os ao sujeito surdo - considerado bilíngue - para a tradução em Libras, mediante a filmagem. Com a filmagem do recorte textual traduzido por um surdo nato, o próximo passo foi transcrever esse texto para a glosa-Libras⁷, com auxílio do *software* ELAN (EUDICO – *Linguistic Annotator*). Tais recortes textuais foram organizados de forma a constituir um *Corpus* Paralelo Português-Libras, orientado pela Linguística de *Corpus*, por meio do qual pudemos analisar os processos referenciais na Libras. Diante disso, vale destacar que outra motivação deste trabalho surgiu também da constatação de que não havia *corpus* disponível em Libras com foco na análise de fenômenos linguísticos, designadamente dos processos referenciais, o que nos estimulou a criar um *Corpus* Paralelo, o qual pretendemos disponibilizar para pesquisas futuras, justificando mais uma vez a importância científica deste estudo.

⁷ Segundo Santos (2012), a glosa é utilizada na anotação da tradução do Português para Libras a fim de aproximar o significado de um signo de uma língua na outra. Essa anotação facilita a análise dos fenômenos linguísticos na passagem de uma língua para outra. Exemplos de glosas são encontrados no capítulo 4 desta tese.

Para alcançar os objetivos propostos, organizamos o trabalho em quatro capítulos. Após a presente introdução, o primeiro capítulo apresenta, sob a perspectiva da Linguística de Texto, um panorama teórico dos estudos sobre a *Referenciação*, ressaltando seus avanços mais importantes para a área. De forma mais detalhada, discutimos os processos de *Referenciação*, especificamente, o caso de anáfora direta, e a dêixis, mostrando como esses processos podem ser estudados de maneira interligada, conforme já propuseram Ciulla (2008), Santos e Cavalcante (2014), Colamarco (2014), Morais (2017) e outros autores.

No segundo capítulo, discorremos sobre “*O Processo Referencial no Âmbito das Línguas Visuoespaciais*” em geral. Nessa lógica, abrimos um subtópico especialmente para apresentar “*Uma proposta analítica aplicada em outras línguas de sinais: o dêitico enquanto componente do processo anafórico*”. Ainda, como assunto relevante, discutimos sobre “*O espaço na constituição do processo referencial nas línguas de sinais*”. Por fim, destacamos “*A Libras*” e “*O processo referencial na Libras*”, elencando os trabalhos desenvolvidos sobre os processos referenciais na referida língua, os quais, na maioria das vezes, foram construídos em uma perspectiva clássica (FERREIRA BRITO, 2010; QUADROS; KARNOPP, 2004; BERNARDINO, 2000), diferentemente da que propomos.

Em seguida, no terceiro capítulo, a discussão concentrou-se nos “*Aspectos Metodológicos da Pesquisa*”, expondo nesse momento o “*Processo de Constituição do Corpus Paralelo*”, seção na qual apresentamos o sistema de anotação das glosas-Libras. Exibimos também nesse capítulo o “*Procedimento de Análise*”, em que expomos os critérios adotados para as apreciações do *Corpus Paralelo Português-Libras*.

No quarto capítulo, nomeado “*Análise do Corpus Paralelo Português-Libras*”, avaliamos o *Corpus Paralelo* composto pelas anáforas diretas na Língua Portuguesa, com o objetivo de percebermos como essas anáforas chegam na Libras, destacando os resultados encontrados com base no referencial teórico abordado. Com as análises feitas, abrimos o subtópico “*Sinopse das análises realizadas*”, a fim de pensar de forma geral sobre os processos referenciais desencadeados nas análises das glosas-Libras.

1 REFERENCIAÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS

Ao percorrermos a trajetória histórica sobre o surgimento da *Referenciação*, é importante revisitar, mesmo que de modo breve, o contexto da perspectiva teórica em que esta pesquisa se inscreve: a perspectiva sociocognitivointeracional da Linguística Textual. Em meados da década de 60, houve a instituição do texto como objeto de estudo da Linguística, originando, dessa forma, a Linguística Textual (LT, doravante), a qual foi um marco significativo na evolução dos estudos linguísticos, passando a vigorar o entendimento de que as práticas de linguagem são muito mais abrangentes do que a tradicional abordagem do modelo estruturalista, centrado em uma perspectiva de investigação da língua tão somente no nível da frase. Nesse contexto, passa-se a ter outra concepção de análise linguística, com um olhar direcionado aos elementos discursivos, entre eles o contexto de produção, as intenções e as atitudes do sujeito, ultrapassando, portanto, os limites da sentença (LIMA, 2009).

Mais detalhadamente, segundo Koch (2004), a LT tem sido caracterizada por três períodos diferentes. Primeiramente, o interesse dessa 'disciplina' - assim denominada por pesquisadores da área - era centrado na construção de gramáticas do texto e na análise transfrástica, não se restringindo aos limites de uma só frase ou período, como se fazia nas análises de tipo estrutural ou gerativo. Assim sendo, passaram a estudar as relações sintático-semânticas entre duas ou mais orações, ingressando, então, as reflexões acerca da correferência. Foi nesse momento que se começou a dar atenção especial para os mecanismos de remissão textual - anafóricos e catafóricos -, por serem considerados um fator importante de coesão. Todavia, não se fazia uma distinção entre os termos coesão e coerência, uma vez que essa era entendida como uma simples característica do texto. O segundo momento da LT foi o da pragmática, no qual se começou a considerar o contexto em que está inserido um determinado texto, além das intenções comunicativas e sociais do produtor do texto. Naquele instante, houve uma perceptível mudança no conceito de coerência, sendo então considerada como um fenômeno que se constrói em cada situação de uso e de interação comunicativa, e não mais como uma simples propriedade do texto (KOCH, 2002). Finalmente, no terceiro momento, as reflexões entorno da LT se dirigiram às relações cognitivas do texto, isto é, começaram a

abordar questões de compreensão e de produção textual ligadas aos conhecimentos prévios de cada sujeito. O entendimento do texto passou a depender do conhecimento cognitivo de cada sujeito participante em uma atividade comunicativa, tendo em vista que cada um tem uma bagagem social, histórica e cultural diferente. Em outras palavras, entra em cena a situação de interação, na qual os significados do texto são produzidos por meio da ativação de conhecimentos e experiências dos interlocutores (KOCH, 2004).

Desde o surgimento da LT até hoje, é possível notar a evolução de uma compreensão de texto de base gramatical para outra de fundamento sociocognitivointeracional (BEAUGRANDE, 1997). A *Referenciação* insurge no quadro dessa última concepção, constituindo-se como uma abordagem relativamente nova no âmbito da LT, o que abre o leque para uma revisão e um aprofundamento de importantes questões relativas à produção textual do sentido.⁸

Dado esse cenário, podemos dizer, com base em Berrendonner e Reichler-Béguelin (1995), que a perspectiva da *Referenciação* toma lugar na agenda da LT por volta da primeira metade da década de 1990, a partir de reflexões dos pesquisadores franco-suíços Daniele Dubois, Lorenza Mondada e Denis Apothéloz, a eles se somando outros seguidores, como Charolles, Schnedecker, Berrendonner e Reichler-Béguelin.

No Brasil, Ingedore Koch e Luís Antonio Marcuschi são os primeiros divulgadores dos pressupostos dessa abordagem, o que possibilitou o desenvolvimento de uma gama substancial de pesquisas em línguas orais. Tomando como mote essa concepção dos estudos voltados aos processos referenciais, podemos citar as pesquisas de Cavalcante (2000, 2011), Ciulla (2002, 2008), Colamarco (2014), Morais (2017), Zamponi (2003), Costa (2007), Santos e Cavalcante (2012; 2014), entre outros (Cf. LIMA, 2009).

É mister ainda destacar, como pontua Zamponi (2003), que o estudo acerca da '*Referência*' é muito antigo e altamente interdisciplinar, uma vez que sempre foi de interesse de pesquisadores da Filosofia da Linguagem e da Linguística entender como a linguagem se refere ao mundo. Logo, duas tendências fundamentalmente opostas orientam as reflexões sobre a '*Referência*':

⁸ Esse aspecto também é fundamental quando pensamos nas Línguas de Sinais, considerando que há um vasto campo de investigação, pois as pesquisas desenvolvidas nessa perspectiva teórica ainda estão direcionadas mais às línguas orais.

Uma entende que existe uma correspondência entre as palavras e as coisas [...] dentro dessa concepção, 'referir-se a' significa operar, por meio linguísticos, uma representação extensional de referentes do mundo. [...] A outra tendência, fundamentada na concepção de que a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente construída, vê a referência como o resultado de uma operação colaborativa dos parceiros da interação, que constroem os referentes no e pelo discurso, atividade linguística e sócio-cognitiva, ligada acima de tudo à interação e à intersubjetividade. Nesse quadro, as entidades referidas no discurso são antes objetos-do-discurso (e não objetos-do-mundo) e é mais apropriado falar em "referenciação", que implica atividade, que em "referência", termo que, associado à visão representacionista da língua, mantém um sentido de estaticidade. (ZAMPONI, 2003, p. 7, destaques da autora).

Nessa perspectiva, Mondada e Dubois (1995), precursoras dos estudos sobre *Referenciação*, rejeitam as concepções que veem o processo de referir como uma relação especular língua-mundo, nas quais as “coisas” da realidade já existem e a função dos sujeitos é apenas nomeá-las por intermédio da língua. As autoras propõem o termo *Referenciação* para expressar a ideia do dinamismo que envolve o processo, no qual se dá uma construção e uma reconstrução de objetos cognitivos e discursivos na “intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações, de concepções individuais e públicas do mundo. [...] Essa abordagem implica [...] um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Diante disso, atualmente, a noção adotada para definir *referência* não é a de simples representação linguística das coisas do mundo, mas o uso de um termo, denominado objeto do discurso, para representar um *objeto do mundo* em uma dada situação discursiva referencial (KOCH, 2005). Ao afirmar que a construção de referentes ocorre no próprio texto, não se deseja negar a existência de uma realidade externa à mente dos sujeitos. No entanto, entendemos que a formação de tais objetos do discurso é influenciada por fatores culturais, históricos, sociais, ou seja, pelo contexto de comunicação e não apenas por experiências individuais ou por meras reproduções pré-existentes da realidade. Além disso, conforme destaca Leal (2011), “os objetos-do-discurso são itens linguísticos dinâmicos, podendo ser modificados, desativados, reativados no curso da progressão textual” (LEAL, 2011, p. 46).

Em outras palavras, depois de lançado no texto, o objeto é retomado por meio da estratégia de *Referenciação*. Esse processo de construção e de reconstrução de objetos do discurso é realizado por sujeitos, em um processo de interação, o que significa dizer que carrega, entre outros aspectos, os interesses e os pontos de vista dos interlocutores envolvidos no discurso. Nessa direção, Koch e Elias (2006) defendem que

Os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a nossa percepção de mundo, nossos “óculos sociais”, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos (KOCH; ELIAS, 2006, p.123, destaque das autoras).

Para Mondada e Dubois (2003), os objetos do discurso, sendo produzidos e desenvolvidos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados e, além disso, como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são produzidos e mobilizados conforme o contexto de interação. Em outras palavras, eles são “representações semióticas (constantemente reformuláveis) e não entidades da realidade preexistentes à interação” (SANTOS; CAVALCANTE, 2014, p. 226).

Essa forma de conceber a *Referenciação* é assumida por Koch (2004), que propõe a seguinte descrição: “os objetos-do-discurso são altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual” (KOCK, 2004, p. 40). Esse processo dinâmico, segundo a autora, desenvolve-se como uma atividade discursiva realizada por sujeitos históricos e socialmente situados.

Essa construção e reconstrução de objetos do discurso, que se constituem como um processo dinâmico na progressão textual, ocorrem quando um objeto é lançado no texto (construção) e utilizado novamente por meio da reconstrução. Mondada e Dubois (2003) explicam melhor esse processo dinâmico ao afirmarem que “as categorias e os objetos-do-discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável por meio de operações cognitivas, ancoradas nas práticas, nas atividades verbais ou não-verbais, nas negociações dentro da interação” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Nessa mesma perspectiva, Koch e Marcuschi (1998) compreendem que a *Referenciação* não deve ser vista como maneira de “etiquetar” o mundo, mas como uma atividade que ocorre no instante da produção do discurso. Segundo os autores, “no contexto do discurso, todos os referentes são evolutivos, já que sempre haverá uma mudança, ou seja, os referentes modificam-se à medida que o discurso se desenrola” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 173).

Essa forma de interpretar a *Referenciação* atrela-se à concepção teórica que considera a linguagem como um modo de ação social. As discussões sobre os processos de *Referenciação* estão ligadas às ações desenvolvidas na língua, e essas são identificadas a partir das condições de inserção das informações no texto, sinalizando determinadas intenções. O enunciador, ao inserir e retomar certos objetos do discurso, faz escolhas que não são gratuitas. Ao contrário, esperando alcançar seus objetivos, faz escolhas que estão permeadas de estratégias de convencimento, estabelecendo uma orientação argumentativa no texto. Nessa perspectiva, Koch (2004) afirma que:

A referenciação constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, na interação, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (KOCH, 2004, p. 31).

Seguindo esse viés teórico, Marcuschi (2003) explica que “a referência deve ser tomada como ato criativo de designação” (MARCUSCHI, 2003, p. 43). Em outras palavras, ao utilizar estratégias de *Referenciação*, o enunciador não está isento de intenções, mas as utiliza porque quer reforçar certo argumento, quer mostrar algo para o outro. Assim, ao optar por um determinado objeto do discurso para designar um referente, o enunciador se posiciona, tendo em vista que a escolha da

[...] existência de um objeto de discurso implica em observar o tipo de apreciação axiológica que sobre ele incide e qual a voz social o enuncia – afinal, estas são as condições para a constituição de discursos e de, é claro, objetos-do-discurso (ALVES FILHO, 2010, p. 214).

Mais uma vez, a *Referenciação* é afirmada como uma forma de referendar objetos do discurso, os quais carregam consigo características dos sujeitos históricos socialmente situados. Os referentes, portanto, na perspectiva

sociocognitivointeracional da *Referenciação*, passam a ser não mais uma entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera (Cf. CAVALCANTE, 2011).

Para aprofundarmos as discussões, a seção seguinte tratou dos processos de *Referenciação*.

1.1 OS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO

Tomado sob o viés discursivo e, conseqüentemente, como produto da ação interativa entre os sujeitos envolvidos na constituição dos textos, o processo de *Referenciação* constitui-se como uma atividade linguística que não se limita à decodificação textual, nem se reduz à localização de um termo no texto, mas se coloca como um recurso estratégico na construção do sentido textual. As inferências necessárias para a compreensão dos referentes textuais são autorizadas pelos elementos materiais do texto e são essenciais para completar-lhes o sentido. Todo esse processo produz o sentido do próprio texto. Por essa razão, a *Referenciação* está intrinsecamente relacionada à coerência textual. Não se pode avaliar uma sem levar em consideração a outra (COLAMARCO, 2014).

Ciulla (2008) destaca que todo processo linguístico tem uma relação de interdependência com a cognição, assim sendo, os processos referenciais não são estanques, ao contrário, são imprevisíveis e mutantes. A interpretação de uma expressão não só depende do contexto e do cotexto, mas também tem implicações a partir do conhecimento que é compartilhado pelo enunciador e seu interlocutor. Na *Referenciação*, todas as palavras são espécies de núcleos comuns cujos significados vão sendo construídos na medida em que o discurso se desenvolve. Em outras palavras, não há como desvincular o contexto linguístico da situação. Seguindo esse viés de análise, Biezus (2010) afirma que

Os objetos discursivos são responsáveis por estabelecer relações de sentido e significado tanto com os elementos que os antecedem como com os que os sucedem, construindo uma cadeia textual significativa. Essa coesão, que dá unidade ao texto, vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática (BIEZUS, 2010, p. 30).

Os estudos inaugurais acerca da *Referenciação* destacam os seguintes processos referenciais: *introdução*, *retomada* e *desfocalização* de objetos do discursos, os quais são assim definidos por Koch e Elias (2006, p. 125-126):

i. *Introdução* (construção): acontece quando um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa é posta em foco, ficando esse “objeto” saliente no modelo textual.

ii *Retomada* (manutenção): ocorre quando um “objeto” já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco.

iii. *Desfocalização*: sucede quando um novo “objeto” é introduzido no texto, passando a ocupar a posição focal. Contudo, o objeto retirado de foco permanece em estado de ativação parcial, ou seja, ele continua disponível para a utilização imediata sempre que necessário. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 125-126).

Apesar de não ser o foco desta tese a *introdução* de referentes, faz-se necessário apresentar esse processo referencial, mesmo que de maneira concisa. Segundo Koch e Elias (2006), a *introdução* pode se realizar de duas maneiras: a) introdução não ancorada, quando aparece um objeto totalmente novo no texto, sem nenhum índice de relação com outros objetos; b) introdução ancorada, que ocorre quando um novo objeto é inserido no texto de forma ancorada, ou seja, diferentemente do caso anterior, há elementos no texto que servem de âncora para esse novo objeto.⁹

Quanto à *retomada*, cerne desta pesquisa, caracteriza-se por manter os objetos do discurso em foco, dando sustentação à coesão e à coerência, uma vez que é utilizada para que a temática seja processada de forma progressiva e significativa. Nesse sentido, Koch (2006) afirma que ela é “a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do texto” (KOCK, 2006, p. 131). A manutenção dos objetos do discurso, segundo a autora, pode realizar-se tanto por meio de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, advérbios) como por meio de recursos de ordem lexical (repetição, sinônimos - ou quase sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, entre outros) (KOCH; ELIAS, 2006).

⁹ São os casos, por exemplo, das anáforas indiretas. Uma breve discussão, apenas como forma de ilustração, foi feita na seção 1.2

Os estudos acerca dos processos referenciais dividem essa operação linguística em dois movimentos: exofóricos e endofóricos. No primeiro caso, retoma-se um elemento não enunciado no texto, sendo composto, por exemplo, pelo dêitico. No segundo, o elemento retomado é primeiramente apresentado no texto. A referência endofórica, por sua vez, se subdivide em anafórica e catafórica. No processo anafórico, a remissão é feita para trás, ou seja, faz-se remissão a elementos que já foram expressos no texto. Já no processo catafórico, a remissão é feita para frente. Koch e Elias (2006) apresentam exemplos que ilustram esses processos:

- (a) Paulo saiu. **Ele** foi ao cinema.
- (b) Só quero **isto**: que vocês me entendam. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 127).

Os termos destacados são as remissões. Em (a), tem-se um processo anafórico, pois o pronome em destaque retoma um elemento anteriormente enunciado. Já em (b) é preciso seguir no texto para captar o referente, realizando um movimento catafórico.

Entretanto, consideramos relevante frisar que autores contemporâneos optaram por não fazerem mais essa distinção entre anáfora e catáfora, preferindo considerar ambas como anáfora - “eventualmente chamando-as, respectivamente de retrospectiva e prospectiva” (SANTOS; CAVALCANTE, 2014), certos de que não se resumem a simples movimentos projetivos e retrospectivos, mas retratam o trabalho de um determinado sujeito de categorizar e recategorizar objetos do discurso.

No geral, tendo em vista os avanços dos estudos na área, os processos referenciais - *Introdução, Retomada e Desfocalização* - têm sido retomados e atualizados. Nessa perspectiva, Cavalcante et al. (2010) os reorganizaram da seguinte maneira:

- I. *Introdução referencial*: ativação de novos referentes.
- II. *Anáfora*: “uma retomada ou continuidade referencial de uma entidade qualquer já introduzida no texto, não importa de que maneira” (CAVALCANTE et al., 2010, p. 237). As anáforas podem apontar para trás (remissões

retrospectivas), ou para frente (remissões prospectivas), ancoradas em pistas do cotexto.

Mais atual ainda, reforçando e ampliando essa visão, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) apontam a introdução referencial, a anáfora e a dêixis como as três categorias maiores de processos referenciais. Segundo esses pesquisadores, a introdução referencial ocorre no momento em que um referente é construído pela primeira vez na mente do coenunciador de um texto, sem ter sido manifestado, textualmente, por meio de uma expressão referencial. A partir dessa introdução, todas as outras expressões referenciais que guardarem alguma relação com tal referente podem gerar diferentes processos de retomada anafórica (MORAIS, 2017).

Conforme pudemos ver, os estudos acerca dos processos referenciais têm passado por avanços significativos. O importante de todo esse desenvolvimento científico é ter claro que para elaborar um discurso, o seu produtor tem a liberdade de recorrer a processos referenciais distintos, com base em suas intenções e objetivos.

Aprofundando ainda mais a discussão sobre os processos de *Referenciação*, na seção seguinte, discorreremos sobre as anáforas, as quais foram consituídas como o foco de partida deste trabalho.

1.2 AS ANÁFORAS

Como o objetivo desta tese é analisar, na perspectiva teórica da *Referenciação*, os processos referenciais realizados por sujeitos surdos na Libras diante das ocorrências de *anáforas diretas* em recortes textuais da LP, é importante cotejarmos sobre a anáfora, a qual tem sido constantemente debatida entre pesquisadores da área, pois há muitas divergências quanto aos conceitos que a constituem. Em um viés teórico que visa aos aspectos formais desse processo referencial, Halliday e Hassan (1976), Kleiber (2001), Perdicoyanni-Paléologou (2001), entre outros, tendem a analisar a anáfora em termos mais estruturais e compreendem-na como um fenômeno marcado pela substituição de um segmento de texto por outro, como uma relação de equivalência: “En résumé, l'anaphore est

une relation structurelle, [...] entre deux segments textuels dont l'un (anaphorisant) est dépendant de l'autre¹⁰ (PERDICOYANNI-PALÉOLOGOU, 2001, p. 57).

Entretanto, na perspectiva teórica sociocognitivainteracional do processo referencial, adotada nesta pesquisa, autores como Apothéloz (2003), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999), Koch e Marchuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2000, 2011), Ciulla (2002, 2008), Colamarco (2014), Morais (2017), Zamponi (2003), Costa (2007), Santos e Cavalcante (2012; 2014), entre outros, consideram que a anáfora se constitui no interior do discurso como uma atividade colaborativa de interação entre os sujeitos. Nesse sentido, o sujeito, a partir da ativação de um objeto do discurso, com objetivos bem definidos, seleciona uma anáfora com a qual constrói a sequência de sentido de seu enunciado. Essa sequência permite a esse sujeito manter informações conceituais referentes ao tema sobre o qual está discorrendo. Para Morais (2017), “a escolha de determinadas anáforas está intimamente relacionada às representações e papéis sociais, aos propósitos comunicativos dos enunciadores e ao próprio sentido que se deseja atribuir ao texto” (MORAIS, 2017, p. 44).

Assim, a anáfora se caracteriza como um dos processos fundamentais da *Referenciação*. Tanto é verdade que, segundo Koch e Marcuschi (1998), “a retomada anafórica é a estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida, mas não de todo compreendida e provavelmente mal compreendida” (KOCK; MARCUSCHI, 1998, p. 76). Em outras palavras, os autores também concordam que há uma dificuldade em definir as anáforas como um fenômeno de características bem acentuadas e preestabelecidas, pois “não há tipologia satisfatória dos fatos anafóricos” (APOTHÉLOZ, 1995, p. 169). Nesse sentido, com o intuito de esclarecer a questão da anáfora, Marcuschi e Koch (2002) apontam algumas observações iniciais:

Nem toda anáfora é pronominal;
 Nem toda anáfora é correferencial;
 Nem toda anáfora é uma retomada;
 Nem toda anáfora tem um antecedente explícito no cotexto;
 Existem anáforas nominais (definidas ou não);
 Nem toda anáfora nominal é correferencial;
 Nem toda anáfora nominal é cossignificativa. (MARCUSCHI; KOCH, 2002, p. 45).

¹⁰ “Em resumo, a anáfora contempla uma relação estrutural [...] entre dois seguimentos textuais, em que um é dependente do outro” (PERDICOYANNI-PALÉOLOGOU, 2001, p. 57, tradução nossa).

Todos esses apontamentos sobre a anáfora revelam o quanto ela é altamente complexa, indo além da simples retomada de um elemento do texto por outro. Logo, a noção de anáfora como uma relação de equivalência ou substituição entre termos no cotexto não se sustenta (MORAIS, 2017). Marcuschi (2005) postula que o termo “anáfora” é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, a outros enunciados, a outros conteúdos ou a outros contextos textuais, “contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial” (MARCUSCHI, 2005, p. 54). Conforme vamos retomando certos elementos textuais, formamos teias referenciais altamente significativas que podem ser instauradas por meio de processos anafóricos. Em outras palavras, no processo de construção de sentido, a anáfora pode se dar com ou sem a retomada de referentes anteriormente expressos, atestando assim a progressão textual (BIEZUS, 2010).

Uma das maneiras de garantir a continuidade do texto, como argumenta Cavalcante (2011), é pelo uso de anáforas diretas - retomaremos as anáforas diretas na próxima seção. As anáforas diretas representam uma relação de correferencialidade com alguma expressão cotextual. A relação de correferência acontece quando duas expressões designam o mesmo referente no discurso: “há correferência entre duas expressões sempre que elas designam no discurso o mesmo referente” (APOTHÉLOZ, 2003, p. 61).

De acordo com Neves (2006), a correferenciação ocorre quando o referente determinado, já introduzido no discurso, é rerepresentado pelo enunciador, em outros pontos do texto, como elemento dado, isto é, um elemento explícito no texto. Vejamos um exemplo que Neves (2006) apresenta:

- c) - Alô.
 - Vai me desculpar, hem? Sabe como é. É normal. Escuta: vou quebrar o seu galho. O Doctor Octavio vai hoje a uma festa nesse telefone. Anota aí.
 - Diz.
 - Cinco – três sete quatro sete. Eu sei que **ele** vai para lá. Telefona mais tarde que **ele** deve estar. Eu vou ver se encontro **o homem** antes disso. (NEVES, 2006, p. 81).

Segundo Neves (2006), o sujeito integrante do momento discursivo faz duas correferências ao “Doctor Octavio” por meio do pronome pessoal “ele” (anáfora por pronominalização), e ao final volta a correferenciá-lo usando o sintagma nominal “o

homem”. Nesse caso, o objeto do discurso pôde ser recuperado no próprio cotexto com base nos elementos linguísticos ali presentes.

Vale destacar que a progressão textual referencial não acontece somente por relações correferenciais, uma vez que “a continuidade anafórica também pode ocorrer pela menção de expressões ligadas a âncoras linguísticas do cotexto” (MORAIS, 2017, p. 51). Nesse episódio, a progressão referencial acontece por associação e inferências articuladas pelos participantes da interação, configurando, desse modo, as *anáforas indiretas*¹¹, isto é, não correferenciais (MORAIS, 2017).

Alguns pesquisadores da área decidiram por fazer uma divisão das anáforas indiretas em alguns grupos, a saber, associativas, inferenciais, meronímicas. Não obstante, da mesma maneira que Apótheloz e Reichler-Béguelin (1999), Marcuschi (2003), Koch (2005), Cavalcante (2011), Colamarco (2014), Morais (2017), entre outros, concordamos que subdividir esse tipo de anáfora seria apenas encontrar diferentes maneiras de nomear o mesmo fenômeno (APÓTHELOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1999). Assim, “não importa a origem da âncora em que se apoia o anafórico indireto, nem a forma como ele se manifesta [...], mas o mecanismo inferencial envolvido no processo” (CAVALCANTE, 2011, p.63). Vejamos um exemplo de anáfora indireta proposto por Koch (2005):

d) Ele abrigou sobre uma velha tília. **O tronco** estava todo rachado. (KOCH, 2005, p. 46).

Somente temos condições de saber que “o tronco” de que se fala no segundo período é o da “velha tília” se acionarmos nossos conhecimentos de mundo de que toda tília tem um tronco, sendo ela uma planta medicinal. Não é que conhecemos aquela “velha tília”, mas temos condições de saber do que se trata após apelar à memória cognitiva compartilhada pelos interlocutores, realizando inferências baseadas em nossas experiências e “conhecimentos culturalmente compartilhados” (MORAIS, 2017, p. 51).

É possível dizer, com base nessas definições sobre as anáforas diretas e indiretas, que: a anáfora direta (correferencial) se constrói nos textos por meio uma retomada total ou parcial (retoma-se apenas um subconjunto de um conjunto maior

¹¹ Ressaltamos que para esta pesquisa não analisaremos as anáforas indiretas; porém, consideramos relevante trazer brevemente reflexões acerca de como ela acontece, tendo em vista sua relação contrastiva (ou não) com a anáfora direta.

que corresponde ao termo antecedente) de um mesmo objeto do discurso (recategorizado ou não – a recategorização será abordada com detalhe na seção 1.2.1), enquanto que a anáfora indireta (não correferencial) não pressupõe uma retomada do referente, ou seja, o elemento anafórico não recupera/substitui um objeto do discurso no próprio cotexto, sendo necessário realizar inferências ativadas por alguma âncora disponíveis no texto: “embora não representem o mesmo referente citado, estão de algum modo ligadas a outras âncoras linguísticas do cotexto e operam uma espécie de referência indireta, que nem por isso deixa de ser anafórica” (CAVALCANTE, 2011, p. 36).

Em estudos atuais, investigadores da área, tais como Ciulla (2008), Pereira (2015), Cavalcante (2011), Morais (2017), entre outros, questionam até mesmo a subdivisão entre anáfora direta e indireta, mostrando que essa ramificação não abarca por inteiro a complexidade do uso dessas anáforas. Quanto à anáfora correferencial, as pesquisadoras questionam a definição tradicional de remissão a um único antecedente no cotexto, uma vez que pode haver diversas pistas disponíveis para a elaboração da referência. A visão clássica de anáfora direta se dá com base na ideia de que a correferencialidade é um processo de reativação de referentes prévios, fundada em restrições de natureza formal, o que, segundo as autoras, não se sustenta. Nesse sentido, de acordo com Pereira (2015),

A definição clássica da anáfora direta não considera o problema da referenciação textual em toda a sua complexidade, pois nem sempre existe congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente; nem toda anáfora recebe uma interpretação de simples identificação de referente (PEREIRA, 2015, p. 30).

Os estudos realizados atualmente demonstram o comportamento análogo entre os dois subtipos de anáforas, uma vez que em ambos os casos, “há o apelo à memória discursiva e os procedimentos de recuperação dos referentes podem englobar pistas no cotexto” (MORAIS, 2017, p. 52). Nesse sentido, mesmo no caso das chamadas anáforas diretas, pode não haver um antecedente expresso recuperado por meio de substituição de termos, mas um referente reformulado por meio de informações inferenciais, assim como ocorre nos casos tratados como anáforas indiretas (MORAIS, 2017). Nessas situações, a anáfora direta também

pode ser de difícil compreensão para o interlocutor, uma vez que pode também necessitar de inferências e conhecimentos partilhados.

Com relação a essa complexidade, Ciulla (2008), ao discutir algumas questões acerca da anáfora, destaca, em primeiro lugar, que “os elementos anafóricos têm *fontes* no texto, mas não necessariamente *antecedentes referenciais*” (CIULLA, 2008, p. 34, grifos nossos), ou seja, muitas vezes não há a recuperação de um antecedente, mas existem pistas fornecidas pelo contexto, que servem de fonte. Segundo a autora, mesmo quando há uma anáfora direta, isto é, quando há correferência, pode haver uma transformação, que é o que acontece na maior parte das vezes, pois normalmente o entorno discursivo é trabalhado no sentido de fazer evoluir os objetos, modificando-os (CIULLA, 2008). Para a autora, “nos dois casos [anáforas diretas e indiretas], o comportamento pode ser o de amálgama cognitivo, tanto chamadas diretas como indiretas podem ser núcleos a partir dos quais diversas referências podem ser feitas” (CIULLA, 2008, p. 52).

A partir tanto das anáforas diretas quanto das indiretas é possível a reformulação, a recuperação e a homologação de novos referentes, permitindo-nos dizer que todo processo anafórico implica em inferência e em outros artifícios cognitivos que, de diversos modos, propiciam aos falantes modificar, transformar e acrescentar objetos no discurso a partir daqueles que já foram referidos (CIULLA, 2008).

Morais (2012), em análise de notícias esportivas do jornal *Lance*, mostrou como as anáforas diretas (recategorizadora) requeriam, para sua compreensão, conhecimentos compartilhados culturalmente. Um dos exemplos que Moraes (2012) analisa é este:

e) [...] Thiago Neves e Ronaldinho começaram o segundo tempo com nota 10 no quesito harmonia. **O capitão** recebeu **do camisa 7** na cara do gol e fez 2 a 1, com categoria. Vanderlei Luxemburgo mexeu na ala dos estrangeiros e trocou Botinelli por Fierro. Aos 25 minutos, o chileno recebeu bom passe de Leonardo Moura e seu cruzamento encontrou Thiago Neves, que marcou por cobertura [...]”. (NÚCLEO DE FUTEBOL. Vitória libera o bonde pra curtir a folia. Jornal *Marca*. Rio de Janeiro, 6 de mar. 2011. p. 2). (MORAIS, 2012, p. 96).

Esse é o recorte de uma notícia esportiva que narra a partida entre Flamengo e Olaria pelo Campeonato Carioca. Podemos observar que as anáforas diretas em destaque não são interpretadas apenas pela presença de fontes no texto, mas a

partir dessas fontes, porque, para saber quem é o capitão e quem é o camisa 7, o interlocutor precisa ter ciência dessas informações naquele exato contexto discursivo: Ronaldinho utilizava a braçadeira de capitão e Thiago Neves jogava com a camisa de número 7. Esse processo correferencial “não acontece somente por meio de uma relação de equivalência entre termo anafórico e objeto de discurso, mas, em paralelo com o que acontece com as anáforas indiretas, essa construção ocorre por meio de uma complexa rede de inferências” (MORAIS, 2017, p. 53). Os sentidos entre a anáfora e o seu antecedente só se estabelecem se os interlocutores considerarem aquele exato contexto discursivo, o que caracteriza a sua perspectiva sociocognitivainteracional.

Outro processo anafórico relevante, embora não tenha sido foco de análise neste estudo, é o *encapsulamento*, constituinte da *Referenciação Moderna*. O encapsulamento é caracterizado como “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente de texto” (CONTE, 2003, p.178), que pode ter extensão e complexidade variadas. Uma das características dessa anáfora é o fato de que seu antecedente não é *claramente* delimitado no texto, em outras palavras, “a anáfora encapsuladora não retoma, pontualmente, nenhum objeto de discurso, apenas se vincula a conteúdos espalhados pelo cotexto” (COLAMARCO, 2014). Por não ter, em determinado momento, uma correferencialidade evidente, esse processo referencial é considerado por alguns autores como um caso especial de anáfora indireta, e por outros como uma anáfora direta recategorizadora.

Segundo Cavalcante (2011), por exemplo, essas anáforas encapsuladoras funcionam como um subtipo das anáforas indiretas:

A diferença crucial entre estes encapsuladores e os anafóricos indiretos propriamente ditos, [...] é que resumem, “encapsulam”, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes. Além disso, os encapsuladores não remeteriam a âncoras bem pontuais, bem específicas, do cotexto, mas a informações ali dispersas (CAVALCANTE, 2011, p. 73, destaque da autora).

Em sentido contrário, de acordo com Borreguero (2006), as anáforas encapsuladoras apresentam uma correferência textual, sendo categorizadas como anáforas diretas, pois, ainda que não se possa indicar um único item como antecedente, é possível recuperá-lo dentro do texto. Nessa perspectiva, os

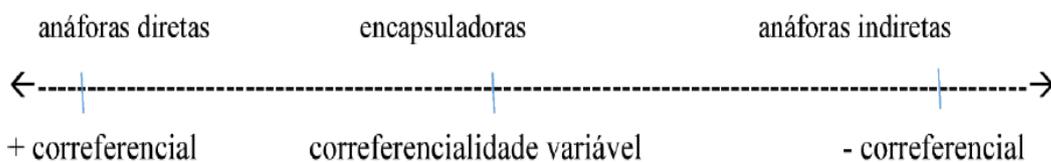
encapsuladores não fazem referência a um único elemento linguístico, mas a uma parte do texto que pode conter uma oração ou até mesmo um parágrafo.

Em uma perspectiva mais atualizada da literatura da área, Santos e Cavalcante (2014) destacam que os encapsuladores agem como um meio termo entre a anáfora direta e a indireta e, ainda que se apoiem em informações dadas, podem introduzir um novo referente:

[...] como as AI [anáforas indiretas], as encapsuladoras são inferenciais e, ainda que ancoradas em informações dadas, introduzem um novo referente, que sintetiza porções de texto; como as AD [anáforas diretas], porém, *parece haver certo grau de correferencialidade entre a porção de texto sintetizada e o encapsulador* (SANTOS; CAVALCANTE, 2014, p. 227, grifos nosso).

Concordamos com as autoras com relação a esse caráter ora mais correferencial, ora menos correferencial dos encapsuladores, comportando-se como um intermediário das anáforas diretas e indiretas, pois “não estamos diante de fenômenos isolados, mas que se cruzam e se misturam, tendo em vista uma perspectiva sociocognitiva e interacional” (MORAIS, 2017, p. 59). Vejamos a representação desse “*continuum* entre as anáforas diretas e indiretas” no esquema proposto por Morais (2017):

Figura 1 - Relação entre os processos anafóricos e a correferencialidade



Fonte: (MORAIS, 2017).

Na acepção de Conte (2003), os encapsuladores podem ser considerados como *novos referentes discursivos* criados com base na informação velha do texto, tornando-se argumento de predicções futuras. Os encapsuladores podem rotular uma parte do cotexto, gerando um novo referente, e constituindo tema para enunciados seguintes, começando assim uma nova cadeia referencial no texto (COLAMARCO, 2014). Assim sendo, de acordo com Koch e Elias (2006), o

encapsulamento pode se dar tanto de forma prospectiva (quando o referente sumariza a informação posterior), quanto retrospectiva (quando sumariza a informação anterior). Vejamos o exemplo de uma anáfora encapsuladora retrospectiva correferencial, proposto por Viana (2006):

f) O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papeis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas **essas limitações** acabam prejudicando o importador. (VIANA, 2006, p. 31, grifos nossos).

A palavra em destaque sumariza tudo o que foi dito antes, o que a caracteriza como uma anáfora encapsuladora com certo grau de correferencialidade presente no cotexto. Para Koch (2002), além dessa condição de síntese, é comum encapsuladores serem precedidos de demonstrativos; além disso, o seu caráter retrospectivo e prospectivo costuma aparecer em início de parágrafo. É importante verificar também que, ao escolher a expressão *essas limitações* para sumarizar o que foi dito, o interlocutor deixa transparecer seu ponto de vista, o que dá margem a uma determinada interpretação. Nesse sentido, a anáfora encapsuladora *essas limitações* “funciona simultaneamente como um recurso coesivo e como um princípio organizador, e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor” (CONTE, 2003, p.186), pois ela “pode exercer uma função argumentativa decisiva para uma tomada de ponto de vista do texto, estabelecendo uma nova cadeia referencial a partir desse momento” (MORAIS, 2017, p. 56).

1.2.1 Recategorização: um olhar para a anáfora direta

De acordo com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999), todas as anáforas podem passar pela recategorização, a qual pode ser configurada como uma consequência inerente ao processo anafórico, ocorrendo uma modificação do referente, em um dado momento discursivo. Nessa perspectiva, Mondada e Dubois (2005) argumentam que

O próprio entorno discursivo pode alterar a percepção do objeto de discurso, sendo responsável também por sua identificação, uma vez que, nas atividades discursivas, a instabilidade categorial manifesta-se em todos os níveis da organização linguística, de forma que a

recategorização seja uma evolução natural do referente dentro do discurso (MONDADA; DUBOIS, 2005, p. 24, grifos nossos).

Cavalcante (2011) compartilha da mesma ideia, afirmando que a recategorização

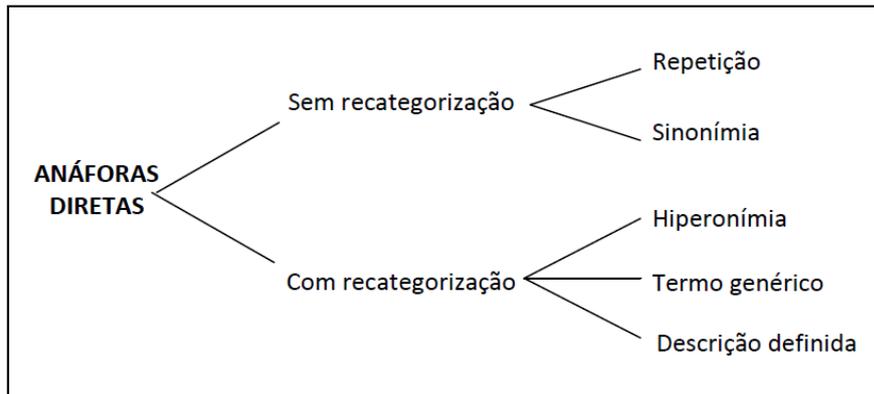
[...] é fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto; ele se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não realizar-se no cotexto por meio de *termos anafóricos*. Para essa evolução, concorrem não somente as *expressões referenciais* que manifestam explicitamente as transformações do objeto de discurso, mas também um conjunto de pistas contextuais que, acionando informações sóciohistoricamente compartilhadas, ajudam os participantes da enunciação a (re)construírem a referência (CAVALCANTE, 2011, p. 90, grifos nossos).

Assim sendo, o enunciador recategoriza a informação anterior presente no cotexto, acrescentando novos conhecimentos compartilhados culturalmente, por meio de termos anafóricos/expressões referenciais, o que colabora para a progressão do texto. Em outras palavras, a recategorização pode ser vista como um processo textual que revela as transformações de um referente, acarretando mudança de significação e indicando a orientação argumentativa do texto (MORAIS, 2017). Diante disso, é fato que “a recategorização anafórica está intimamente ligada ao teor argumentativo do texto. As expressões recategorizadoras podem explicitar o posicionamento do locutor” (CUSTÓDIO FILHO; SILVA, 2013, p. 63). Para Neves (2006), mesmo recategorizações aparentemente neutras podem direcionar a um argumento particular, constituindo um indicativo de sentido textual.

Após essas reflexões sobre o processo de recategorização, vejamos como se dão as anáforas diretas diante dessa perspectiva. Pensando, inicialmente, em categorias, as anáforas diretas ou correferenciais podem acontecer nas retomadas por pronomes, elipses (de ordem gramatical) ou por formas nominais (de ordem lexical). Ocorrendo por formas nominais, o referente pode ser recuperado por meio da repetição - parcial ou total -, por meio de sinônimos ou quase sinônimos, por meio de hiperônimos, por meio de nomes genéricos, por meio de descrições nominais, entre outras possibilidades. Nos dois primeiros casos de formas nominais destacados, têm-se a correferência sem recategorização dos referentes; nos três últimos, por sua vez, há *uma recategorização do antecedente textual* (KOCH, 2005).

Por conseguinte, em uma retomada direta por formas nominais “pode haver simplesmente correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual, ou ocorrer a recategorização deste” (KOCH, 2005, p. 264). A figura 2 representa a distribuição das anáforas diretas por formas nominais referenciais:

Figura 2 - Formas nominais referenciais



Fonte: Colamarco (2014, p. 134 adaptado de SILVA; FERREIRA, 2008).

Com base na figura, notamos que não há recategorização do referente quando o núcleo da primeira expressão referencial que o designa é repetido sem alteração na expressão anafórica. Da mesma forma, a substituição desse núcleo por um sinônimo ou quase sinônimo também não configuraria uma recategorização. No que diz respeito à recategorização dos referentes por expressões nominais anafóricas, percebemos que pode ocorrer de diferentes maneiras a depender da escolha de seu núcleo nominal e de seus determinantes. (COLAMARCO, 2014). Nesse sentido, segundo Koch (2005), o uso de expressões nominais anafóricas gera a recategorização dos objetos do discurso, transformando-os conforme os objetivos do enunciador, considerando que nenhuma escolha é aleatória, ao contrário, nela incidem intenções comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos interlocutores.

No entanto, é relevante enfatizar que as escolhas das estratégias referenciais não são aleatórias apenas no caso de recategorizações, mas também nas pronominalizações, elipses, repetições e nas retomadas por sinônimos, ou quase sinônimos, levando-se em conta “a intencionalidade, o gênero discursivo em questão, o suporte onde o texto circula, a sequência textual predominante, além de outros aspectos não apenas linguísticos, mas condicionados pelo caráter sociocognitivo da linguagem e dos textos” (SANTOS; CAVALCANTE, 2014, p. 229).

Vejam na sequência algumas possibilidades das anáforas diretas sem e com recategorizações, conforme o que já foi discutido neste capítulo. Iniciando pelas anáforas correferenciais **sem** recategorizações, temos o caso em que o referente pode ser recuperado por meio da repetição (KOCH, 2005). Essas anáforas são denominadas por Haag e Othero (2003) como “anáforas correferenciais cossignificativas”:

g) Comprei *três livros* excelentes. **Os livros** estão lá em casa. (HAAG; OTHERO, 2003, p. 4).

Nesse exemplo, verificamos a retomada do referente por meio da repetição do núcleo *livros*, apontando a correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual. Há cossignificação porque ocorre repetição lexical e o significado se mantém. Corroborando com isso, Apothéloz (2003) denomina esse tipo de retomada como *anáfora fiel*, a qual ocorre quando um referente que foi anteriormente introduzido no texto é recuperado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, marcando a repetição: *três livros/os livros*. Quanto a essa anáfora correferencial sem recategorização, Biezus (2010) afirma que ela “é uma estratégia que ocorre muito nas atividades de formulação textual, e contribui não só para a formação de cadeias discursivas, por meio da coesividade, mas também para expressar a intencionalidade do enunciador” (BIEZUS, 2010, p. 39).

Outra forma de anáfora correferencial sem recategorização é a que ocorre por meio de expressões sinônimas ou quase sinônimas. “A seleção de um sinônimo adequado para fazer a remissão é determinada tanto pelo gênero textual como pela variedade de língua utilizada, ou até mesmo por uma opção estilística do enunciador” (KOCH, 2004, p. 246). O enunciado a seguir exemplifica o uso da estratégia em tela:

h) *Os bugios* não precisam de muito espaço e se alimentam de quase tudo que existe na mata: folhas, brotos de árvores, frutinhas. O inverno, porém, é a estação de fartura para estes **símios** e outros animais da floresta, pela abundância de pinhões. Os bugios, aliás, parecem a todo instante, comprovar as teorias de Charles Darwin. Nada mais parecido com um lutador de luta livre do que um desses **macacos** batendo no peito e roncando para amedrontar o adversário. (Zero Hora, 17/05/ 1992, p. 4) (KOCH, 2006, p. 265, grifos da autora).

Nesse texto, o enunciador lança como referente os *bugios* e, ao retomá-lo, utiliza sinônimos, *símios* e *macacos*, o que traz maior conhecimento de vocabulário ao leitor, bem como contribui para a construção estilística do texto, tornando-o coeso. De acordo com Santos e Cavalcante (2014), a seleção das expressões sinônimas por parte do enunciador não é aleatória, é carregada de intencionalidade, tendo em vista o aspecto sociocognitivo da linguagem.

Quanto à anáfora direta **com** recategorização, temos a situação em que o referente pode ser recuperado por meio de um hiperônimo. O hiperônimo, quando assume papel anafórico, “pode ter a função de retomar um termo pouco usual, atualizando, assim, os conhecimentos do interlocutor” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 141). Isso pode ser confirmado no exemplo (g), que além de estabelecer uma relação anafórica sinônima, também gera uma retomada por meio de um hiperônimo. Caso o interlocutor não saiba o que são *bugios*, e na sequência ainda não consiga interpretar seu significado a partir de *símios*, o uso do hiperônimo *macacos* permite a compreensão de *bugios*. De acordo com Koch (2004),

A retomada, por meio de um hiperônimo, de um objeto-de-discurso previamente introduzido por um hipônimo constitui estratégia referendada pela norma, mantendo um mínimo de estabilidade informacional, já que a anáfora por hiperonímia funciona necessariamente por recorrência a traços lexicais (KOCH, 2004, p. 248).

Segundo a linguista, essa é uma estratégia referencial que assegura um mínimo de estabilidade informacional, pois funciona por recorrência a traços lexicais, ou seja, o hiperônimo carrega em seu interior todos os traços lexicais do hipônimo. Vejamos o exemplo citado por Koch (2006):

i) A *aeronave* teve e retornar à pista. **O aparelho** estava com defeito. (KOCH, 2006, p. 266, grifos da autora).

Em um viés oposto, outra forma de anáfora direta recategorizadora apresentada por Koch (2006) é a anáfora especificadora. Tal categoria ocorre quando há especificação ou refinamento de uma categorização por meio da sequência hiperônimo/hipônimo, que, segundo a autora, admite incorporar informações novas ao objeto de discurso. “Esse tipo de expressão anafórica é

frequentemente introduzido pelo artigo indefinido” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 142).
Vejam os exemplos seguintes:

j) *Uma catástrofe* ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. ***Uma epidemia*** de Ebola já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. (KOCH, 2006, p. 267, grifos da autora).

Observamos que o hiperônimo *uma catástrofe* é especificado e retomado pela expressão *uma epidemia*, o que leva ao esclarecimento do referente, dando maiores informações e auxiliando o leitor na interpretação de tal hiperônimo. Em outras palavras, o objeto de discurso é construído e especificado no decorrer do texto.

Também é relevante destacar a paráfrase anafórica, uma forma de anáfora correferencial com recategorização realizada por expressão nominal, que pode ter por função elaborar definições, facilitar a compreensão de determinado termo e esclarecer dúvidas. Tais paráfrases podem ser *definicionais* ou *didáticas*. Koch e Elias (2006) explicam que, no primeiro caso, “o termo técnico a ser definido é o elemento previamente introduzido, e o *definiens* (definição) é aportado pela forma anafórica” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 144, grifo das autoras). Vejamos o exemplo apresentado pelas autoras:

k) Entre os conjuntos musicais populares do nordeste brasileiro encontram-se, ainda, as bandas de *pífaros*. É bastante curioso ouvir ***esta espécie de flautim militar que produz sons agudos e estridentes***. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 14, grifos das autoras).

Nesse exemplo, o termo técnico *pífaros*, introduzido no início do texto, é definido por meio da expressão anafórica *esta espécie de flautim militar que produz sons agudos e estridentes*.

Já a anáfora didática segue o caminho inverso da definicional: “o *definiens* situa-se na expressão introdutora, ao passo que o termo técnico, muitas vezes entre aspas, aparece na expressão referencial” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 145, grifo das autoras). Observemos outro exemplo:

l) Para orientar as manobras dos aviões, os aeródromos são dotados de *aparelhos* que indicam a direção dos ventos de

superfície. **As birutas**, que têm a forma de sacola cônica, são instaladas perpendicularmente à extremidade de um mastro (KOCH; ELIAS, 2006, p. 267).

Na maior parte dos casos, podemos dizer que a paráfrase anafórica é uma importante estratégia metaformativa (KOCH, 2004), pois se volta para o próprio texto, de maneira que esclarece o sentido dos termos empregados, refletindo, assim, sobre a forma do dito, o que se caracteriza como um ato metadiscursivo (SANTOS; CAVALCANTE, 2014).

Também temos a anáfora direta com recategorização por termos genéricos como *coisa*, *material*, *negócio*, *criatura*, *indivíduo* etc. Vejamos o exemplo de Koch (2009):

m) A multidão ouviu o ruído de *um motor*. Todos olharam para o alto e viram **a coisa**. (KOCH, 2009, p. 50, grifos da autora).

Nesse caso, o referente *um motor* é recategorizado de forma genérica, mediante o uso de *a coisa*. Como postula Bernardi (2012), “os termos genéricos têm a função de retomar de maneira ampla e geral os elementos linguísticos que o antecedem na superfície textual” (BERNARDI, 2012, p. 61).

Por fim, abordamos, nesse rol de anáforas diretas recategorizadoras, as descrições definidas. Segundo Koch e Elias (2006), tais descrições “desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 137). Em outras palavras, tais descrições demarcam as intenções do enunciador e constituem-se numa estratégia que orienta o discurso argumentativamente, pois, ao reconstruir os objetos do discurso, o enunciador os direciona conforme os seus objetivos, buscando persuadir o(s) outro(s). Nessa perspectiva, Koch (2005) explica que:

O emprego de uma descrição nominal com função de recategorização de referentes implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de categorizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto (KOCH, 2005, p. 35).

Para ilustrar essa análise, apresentamos os exemplos dados por Koch (2008):

n) Reagan perdeu a batalha no Congresso. **O presidente americano** não tem tido grande sucesso ultimamente em suas negociações com o Parlamento.

o) Reagan perdeu a batalha no Congresso. **O cowboy do faroeste americano** não tem tido grande sucesso ultimamente em suas negociações com o Parlamento. (KOCH, 2008, p. 55, grifos da autora).

Podemos observar que, apesar de se tratar do mesmo objeto de discurso, *Reagan*, em cada exemplo há opiniões diferentes acerca de tal referente; por exemplo, no fragmento (n), fica expresso um tom irônico, com efeito argumentativo. Isso ocorre porque “a escolha das descrições nominais podem trazer ao interlocutor informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido” (KOCH, 2008, p. 56).

Na construção do texto, o produtor se depara com uma vasta gama de itens lexicais que a língua disponibiliza. Conforme vimos, a escolha lexical de determinada descrição definida em detrimento de tantas outras possibilidades existentes na língua pode revelar opiniões, intenções e atitudes de quem produz o texto. Nessa perspectiva, considerar as descrições definidas no momento da leitura auxilia na construção do sentido textual.

A possibilidade de orientar os sentidos do texto por meio das escolhas linguísticas atualizadas no processo anafórico marca o estreito relacionamento que se estabelece entre as noções de *Referenciação* e argumentação. Segundo Koch (2006), a perspectiva discursiva sobre a qual o enunciador define o enunciado desencadeia estruturas que podem reiterar e reafirmar determinados movimentos em torno do que se declara ou avalia no interior do texto. Em suma,

Todos os processos referenciais são movidos pela tentativa do enunciador de complementar a designação de um objeto discursivo, que ele julga, de início, inadequada ou insuficiente, sempre procurando a expressão referencial mais apropriada, que levará o interlocutor à reconstrução de suas ideias iniciais a respeito do referente. Assim, ocorrem as recategorizações, que realizam uma dupla função, a da referência propriamente dita, e a de acréscimo de uma informação nova (TAVARES, 2003, p. 45).

Trata-se, portanto, de um processo no qual as marcas, as evidências ou os indícios estão atrelados a condições discursivas, revelando, além de um conteúdo implícito ou pressuposto, relações de sentido que recuperam ou asseguram determinado perfil discursivo de texto (MORAIS, 2017).

1.3 A DÊIXIS

Após estudarmos as anáforas, consideramos relevante trazer brevemente uma reflexão sobre a dêixis. Destacamos que nosso ponto de partida, na LP, são as anáforas diretas; contudo, ao traduzir os recortes textuais para a Libras, a dêixis se mostrou como um dos processos referenciais mais evidente, em simultaneidade com a anáfora.

Foi a partir da década de 1970 que surgiram estudos relevantes sobre a dêixis, tendo como autores de referência Lyons (1978), Bühler (1982), entre outros. Nessa fase, tinha-se o texto como *produto* - em outras palavras, “as informações estavam dadas, marcadas, e os processos coesivos estavam dentro (anáforas) ou fora do texto (dêixis)” (CAVALCANTE; SANTOS, 2014, p. 230). Foi nesse período que surgiu a denominada *dêixis pura* - de pessoa, lugar e tempo, que era considerada a partir da perspectiva do falante, ou seja, a identificação dos eixos enunciativos só era possível no contexto da enunciação – e a *dêixis impura* – a memorial e a textual (hoje consideradas casos híbridos de anáfora e dêixis), em que elementos dêíticos acompanhavam expressões nominais (CAVALCANTE; SANTOS, 2014). Outras classificações foram surgindo com o avanço das pesquisas acadêmicas. Como um subtipo da dêixis de pessoa, alguns autores apontaram a *dêixis social*, a qual já apresenta uma visão para as questões sociais, culturais e interativas. Para Fonseca (1992), “A dêixis social, cuja definição costuma ser atribuída a Fillmore, corresponde, pois, a uma deixis pessoal alargada às dimensões sociais da interação entre os participantes no acto de comunicação” (FONSECA, 1992, p. 128).

Pereira (2015) desenvolve um quadro representativo dos tipos de dêixis, com base nos estudos de Cavalcante (2011):

Quadro 1 - Tipos de Dêixis

Tipo	Caracterização	Exemplo
Dêixis de pessoa	Identifica os interlocutores na situação de comunicação, por isso só abriga os dêiticos de primeira e segunda pessoas. As distinções básicas da dêixis de pessoa são: a primeira pessoa e a terceira pessoa.	<p><i>A dor a mais</i> A dor a mais Foi só muito amor Muito amor demais Foi tanta a paixão Que <u>meu</u> coração, amor, Nem soube mais Inventei a dor E como ela <u>nos</u> doeu (...). (Vinicius de Moraes, citado por Cavalcante, 2011, p. 95).</p>
Dêixis de espaço	Oferece uma especificação de localização do falante e seu interlocutor no ato comunicativo.	<p><u>A figura abaixo</u> foi retirada do site UOL. A homepage, que tem estrutura semelhante à primeira página de um jornal, traz as chamadas das notícias principais de determinado momento do dia (...). (Artigo acadêmico – Vicente Lima Neto, citado por Cavalcante, 2011, p. 104).</p>
Dêixis de tempo	Situa o ponto de origem do falante e seu interlocutor no momento da enunciação.	<p>É preciso salvar vidas A bióloga Mayana Zatz é uma das maiores especialistas em células-tronco do país, com quase 300 trabalhos científicos publicados. Nascida em Israel, mora no Brasil desde os 7 anos. <u>Atualmente</u>, ela é pró-reitora de pesquisa e coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo. (...). (Entrevista – Veja, 5/3/2008, citado por Cavalcante, 2011, p. 99).</p>
Dêixis social	Representa formas que codificam relacionamentos sociais entre os participantes da conversação. Partem do centro dêítico do falante.	<p>... Venha na mesma hora, espero no portão e mamãe não vê. Se <u>o doutor</u> não vier é sinal que não tem a mínima simpatia. (Dalton Trevisan, citado por Cavalcante, 2011, p. 113).</p>
Dêixis de memória	Convida o coenunciador a buscar, na memória, um conhecimento compartilhado sobre um referente não mencionado no cotexto.	<p>“Sabe <u>aquele desejo incontrolável de ter alguma coisa que não dá para esperar até o mês que vem?</u> O Sudameris sabe”. (Cavalcante, 2011, p. 113).</p>
Dêixis	É a que se orienta pela posição do último enunciado no cotexto.	<p>Palas e poses RIO DE JANEIRO – Lidas assim,</p>

textual	(Cavalcante, 2011, p. 105).	nuas, sem outros balangandãs verbais que ajudem a lhes emprestar sentido, <u>as palavras acima</u> parecem agora foragidas do teatro grego ou de um poema medieval. (...). (Artigo de opinião, Ruy Castro, Folha de S. Paulo – 13/03/07, citado por Cavalcante, 2011, p. 105).
----------------	-----------------------------	--

Fonte: Pereira (2015, p. 38-39 adaptado de CAVALCANTE, 2011, p. 95-113).

Não é nossa intenção aqui analisar nominalmente cada tipo de dêixis; porém, devido à sua aparição simultânea à anáfora nas glosas-Libras, faz-se necessário refletir sobre essa possível relação entre o dêitico e a anáfora. Primeiramente, é importante enfatizar que, até certo período, nas línguas orais, por exemplo, os estudos dos processos referenciais costumavam ser feitos de forma isolada, ou seja, analisavam-se determinado elemento referencial “solto”. Foi o que fizemos, por exemplo, na pesquisa desenvolvida no Mestrado, quando analisamos somente as “anáforas não correferenciais” (REIS, 2012). Em outras palavras, apesar de os autores considerarem o estudo da *Referenciação* na perspectiva discursiva, muitos deles estudavam isoladamente um elemento referencial em determinada análise¹².

Diante disso, Ciulla (2008), em sua tese de Doutorado intitulada “Os processos de referência e suas funções discursivas”, dá um passo à frente com relação à *Referenciação*, uma vez que não analisa um elemento referencial “específico”, ao contrário, por considerar que o processo enunciativo envolve o conhecimento partilhado e a negociação entre sujeitos, a autora afirma que os elementos referenciais promovidos na malha discursiva imbricam-se, de modo que não podemos interpretar completamente um sem ver o outro. Nessa perspectiva, Ciulla (2008) propõe analisar os três principais processos referenciais concomitantemente (até então, geralmente, analisados de forma separada): *anáfora*, *dêitico* e *introdução referencial*. Tendo em vista ser mais relevante para esta tese o entrecruzamento entre a anáfora e a dêixis, não aprofundaremos as discussões que envolvem a “introdução referencial”, nesse contexto híbrido.

¹² Não é intenção aqui criticar os trabalhos que se construíram a partir de uma análise isolada do elemento referencial, até porque, como já dissemos, nós fizemos isso. Além disso, muitas vezes, somos levados à necessidade de delimitar o escopo do trabalho. Quando trazemos essa discussão, é no sentido de abrir um leque para outra possibilidade de análise discursiva do processo referencial.

Ciulla (2008) destaca em seu estudo o possível entrecruzamento da anáfora com a dêixis. A autora diz que uma mesma expressão desempenha, de uma só vez, funções tanto dêiticas quanto anafóricas, isto é, há em um mesmo elemento referencial a simultaneidade do dêitico e da anáfora, caracterizando um hibridismo discursivo. Assim sendo, dêixis e anáforas, ainda que sejam fenômenos referenciais diferentes, não se excluem. Vejamos o exemplo de Ciulla (2008):

o) Eu nasci em Londres e moro lá desde então. (CIULLA, 2008, p. 57).

Nesse exemplo, segundo as reflexões realizadas pela autora, é possível dizer que ocorre a anáfora porque retoma pontualmente um elemento do contexto (Londres), e também há o dêitico porque pressupõe a posição do enunciador, ou seja, faz referência à situação em que o enunciado é produzido. Assim sendo, temos simultaneamente uma anáfora e um dêitico, fenômeno que chamaremos de dêitico-anafórico. Além desse exemplo, vejamos outro:

p) Felipe e Rodrigo gostam de futebol. Este torce para o Inter, aquele torce para o Grêmio. (CIULLA, 2008, p. 57).

Esse recorte textual mostra claramente o processo referencial por meio da anáfora e do dêitico, simultaneamente. O elemento referencial “este” retoma o referente “Rodrigo”, por meio da anáfora, e ao mesmo tempo o marca num determinado espaço, mediante o dêitico. Nesse contexto, Ciulla (2008) afirma que “o processo referencial dêitico indica os limites do objeto referido no tempo e no espaço”. Também destaca que “a dêixis pode referir-se ao próprio texto ou a situação extralinguística” (CIULLA, 2008, p. 67). Nesse contexto, ao considerar essa relação híbrida entre a anáfora e a dêixis, Morais (2017) defende que

Os estudos sobre as relações anafóricas com demonstrativos dêiticos e a dêixis têm cada vez mais apontado para o entrelaçamento desses conceitos e para tênue separação que há entre eles. De todo modo, em se tratando dos processos referenciais, cumpre sempre destacar a importância dos dados do entorno sociocultural e situacional dos enunciadores, não só a importância das fontes presentes no texto, mas a forma como todos esses critérios vão auxiliar na representação mental do objeto de discurso.

O processamento das relações requer uma complexa ativação de processos cognitivos que mobilizam conhecimentos na memória discursiva dos participantes da interação. Todo esse entrelaçamento de elos referenciais não se coaduna somente com o que está explícito no cotexto, mas também com o que está na memória discursiva e que é ativado por meio de inferências (MORAIS, 2017, p. 67).

Diante disso, os processos referenciais dependem essencialmente da situação que se estabelece discursivamente entre os participantes do processo comunicativo. Uma expressão anafórica com função dêitica também pode introduzir explicitamente um elemento ainda não mencionado e, por sua vez, pode ser considerada como uma expressão de introdução referencial.

O fato de a dêixis ocorrer simultaneamente à anáfora e à introdução referencial faz Ciulla (2008) sugerir que os processos referenciais não sejam considerados em grupos à parte, mas em uma classificação que permita a sobreposição. Nesse contexto, a autora defende a *referência como uma fusão de operações cognitivas, sociais e interativas realizadas pelos falantes*. Assim sendo, a referência não está nas expressões, mas é constituída por meio delas em conjunto com os outros fatores do entorno discursivo. Ou seja, na *Referenciação* não há somente manobras lexicais ou semânticas, mas, além disso, trata-se de negociação de sentido que se dão na situação discursiva.

Embasada nos estudos existentes (todavia, em uma perspectiva de entrecruzamento das funções), inclusive nos clássicos da *Referenciação*, Ciulla (2008) apresenta uma lista de funções (discursivas) gerais que podem ser desempenhadas pelos processos referenciais. Tais funções não se excluem; ao contrário, aparecem simultaneamente:

- Função 1- Organização de partes do texto;
- Função 2 – Metadiscursividade;
- Função 3 – Introdução de informações novas;
- Função 4 – Promover um convite para uma busca/ativação da memória;
- Função 5 – Efeitos estéticos-estilísticos;
- Função 6 – Marcação de heterogeneidade discursiva.

A autora enfatiza que esse é um estudo que proporciona margem para muitas outras reflexões, no que diz respeito aos processos de anáfora, de dêixis e de introdução referencial, vistos como fenômenos discursivos e híbridos. Nessa perspectiva, Santos e Cavalcante (2014) expõem que “com o passar dos anos e o desenvolvimento dos estudos sobre referenciação, as fronteiras entre os processos referenciais parecem ter sido percebidas como mais tênues” (SANTOS; CAVALCANTE, 2014, p. 224). Assim sendo, “é importante repensar os processos de referenciação tendo em vista a dinamicidade e a fluidez entre eles” (MORAIS, 2017, p. 67).

Com os estudos já elencados neste capítulo, entendemos que os processos referenciais, na perspectiva sociocognitivointeracional, podem ser tratados de forma tênue, ou conforme Ciulla (2008) aponta, como uma fusão de operações cognitivas, sociais e interativas realizadas pelos falantes. Nessa perspectiva, Santos e Cavalcante (2014), reconhecendo essa possível relação de um *continuum*, propõem um quadro sinótico dos processos de referenciação após uma revisão teórica à luz de uma concepção sociocognitiva e interacional.

Quadro 2 - Processos Referenciais

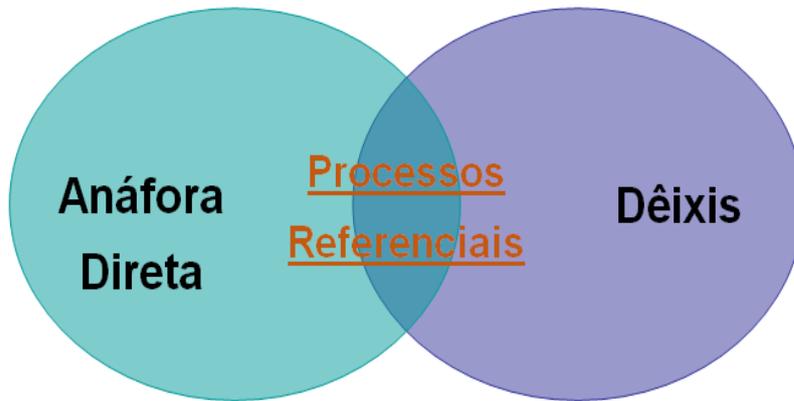
INTRODUÇÃO REFERENCIAL	ANÁFORA (CONTINUIDADE REFERENCIAL)	DÊIXIS
	Anáfora Direta (correferencial)	Pessoa
	Anáfora Encapsuladora (sintetizadora)	Espaço
	Anáfora Indireta (não correferencial)	Tempo
	Dêixis de memória e textual (casos híbridos de anáfora e dêixis)	

Fonte: Santos e Cavalcante (2014, p. 242).

As autoras destacam que o quadro desenvolvido não resolve todos os problemas de classificação dos processos de referenciação, mas reflete o que os últimos estudos sobre o tema já apresentam e reconhecem, permitindo levantar algumas hipóteses: “levantar a hipótese de que os casos de dêixis textual e de memória constituem um hibridismo entre dêixis e anáfora pode explicar por que o caráter anafórico se sobrepõe nesses casos e se mantém o traço dêitico devido ao uso dos demonstrativos” (SANTOS, CAVALCANTE, 2014, p. 242).

Tendo em vista as reflexões elencadas, bem como os processos referenciais presentes durante as análises realizadas nesta tese, elaboramos o seguinte diagrama representativo:

Figura 3 - Diagrama Representativo dos Processos Referências abordados na pesquisa



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Depois das reflexões acerca da *Referenciação* e de seus processos constituintes, enfatizando os que mais interessam a esse trabalho, damos sequência então a tessitura desse texto mediante o capítulo seguinte, o qual delimita a discussão teórica da temática em evidência nas Línguas de Sinais.

2 O PROCESSO REFERENCIAL NO ÂMBITO DAS LÍNGUAS VISUOESPACIAIS

Diferentemente das línguas faladas, que são organizadas pelo aparelho fonador e percebidas pela audição, as línguas sinalizadas são articuladas pelas mãos e notadas pela visão, logo, são visuoespaciais. São línguas naturais das comunidades de surdos e, foram criadas espontaneamente, por eles próprios. É um símbolo da identidade, um dos elementos culturais dos surdos (SLOMSKI, 2012).

William Stokoe (1960) foi o primeiro a reconhecer e descrever o padrão fonológico, bem como morfológico de uma língua de sinais (LS), deste ponto em diante), especificamente, a *American Sign Language* - Língua Americana de Sinais - (ASL, doravante). Após a iniciativa desse linguísta escocês que vivia e trabalhava nos Estados Unidos, a pesquisa sobre ASL e outras LSs começaram a florescer, nos anos de 1970 e 1980. O objetivo principal de grande parte do trabalho inicial dos pesquisadores da área era fornecer evidências de que a LS, de fato, caracterizava-se como uma língua, composta de todos os elementos necessários para assim ser tratada: fonologia, morfologia, sintaxe, pragmática, entre outros aspectos.

Diante desse contexto, quando pensamos em pesquisas voltadas para as LS, a primeira referência que nos vem à mente diz respeito a ASL, a qual tem um arsenal teórico considerável em todos os aspectos linguísticos, podendo ser considerada como a principal motivadora dos trabalhos desenvolvidos na Libras. Pensando no fenômeno de interesse desta tese, enquanto na Libras o estudo sobre o processo referencial é ainda recente e escasso, na ASL há uma discussão a respeito desse fenômeno linguístico há algum tempo. No tocante a isso, podemos citar, por exemplo, o trabalho de Friedman (1975), em que o autor faz uma explanação de como a “visual language allows for deictic and anaphoric locative, temporal, and ‘pronominal’ reference” (FRIEDMAN, 1975, p. 940)¹³. Logicamente, essa é uma discussão bem primitiva sobre como os processos referenciais, anáfora e dêitico, dialogam entre si, considerando a modalidade visuoespacial. Apesar de ser incipiente, representa a situação geral do estudo da “referência”¹⁴ nas LS daquela época.

¹³ “A Linguagem visual permite a referência locativa, temporal e pronominal dêitico-anafórica” (FRIEDMAN, 1975, p. 940, tradução nossa).

¹⁴ Destacamos esse elemento mediante aspas porque, na perspectiva adotada neste trabalho, o termo utilizado é *Referenciação*. “Referência” caracteriza a abordagem teórica adotada pelo autor.

Destacamos também o trabalho de Bühler (1979), o qual elencou a relação entre a dêixis e a anáfora, em uma perspectiva referencial produtiva, igualmente na ASL: “el contexto de un decir, que se va haciendo, se eleva él mismo a campo mostrativo, cuando indicamos anafóricamente” (BÜHLER, 1979, p. 142). Em outras palavras, o significado textual vai se consolidando à medida em que há o uso desses processos referenciais em conjunto. Outros pesquisadores em destaque são Bellugi e Klima (1982), os quais realizaram um estudo para identificar os termos dêiticos na ASL e constataram que tais termos formam a base do processo referencial, da concordância verbal e das relações gramaticais.

Apesar de já ter passado algumas décadas, essa ainda é uma discussão que tem interessado muitos estudiosos, entre eles apontamos, por exemplo, Philippe Schenker (2016; 2013; 2011), o contemporâneo da ASL, que buscou observar a relevância do espaço e do apontamento na construção anafórica. Segundo o autor, “the sign language anaphora is often realized very differently from its spoken language. *An antecedent is associated with a position or 'locus' in signing space, and an anaphoric link is obtained by pointing towards that locus to recover its semantic value*” (SCHLENKER, 2016, p. 2, grifos nossos) ¹⁵.

Schenker (2016) defende que, nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento são componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal, em outras palavras, “[...] if the pronoun is used anaphorically, the antecedent typically establishes a locus, which is then 'indexed' (=pointed at) by the pronoun. The antecedent Noun Phrases are accompanied with pointing signs that establish the relevant loci (SCHLENKER, 2016, p. 7) ¹⁶. Após uma pesquisa paralela entre a ASL e a Língua de Sinais Francesa (LSF), o autor constatou que

In sum, sign language data can bring two kinds of special insights into the semantics of anaphora. First, they arguably make visible indexing mechanisms that are usually covert in spoken language, with the result that some aspects of Logical Form can be more directly

¹⁵ “A anáfora na língua de sinais é muitas vezes realizada de forma diferente da língua falada. Um antecedente está associado com uma posição ou um “locus” de assinatura no espaço, e uma ligação anafórica é obtida por apontamento (dêixis) para que o locus possa recuperar seu valor semântico” (SCHLENKER, 2016, p. 2, tradução nossa).

¹⁶ “[...] Se o pronome é usado anafóricamente, o antecedente tipicamente estabelece um local, o qual é, em seguida, 'indexado' (=apontou para) pelo pronome. O antecedente sintagma nominal é acompanhado com sinal de apontação que estabelece o ‘loci’ relevante” (SCHLENKER, 2016, p. 11, tradução nossa).

observed in sign language than in spoken language (an alternative analysis in terms of a non-standard mechanisms of agreement yields a somewhat different account of these facts, however). Second, these data suggest that rich iconic effects the logical engine of sign language; notably, loci may simultaneously play of the role of logical variables and of iconic depictions of their denotations (SCHLENKER, 2016, p. 7)¹⁷.

Depois dessa viagem no tempo sobre o estudo do processo referencial na ASL, também destacamos, nesse rol de pesquisas internacionais, Landaluce (2015), que desenvolveu recentemente uma tese sobre “La deixis en la Lengua de Signos Española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovizual”. O autor aponta a anáfora como uma forma de uso da dêixis, trazendo uma discussão bastante congruente quanto a essa parceria referencial. Ele assevera que, embora em muitas línguas existam elementos exclusivamente anafóricos, que não têm vestígios dêiticos, é muito comum um elemento dêítico ser utilizado simultaneamente à anáfora, nas línguas visuoespaciais:

Está claro que, pese a que en muchas lenguas hay elementos exclusivamente anafóricos que no tienen un uso deíctico ad óculos, es muy común que los mismos demostrativos, locativos y deícticos temporales usados deícticamente se usen también anafóricamente (LANDALUCE, 2015, p. 42).

Landaluce (2015) expõe em suas afirmações uma perspectiva mais consistente acerca do assunto, quando apresenta, por exemplo, a diferença entre a anáfora e a dêixis, o que nos leva a inferir que os estudos das LS têm avançado no que diz respeito aos processos referenciais, em âmbito internacional. O autor aponta que a distinção entre esses dois fenomenos está exatamente na noção de correferência a um item do discurso, em que, muitas vezes, o elemento anafórico relaciona-se com o referente por meio da dêixis. O pesquisador conclui:

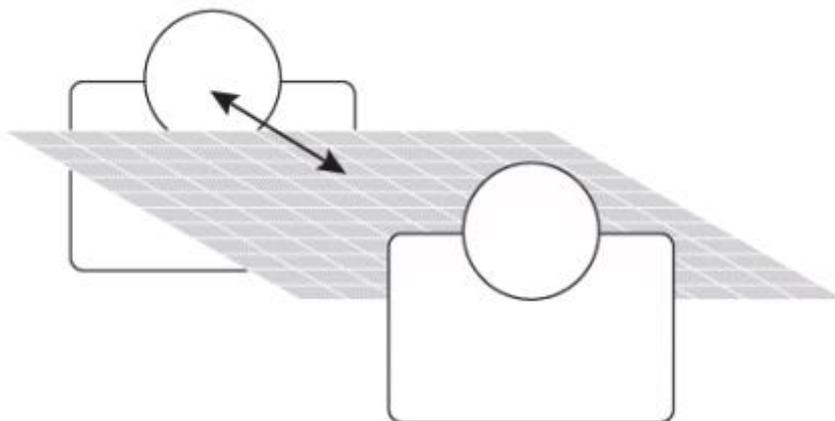
¹⁷ “Em suma, os dados de língua gestual podem trazer dois tipos de conhecimentos especiais para a semântica da anáfora. Primeiro, eles sem dúvida tornam os mecanismos de indexação visíveis, que são geralmente encobertos na linguagem falada, com o resultado de que alguns aspectos da forma lógica podem ser mais diretamente observados em linguagem de sinais do que na linguagem falada (uma análise alternativa em termos de um mecanismo de não-padrão de acordo produz uma conta um pouco diferente desses fatos, no entanto). Em segundo lugar, esses dados sugerem o rico efeito icônico do motor lógico da língua de sinais; nomeadamente, os ‘loci’ podem jogar simultaneamente o papel de variáveis lógicas e de representações icônicas de suas denotações” (SCHLENKER, 2016, p. 19, tradução nossa).

La diferencia entre anáfora y deixis consiste, en lo relativo a la noción de correferencia, en que *la referencia de un elemento anafórico* no es el elemento lingüístico con el que está sintácticamente relacionado, sino aquello a lo que ese *elemento del discurso* por su parte hace referencia (LANDELUCÉ, 2015, p. 43, grifo nosso).

Apesar desse visível avanço, principalmente no tocante à afinidade entre a dêixis e a anáfora, as reflexões desenvolvidas pelo pesquisador ainda estão amparadas em uma perspectiva teórica tradicional de “Referência”, o qual usa “el término referencia en el sentido más habitual en la lingüística, es decir, como relación entre elementos lingüísticos y sus correlatos en la realidad” (LANDELUCÉ, 2015, p. 74). Em outras palavras, a abordagem é aquela na qual são retomados objetos do mundo, correlatos à realidade, ao contrário do que propõe os estudos modernos da *Referenciação*, à luz da Linguística Textual sociocognitivointeracional.

Outro trabalho que nos despertou interesse é o da Meurant (2008), referente à Língua de Sinais do Sul da Bélgica (LSFB). Segundo a autora, o olhar cria e organiza um primeiro espaço referencial: o ‘espaço dêítico’. Esse espaço está fisicamente situado entre o locutor e seu destinatário (considerando como um ser discursivo e não como uma pessoa empírica). Para a pesquisadora, há uma relação direta de direcionamento discursivo entre os interlocutores, conforme vemos na figura 4:

Figura 4 - Deictic Space



Fonte: Meurant (2008, p. 406).

Uma vez que esse estatuto de marcador dêítico é atribuído ao endereçamento por meio do olhar, uma situação de olhar não endereçada pode ser estudada como a criação de quadros *anafóricos* de referência. Nessa perspectiva,

dois tipos de valores podem ser observados quanto a determinado comportamento do olhar: ‘loci’ e ‘transferência de pessoa’ (MEURANT, 2008). Com relação a essa primeira possibilidade – ‘loci’ -, o olhar será reconhecido como protagonista de um papel central na criação de valor morfológico:

The signer plots grammatical values of ‘locus’ in the signing space in front of him or her, by focusing points or areas of this space. The gaze address is then briefly interrupted by a gaze that is centered in front of the signer. In this sense, we can say that the value of locus is created in a non direct relation to the deictic frame of reference; for this reason, it can be considered as an anaphoric value. [...] **The anaphoric values of locus can co-occur with deictic values**, and for example with personal values. (MEURANT, 2008, p. 407, grifos nossos)¹⁸.

Assim como na ASL e na Língua de Sinais Espanhola (LSE), Meurant (2008) também nos mostra, nessa citação, a possibilidade do dêitico e da anáfora ocorrerem simultaneamente, na LSF, via ‘loci’. Em relação à ‘transferência de pessoa’, já definida por Cuxac (2000), refere-se à possibilidade de o sinalizante representar, pelo seu próprio corpo e atitude, o corpo e atitude das personagens da história que ele está representando. A descrição do comportamento do olhar, durante a realização dessas formas icônicas, e da sua relação com o quadro dêitico de referência, são essenciais para a construção referencial. Ou seja, “starting from the identification of gaze-addressing as the deictic landmark in relation to which emerges the value of person, the interruption of this address has been understood as building anaphoric fields of reference (MEURANT, 2008, p. 411¹⁹).

Segundo a autora, o ‘loci’ e a ‘transferência de pessoa’ podem ser apontados como o ponto de referência para o valor anafórico. A especialidade dessa relação pode ser chamada de ‘pseudo-deictic’. Dentro do quadro anafórico de referência, um valor é apontado como um marco para o outro. Ou seja, há um processo de ‘ostentação’ (o que é referido pelo conceito de ‘dêixis’) dentro do campo

¹⁸ “O assinante traça valores gramaticais de ‘lôcus’ no espaço de assinatura na frente dele ou dela, concentrando pontos ou áreas desse espaço. O endereço do olhar é então brevemente interrompido por um olhar que é centrado na frente do assinante. Nesse sentido, pode-se dizer que o valor do *locus* é criado de uma forma não direta ao quadro dêitico de referência; Por esse motivo, pode considerar-se como um valor anafórico. [...] **Os valores anafóricos de lócus podem co-ocorrer com os valores dêiticos** e, por exemplo, com valores pessoais” (MEURANT, 2008, p. 407, tradução nossa, grifos nossos).

¹⁹ “A partir da identificação do olhar de endereçamento com o marco dêitico, que relativamente emerge o valor da pessoa, a interrupção desse endereço é entendida como a construção de campos anafóricos de referência” (MEURANT, 2008, p. 411, tradução nossa).

anafórico de referência (daí o ‘pseudo’). Funciona como se as coordenadas dêiticas fossem projetadas em espaços anafóricos – temos, dessa forma, o dêitico-anafórico.

Com base nos estudos elencados, pudemos observar que há algumas peculiaridades nas línguas visuoespaciais no que diz respeito aos processos referenciais. Mais especificamente, o espaço e o apontamento são essenciais na construção de um elemento referencial. Os pesquisadores vêm, há algum tempo, discutindo a relação entre o dêitico e a anáfora nas línguas de sinais. Os trabalhos desenvolvidos mostram que, nessa modalidade de língua, não é somente comum, mas necessário muitas das vezes usar o dêitico-anafórico. Na próxima seção, apresentamos uma proposta analítica em ASL, LSF e Língua de Sinais Italiana (LIS) que também fazem menção ao processo referencial simultâneo.

2.1 UMA PROPOSTA ANALÍTICA APLICADA EM ASL, LSF E LIS: O DÊITICO COMO COMPONENTE DO PROCESSO ANAFÓRICO

No texto *“Deixis, Anaphora and Highly Iconic Structures: Crosslinguistic Evidence on American (ASL), French (LSF) and Italian (LIS) Signed Languages”*, os autores Elena Pizzuto, Paolo Rossini, Marie-Anne Sallandre e Erin Wilkinson (2006) discutem sobre os fatores específicos das LSs que afetam a construção do dêitico-anafórico. Esses pesquisadores definem as estruturas dêitico-anafóricas como recurso de coesão textual que permitem a falantes ou sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no discurso, simultaneamente.

A partir de uma análise comparativa de narrativas sucintas produzidas na ASL, na LSF e na LIS, a pesquisa proporciona evidências importantes sobre o processo referencial nas três LSs. Mais especificamente, os dados analisados permitem avaliar a influência das relações entre as línguas a respeito dos referidos fenômenos investigados. Os autores propõem duas grandes classes de dêitico-anafóricos, nas línguas visuoespaciais:

- 1) Classe ‘padrão’, realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘loci’). Nessa classe, os referentes podem ser simbolicamente atribuídos. Alguns fatores são relevantes para o processo anafórico nessa classe, entre eles: i) a direção do olhar: a anáfora ocorre com a marcação acentuada da direção dos olhos; ii) a

soletração (datilologia²⁰): o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração, e a relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência, como no exemplo: <ELA M-A-R-I-A>; e iii) a locação: apontamento direcionado no espaço;

- 2) A classe de complexas unidades manuais e não manuais, que não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades apresentam características altamente icônicas – denominadas Estruturas Altamente Icônicas (EAls) ou ‘*Transferências*’ (CUXAC, 2000) - e são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial (Classificadores²¹) e por expressões faciais marcadas e/ou modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’.

Conforme a análise desses autores, as LS oferecem duas maneiras de produzir significado: “dizer sem mostrar”, por meio do léxico padrão e da apontação; e “dizer e mostrar”, utilizando-se as EAls/*Transferências*. Para os pesquisadores,

In SL, unlike in verbal languages, there are two ways of signifying: either by ‘telling and showing’, thereby producing HIS or ‘Transfers’ that are unique of the signed modality, or by ‘telling without showing’, using the standard lexicon and pointings, and producing structures that are more comparable to those found in verbal languages (PIZZUTO et al., 2006, p. 478)²².

Explicam eles que essas duas formas consistem na opção consciente do sinalizante em ilustrar ou não o que diz. Supomos, então, que esses elementos sejam mais que ilustrações. Podemos considerá-los, com base nas discussões de Pizzuto et al. (2006), como objetos do discurso construídos no espaço físico, para serem retomados por meio do dêitico-anafórico: “These two ways of signifying mirror two different intents a signer can deliberately choose for articulating his/her

²⁰ Refere-se à escrita realizada por meio do alfabeto manual.

²¹ Nesse contexto, os Classificadores são caracterizados pelo ato de dizer e mostrar iconicamente ao mesmo tempo/ilustrar o que se diz.

²² “As Línguas Sinais, diferentemente das línguas verbais, oferecem duas maneiras de se produzir significado: pode-se ‘dizer e mostrar’, produzindo-se assim EAls ou ‘*Transferências*’, que são exclusivas da modalidade sinalizada, ou então se pode ‘dizer sem mostrar’, por meio do léxico padrão e da apontação, produzindo-se estruturas mais compatíveis com as encontradas nas línguas verbais” (PIZZUTO et al., 2006, p. 478, tradução de VASCONCELLOS; SOUZA; MENDONÇA, 2006).

discourse: an illustrative and a non-illustrative intent (and the resulting structures they produce) are defined 'Transfers'" (PIZZUTO et al., 2006, p. 479)²³.

Nesse sentido, Cuxac (2000) sugeriu em seus trabalhos que todas as LS devem explorar a capacidade básica que os sinalizantes têm de iconizar sua experiência perceptiva do mundo físico. Um dos efeitos desse processo de iconização é o de dotar as LSs de uma dimensão semiótica adicional com relação às línguas verbais. Assim sendo, as EAls/*Transferências* são concebidas como vestígios de operações discursivas e cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (as três dimensões do espaço acrescidas da dimensão tempo). Nessa perspectiva, segundo Pizzuto et al. (2006), diferentes subtipos de EAls/*Transferências* podem ser combinados entre si, ou com sinais padrão, para codificar simultaneamente informações referentes a dois - ou até mais - referentes, permitindo uma especificação multilinear da referência dêitico-anafórica, especificidade da modalidade visuoespacial. Desconsiderando-se as diferenças terminológicas entre os autores, evidências semelhantes no processo de construção dessas estruturas na Língua de Sinais Dinamarquesa (DSL) são destacadas por Engberg-Pedersen (2010), que concorda que diversos fatores colaboram para essa construção nas LSs, entre eles as questões discursivas e cognitivas.

Essas classes, 'padrão' e 'de complexas unidades manuais e não manuais', foram amplamente detectadas nas LSs estudadas, por essa razão, podem representar uma das características que distanciam essas línguas das línguas oroaditivas. Conforme Pizzuto et al. (2006), elas são, aparentemente, muito semelhantes em várias outras LSs do mundo, o que torna plausível supor que elas sejam estruturas universais ou quase universais.

Por considerar o estudo dos referidos pesquisadores relevante, buscaremos aplicar sua proposta, em um viés da *Referenciação*, pois acreditamos que, quando o sujeito surdo escolhe um determinado tipo de dêitico-anafórico no espaço de sinalização, ele não o faz aleatoriamente, ao contrário, há em sua escolha intenções comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos

²³ Essas duas maneiras de se produzir significado refletem duas intenções diferentes entre as quais o sinalizante pode optar, conscientemente, a fim de articular seu discurso: a de ilustrar e a de não ilustrar o que se diz. As operações realizadas pelos sinalizantes quando escolhem a intenção de ilustrar (e as estruturas resultantes produzidas) são chamadas de '*Transferências*' (PIZZUTO et al., 2006, p. 478, tradução de VASCONCELLOS; SOUZA; MENDONÇA, 2006).

culturalmente compartilhados pelos usuários da LS, em um processo discursivo. Nesse sentido, consideramos, por exemplo, que o dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais por EAI/*Transferência* pode ser visto como a representação clara do processo de *Referenciação* nas LSs, devido à sua constituição discursivo-cognitivo no espaço de sinalização. Essa proposta de Pizzuto et al. (2006), desenvolvida na ASL, na LSF e na LIS, pode ser muito produtiva aos estudos dos processos referenciais da Libras. Nesse sentido, consideramos, por exemplo, que a classe de complexas unidades manuais e não manuais vai além do simples ato de retomada.

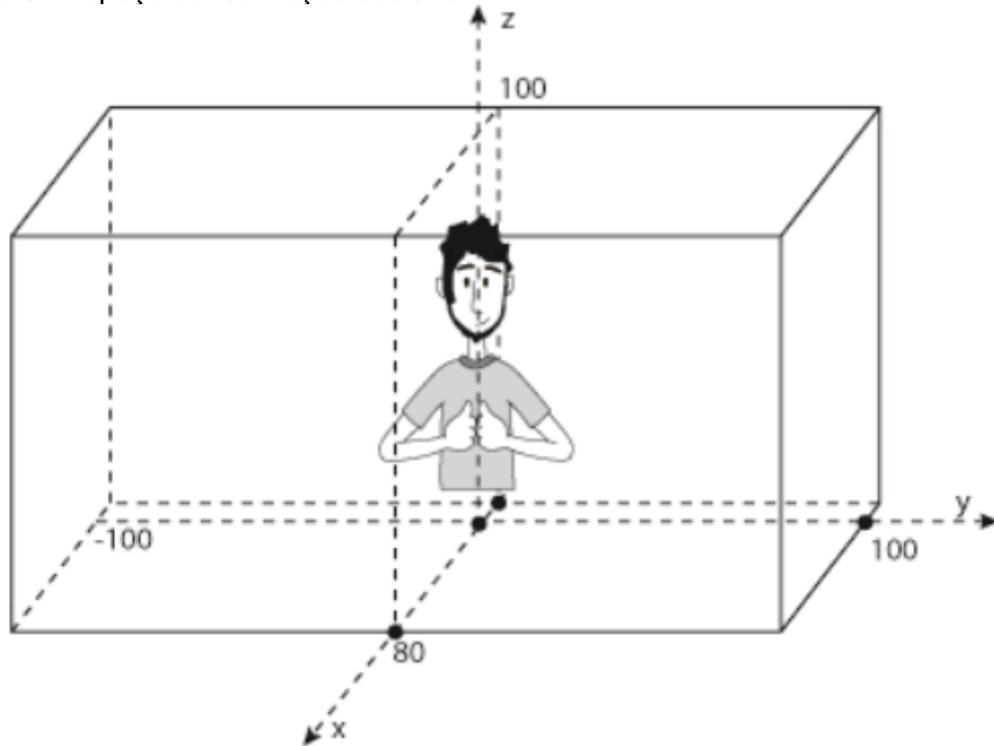
2.2 O ESPAÇO NA CONSTITUIÇÃO DO PROCESSO REFERENCIAL NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Nas LSs, podemos observar três parâmetros que constituem os Quiremas²⁴: (i) *localização*: lugar no corpo ou no espaço em frente ao corpo em que o sinal é produzido; (ii) *configuração de mão*: a forma (ou estado dos dedos) que a mão apresenta quando da realização de um sinal; e (iii) *movimento*: a maneira como a mão se move ao longo da articulação de um sinal (XAVIER, 2006).

É nosso interesse, nesta seção, concentrar-se mais na questão da localização, ou seja, o espaço em que os sinais são construídos, pois ele é fundamental para a efetivação do processo referencial nas LSs. Todas as relações linguísticas são especificadas por meio da manipulação dos sinais no espaço, e as sentenças ocorrem dentro de um espaço definido na frente do corpo, consistindo-se de uma área limitada pelo topo da cabeça e estendendo-se até os quadris. A figura 5 auxilia na visualização desse aspecto:

²⁴ Stokoe (1960) propôs o termo “quirema” em substituição à “fonema”, para designar elementos de LSs.

Figura 5 - Espaço de realização dos sinais

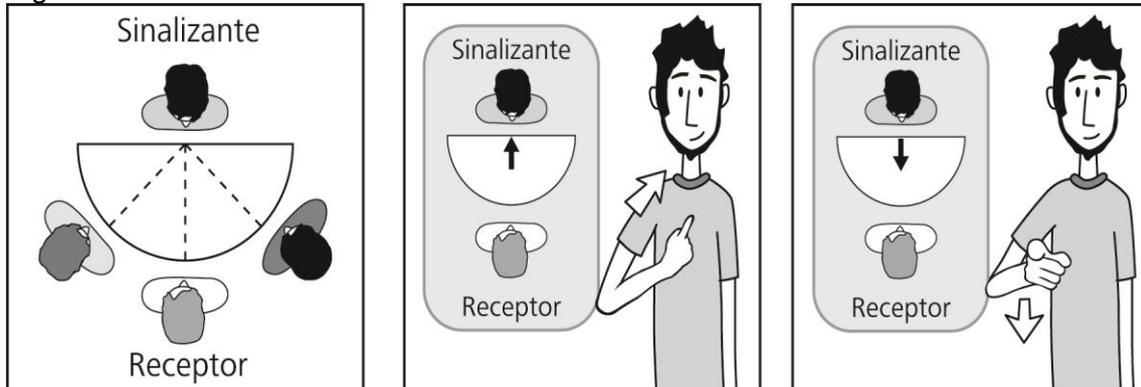


Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 2).

Tendo em vista que os discursos sinalizados se manifestam espacialmente, os eventos que são relatados e as personagens que deles participam se integram conceitualmente a partes do espaço de sinalização, mantendo-se disponíveis para futura referência por algum tempo. Isso significa que os elementos introduzidos no discurso podem ser associados a *pontos* específicos no espaço da sinalização. Esses *pontos* no espaço passam a fazer referência aos elementos que os introduziram. O uso dessa associação dos referentes com um local no espaço é o primeiro passo para o estabelecimento da concordância verbal e para o uso dos demais mecanismos linguísticos espaciais (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009).

Na mesma perspectiva dos estudos de Meurant (2008), a respeito da LSF, o processo de associação supracitado ocorre tanto com referentes presentes como com referentes não presentes no contexto do discurso. No primeiro caso, os elementos envolvidos no discurso (a primeira e a segunda pessoas) são formados apontando-se com o dedo indicador a quem o sinalizante se refere: se for a si mesmo, ele apontará para o próprio peito; se for na direção do seu interlocutor, ele apontará diretamente ao interlocutor (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009), como se visualiza com o auxílio da figura 6:

Figura 6 - Formas Pronominais usadas com Referentes Presentes



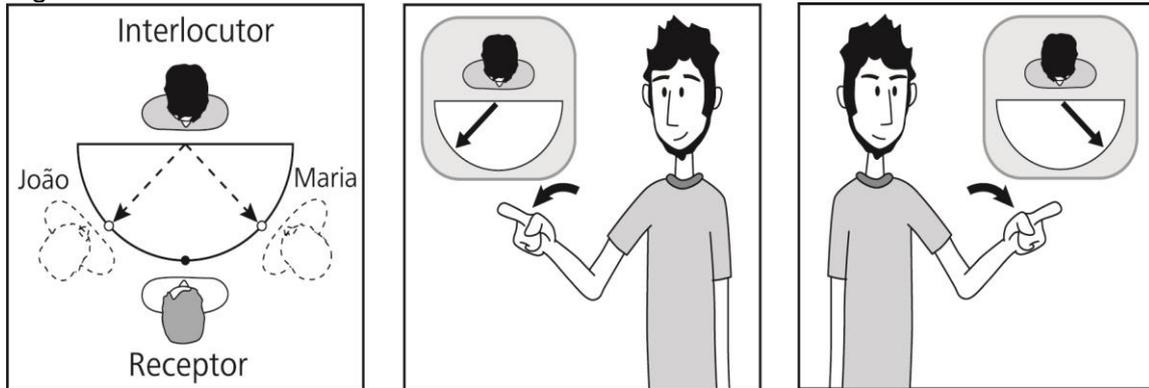
Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 3).

Quando pensamos nos pronomes de terceira pessoa, a situação se torna mais complexa. Eles têm funções anafóricas e dêiticas, e podem envolver referentes que não fazem parte do contexto imediato. Os pronomes de terceira pessoa usados para fazer referência aos sujeitos que estejam presentes no contexto do discurso são sinalizados apontando-se diretamente ao referente. Quando esse não estiver presente, ou temporariamente ausente, a apontação é direcionada a um local espacial arbitrário, ao longo do plano horizontal, defronte ao corpo do sinalizador (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009).

Da mesma forma, a apontação pode ser usada para se referir a objetos e a lugares no espaço. A referência anafórica requer que o sinalizante aponte - olhe ou gire o corpo - a um local previamente estabelecido, isto é, após a introdução de um nominal correferente a um *ponto* estabelecido no espaço. Tal *ponto* no espaço referir-se-á àquele nominal, mesmo depois de outros sinais serem introduzidos no discurso (BELLUGI; KLIMA, 1982).

Lillo-Martin e Klima (1990) apresentam um exemplo esclarecedor sobre a referência à terceira pessoa na situação de sinalização com referentes não presentes no discurso. O sinalizante pode associar 'João' com um ponto à direita e 'Maria' à esquerda. 'João' e 'Maria' são introduzidos por meio de sinais que os identificam, ou seus nomes são soletrados mediante o alfabeto manual. As formas pronominais são, então, diretamente associadas a esses *pontos* no espaço: à direita indica 'João', e à esquerda 'Maria', conforme ilustrado na figura 7:

Figura 7 - Formas Pronominais Usadas com Referentes Ausentes



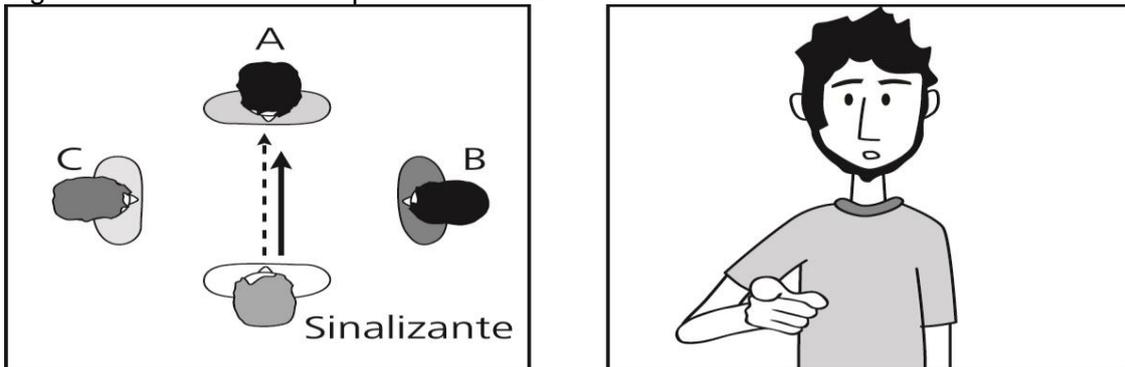
Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende(2009, p. 4 adaptado de LILLO-MARTIN; KLIMA, 1990).

Segundo Loew (1984), um sinalizante não distribui os *pontos* aleatoriamente no espaço, pois existem restrições na seleção do local. Raramente os *pontos* são estabelecidos de forma arbitrária, uma vez que o sinalizante sempre procurará associar o local real do referente ao local no espaço. Os *pontos* serão arbitrários com referentes abstratos. Podem também ser para referentes descritos individualmente não interagindo com outros.

Os *pontos* arbitrários também são usados se o sinalizante desconhecer a relação espacial real relevante para falar sobre alguém ou alguma coisa. Esses *pontos* arbitrários são estabelecidos em um local neutro do espaço da sinalização e, em geral, são distribuídos no espaço de forma a serem amplamente diferenciados. Os *pontos* podem estar acima ou abaixo do espaço neutro relacionados com a localização “real” dos referentes. Devemos observar que esse “real” depende sempre da perspectiva de quem está produzindo e vendo os sinais. Engberg-Pedersen (1993), ao estudar a DSL, reconhece que a escolha de ‘*loci*’ de um sinalizante é motivada por uma variedade de fatores, incluindo relações semânticas e espaciais entre os referentes, bem como a atitude de um sinalizante com relação aos referentes.

Baker e Cokely (1980), que são citados por Quadros, Pizzio e Rezende (2009), explicaram muito bem as relações espaciais para referentes presentes e não presentes por meio de figuras. Na figura 8, há um diagrama em que a referência é feita a VOCÊ, supondo-se que o sinalizante esteja olhando para o interlocutor A. Os autores observam a importância da direção do olhar para a compreensão do significado da referência pronominal.

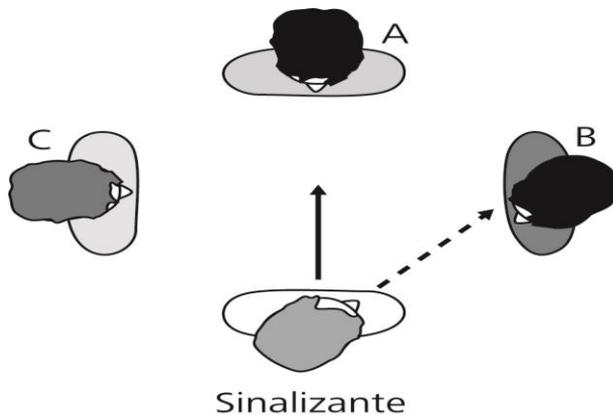
Figura 8 - Pronome de 2ª pessoa: VOCÊ/TU



Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 5 adaptado de BAKER; COKELY, 1980).

Não obstante, segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009), se o sinalizante estiver olhando para B quando apontar para A, o significado será 'ele (a)'. A figura 9 demonstra claramente essa diferença.

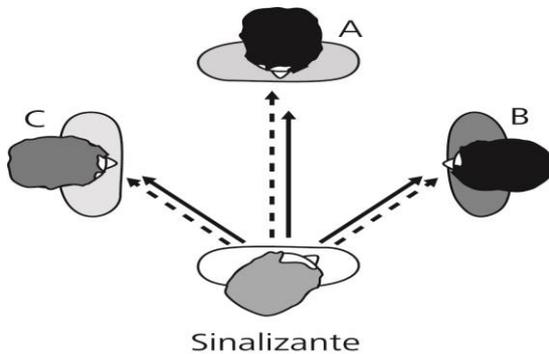
Figura 9 - Pronome de 3ª pessoa: ELE (A)



Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 6).

A apontação para C, A e B pode significar 'você, você e você', equivalendo à seleção de voluntários na LS, conforme indica a figura 10:

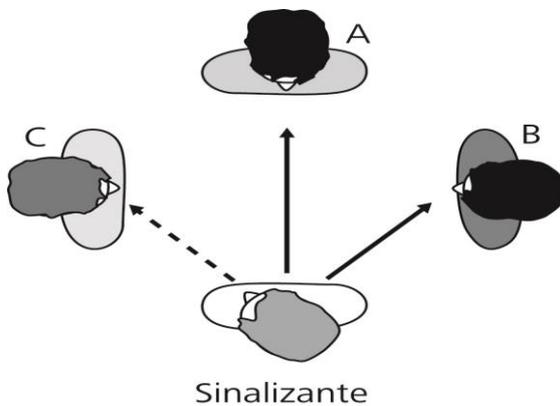
Figura 10 - Pronome de 2ª pessoa: VOCÊ, VOCÊ, VOCÊ



Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 7).

De igual modo, se o sinalizante dirigir-se a C apontando para A e B, isso significará 'ele(a) e ele(a)', como demonstra a figura 11:

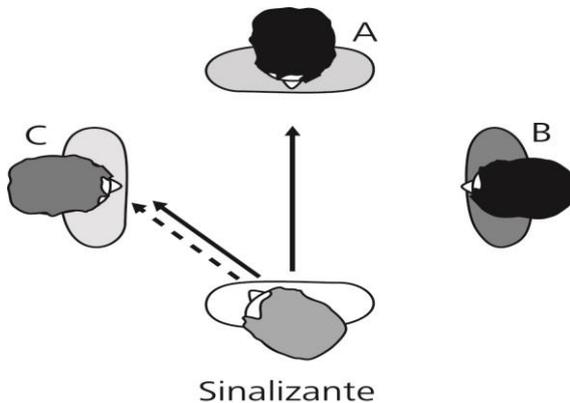
Figura 11 - Pronome de 3ª pessoa: ELE (A), ELE (A)



Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 7).

Ademais, se o sinalizante dirigir-se a C e apontar para C e A, o significado será 'você e ele(a)', conforme a figura 12. A referência definida pode envolver um número indefinido de pessoas (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009).

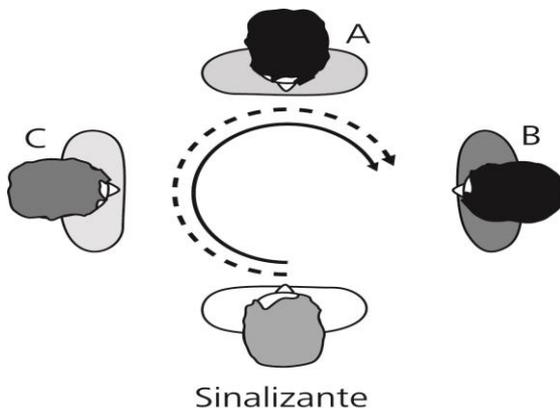
Figura 12 - Pronome de 2ª e 3ª pessoas: VOCÊ, ELE (A)



Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 7).

Por outro lado, se o sinalizante quiser referir-se a um grupo de pessoas (três ou mais) sem enfatizar nenhum deles, ele pode usar uma configuração de mão que inclua todos a serem referidos em forma de arco. Se o sinalizante apontar concomitantemente para si e para todos, tal sinal significará 'nós' (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009), como indicado na figura 13:

Figura 13 - Pronome de 1ª: NÓS



Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 8).

Essa forma NÓS, em sinais, apresenta duas maneiras que não podem ser confundidas: uma delas representa referentes presentes, e a outra referentes não presentes no discurso (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009).

Muitos estudos foram desenvolvidos, principalmente na ASL, sobre como estabelecer referentes não presentes no espaço. Uma das propostas que mais despertou interesse dos investigadores foi a de Baker e Cokely (1980), que foi citada

por Quadros, Pizzio e Rezende (2009), os quais ousaram, à época, apresentar vários mecanismos para o processo de constituição desses referentes. Os mecanismos são estes:

1. Fazer o sinal em uma localização particular (se a forma do sinal permitir);
2. Apontar um substantivo em uma localização particular;
3. Direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular, fazendo o sinal de um substantivo ou apontando para o substantivo;
4. Usar um pronome antes de um sinal para um referente;
5. Usar um pronome numa localização particular quando é óbvia a referência;
6. Usar um classificador (que representa aquele referente) em uma localização particular;
7. Usar um verbo direcional quando é óbvio o referente.

Outros autores da ASL que também colaboraram com trabalhos voltados à composição de referentes no espaço foram Bellugi, Lillo-Martin, O'Gray e Vanhoeck (1990). Segundo esses pesquisadores, quando um referente é associado a um local, essa associação é mantida até uma mudança futura, a qual ocorre a partir de certas circunstâncias a fim de que novas associações sejam automaticamente estabelecidas. Normalmente essas mudanças são assinaladas por um ou mais locais estabelecidos no espaço, ou por uma mudança na postura do corpo do sinalizante. Um local referencial pode ser transferido durante uma narrativa se houver um movimento característico ou se a cena muda, isto é, o sinalizante estabelece o ponto como a reprodução de um cenário.

Nesse arsenal teórico, a respeito do espaço na constituição do processo referencial, Liddell (2003) evidencia que um fator determinante do discurso das línguas sinalizadas é o de que a localização e o movimento das mãos e do corpo no espaço de sinalização ganham significação no contexto de uso. Nessa perspectiva, o autor elucida três tipos de usos do espaço nas línguas de sinais:

1. Espaço real: espaço mental real é a concepção do que é fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação. São 'reais' no sentido de referir às pessoas que estão fisicamente presentes no local e tempo da conversação;

2. Espaço *token*: espaço em que se quer indicar entidades ou coisas representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico, são entidades ‘invisíveis’. O espaço mental *token* se limita à representação da terceira pessoa;
3. Espaço sub-rogado: é a conceitualização de algo acontecido ou por acontecer. É representado visualmente por uma espécie de encenação.

O espaço, nas LSs, é tão importante quanto o aparelho fonador nas línguas orais. É nesse espaço que ocorre todo processo referencial, o qual, inclusive, permite a correferência explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade. O uso do espaço é sistemático, favorecendo a identificação clara e correta do referente; isto é, a ambiguidade das línguas orais dificilmente é encontrada nas línguas de sinais, devido à exploração do espaço feita pelos pronomes estabelecidos em pontos específicos, um recurso exclusivo da modalidade visuoespacial (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009).

Indicamos nessa seção pesquisas envolvendo várias LSs em âmbito internacional. Na seção que se segue, nos dedicamos especificamente à Libras.

2.3 A LIBRAS

A linguagem, como sabemos, é a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações, como a pintura, a música e a dança. A língua, por sua vez, foco de nossa reflexão, é um conjunto organizado de elementos que possibilita a comunicação. Ela surge em sociedade, e todos os grupos humanos desenvolvem sistemas com esse fim. É por meio dela que estabelecemos interação social. Nessa perspectiva, Gesser (2009) argumenta que

[...] por meio da língua nos constituímos plenamente como seres humanos, comunicamo-nos com nossos semelhantes, construímos nossas identidades e subjetividades, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca e é nesse sentido que a linguagem ocupa um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores (GESSER, 2009, p.77).

Diante desse contexto, faz-se necessário compreender que a LS é o meio pelo qual os surdos podem adquirir conhecimento de mundo e construir sua própria história. Essa língua natural, inerente ao sistema social, é organizada e utilizada como forma de interação e está em constante evolução para atender às necessidades da comunidade que a utiliza, independente da modalidade de língua que esse grupo emprega. Destarte, “A língua de sinais dos surdos é natural, pois evoluiu como parte de um grupo cultural do povo surdo” (GESSER, 2009, p. 12).

Ao considerar essa compreensão, no que diz respeito ao Brasil, a língua da comunidade surda é a Libras. Apesar de há muito ter sido assumida pelos surdos como a sua língua natural e, portanto, o principal meio de interação dessa comunidade, foi somente em 24 de abril de 2002, com a publicação da Lei nº 10.436, que ela foi reconhecida oficialmente:

Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, art. 1º, s/p).

O artigo primeiro mostra o reconhecimento da Libras como o principal meio de comunicação utilizado pelas pessoas surdas. A Libras é reconhecida como uma verdadeira língua, contendo nela recursos e estrutura gramatical próprios. Nesse sentido, Finau e Mazzuchetti (2015) destacam que “a Libras compõe, como qualquer língua natural, um sistema linguístico completo. [...], isto é, apresenta um conjunto de morfemas, fonemas e signos que se organizam por um sistema de regras” (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015, p. 68).

Ainda no que se refere à Lei nº 10.436, o Art. 1º também reconhece o status de comunidade surda com cultura própria e com direito a lutar por seus direitos. A referida lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, que tornou a Libras a segunda língua oficial no país. O Decreto da Lei, art. 14º, refere-se à educação do aluno com surdez e afirma que:

Art.14º - As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e

nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidade de educação, desde a educação infantil até à superior. §1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem: I- promover cursos de formação de professores para: a) o uso e o ensino da LIBRAS; b) o ensino da Libras; c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para as pessoas surdas; II- prover as escolas com: a) professor de Libras ou instrutor de Libras; b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa; c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como a segunda língua para as pessoas surdas; e d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos. (BRASIL, 2005, art. 14º, s/p).

É possível perceber que a Libras já alcançou avanços significativos; entretanto, há muito ainda por se fazer, considerando que a maioria da população brasileira a considera, muitas vezes, como mímicas e gestos. É preciso que haja mais estudos sobre o reconhecimento lingüístico, cultural e de identidade dos surdos para que barreiras sejam quebradas nesse âmbito. Apesar de a presente legislação garantir a presença da Libras nas escolas, ainda há muito o que progredir para que essa presença seja efetiva e emancipatória, não apenas nas escolas públicas brasileiras, mas em todos os campos da sociedade.

Após esse panorama geral do status nacional da Libras, na subseção seguinte, discorreremos de modo específico como se dá o processo referencial nessa língua.

2.3.1 O processo referencial na Libras

Na realidade, falar em processo referencial na Libras é retomar direta ou indiretamente todas as discussões que levantamos até o momento acerca das LSs em âmbito geral. Certamente, cada língua tem as suas especificidades, mas, como os estudos voltados para o fenômeno da *Referenciação* na Libras é ainda muito recente, os autores brasileiros, na maioria das vezes, amparam suas reflexões sobre o processo referencial em trabalhos desenvolvidos em outras LSs, mormente na ASL. Nesse sentido, Pizzio, Rezende e Quadros (2009) consideram que

Temos poucos estudos realizados no Brasil, logo, esse assunto carece de muitas reflexões. [...] estaremos usando referências de estudos de outras línguas, especialmente, de outras línguas de

sinais, para pensar os mesmos fenômenos na nossa língua de sinais (PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009, s/p).

Ao buscar dados disponíveis no Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), constatamos que realmente há poucos trabalhos que fazem menção ao comportamento dos elementos referenciais na Libras, no viés da descrição linguística. Mais especificamente, encontramos uma dissertação de Mestrado, intitulada “*Uma descrição do processo de Referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (Libras)*” (BARBOSA, 2013). Não obstante, diferente do que propomos, a pesquisa mencionada não lida com a interface Língua Portuguesa-Libras, na perspectiva da Linguística Textual, com o escopo de construir um *corpus* paralelo descritivo.

Para além desse trabalho, em um enfoque direcionado ao ensino, localizamos, na biblioteca digital da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a tese de Doutorado intitulada “*Estratégias de Referenciação na Produção Escrita de alunos surdos*” (LEAL, 2011). Além disso, em buscas realizadas na *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* e no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), encontramos poucos artigos que fazem menção aos elementos referenciais na Libras; citamos dois trabalhos: a) *Coesão textual na escrita de um grupo de adultos surdos usuários da língua de sinais Brasileira* (ALMEIDA; FILASI; ALMEIDA, 2010); b) *Aspectos gramaticais dos elementos localizadores em libras* (PRADO; OLIVEIRA, 2013).

Também não podemos deixar de destacar as autoras consideradas referências nas pesquisas em Libras, no Brasil, como Ferreira Brito (2010), Pizzio, Rezende e Quadros (2009), Quadros e Karnopp (2004), Bernardino (2000), entre outras. Essas autoras, mesmo que, na maioria das vezes, apresentem uma revisão bibliográfica de estudos do processo referencial em outras LSs, mobilizam discussões importantes acerca do fenômeno linguístico proposto, o que nos auxilia investigar os mesmos fenômenos na Libras. É importante mencionar também que essas autoras partem de uma perspectiva gerativista, o que as leva ao uso do termo ‘Referência’, ao invés de *Referenciação*.

Diante desse estado da arte, compartilhamos as ponderações de Ferreira Brito (2010):

Referência em Libras funciona de maneira similar àquela das línguas orais, tais como o Português. Entretanto, analisando nossos dados da Libras (narrativas, conversações e enunciados obtidos por meio de testes de elicitación, todos filmados em vídeo) [...], observamos algumas especificidades que, provavelmente, são devidas à modalidade espaço-visual de língua. [...] Um estudo mais aprofundado da correferência pode conduzir a uma sistematização de comportamentos que subjazem este fenômeno (FERREIRA BRITO, 2010, p. 115).

Temos consciência de que a autora parte de uma concepção teórica diversa da que adotamos nesta pesquisa²⁵, apesar disso, esse trecho representa bem as pesquisas que temos sobre “Referência²⁶” na Libras, e que nos deixa evidente a possível relação do referido fenômeno nas modalidades de língua oroauditiva e visuoespacial. Em outras palavras, Ferreira Brito (2010) já nos mostra essa similaridade entre a LP e a Libras no que diz respeito aos elementos referenciais, apontando, obviamente, para a existência de algumas especificidades, que, segundo a autora, *provavelmente* ocorrem por serem modalidades diferentes.

Segundo a pesquisadora, uma especificidade do processo referencial na Libras é o uso frequente da dêixis, concedendo-lhe um papel essencial na construção e na reconstrução do referente. Ferreira Brito (2010) argumenta que

A dêixis, no seu sentido mais “puro”, tem a função apenas referencial. Atualmente, o conceito de dêixis tornou-se muito mais amplo e muitos deles transmitem informações não-referenciais também. **Os dêiticos são usados frequentemente, em Libras, para referirem e correferirem.** Por correferência, entende-se aqui todos os termos que tradicionalmente são chamados de anáfora e catáfora (FERREIRA BRITO, 2010, p. 116, grifos nossos).

Com base nesse excerto, podemos entender que, assim como em outras LSs, na Libras, o dêitico, além de exercer a função de apontar, também executa o papel de retomar; ou seja, há um exercício simultâneo do dêitico e da anáfora, o qual é denominado de dêitico-anafórico, conforme já discutido anteriormente.

Para a pesquisadora, pensar no termo *Correferência* em Libras requer uma série de fatores: “*Correferência* em Libras é um fenômeno bastante complexo

²⁵ Já no início de suas discussões, Ferreira Brito assume a perspectiva gerativista: “Nesse capítulo, faremos a distinção que a Gramática Gerativa estabelece entre anáfora e pronome [...]” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 116).

²⁶ As aspas lançadas nesse vocábulo não são aleatórias, ao contrário, têm a intenção de mostrar que esse não é o termo que adotamos em nossa pesquisa; em nosso trabalho adotamos o termo “*Referenciação*”, baseado na Linguística Textual Sociocognitivointeracional.

porque pode ser realizado por meio do uso de pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos”, como nas línguas orais, mas também por meio do “uso do termo comparativo, da mudança de posição do corpo, do uso de classificadores e, até mesmo, do uso de olhadelas” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 116, grifo da autora), tudo em um espaço demarcado. Agregando à discussão, Quadros (2002) destaca que

Na língua brasileira de sinais, **os sinalizadores estabelecem os referentes associados com uma localização no espaço**. Tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos ao longo do discurso. Quando os referentes estão presentes, **os pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente**, por exemplo, o sinalizador aponta para si para indicar a primeira pessoa, para o interlocutor para indicar a segunda pessoa e para os outros para indicar a terceira pessoa [...] quando os referentes estão ausentes do discurso, são estabelecidos pontos abstratos no espaço. (QUADROS, 2002, p. 23-24, grifos nossos).

Retomando Ferreira Brito (2010), discorreremos sobre cada fator elencado para a realização da *Correferência* na Libras. O primeiro diz respeito aos *Pronomes*. Os pronomes, em Libras, constituem-se do uso de diferentes configurações de mãos e de contato ou não de olhos, assim como de rápidas olhadelas. “Por exemplo: EU, VOCÊ, ELE, NÓS VOCÊS, ELES MEU TEU, DELE/DELA,... ISTO, ESTE, AQUELE,... ‘olhar dirigido ao interlocutor’, ‘olhadela para o referente que não seja o interlocutor’” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 118, destaques da autora).

Quando, em uma narrativa, o sinalizante faz menção a dois referentes, por exemplo, ‘Maria’ e ‘João’, ao referir-se novamente aos dois participantes da narrativa não presentes, a tendência é a primeira ser localizada ao seu lado dominante, ou seja, à direita para os usuários destros e à esquerda para os usuários canhotos. O segundo é localizado ao lado oposto da primeira. Vejamos um exemplo no qual os usuários da Libras sejam destros (FERREIRA BRITO, 2010):

Glosa-Libras: MARIA (dir.) CONVERSAR JOÃO (esq.). ELA (dêixis dir.) BRAVA ELE (dêixis esq.).

Tradução para Português: Maria conversava com João. Ela estava brava com ele. (FERREIRA BRITO, 2010).

Se o sinalizante for canhoto, o pronome ELA estará à esquerda enquanto ELE estará à direita. Esse fato parece evidenciar que esse procedimento é sistemático em Libras. Em sequência à análise do referido excerto, caracterizamos os elementos ELE e ELA como um dêitico-anafórico, uma vez que, ao mesmo tempo que retoma, aponta-se para o ponto já demarcado para cada referente.

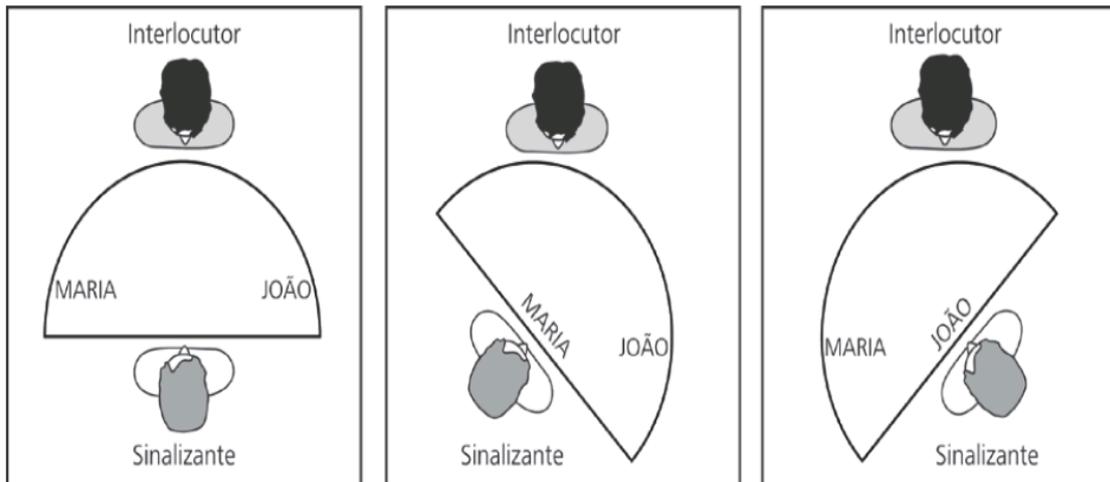
Ademais, às vezes, o pronome correferencial vem antes do sintagma nominal ou do nome próprio que explicita o referente. Vejamos o exemplo de Ferreira Brito (2010):

Glosa-Libras: JOÃO (dir.) GOSTAR MUITO DELA (esq.) MYRNA.
 MAS ELA (dêixis esq.) DETESTA ELE (dêixis dir.).
Tradução para Português: João gosta muito de Myrna. Mas ela detesta ele. (FERREIRA BRITO, 2010).

É importante destacar que o elemento DELA poderia se referir a outro participante, visto que em Libras ele não tem marca de gênero como na LP. Por isso, a presença do pronome e logo em seguida do nome. Outra questão a se destacar é o fato de que o nome próprio MYRNA é realizado no rosto do usuário da Libras, sendo assim impraticável o não uso do pronome ao localizar o referente MYRNA à esquerda. Além disso, sabemos que ELE é correferente a JOÃO devido ao contexto linguístico em que ocorre, devido à presença do MAS; porém, principalmente devido ao fato de que o enunciador já havia estabelecido ao início do texto um ponto à sua direita que se referia a JOÃO e um ponto à sua esquerda que se referia a MYRNA (FERREIRA BRITO, 2010). Novamente, com esse exemplo, observamos a importância do espaço no processo anafórico nas LSs, nesse caso especificamente, na Libras.

Outro fator elencado por Ferreira Brito (2010) referente à realização da *Correferência* na Libras está relacionado às *Orações Comparativas*. Em Libras, há um sinal individual que significa ELE/ELA-DO-QUE-ELE/ELA, usado no contexto em que dois referentes já mencionados antes, convencionalmente, já estão localizados no espaço: o primeiro, à direita, e o segundo, à esquerda. Vejamos o exemplo:

Glosa-Libras: ELE/ELA-DO-QUE-ELE/ELA MAIS BONITO.
 (dir.) (esq.)



Fixação dos pontos

Mudanças referenciais

Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p., adaptado de LILLO-MARTIN; KLIMA, 1990).

Nesse tipo de *Correferência*, o enunciador 'incorpora' a personagem, atribuindo-lhe características físicas (como trejeitos, expressões faciais e corporais etc.) e psicológicas (como alegria, tristeza, preocupação etc.). O significado dessa referência pode ser percebido como uma imagem mental, indicando ao destinatário uma significação mais completa (BERNARDINO, 2000). O '*shifting*' é considerado como parte integrante das EAls/*Transferências* de Pizzuto et al. (2006) e Cuxac (2000), uma vez que essas são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial e por expressões faciais marcadas e/ou *modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como 'recursos de troca de papéis', ou 'Ações Construídas'* (CORMIER et al. 2015)

Ainda outro caso elencado por Ferreira Brito (2010) referente à realização da *Correferência* na Libras diz respeito ao uso de *Classificadores*. Sabemos que esse fenômeno em Libras serve a diferentes propósitos. Destacamos apenas a sua função correferencial.

Glosa-Libras: PAULO TALVEZ CORRIDA VENCER. MAS DIA (CL: CORRIDA DISPUTA ELE CARRO ACIDENTE).

Tradução para Português: Paulo tinha tudo para ganhar a corrida, no entanto, no dia da prova, ele sofreu um acidente de carro. (FERREIRA BRITO, 2010).

A pesquisadora argumenta que, “[...] com relação aos classificadores²⁷, esses são sempre correferentes devido à sua natureza de substituto de nomes e de outras categorias” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 122). No exemplo anterior, a *Correferência* construída mediante o uso do classificador mostra a ação (CL: CORRIDA DISPUTA ELE CARRO ACIDENTE: um local de corrida de carro, todos em busca do prêmio, Paulo dirigindo o carro, acidente), ocupando o espaço enunciador por meio de uma construção tridimensional.

Por fim, mas não menos importante, outro fator elencado por Ferreira Brito (2010) com relação à realização da *Correferência* na Libras está ligado à *Ambiguidade*. O uso dos indicativos espaciais, incluindo os pronomes, permite *Correferência* explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade. O uso do espaço é sistemático e favorece a identificação clara e correta do referente, o que pode ser visto por meio de exemplos transcritos abaixo (FERREIRA BRITO, 2010):

Glosa-Libras: PRONOME_k-CONTAR-PRONOME_{k'}

Tradução para Português: Ele contou a ela. (FERREIRA BRITO, 2010).

No exemplo PRONOME_k-CONTAR-PRONOME_{k'}, há um caso de verbo direcional, ou seja, um verbo cujo ponto inicial do movimento marca o sujeito, melhor dizendo, aquele que conta, e cujo ponto final marca o objeto ou aquele para quem se conta. Assim sendo, é difícil saber quais são os referentes dos dois argumentos do verbo.

Glosa: PAULO (dir.) CONTAR JOÃO (esq.) MULHER DELE (dêixis dir.) CAIR.

Tradução para Português: Paulo contou a João que a mulher dele (Paulo) caiu.

Glosa: PAULO (dir.) CONTAR JOÃO (esq.) MULHER DELE (dêixis esq.) CAIR.

Tradução para Português: Paulo contou a João que a mulher dele (João) caiu.

Em LP, ‘*Paulo contou a João que sua mulher caiu*’, tem duas possíveis interpretações para o pronome ‘*sua mulher*’:

- a) a mulher de Paulo;
- b) a mulher de João.

²⁷ Lembramos que o classificador é um dos elementos constituinte das EAls (PIZZUTO et al., 2006).

Essa ambiguidade das línguas orais dificilmente é encontrada na Libras por causa da retomada explícita do referente no espaço de sinalização. Em outras palavras, junto à anáfora, há também a dêixis, apontando exatamente para o referente intencional. Isso se deve à exploração do espaço feita pelos pronomes estabelecidos em pontos específicos, um recurso exclusivo da modalidade visuoespacial.

Além desses recursos referencias elencados na Libras, consideramos relevante apresentar também outros caracterizados por Bernardino (2000). A autora, após uma explanação do referido fenômeno nas LSs, em geral, com base em conciso teste realizado com sujeitos surdos que narraram histórias infantis, abre um leque para se pensar especificamente questões referenciais possíveis em Libras. Alguns recursos são estes:

- Alternância de mãos marcando as personagens: normalmente a sinalização é realizada predominantemente com a mão direita (no caso dos destros) ou com a esquerda (no caso dos canhotos), sendo que a outra mão atua como auxiliar. Alguns indivíduos do teste realizado utilizaram simultaneamente as duas mãos na sinalização, ao marcar ações diferenciadas de duas personagens, sendo que, para isso, uma das personagens era primeiramente indexada do lado esquerdo do sinalizador e a outra, no direito. A interação entre as personagens era realizada com ambas as mãos, não sendo necessária, para isso, nova indexação ou menção de substantivos. O sinalizador apenas executava o sinal correspondente à ação realizada com a mão esquerda, se o sujeito dessa ação fosse o da esquerda, e com a direita se fosse o outro sujeito;
- Uso do olhar (sem nenhum substantivo ou indexação para qualquer ponto): após a determinação da localização das personagens, algumas vezes a correferência era feita sem nenhum outro recurso além do olhar, sendo a ação do sujeito relatada por meio de verbos acompanhados pelo olhar, o que pode ser observado naqueles sujeitos que marcaram adequadamente a localização física das personagens;
- Uso da expressão facial (sem nenhum outro recurso): durante a sinalização, alguns sujeitos marcaram a mudança de personagens apenas com a

mudança da expressão facial. Nesses casos, a expressão facial marcava os sujeitos por meio dos sentimentos desses expressados pelo rosto;

- Uso da expressão facial juntamente com a mudança do posicionamento do corpo: algumas vezes, a personagem era marcada por meio desses dois recursos simultâneos, ou seja, mudança na expressão facial e corporal marcando alternância de personagens.
- Datilologia: É a escrita do nome relativo ao substantivo (próprio ou comum), realizada por meio do alfabeto manual – alguns sujeitos, por não conhecerem todos os sinais correspondentes às personagens, buscavam no inventário lexical do português os nomes correspondentes (quando conheciam), ou perguntavam aos colaboradores (no caso de nomes próprios) antes da realização da narrativa. Outros criavam sinais provisórios a partir de características físicas das personagens correspondentes;
- Elipse do sujeito: é comum o uso dessa elipse quando se usa verbos direcionais, o que já foi reportado por Ferreira Brito (2010); entretanto, alguns sujeitos do teste utilizaram elipses sem nenhuma marca distintiva, o que acabou comprometendo a narrativa, uma vez que não foi possível, nesses casos, recuperar a referência.

Após elencar essas questões, Bernardino (2000, p. 128) conclui que “[...] faz-se necessário uma pesquisa detalhada sobre os recursos referenciais na Libras, a fim de confirmar o que aqui se levanta”. Assim sendo, concordamos que “[...] um estudo mais aprofundado da correferência na Libras pode conduzir a uma sistematização de comportamentos que subjazem esse fenômeno” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 122).

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza básica, de cunho qualitativo, baseada em uma perspectiva metodológica de revisão bibliográfica, bem como documental, de campo, além da estar ancorada na Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2003), tendo em vista a construção de um *Corpus* Paralelo, que consiste em um conjunto de textos originais, em uma língua de partida A e suas versões traduzidas em uma língua B. Tal *corpus* permite que comparemos semelhanças e diferenças entre as versões originais e as traduções, no que diz respeito, por exemplo, a um fenômeno linguístico (BAKER, 1993).

A necessidade de construção desse *Corpus* Paralelo surgiu devido à proposta da pesquisa, a qual envolve a interface Português-Libras. Se o nosso trabalho fosse voltado somente à LP, encontraríamos, sem dúvida, diversos corpora disponíveis para a pesquisa; porém, a proposta vai além, envolve uma língua oroauditiva e uma visuoespacial. Não obstante, não há um *corpus* disponível em Libras que atendam aos objetivos propostos nesta pesquisa. O que fazer nessa situação? Resolvemos construí-lo. Certamente que não se trata de um *corpus* imenso - até porque isso requer muitos artefatos que vão além do desenvolvimento de uma tese -, por isso, o *corpus* fora organizado para as análises desta pesquisa. Quanto a essa questão do tamanho do *corpus*, Viana (2011) argumenta que

Não há regras consistentes e seguras que possam ser seguidas para determinar o tamanho ideal de um *corpus*. Em vez disso, você terá de tomar essa decisão baseado em fatores como as necessidades de seu projeto, a disponibilidade de dados e a quantidade de tempo de que você dispõe. *É muito importante, no entanto, que não se suponha que maior é sempre melhor. Você pode descobrir que consegue obter mais informações úteis de um *corpus* que é pequeno, mas bem planejado, do que de um que é maior, mas não é personalizado para atender às suas necessidades* (VIANA, 2011, p. 29, grifos nossos).

Isso implica em afirmar que a questão da representatividade do *corpus* não está necessariamente relacionada ao seu tamanho, mas sim às análises de qualidade que são realizadas nele. Em outras palavras, não há uma definição clara sobre a dimensão que um *corpus* deva ter, ele será criado conforme a necessidade, o tempo e o objetivo da pesquisa.

3.1 PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO CORPUS PARALELO

Para as análises pretendidas, foram coletados recortes textuais escritos em LP e traduzidos para a Libras²⁸. Esses recortes textuais escritos em LP foram extraídos de fontes diversas, como Jornais, Revistas, Livros, Artigos. Inicialmente, em uma perspectiva mais ousada, era nossa intenção coletar recortes textuais constituídos por todos os elementos da *Referenciação*. Fizemos isso durante um determinado período; entretanto, conforme fomos delimitando a pesquisa, usamos como critério definitivo de coleta recortes textuais escritos compostos por anáforas diretas e as suas subdivisões, considerando os pressupostos da teoria sociocognitivointeracional da *Referenciação*:

- **Anáfora direta/correferencial**
 1. Anáfora pronominal;
 2. Anáfora por repetição;
 3. Anáfora sinonímica;
 4. Anáfora por hiperonímia;
 5. Anáfora por nomes genéricos;
 6. Anáfora por descrições definidas.

Para conduzir as análises, os recortes textuais escritos coletados foram contemplados por pelo menos dois períodos sintáticos que considerassem a aparição do *referente* e do *elemento referencial*, como o exemplo a seguir:

Um ganso costumava entrar na casa. O pássaro era atraído pela despensa.
Referente *Elemento Referencial*

²⁸ Muitas das escolhas metodológicas instauradas neste trabalho surgiram devido à necessidade de imbricar-se à proposta maior de pesquisa do Porlibras. Entre essas escolhas metodológicas direcionadas podemos citar, por exemplo, a relação entre a Libras e a LP, em um viés tradutório, além da seleção de recortes textuais em LP de forma aleatória.

Com esses recortes textuais coletados em LP escrita, e organizados dentro dos processos anafóricos pertencentes, o próximo passo foi encontrar o sujeito surdo para a realização da tradução para a Libras²⁹.

Como fazíamos curso de Libras junto ao Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), os dois primeiros participantes foram professores de Libras desse local, sendo eles surdos natos, fluentes em Libras, ou seja, aprenderam a Libras ainda quando crianças. Fizemos as gravações dos recortes textuais em Libras no CAS, uma vez por semana, em uma sala cedida nesse espaço, com os equipamentos para gravação do próprio centro, haja vista que nesse local eles já executavam o trabalho de filmagem para atender às necessidades dos cursos que ofertam.

É importante destacar que dessa parceria estabelecida entre nós e o CAS, surgiu o Projeto de Extensão, que ainda está em andamento, “*Língua Portuguesa para surdos: o bilinguismo em evidência*”, coordenado pelo Professor Dr. Jorge Bidarra.

Tínhamos também, no momento das traduções, a presença de um Tradutor e intérprete de Língua Portuguesa e Libras (TILS), qualificado pelo Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (PROLIBRAS). Isso era necessário porque, caso aparecesse alguma palavra que o surdo não conhecesse, o intérprete explicaria o seu significado. Sendo assim, apresentávamos os recortes textuais ao informante surdo, o qual tinha pleno conhecimento que suas traduções seriam linguisticamente analisadas em uma pesquisa acadêmica, sem informar-lhe, no entanto, o foco da investigação para que não houvesse nenhuma influência na elaboração da tradução. Nesse procedimento, filmamos uma média de 110 recortes textuais traduzidos para a Libras.

Posteriormente, com a sala do Grupo de Inteligência Aplicada (GIA-Unioeste) equipada para as gravações, com câmera, fundo branco, luz, entre outras questões pormenores³⁰, optamos por trabalhar nesse ambiente, com outro intérprete e com outro informante surdo nato, também professor de Libras, totalizando a participação

²⁹ Considerando a necessidade de lidar diretamente com seres humanos durante o desenvolvimento da pesquisa, em especial com os surdos, submetemos o projeto desta tese ao Comitê de Ética, o qual aprovou a realização da pesquisa no dia 11/03/2016, por meio do parecer N. (CAAE) 53133816.0.0000.0107.

³⁰ O professor Jorge Bidarra adquiriu os equipamentos necessários.

colaborativa de 3 sujeitos surdos natos, professores de Libras, bem como de 2 TILS. O procedimento de filmagem dos recortes textuais nesse novo ambiente foi o mesmo usado desde o início; o que mudou foi o espaço, o surdo e o intérprete. Nesse novo ambiente, filmamos mais 150 recortes textuais, totalizando 260 traduções em Libras³¹. Conforme fomos tendo acesso aos recortes textuais traduzidos para a Libras, em vídeo, fomos anotando-os para a glosa-Libras, com o auxílio da ferramenta ELAN, conforme veremos na seção seguinte.

Vale destacar que essa etapa de tradução da LP para a Libras, inicialmente, foi complexa, devido a diversos fatores, entre eles, os recortes textuais extensos estavam impondo diversas dificuldades junto aos tradutores, em parte motivadas pela complexidade sintática e até mesmo semântica (mesmo com o auxílio do TILS). Houve casos de alguns recortes textuais chegarem na Libras sem nenhum fenômeno anafórico, por falta, às vezes, de compreensão linguística, o que, obviamente, fez-nos repensar sobre o *modus operandi*. Assim sendo, procuramos trabalhar com recortes textuais mais simples, prezando sempre pela aparição do *referente* e do *elemento anafórico*.

3.1.1 Anotação dos vídeos

Para que pudéssemos detectar o momento exato em que cada processo referencial se iniciava e era concluído na Libras, os vídeos foram submetidos à ferramenta tecnológica de anotação ELAN³², que permite criar, editar, visualizar e procurar anotações por meio de dados de vídeo e áudio. Essa ferramenta foi projetada especificamente para a análise de línguas, da LS e de gestos, mas pode ser usada por todos que trabalham com corpora de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação desses (QUADROS; PIZZIO, 2007).

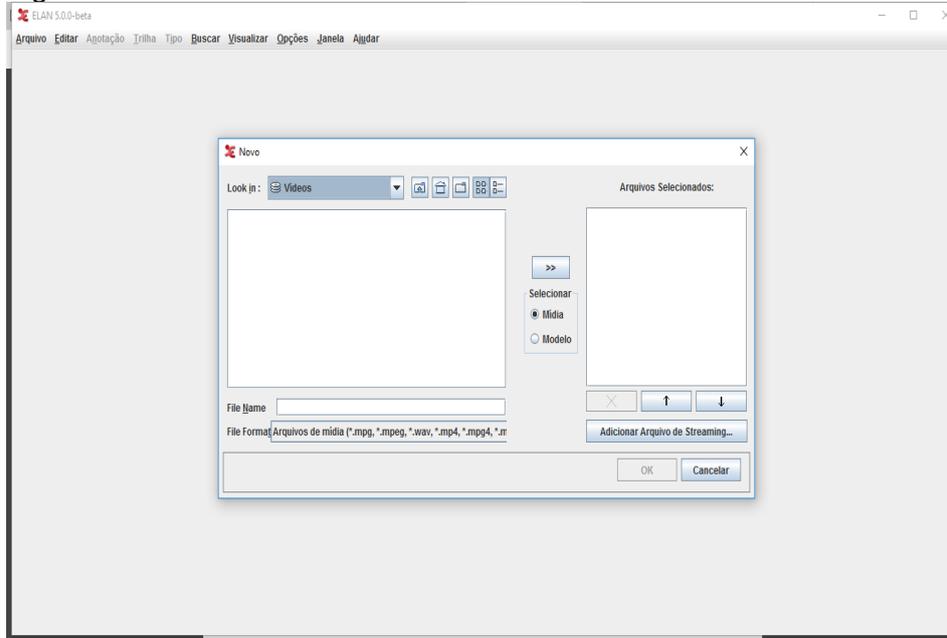
O ELAN permite ao investigador o cotejo de informações linguísticas relevantes, tanto para fins de descrição linguística quanto para análises de fenômenos linguísticos especificamente relacionados às Línguas de Sinais. Assim

³¹ Esse trabalho resultou em um *Corpus* Paralelo Português-Libras disponível na íntegra em “APÊNDICES” no final da Tese: APÊNDICE II - *CORPUS* PARALELO PORTUGUES-LIBRAS (INTEGRAL), composto pelos 260 recortes textuais em LP e em glosa-Libras; APÊNDICE III - CD: VÍDEO DO *CORPUS* PARALELO PORTUGUÊS-LIBRAS (INTEGRAL), composto também pela tradução do surdo em Libras.

³² Software gratuito, disponível para download em <http://www.latmpi.eu/tools/elan/>

sendo, esse *software* nos permitiu não apenas realizar as anotações dos dados, mas também delimitar cada um dos pontos iniciais e finais do referente e do elemento referencial. A figura 15 demonstra a tela inicial do referido programa:

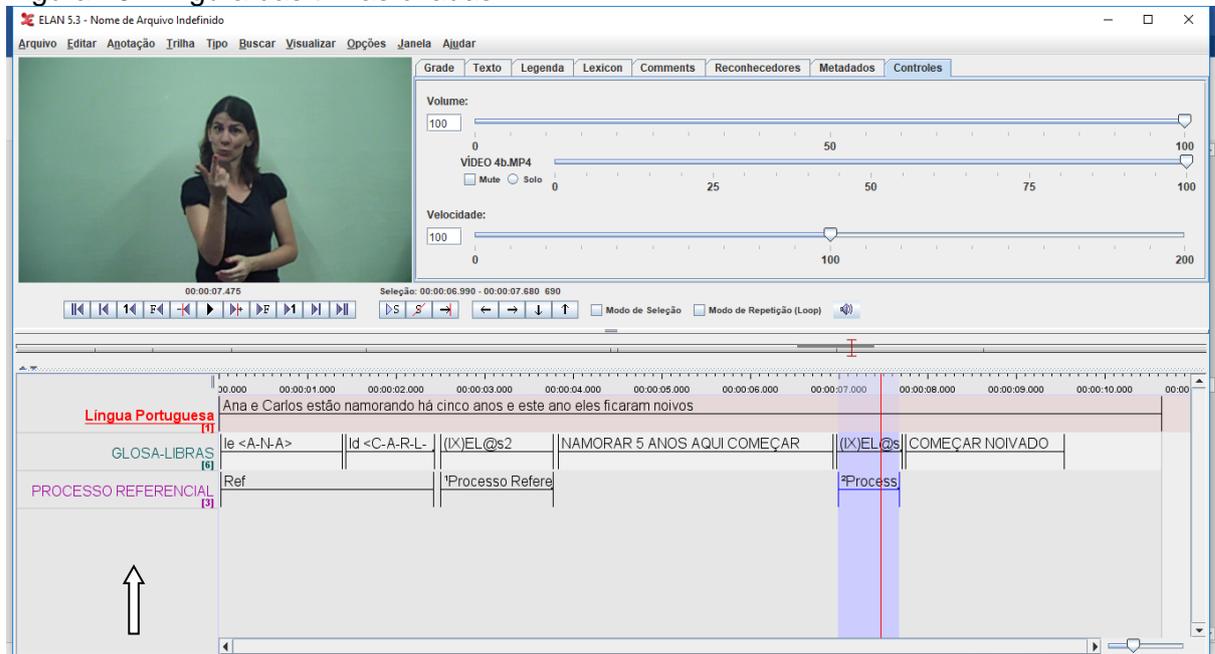
Figura 15 – Tela Inicial do ELAN



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para um trabalho sistematizado com a ferramenta, o primeiro passo foi a definição das trilhas necessárias para a anotação de dados específicos. Optamos por criar três trilhas, sendo a primeira destinada ao recorte textual em LP; a segunda referente à glosa-Libras, obedecendo às convenções para a anotação; a terceira trilha foi para anotar e identificar o referente e o elemento referencial presente na glosa-Libras. Ressaltamos que a anotação contida em cada trilha foi realizada manualmente, ou seja, o software não realiza as anotações de forma automática, cabe ao pesquisador realizar esse trabalho (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009). Na sequência, a figura 16 apresenta as trilhas criadas:

Figura 16 – Figura das trilhas criadas



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

O processo de anotação ocorreu com o auxílio de TILS. Adotamos o sistema de anotação dos sinais por meio de glosas proposto em Quadros e Pizzio (2007), sendo que aquilo que não compunha esse sistema foi acrescido por nós para atender às necessidades das anotações. Tal sistema é utilizado na anotação do Português para Libras a fim de aproximar o significado de um signo de uma língua na outra. Essa anotação facilita a análise dos fenômenos linguísticos na passagem de uma língua para outra (SANTOS, 2012). No quadro 3 destacamos o sistema de anotação utilizado:

Quadro 3 – Sistema de Anotação para Glosas-Libras

1)	GOVERNO	Letras maiúsculas indicam glosas na língua de Sinais;
2)	Recorte textual ou sinal precedido de *	Indica que o recorte textual ou sinal é agramatical;
3)	sf	Sobrancelhas franzidas;
4)	IX	Indexação. Marcação de dêiticos e anáforas;
5)	+++	Repetição de sinais;

6)	Ef	Expressão facial;
7)	XXX	Sinal não identificado;
8)	'<c-r-í-t-i-c-o>'	Indica datilologia. Ocorrência de empréstimo linguístico da Língua Portuguesa;
9)	fs(CRÍTICO)	Indica que a palavra será soletrada;
10)	< >	Indica topicalização no recorte textual ou sinal;
11)	CL (menino-subir-árvore-cair)	
12)	^	Indica sinal composto CAVALO^LISTRA = Zebra MATERIAL^VÁRIOS = objeto
13)	ACENAR-COM-A-MÃO	Indica o uso do hífen entre as glosas é a ocorrência de um item lexical.
14)	NÃO-TER	Glosas com mais de uma palavra devem ser ligadas com hífen;
15)	POSS	Indica possessivo seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses. Ex. POSS (Maria)
16)	SELF	Indica reflexivo seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses. Ex. SELF(mãe).
17)	ID	Indica verbos indicativos. Nomear com uma glosa ID para cada sinal; na o adicionar informação sobre os referentes. Ex. DAR, IR
18)	DV – verbos descritivos; classificadores.	Usar a glosa 'DV' seguida da descrição entre parênteses (hífen entre as palavras). Ex. DV(pássaro-sentado-árvore).
19)	∅	Marca uma elipse
20)	(_)	Indica um sinal congelado. Adicionar o sinal (_) ao final da glosa, nesse caso o enunciador 'congela' o sinal enquanto pensa no próximo. Ex. AGORA_
21)	[?]	Indica que um sinal não está claro. Adicionar [?] no final da glosa; adicionar uma anotação na linha 'Sign pho' se possível.
22)	[=?	Digitar a primeira opção de glosa. Ex.
23)	Sinal não claro (o anotador oferece uma glosa alternativa)	LARANJA[=?SÁBADO]

24) YYY	Cada sinal não claro no enunciado recebe a glosa YYY (pode haver mais de um). Adicionar a descrição de cada glosa YYY na linha 'Sign pho'. Ex. QUERO YYY POR-FAVOR
25) Sinal não claro (o anotador não conhece o sinal, mas pode transcrever a forma).	
26) < >qu	Indica palavra ou sentença interrogativa. Ex. <O QUE MARIA QUERER>qu
27) Sn	Indica interrogativa do tipo sim-não. Ex. <ANA TRABALHAR ESCOLA>sn
28) &=	Indica efeitos sonoros. Som do tipo de choro, risada e assobio, são indicados com &= seguido do som correspondente. Ex. &=risada
29) ~	Indica uma expressão facial diferenciada. Ex. <QUEM>qu~
30) Enm	Expressões não-manuais;
31) Ob	Direção do olhar para baixo;
32) Oc	Direção do olhar para cima;
33) Od	Direção do olhar para direita;
34) Oe	Direção do olhar para esquerda;
35) Bad	Boca aberta para direita;
36) Ml	Movimento com os lábios;
37) [...]	Pausa na sinalização manual;
38) #	Pausa dentro do recorte textual e/ou discurso;
39) @	Gênero não identificado
40) Md	Indica mão direita
41) Me	Indica mão esquerda.
42) INF ()	Indica inferência (explicação) de determinada palavra cujo conceito e signo em Libras ainda não estão elaborados. Ex. INF(lugar ter vivo pessoa pres@ já julgar processo), isto para explicar penitenciária.
43) Ld	Após o IX indica marcação do referente no espaço à direita Ex.: IXld(ELE)
44) Le	Após o IX indica marcação do referente no espaço à esquerda. Ex.: IXld(ELE)

45) IXle()IXId	Indica o deslocamento de um referente (marcado no lado esquerdo) para o outro referente (marcado no lado direito). Ex. 1: IXle(IGREJA) IXId(GOVERNO) IXle(SEPARAR)IXId Ex. 2: IXle(PAÍS BRASIL) DECISÃO DECLARAR GUERRA IXle(CONTRA)IXId PAÍS ALEMANHA.
46) < >+++	Um conjunto de signos escrito dentro dessa marcação < >+++ significa que há repetição do(s) signos. Pode ocorrer juntamente do IX Ex.: IX(<INFORMAÇÃO-DIRETO-CORAÇÃO>)+ Ou pode ocorrer no espaço aleatoriamente, ex.: <PESSOA CONFLITO>+++
47) Sistema pronominal: Dual: EL@S2; NÓS2; VOCÊS2 Trial: EL@S3; NÓS3; VOCÊS3 Qautrial: EL@S4; NÓS4; VOCÊS4	Usado para retomar mais de um referente, localizados anteriormente no espaço enunciativo. Ex.: IXle(HOMEM) IXId(MULHER) EL@S2.
48) ef<sentimento emoção> ef<dor> ef<dó/pena> ef<brav@> ef<chatead@> ef<preocupad@>, etc..	Após determinado signo indica a expressão facial do enunciador. Ex.: 1. IX(TOCAR-CORAÇÃO)ef<sentimento emoção> 2. POR CAUSA DERRAME-CEREBRAL CORPO IX(del@) MOVIMENTO NADAef<nada-zero> 3. FICAR QUARTO HOSPITAL LUGAR DOENÇA GRAVEef<profunda>
49) Mpc < >	Mudança de Postura Corporal: Mpc <J-O-A-O>: AGUA POR FAVOR SEDE TER Mpc <mulher: AGUÁ FRIO?

Fonte: Adaptado e ampliado de Quadros e Pizzio (2007).

3.1.2 Estruturação e organização do *corpus* para as análises

Após realizar as anotações, constituímos o então denominado *Corpus Paralelo Português-Libras*: de um lado, os recortes textuais em LP; de outro, suas

respectivas traduções em glosa-Libras, dispostos em quadros, como no exemplo a seguir:

Quadro 4 - Corpus Paralelo Português-Libras

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
<p><u>A roupa</u> ficou mofada na gaveta. ¹Elas precisam ser lavadas amanhã.</p>	<p>GAVETA AQUI TER <u>ROUPA</u> MANCHA^PRETA = mofo. AMANHÃ PRECISAR ¹(IX)LAVAR (CL-ob- ef<preocupad@>).</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Podemos observar no referido quadro que tanto nos recortes textuais em LP quanto nas glosas-Libras, o *referente* e o *elemento referencial* são destacados para facilitar a visualização. O *referente* é destacado por sublinhado e o **elemento referencial** em negrito. Quando necessário, foram usados outros recursos de realce durante as análises.

Para efeito de organização, esse *corpus* foi agrupado a partir das categorias de anáforas diretas selecionadas em Português, a fim de verificar como a anáfora que ocorre nessa língua chega na Libras, a saber:

Anáfora Direta/Correferencial

1. Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora pronominal na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?
2. Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora por repetição na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?
3. Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora sinonímica na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?
4. Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora por hiperonímia na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?
5. Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora por nomes genéricos na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

6. Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora por descrições definidas na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Conforme disposição, a *Anáfora Direta/Correferencial*, sem recategorização e com recategorização, é subdivida em seis possíveis situações; isto é, há 6 Conjuntos Anafóricos (CA).

Após essa explanação sobre o procedimento metodológico, o diagrama a seguir sumariza as principais etapas práticas desse percurso:

Figura 17 - Diagrama do procedimento metodológico



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Feitas as explicações e justificativas metodológicas, no capítulo a seguir analisamos o *corpus* selecionado.

4 ANÁLISE DO PROCESSO REFERENCIAL NA INTERFACE PORTUGUÊS-LIBRAS

Neste capítulo, concentramos as análises da pesquisa. Como explicado no capítulo anterior, construímos um *Corpus* Paralelo Português-Libras específico para esta pesquisa. Desse *corpus*, selecionamos cinco situações representativas de cada conjunto anafórico. Inicialmente, analisamos as anáforas diretas na LP, conforme os estudos realizados na perspectiva sociocognitivointeracional da *Referenciação*, pois foi esse o critério escolhido para a seleção dos recortes textuais coletados. Posteriormente, examinamos o referido fenômeno linguístico na glosa-Libras verificando a possível mudança ou não de categoria, além da sua manutenção ou não, a partir das teorias estudadas, notadamente, com relação à perspectiva da *Referenciação* e à proposta de análise dos processos referenciais nas LSs, em especial a de Pizzuto et al. (2006). Concordamos que essas teorias dialogam entre si, principalmente no que diz respeito aos autores modernos da *Referenciação* (CIULLA, 2008; SANTOS; CAVALCANTE, 2014; PEREIRA, 2015; MORAIS, 2017, entre outros) e Pizzuto et al. (2006)³³.

4.1 OCORRÊNCIAS ANAFÓRICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA. E NA LIBRAS, COMO FICAM?

Nessa seção e subseções, apresentamos e analisamos o *Corpus* Paralelo composto pelas anáforas diretas na LP, com o objetivo de perceber como essas anáforas chegam na Libras. Integraram as anáforas diretas seis CA: anáfora pronominal, anáfora por repetição, anáfora sinonímica, anáfora por hiperonímia, anáfora por nomes genéricos e anáfora por descrições definidas. De modo geral, as anáforas diretas representam uma relação de correferencialidade com alguma expressão cotextual (APOTHÉLOZ, 2003).

³³ Destacamos que não incluímos nas discussões e nas análises as escolhas linguísticas feitas pelos tradutores, nem mesmo comparamos as traduções de um surdo com as dos outros; centramo-nos apenas no elemento linguístico de interesse desta pesquisa.

4.1.1 CA 1: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta pronominal na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

O primeiro CA selecionado para análise é o da anáfora direta pronominal. Foi nosso interesse observar como a anáfora direta por pronome em LP se estabelece na Libras. A anáfora pronominal, na perspectiva da *Referenciação*, ocorre quando o enunciador usa um pronome como forma de retomar o referente já citado anteriormente: “acontece quando um pronome (pessoal ou demonstrativo) retoma um sintagma nominal” (HAAG; OTHERO, 2003, p. 68). No quadro 5 apresentamos esse CA retirado do *Corpus Paralelo*:

Quadro 5 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora pronominal

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(1a) <u>A roupa</u> ficou mofada na gaveta. Elas precisam ser lavadas amanhã.	(1b) GAVETA AQUI TER <u>ROUPA</u> MANCHA^PRETA=MOFO. AMANHÃ PRECISAR (IX)ØLAVAR (CL-ob-sf-ef<preocupad@>) .
(2a) Susana encontrou <u>o casal</u> no cinema. Eles estavam muito unidos e felizes.	(2b) <S-U-Z-A-N-A> ENCONTRAR <u>CASAL</u> <u>HOMEM-MULHER</u> LUGAR CINEMA. (IX)EL@s2 FELIZES UNIDOS.
(3a) Quando <u>Maria</u> foi jantar na casa de Joana, ela comeu comida japonesa.	(3b) <M-A-R-I-A- Id> ID IR CASA AMIG@ <J-O-A-N-A-le> COMER^NOITE=JANTAR. IXId(EL@) COMER JAPONÊS.
(4a) <u>Ana e Carlos</u> estão namorando há cinco anos e este ano eles ficaram noivos	(4b) <u>le <A-N-A> Id <C-A-R-L-O-S></u> (IX)EL@s2 NAMORAR 5 ANOS AQUI COMEÇAR. (IX)EL@s2 COMEÇAR NOIVADO.

(5a) Meu <u>computador</u> quebrou. Vou levá-lo para arrumar.	(5b) <u>COMPUTADOR</u> MEU QUEBRAR sf. (IX)ØLEVAR CONSERTAR ~ sf-ef <dó/pena>.
---	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para melhor visualização, rerepresentamos os integrantes do CA 1, (1a) e (1b), para então iniciar o processo analítico:

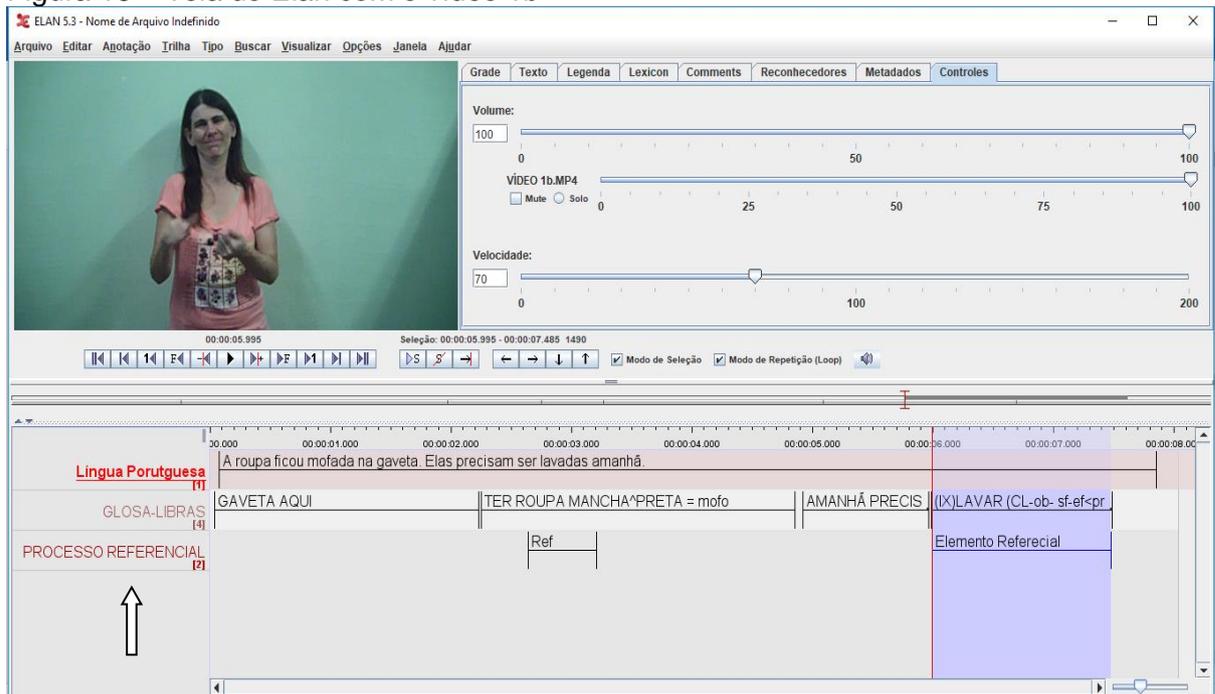
(1a) <u>A roupa</u> ficou mofada na gaveta. Elas precisam ser lavadas amanhã.	(1b) GAVETA AQUI TER <u>ROUPA</u> MANCHA^PRETA=MOFO. AMANHÃ PRECISAR (IX)ØLAVAR (CL-ob-sf-ef<preocupad@>).
--	--

Nesse quadro, temos, em LP, o recorte textual (1a) composto pelo referente “a roupa” e pelo elemento referencial “elas”, que se caracteriza como uma anáfora correferencial pronominal, uma vez que o objeto do discurso ativado no cotexto é retomado por meio de um pronome. Já na glosa-Libras (1b), ocorre outro processo referencial: o referente “ROUPA” é retomado mediante o ato de LAVAR, por meio da configuração de mão em A () , com propriedades visíveis da relação entre o referente e o elemento referencial, além do olhar específico e da expressão facial marcada. Assim sendo, o sinalizante retoma e aponta simultaneamente para o objeto do discurso em destaque, ROUPA, caracterizando a constituição de um dêitico-anafórico, produzido por meio de uma complexa unidade manual e não manual, ou seja, por meio de uma expressão altamente icônica *EAI/Transferência* – (IX)ØLAVAR (CL-ob-ef<preocupad@>) (PIZZUTO et al., 2006). Em outras palavras, após a determinação espacial, a correferência é feita mediante a ação do sinalizante relatada por meio do verbo classificador LAVAR atrelado às outras *EAI/Transferências*. Um aspecto relevante das *EAI/Transferências* é exatamente o fato de que elas podem ser combinadas entre si, ou até com sinais padrões, para codificar informações sobre o referente, conforme vimos nesse exemplo (PIZZUTO et al., 2006). Por todas essas questões, é possível designar, nessa tese, esse processo referencial (1b) como um *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*. Tendo em vista que a Libras, assim como qualquer LS, é organizada espacialmente, de

forma visual, o uso de *EAI/Transferência* pelo sinalizante consegue retratar, nesse espaço, o objeto do discurso da melhor forma possível para a compreensão do interlocutor (REIS; BIDARRA, 2016).

Antes de prosseguir com outros exemplos do CA 1, para efeito de visualização, apresentamos a figura da tela do programa Elan com o vídeo (1b), tendo em vista as trilhas criadas, entre elas a glosa-Libras.

Figura 18 – Tela do Elan com o vídeo 1b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Em sequência às análises, para efeito de ilustração, trazemos novamente, em formato de quadro, os componentes do CA 1, (2a) e (2b):

<p>(2a) Susana encontrou <u>o casal</u> no cinema. Eles estavam muito unidos e felizes.</p>	<p>(2b) <S-U-Z-A-N-A> ENCONTRAR <u>CASAL</u> <u>HOMEM-MULHER</u> LUGAR CINEMA. (IX)EL@S2 FELIZES UNIDOS.</p>
--	---

No recorte textual (2a), em Língua Portuguesa, temos como referente “o casal”, que é retomado mediante uma anáfora correferencial pronominal “eles”. Na glosa-Libras (2b), o próprio referente sofre alteração ao ser construído da seguinte forma: *CASAL-HOMEM-MULHER*, ou seja, depois de realizar o sinal de *CASAL*,

destaca-se no espaço referencial que esse sinal, nesse contexto, é composto por dois integrantes, HOMEM-MULHER, ficando disponível para possíveis retomadas. Nesse exemplo, o referente é retomado da seguinte maneira: (IXId)EL@S2, por meio da configuração de mão em P (✌️), orientando a cabeça e os olhos em direção à localização em que o sinal CASAL-HOMEM-MULHER foi construído. Assim sendo, observamos nesse processo referencial a presença de uma anáfora pronominal atrelada a um dêitico – marcado pelo sinal EL@S2 (sistema pronominal *dual*, conforme FERREIRA BRITO; BERENZ, 2010) -, caracterizando um dêitico-anafórico de classe padrão, realizado por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (PIZZUTO et al., 2006). Nesta tese, denominaremos esse processo referencial em Libras como *dêitico-anafórico pronominal dual*. Os pronomes em Libras constituem-se do uso de contato de olhos, assim como de rápidas olhadelas: “olhar dirigido ao interlocutor”, ‘olhadela para o referente que não seja o interlocutor” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 118, destaques da autora).

Na figura 19, visualiza-se a tela do programa Elan com o vídeo (2b), considerando a glosa-Libras e a imagem em destaque:

Figura 19 – Tela do Elan com o vídeo 2b

The screenshot displays the ELAN 5.3 software interface. At the top, there is a menu bar with options like 'Arquivo', 'Editar', 'Apotação', 'Trilha', 'Tipo', 'Buscar', 'Visualizar', 'Opções', 'Janela', and 'Ajudar'. Below the menu is a video player showing a woman signing. To the right of the video player are control sliders for 'Volume' (set to 100), 'VEÍDO 2b.MP4' (set to 100), and 'Velocidade' (set to 100). Below the video player is a timeline with a selection bar indicating the current position at 00:00:06.620. The timeline shows the transcription of the video, with the Portuguese text 'Susana encontrou o casal no cinema. Eles estavam muito unidos e felizes.' and the corresponding Libras glosses: '<S-U-Z-A-N-A> ENCONTRAR | (CASAL HOMEM MULHE) LUGAR CINEMA | (IX)EL@ | FELIZES UNIDOS'. The Libras glosses are color-coded: red for the name, blue for the location, and green for the action. A vertical arrow points to the Libras gloss '(IX)EL@'.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, vejamos como sucede o processo referencial em (3a) e (3b), integrantes do CA 1:

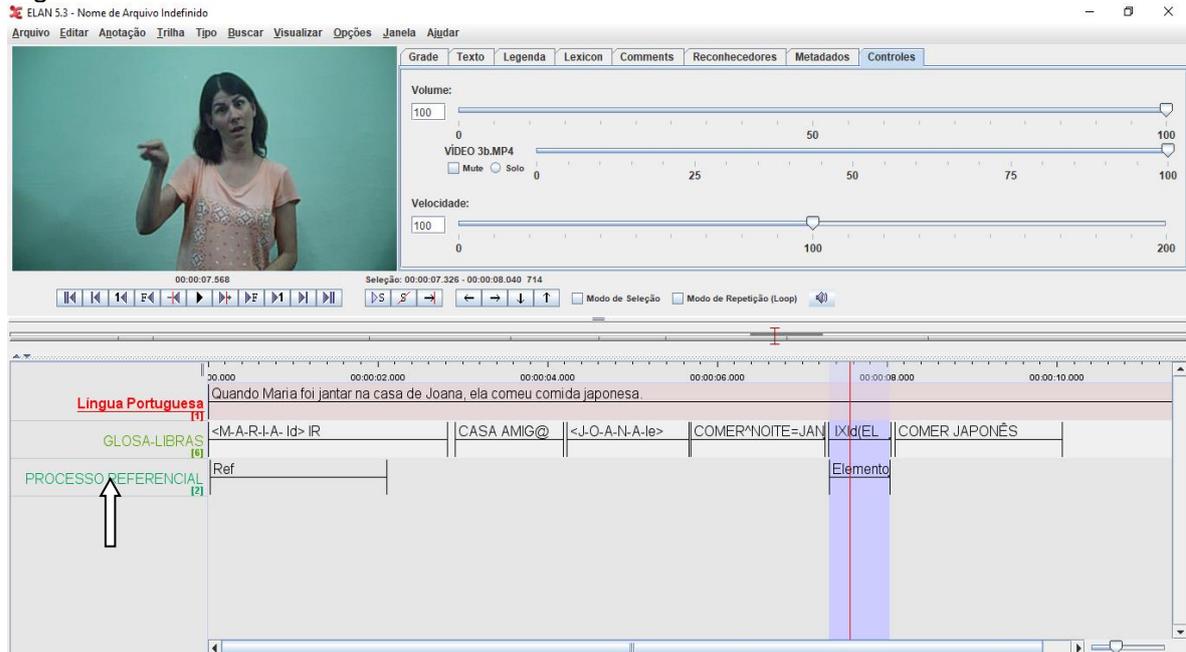
(3a) Quando <u>Maria</u> foi jantar na casa de Joana, ela comeu comida japonesa.	(3b) <M-A-R-I-A- Id> ID IR CASA AMIG@ <J-O-A-N-A-le> COMER^NOITE=JANTAR. IXId(EL@) COMER JAPONÊS.
---	---

No quadro 5, na sentença (3a), “Maria” é o objeto do discurso em evidência, retomado na sequência por uma anáfora direta pronominal, mediante o pronome pessoal “ela”. Apesar de o pronome pessoal ter como função designar diretamente uma das pessoas do discurso, em LP, esse recorte textual pode gerar certa ambiguidade, pois há a presença de mais um elemento feminino no entorno discursivo, “Joana”. Essa é uma questão interessante para se destacar desde já, uma vez que na Libras o processo referencial geralmente consegue retirar qualquer vestígio de imprecisão, por meio de correferência explícita. O uso do espaço é sistemático na LS, favorecendo a identificação clara e correta do referente (FERREIRA BRITO, 2010). Nesse sentido, na glosa-Libras (3b), o surdo apresenta o referente por meio da datilologia <M-A-R-I-A>, em um ponto específico do espaço - ‘loci’ <M-A-R-I-A- Id>, ou seja, o objeto do discurso em proeminência é indexado do lado direito (**Id**) do sinalizador, enquanto que o outro substantivo próprio feminino, <J-O-A-N-A>, é indexado do lado esquerdo. Após ser marcado de forma clara no espaço, o referente <M-A-R-I-A- Id> é retomado por apontamento manual –

configuração de mão em G () - e visual, do lado direito do sinalizador, o que não gera dúvida de que se trata de <M-A-R-I-A>. Junto à anáfora, há também a dêixis, apontando exatamente para o referente intencional. Isso se deve à exploração do espaço feita pelo pronome estabelecido em ponto específico, um recurso exclusivo da modalidade visuoespacial (FERREIRA BRITO, 2010). Temos nesse caso IXId(EL@), o qual podemos caracterizar, nesta tese, como um *dêitico-anafórico pronominal singular*.

Na figura 20, podemos ver a imagem da tela do programa Elan referente ao vídeo (3b) no exato momento da retomada:

Figura 20 – Tela do Elan com o vídeo 3b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Dando sequência às análises, rerepresentamos os integrantes do CA 1, (4a) e (4b):

<p>(4a) <u>Ana e Carlos</u> estão namorando há cinco anos e este ano eles ficaram noivos</p>	<p>(4b) <u>le <A-N-A> Id <C-A-R-L-O-S> (IX)EL@s2</u> NAMORAR 5 ANOS AQUI COMEÇAR. (IX)EL@s2 COMEÇAR NOIVADO.</p>
---	--

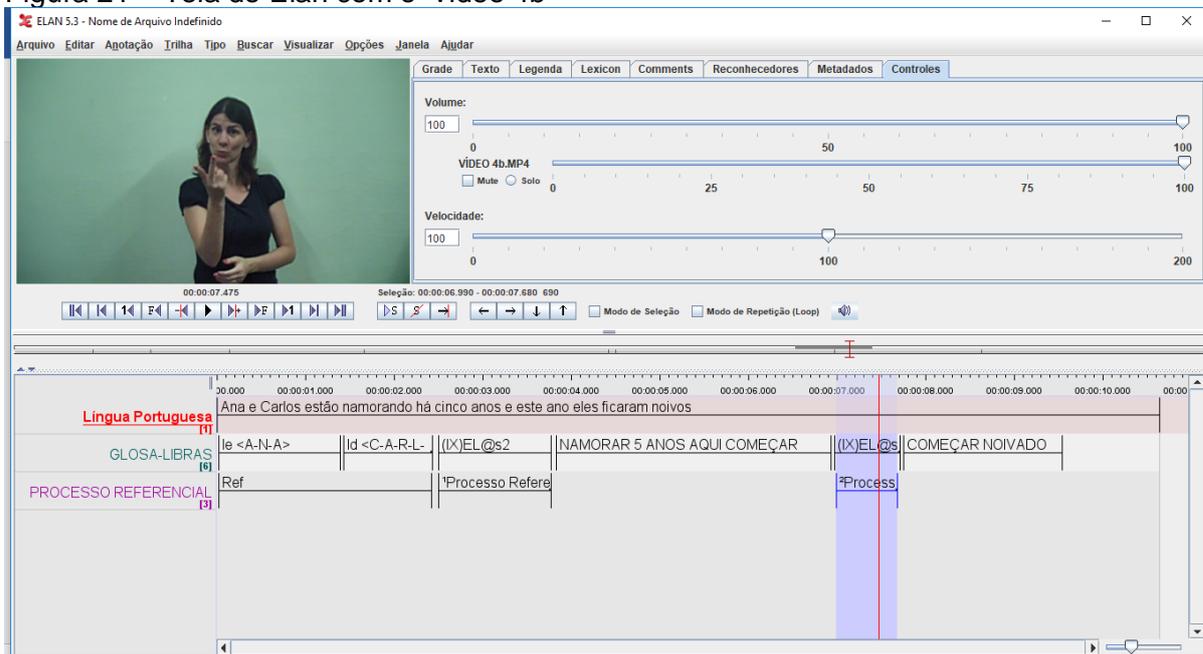
No recorte textual (4a) em LP, há a presença dos referentes “Ana e Carlos”, os quais são retomados no desenrolar discursivo por meio de uma anáfora correferencial pronominal “eles”. Na tradução para a Libras, o sinalizante primeiro constrói o espaço referencial marcando cada referente em uma determinada posição: le <A-N-A>; Id <C-A-R-L-O-S>. O referente <A-N-A> é construído do lado esquerdo do sinalizante e <C-A-R-L-O-S> do lado direito. Ambos fixados a esses pontos específicos no espaço, disponíveis para o manejo referencial, o próximo passo foi retomá-los, nesse caso, de uma só vez: (IX)EL@s2 (forma pronominal *dual*). Assim como vimos em (2a), nessa glosa-Libras (4b), o surdo desenvolve o processo referencial por meio do apontamento realizado pela configuração de mão em P, orientando a cabeça e os olhos em direção à localização em que os referentes

<A-N-A> e <C-A-R-L-O-S> foram construídas. A forma pronominal *dual* é, então, diretamente associada a esses *pontos* no espaço (QUADROS; PIZZIO ; REZENDE, 2009). Temos nessa situação um processo referencial simultâneo: anáfora e dêixis, constituindo o dêitico-anafórico de classe padrão, empregado em dois momentos da glosa-Libras (4b): a) (IX)EL@s2 NAMORAR 5 ANOS AQUI COMEÇAR; e b) (IX)EL@s2 COMEÇAR NOIVADO.

Quanto a esse processo simultâneo da anáfora e da dêixis, Schlenker (2016) compreende que “[...] if the pronoun is used anaphorically, the antecedent typically establishes a locus, which is then 'indexed' (=pointed at) by the pronoun. The antecedent Noun Phrases are accompanied with pointing signs that establish the relevant loci” (SCHLENKER, 2016, p. 7). Considerando as questões analisadas, temos em (4b) o que denominamos nesta tese de *dêitico-anafórico pronominal dual*.

A figura 21 apresenta a tela do programa Elan com o vídeo (4b), considerando a glosa-Libras e a imagem em destaque:

Figura 21 – Tela do Elan com o vídeo 4b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para finalizar o CA 1, com o intuito de uma melhor visualização, rerepresentamos em formato de quadro os componentes (5a) e (5b), antes do processo analítico:

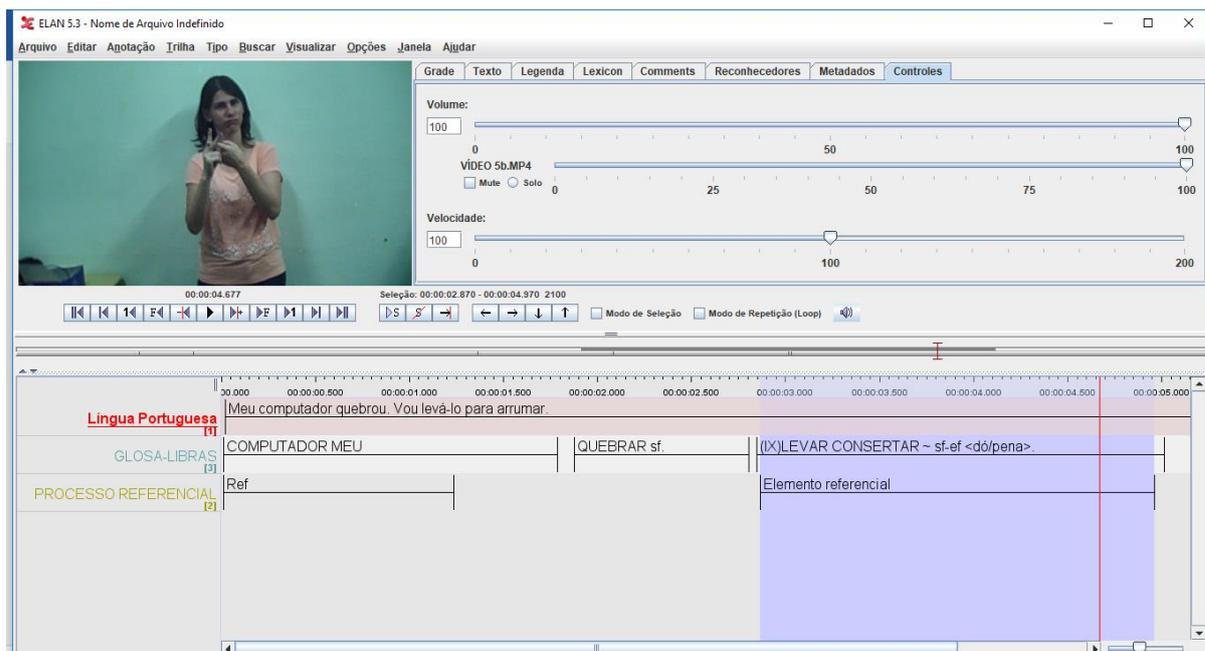
--	--

(5a) Meu <u>computador</u> quebrou. Vou levá-lo para arrumar.	(5b) <u>COMPUTADOR</u> MEU QUEBRAR sf. (IX)ØLEVAR CONSERTAR ~ sf-ef <dó/pena>.
---	--

No recorte textual (5a), integrante do quadro 5, temos como objeto do discurso “computador”, o qual é retomado mediante uma anáfora correferencial pronominal “lo”, em LP. Na glosa-Libras, o referente COMPUTADOR é reconstruído e forma diferente: (IX)ØLEVAR CONSERTAR ~ sf-ef <dó/pena>. O sinalizante retomou o referente em (5b) por meio dos dois verbos LEVAR e CONSERTAR, os quais, em paralelo com o olhar direcionado para o local no qual o referente foi construído – espaço neutro, fora do corpo -, constituem a correferência dêitico-anafórico de classe padrão, omitindo o sujeito da ação relatada. É comum o uso da elipse do sujeito quando se usa verbos espaciais (BERNARDINO, 2000), nesse caso, o verbo LEVAR.

Os verbos espaciais denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização. Vale destacar que alguns autores simplificaram a classificação dos verbos em apenas duas classes, sem e com concordância, incluindo os verbos espaciais nessa última categoria, por apresentarem o mesmo comportamento sintático (OLIVEIRA; CUNHA, 2009). Considerando essas questões, outro fator relevante no momento da retomada em (5b) é o uso da expressão facial específica associada aos verbos produzidos (IX)ØLEVAR CONSERTAR sf-ef <dó/pena>, o que nos permite estabelecer relação direta com o que foi enunciado no período anterior COMPUTADOR MEU QUEBRAR sf. Há, portanto, nessa glosa-Libras o processo referencial caracterizado, nesta pesquisa, como *dêitico-anafórico por elipse*.

Na figura 22, visualizamos a tela do programa Elan com o vídeo (5b). Nela é possível observar a sinalização de um dos verbos do processo referencial - CONSERTAR, acoplado à expressão facial:



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Com as análises do CA 1 realizadas, damos sequência então ao CA 2 o qual tem como foco de partida, na LP, a anáfora por repetição, a fim de verificar como esse processo referencial acontece na Libras.

4.1.2 CA 2: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por repetição na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Nesta subseção, apresentamos e analisamos o *Corpus* Paralelo Português-Libras composto, em LP, pela anáfora direta por repetição, ou conforme denominada por Haag e Othero (2003), anáfora correferencial cossignificativa, constituindo o segundo CA de análise. Há cossignificação porque ocorre a repetição lexical e o significado se mantém. Esse é um caso de correferência sem recategorização do referente, conforme discutimos no capítulo teórico. Seguindo a dinâmica anterior, faremos um paralelo entre a LP e a Libras. Organizamos, no quadro 6, os recortes textuais que compõem o segundo CA:

Quadro 6 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por repetição

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras

(6a) Comprei várias <u>revistas</u> ontem. As revistas eram muito interessantes.	(6b) <u>REVISTAS</u> VÁRIAS <u>COMPRAR+++</u> ONTEM. <u>(IX)REVISTAS</u> <u>ESS@S</u> INTERESSANTES ef<admirado>.
(7a) <u>Minhas</u> <u>camisetas</u> estão amassadas. Preciso passar essas camisetas urgentes.	(7b) <u>CAMISETAS</u> <u>MINHAS</u> AMASSADAS. PRECISAR RÁPIDO <u>(IX)ØPASSAR (CL- ob-ef<preocupad@>)</u> .
(8a) Eu encontrei um lápis e <u>uma caneta</u> . Infelizmente a caneta não escreve.	(8b) EU ENCONTRAR LÁPIS UM sf TAMBÉM <u>CANETA</u> ef <admirada>, MAS <u>(IX)CANETA-od-ef<chateada></u> NÃO-ESCREVER ef <decepção> sf.
(9a) <u>Um escritor</u> chegou hoje. O escritor veio lançar seu mais recente livro.	(9b) <u>HOMEM^ESCREVER= ESCRITOR</u> LIVRO CHEGAR HOJE. LIVRO <u>(IX)EST@ (IX)ØESCREVER-enm<oe-sf-ml></u> NOVO.
(10a) Durante a conferência, <u>o Professor Doutor José Mendonça</u> pediu a palavra. O professor insinuou que o conferencista estava cometendo um sério engano.	(10b) CONFERÊNCIA <u>PROFESSOR</u> sf <u>DOUTOR NOME</u> sf <J-O-S-E M-E-N-D-O-N-Ç-A> ID IR DISCURSO. <u>(IX)EL@ FALAR (IX)PROFESSOR</u> FALAR sf ef <bravo> ENGANAR PESSOA.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

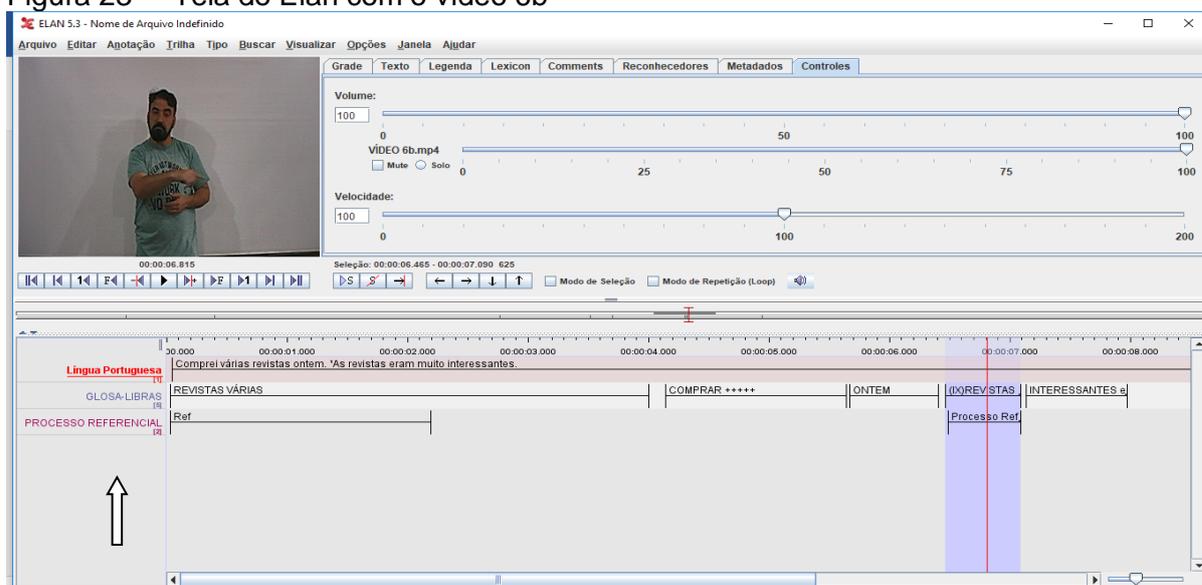
Para melhor visualização, rerepresentamos os integrantes do CA 2, (6a) e (6b), para então dar sequência ao processo analítico:

(6a) Comprei várias <u>revistas</u> ontem. As revistas eram muito interessantes.	(6b) <u>REVISTAS</u> VÁRIAS <u>COMPRAR+++</u> ONTEM. <u>(IX)REVISTAS</u> <u>ESS@S</u> INTERESSANTES ef<admirado>.
---	---

Nesse quadro, no recorte textual (6a), em LP, localizamos o referente “revistas”, que é retomado, logo na sequência, por uma repetição lexical “as revistas”, ou seja, houve, nesse processo correferencial, a repetição do núcleo, atrelado a um determinante, sem recategorização. Na Libras, representada pela glosa-Libras, o referente REVISTAS é retomado pelo sujeito surdo por meio da repetição (IX)REVISTAS, junto a um pronome demonstrativo (IX)REVISTAS ESS@S, constituído pelo apontamento manual e visual, mediante à configuração de mão G, seguido da orientação da mão e da direção do olhar no espaço referencial previamente estabelecido, caracterizando então todo esse processo como dêitico-anafórico de classe padrão (PIZZUTO et al. 2006), sem recategorização. Acreditamos que isso reforça ou destaca a informação em questão, uma vez que chama a atenção do destinatário para o objeto do discurso que se encontra saliente. Nesse sentido, os estudos sobre as relações anafóricas com demonstrativos dêíticos têm cada vez mais apontado para o entrelaçamento desses conceitos e para tênue relação que há entre eles (MORAIS, 2017). Diante disso, nesta pesquisa, denominamos esse processo referencial como *dêitico-anafórico cossignificativo-pronominal*.

Na figura 23, observamos a tela do programa Elan, com as trilhas Glosa-Libras, Processo Referencial e Língua Portuguesa:

Figura 23 – Tela do Elan com o vídeo 6b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

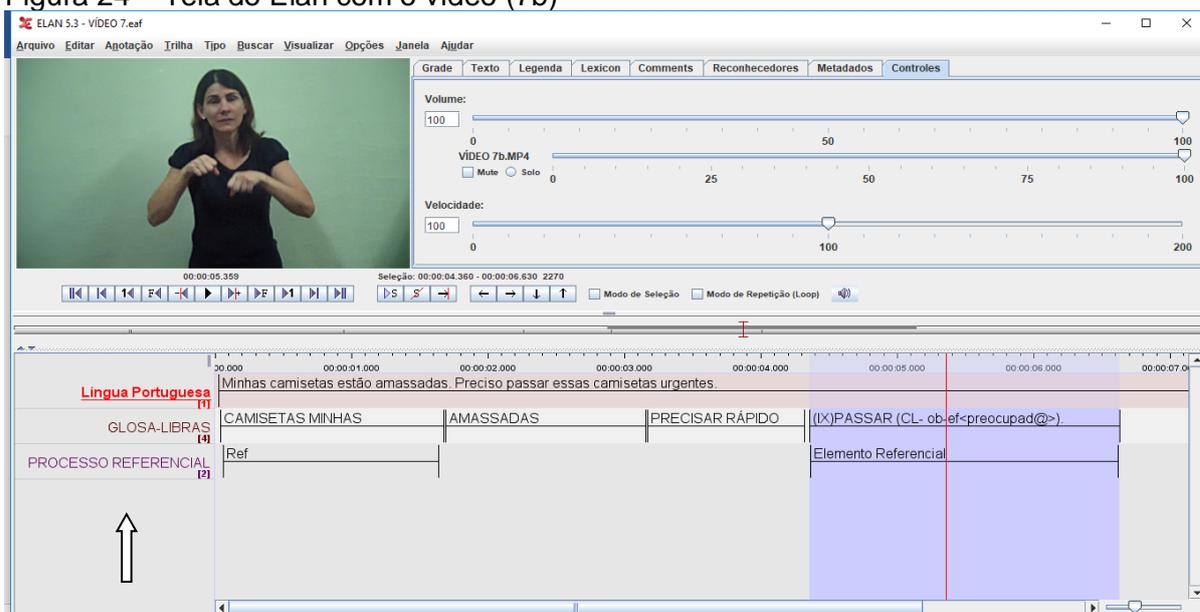
Em sequência às análises, para efeito de ilustração, rerepresentamos, em formato de quadro, os componentes do CA 2, (7a) e (7b):

<p>(7a) <u>Minhas camisetas</u> estão amassadas. Preciso passar essas camisetas urgentes.</p>	<p>(7b) <u>CAMISETAS MINHAS</u> AMASSADAS. PRECISAR RÁPIDO (IX)ØPASSAR (CL- ob-ef<preocupad@>).</p>
--	---

No sétimo recorte textual representativo, em LP, o objeto do discurso ativado, “*minhas camisetas*”, é retomado por meio do elemento referencial “*essas camisetas*”. Assim sendo, podemos classificar que em (7a) há uma anáfora direta por repetição parcial do núcleo “*camisetas*”. Já em (7b), na glosa-Libras, ocorre outro processo referencial: primeiramente, o referente é invertido “CAMISETAS MINHAS”, ordem disponível na Libras. Depois, quanto ao elemento referencial, esse sim sofreu mudança, pois o que antes era caracterizado como uma anáfora direta por repetição, na Libras transformou-se em um dêitico-anafórico, mediante o uso de uma estrutura altamente icônica/*Transferência*: (IX)ØPASSAR (CL- ob-ef<preocupad@>). Ou seja, o próprio ato de passar a roupa – marcado pelo verbo PASSAR (verbo classificador de instrumento, o qual apresenta a configuração de mão que representa a forma de segurar o instrumento para produzir a ação) -, atrelado ao *olhar para baixo* e à *expressão facial*, incorpora a retomada do referente. Conforme vimos, segundo Pizzuto et al. (2006), esse processo referencial exibe características que são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial, e por expressões faciais marcadas. Dessa forma, quando o sujeito surdo utiliza esse dêitico-anafórico, ele não o faz aleatoriamente, ao contrário, ele tem a intenção de descrever a situação, em uma perspectiva tridimensional. Há em sua escolha finalidades comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos usuários da Língua de Sinais. Nessa perspectiva, de modo geral, temos em (7b) a mesma situação que ocorre em (1a), um *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*.

Na figura a seguir, podemos ver a tela do programa Elan com o vídeo (7b) e seus constituintes:

Figura 24 – Tela do Elan com o vídeo (7b)



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, vejamos como sucede o processo referencial em (8a) e (8b), integrantes do CA 2:

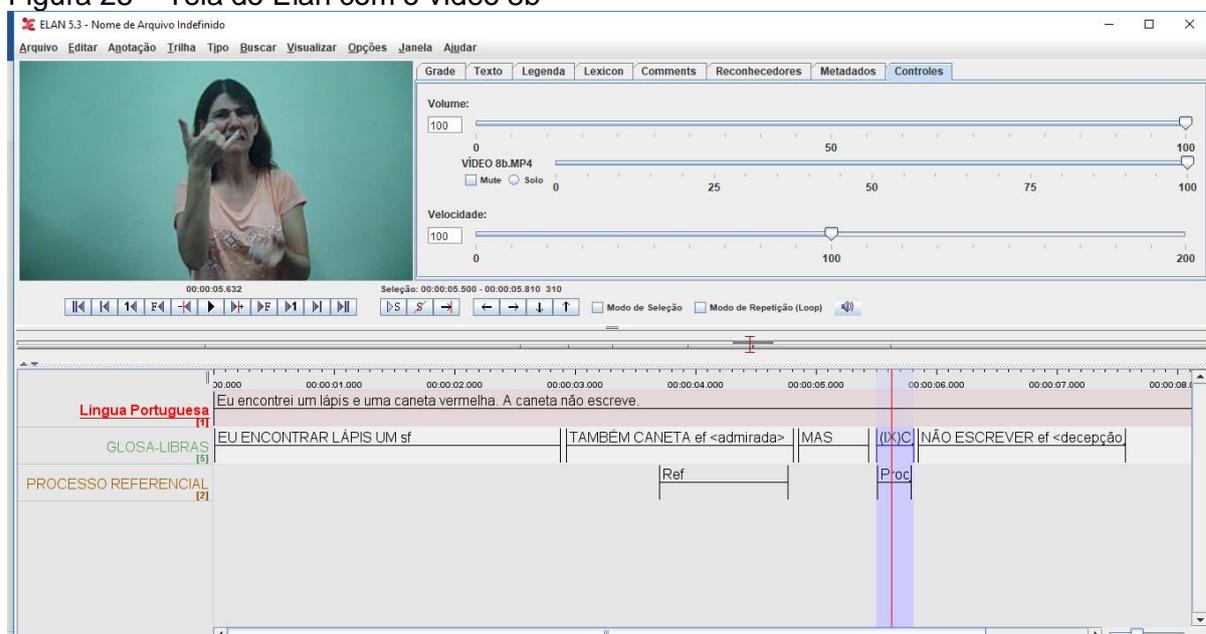
<p>(8a) Eu encontrei um lápis e <u>uma caneta</u>. Infelizmente a caneta não escreve.</p>	<p>(8b) EU ENCONTRAR LÁPIS UM sf TAMBÉM <u>CANETA</u> ef <admirada>, MAS (IX)CANETA-od-ef<chateada> NÃO-ESCREVER ef <decepção> sf.</p>
--	---

O recorte textual (8a), em LP, é composto pelo referente “uma caneta”. O enunciador opta por retomar esse referente por meio de uma anáfora correferencial por repetição: “a caneta”. Vale destacar que houve apenas a mudança do determinante, mediante o uso do artigo definido “o”, uma vez que o objeto do discurso em questão já havia sido apresentado no cotexto. Em Libras, o tradutor constrói um processo referencial semelhante ao da LP, com algumas especificidades, devido à modalidade da LS. Assim sendo, na glosa-Libras (8b), o referente é CANETA, o qual é retomado com o mesmo sinal, porém, com acréscimo do apontamento visual e da expressão facial no espaço de sinalização: (IX)CANETA-od-ef<chateada>. Pesquisadores que são referências no estudo desse tema, mormente os pesquisadores da ASL, apresentam esse mecanismo no

processo de constituição de retomada do referente: *Direcionar a cabeça e os olhos em sentido à localização que o referente foi construído, fazendo novamente o sinal desse referente ou apontando para ele no espaço discursivo o qual foi produzido.* Considerando esses fatores, na glosa-Libras em análise encontramos um dêitico-anafórico de classe padrão (PIZZUTO et al. 2006), quando da retomada do referente CANETA. Por isso, nesta pesquisa, nominamos esse processo referencial em (8b) como *dêitico-anafórico cossignificativo*.

A figura 25 apresenta a tela do programa Elan com o vídeo (8b), na qual se visualiza o momento da retomada:

Figura 25 – Tela do Elan com o vídeo 8b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Dando seqüência às análises, rerepresentamos os integrantes do CA 2, (9a) e (9b):

<p>(9a) <u>Um escritor</u> chegou hoje. o escritor veio lançar seu mais recente livro.</p>	<p>(9b) <u>HOMEM^ESCREVER= ESCRITOR</u> LIVRO CHEGAR HOJE. LIVRO (IX)EST@ (IX)ØESCREVER-enm<oe-sf-ml> NOVO.</p>
---	---

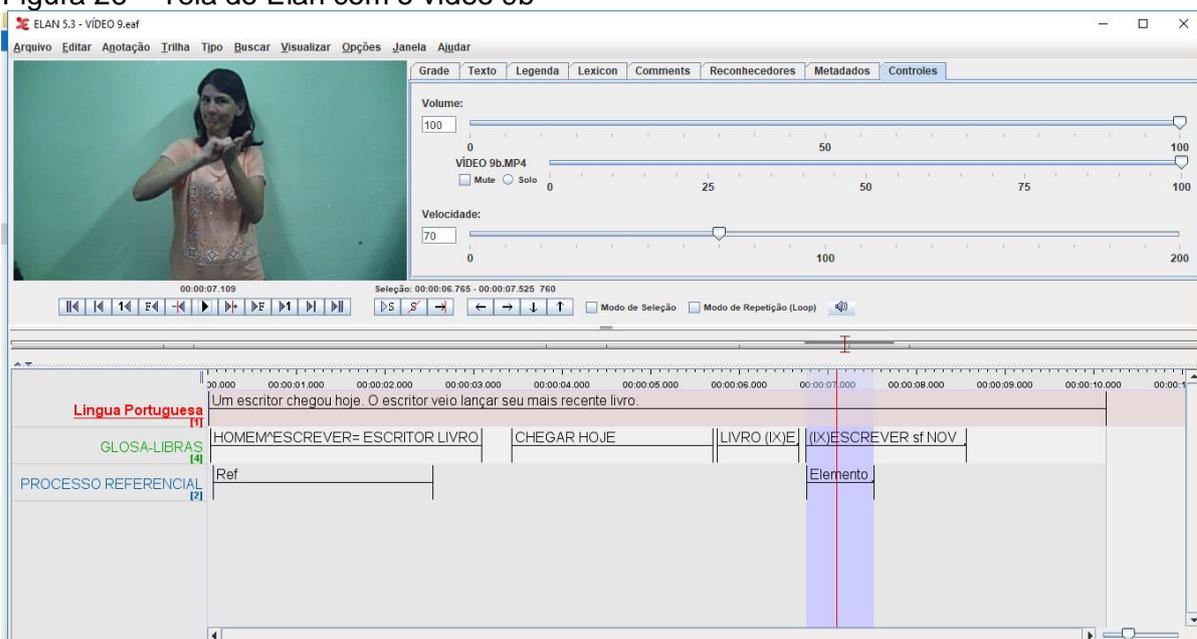
No recorte textual (9a), em LP, temos como referente “um escritor”, que é retomado logo em seguida mediante uma anáfora direta por repetição, sem

recategorização. Na glosa-Libras (9b), o sujeito surdo no momento tradutório usa como referente um sinal composto: **HOMEM^ESCREVER= ESCRITOR**. Para retomá-lo, em seguida, o faz por meio de um verbo: **(IX)ØESCREVER-enm<oe-sf-ml>**. Houve nesse caso a elipse do sujeito, pois, ao considerar todo período construído, pôde-se perceber que está implícito no verbo em evidência o agente da ação, ou seja, **(IX)ØESCREVER-enm<oe-sf-ml>** indica a terceira pessoa do singular e se refere ao **HOMEM^ESCREVER= ESCRITOR**.

A elipse é um fenômeno linguístico fundamental para que os textos não apresentem uma extensão exagerada no nível da repetição. Ela evidencia um cuidado estilístico e maduro do enunciador (KOCH, 2009). Ademais, há de se destacar nesse processo referencial as marcações não manuais responsáveis por colaborar com a reconstrução do objeto do discurso, entre elas citamos em (9b) o olhar direcionado para o local no qual o referente foi construído, a sobrancelha e a testa franzidas, e o movimento com os lábios. Todos esses fatores juntos colaboram para a constituição do dêitico-anafórico de classe padrão, uma vez que permite ao sinalizante mostrar e retomar o referente, simultaneamente. Há na glosa-Libras (9b) o processo referencial caracterizado, nesta tese, como *dêitico-anafórico por elipse*.

Antes de prosseguir com outras análises, para efeito de visualização, apresentamos a figura 26, com a tela do programa Elan referente ao vídeo (9b):

Figura 26 – Tela do Elan com o vídeo 9b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

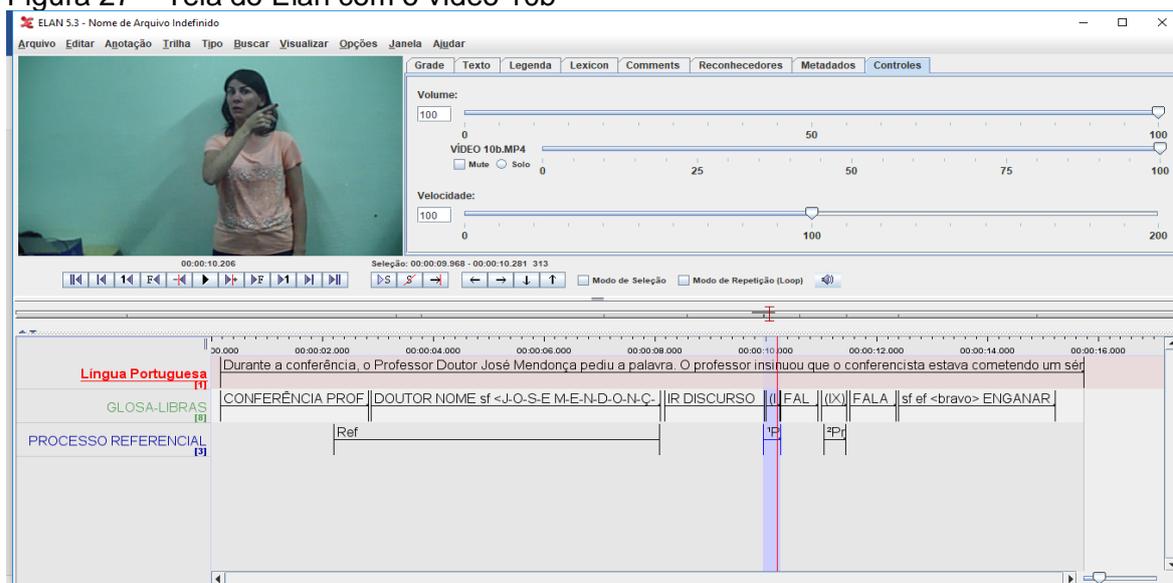
Outros integrantes do CA 2 são (5a) e (5b), reapresentados, a seguir, em formato de quadro para efeito de ilustração:

<p>(10a) Durante a conferência, o Professor Doutor José Mendonça pediu a palavra. O professor insinuou que o conferencista estava cometendo um sério engano.</p>	<p>(10b) CONFERÊNCIA PROFESSOR sf <u>DOUTOR NOME sf <J-O-S-E M-E-N-D-O-N-Ç-A></u> <u>ID IR DISCURSO. (IX)EL@ FALAR</u> <u>(IX)PROFESSOR FALAR sf ef <bravo></u> <u>ENGANAR PESSOA.</u></p>
---	--

O recorte textual (10a) é constituído pelo objeto do discurso “o Professor Doutor José Mendonça”, e retomado logo em seguida pela anáfora correferencial por repetição parcial “o professor”. Na Libras, o sinalizante constrói o referente da seguinte maneira: PROFESSOR sf DOUTOR NOME sf <J-O-S-E-M-E-N-D-O-N-Ç-A>. Com esse referente em evidência, o próximo passo foi retomá-lo. Houve na glosa-Libras (10b) dois processos de retomada direta: (IX)EL@ FALAR (IX)PROFESSOR FALAR. No primeiro momento, o tradutor usou uma anáfora pronominal (IX)EL@, atrelada ao apontamento manual e visual, mediante a configuração de mão G, seguido da orientação da mão e da direção do olhar no espaço referencial previamente estabelecido, o que nos permite dizer que temos, nesse caso, a constituição de um *dêitico-anafórico pronominal singular*. No segundo momento, o surdo retomou o referente por meio de uma repetição parcial (IX)PROFESSOR, juntamente com o apontamento visual para o espaço de sinalização em que o referente foi construído, formando então um *dêitico-anafórico cossignificativo*. Vale destacar que a construção linguística seguida dos elementos referenciais, com o mesmo verbo acoplado, tem a intenção, a nosso ver, de reforçar ou destacar a informação em questão: (IX)EL@ FALAR (IX)PROFESSOR FALAR. Em outras palavras, considerando todo o contexto de produção, não bastou ao tradutor usar o (IX)EL@ FALAR, o que o levou a lançar logo em seguida a repetição parcial do referente (IX)PROFESSOR FALAR. Nesse sentido, é relevante enfatizar que as escolhas das estratégias referenciais não são aleatórias até mesmo nos casos das pronominalizações e das repetições (SANTOS; CAVALCANTE, 2014).

Vejamos a figura 27, que apresenta a tela do programa Elan referente ao (10b), considerando as trilhas criadas:

Figura 27 – Tela do Elan com o vídeo 10b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Finalizadas as análises do CA 2, prosseguimos para o subtópico seguinte em que será analisado o CA 3. Nesse conjunto, a anáfora direta sinonímica é o foco de partida na LP; o objetivo então é verificar como essa anáfora se comporta no processo de tradução do Português para a Libras.

4.1.3 CA 3: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta sinonímica na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Nesta subseção, nos concentramos em analisar recortes textuais incluídos no CA 3, referente à anáfora correferencial por sinonímia. De acordo com Koch (2004), “a seleção de um sinônimo adequado para fazer a remissão é determinada tanto pelo gênero textual como pela variedade de língua utilizada, ou até mesmo por uma opção estilística do enunciador” (KOCH, 2004, p. 246). Por essa razão, pesquisadores da área dizem que essa é uma anáfora correferencial sem recategorização. Ao examinarmos os recortes textuais selecionados, observamos se essa anáfora presente no Português se mantém ou não na Libras, bem como se assume outra categoria referencial. No quadro 7 constam os recortes textuais referentes às anáforas sinonímicas:

Quadro 7 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora sinonímica

Recorte Textual em Língua	Glosa-Libras
---------------------------	--------------

Portuguesa	
<p>(11a) <u>Os bugios</u> não precisam de muito espaço. O inverno é a estação de fartura para ¹esses símios. ²Esses macacos parecem comprovar as teorias de Charles Darwin.</p>	<p>(11b) <u>MACACOS NOME <B-U-G-I-O-S></u> PRECISAR-NÃO ¹(IX)GRUPO EST@S enm<sf-od-ml> ESPAÇO-GRANDE, FRIO ef<frio> ²(IX)EST@S sf <COMER>++++ ef<guloso> <AUMENTAR>+++ ef<admirado>). ³(IX)EST@S MACACOS enm<sf-od-ml> TER PROVAR TEORIA NOME <C-H-A-R-L-E-S D-A-R-W-I-N>.</p>
<p>(12a) <u>A casa</u> está à venda por um preço bom. Essa habitação é muito bonita.</p>	<p>(12b) TER <u>CASA</u> VENDER VALOR BOM. (IX)CASA ESS@ <BONITA>++++ ef<admiração>.</p>
<p>(13a) A professora tenta ensinar matemática para <u>o menino</u>. - Se eu te der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...? E o garoto: - Contentel!</p>	<p>(13b) <u>PESSOA le <QUEM>qu~ ef <interrogativa></u> PROFESSORA <TENTAR>+++ <ENSINAR>+++ MATEMÁTICA PESSOA Id <QUEM>qu~ ef <interrogativa> <u>HOMEM^PEQUENO=MENINO (IXmpc) ef <ansiedade-curioso></u> (IXle-mpc) PROFESSORA PESSOA. (IXmpc) SE EU ENSINAR VOCÊ CONSEGUIR <QUERER>qu ef<interrogativa> 4 CHOCOLATE + AMANHÃ 3 CHOCOLATE. (IXId-mpc) HOMEM^PEQUENO=MENINO PESSOA. (IXmpc) CL (balão-pensamento-imaginar) ef<empolgado> somar <quantos chocolate>qu ef <interrogativa> enm <sim sim sim> feliz ef<animado/alegre>.</p>
<p>(14a) Rodrigo Santoro recebeu <u>o ano</u></p>	<p>(14b) CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO</p>

<p><u>novo</u> de uma forma diferente, o ator passou o Réveillon em meio a natureza, no Mato Grosso.</p>	<p>HOMEM ATOR <R-O-D-R-I-G-O S-A-N-T-O-R-O> ESPERAR JEITO DIFERENTE. (IX)ELE ATOR (IX) CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO NATUREZA sf ml ONDE MATO GROSSO.</p>
<p>(15a) <u>Executivos brasileiros</u> são os mais bem pagos do mundo, pesquisa revela que o crescimento do Brasil está fazendo disparar os salários dos diretores e presidentes de empresas.</p>	<p>(15b) BRASIL PAGAR MELHOR <u>FUNCIONÁRIOS^GRAVATA=EXECUTIVOS</u> MUNDO. PESQUISA MOSTRAR BRASIL DESENVOLVER POR ISSO (IX)DIRETOR PRESIDENTE EMPRESA PAGAR SALÁRIO AUMENTAR ef <admirado>.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para iniciar as análises do CA 3, rerepresentamos os integrantes (11a) e (11b), em formato de quadro, visando melhor ilustração:

<p>(11a) <u>Os bugios</u> não precisam de muito espaço. O inverno é a estação de fartura para 1esses símios. 2Esses macacos parecem comprovar as teorias de Charles Darwin.</p>	<p>(11b) <u>MACACOS NOME <B-U-G-I-O-S></u> PRECISAR-NÃO 1(IX)GRUPO EST@S enm<sf-od-ml> ESPAÇO-GRANDE, FRIO ef<frio> 2(IX)EST@S sf <COMER>++++ ef<guloso> <AUMENTAR>+++ ef<admirado>. 3(IX)EST@S MACACOS enm<sf-od-ml> TER PROVAR TEORIA NOME <C-H-A-R-L-E-S D-A-R-W-I-N>.</p>
--	--

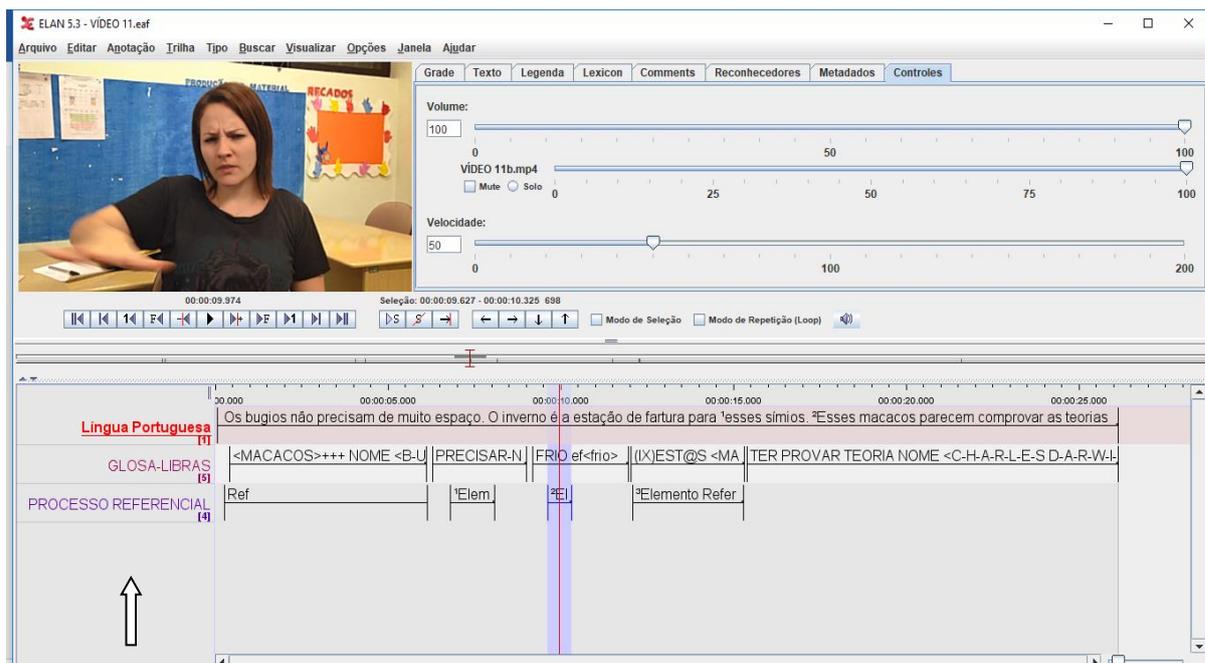
O primeiro recorte do quadro 7 é o (11a), em LP, que é composto pelo referente “os bugios”. Com a intenção de ampliar o repertório lexical em torno desse elemento, e até mesmo para deixar a informação mais clara ao seu enunciador, tem-se a retomada por meio da anáfora sinonímica: “esses símios” e “esses macacos”. De acordo com Santos e Cavalcante (2014), a seleção das expressões sinônimas por parte do enunciador não é aleatória, é carregada de intencionalidade. Na glosa- Libras (11b), o sujeito surdo constrói o referente por meio do sinal MACACO acoplado à datilologia <B-U-G-I-O-S>: *MACACOS NOME <B-U-G-I-O-S>*. Com esse

referente demarcado no espaço referencial, o próximo passo foi retomá-lo conforme a necessidade discursiva. Tivemos em (11b) três elementos referenciais: no primeiro instante, o tradutor considerou o fato de não se referir a um único macaco, retomando como (IX)GRUPO-EST@S enm<sf-od-ml>. O sinal GRUPO-EST@S retrata uma forma pronominal múltipla, segundo Ferreira Brito e Berenz (2010), ou uma forma pronominal plural, conforme Felipe e Monteiro (2001). Vale destacar que nessa situação o referente é retomado pelo apontamento manual EST@S,

constituído da configuração de mão de número 61 (): mão aberta, estendida, com movimentos circulares voltados para o GRUPO (nesse caso, grupo de macacos). Além disso, há o apontamento visual, marcado pelo olhar direcionado ao local no qual o referente foi construído, a sobrancelha e a testa franzidas, e o movimento com os lábios. Todos esses fatores colaboram para a constituição do dêitico-anafórico de classe padrão. Há, portanto, nesse primeiro momento de retomada de (11b), o que denominamos nesta pesquisa como *dêitico-anafórico pronominal plural*. Posteriormente, na mesma perspectiva anterior, o surdo retoma o referente por meio do pronome (IX)EST@S sf, mediante apontamento manual e visual para (IX)GRUPO-EST@S enm<sf-od-ml, que remete automaticamente a MACACOS NOME <B-U-G-I-O-S>. Temos um caso seguido de *dêitico-anafórico pronominal plural*. Para fechar essa cadeia referencial, no terceiro momento, o tradutor retoma o objeto do discurso por meio do apontamento manual e visual para o espaço de sinalização em que houve a ativação do referente, anotado pelo pronome EST@S. Esse pronome, diferente do que vimos antes, é constituído pela configuração de mão G e acoplado à repetição parcial do referente, com unidades não manuais evidentes: (IX)EST@S MACACOS enm<sf-od-ml>. Todos esses fatores formam o que denominamos de *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*. Tendo em vista todo esse processo referencial instaurado em (11b), é possível notar a dinamicidade da trajetória do referente, “a constituição de uma cadeia referencial é, dessa forma, resultado da manutenção ou evolução de um objeto de discurso” (KOCH, 2008, p. 102).

Antes de prosseguir com outras análises, para efeito de visualização, apresentamos a figura 28 com a tela do programa Elan referente ao vídeo (11b):

Figura 28 – Tela do Elan com o vídeo 11b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, vejamos como sucede o processo referencial em (12a) e (12b), integrantes do CA 3:

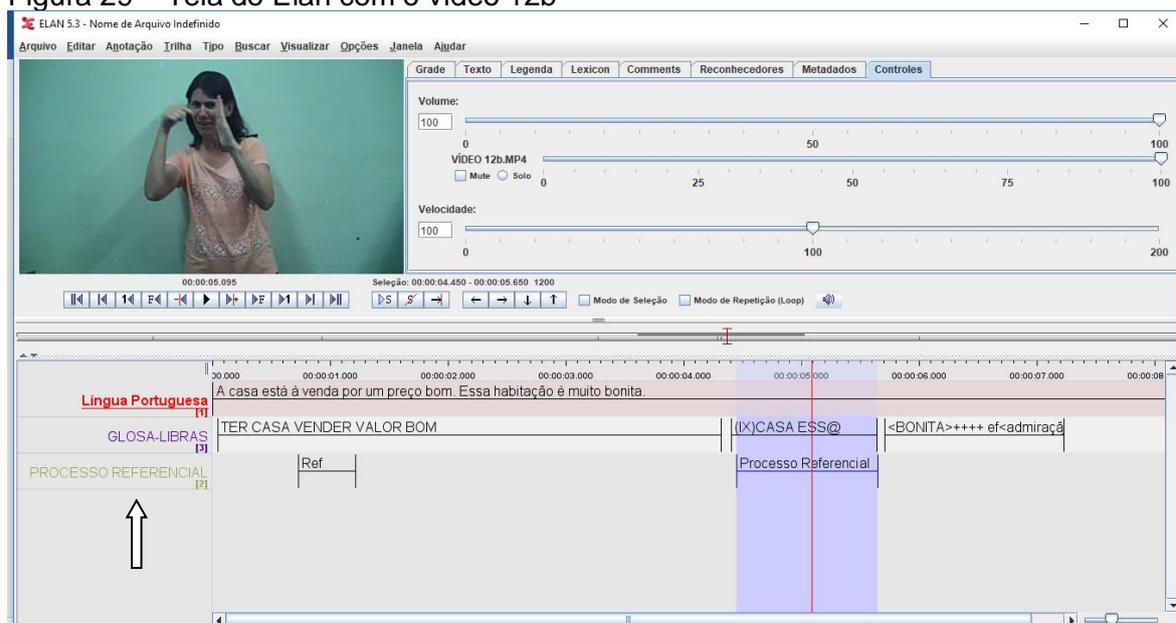
<p>(12a) <u>A casa</u> está à venda por um preço bom. Essa habitação é muito bonita.</p>	<p>(12b) TER <u>CASA</u> VENDER VALOR BOM. (IX)CASA ESS@ <BONITA>++++ ef<admiração>.</p>
---	--

No recorte textual (12a), o objeto do discurso “a casa” é ativado, ficando pronto para ser utilizado em um processo anafórico. Esse referente é retomado logo em seguida pela anáfora sinonímica “essa habitação”. Tal forma nominal utilizada não recategoriza o objeto do discurso; contudo, apresenta outra possibilidade de denominação coerente com o contexto o qual se insere: contexto imobiliário. Em Libras, representado pela glosa-Libras, há a presença do referente “CASA”, que é retomado por meio de uma anáfora por repetição, aliada a um pronome “(IX)CASA ESSA”, que caracterizamos como um dêitico-anafórico de classe padrão, mediante a apontação e direção do olhar no espaço referencial. Segundo Meurant (2008), o olhar cria e organiza um primeiro espaço referencial, o ‘espaço dêitico’, o que leva a um processo de dêixis dentro do campo anafórico de referência que vem a ser construído em seguida, por isso denominado dêitico-anafórico. Quanto à repetição,

essa pode ter sido feita por diversas razões. Não questionamos as escolhas realizadas no momento da tradução; não obstante, há de se destacar que essas seleções linguísticas durante o processo tradutório representam conhecimentos compartilhados culturalmente pela comunidade surda. Por todos esses fatores elencados, denominamos essa ocorrência de *dêitico-anafórico cossignificativo-pronominal*. Esse é um processo referencial *sem recategorização*. Segundo Santos e Cavalcante (2014), mesmo as estratégias referenciais sem recategorização também marcam “a intencionalidade, [...], a sequência textual predominante, além de outros aspectos não apenas linguísticos, mas condicionados pelo caráter sociocognitivo da linguagem” (SANTOS; CAVALCANTE, 2014, p. 229).

Na figura 29, visualizamos a tela do programa Elan com o vídeo (12b), considerando a sua glosa-Libras e a sua trilha voltada ao processo referencial:

Figura 29 – Tela do Elan com o vídeo 12b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Dando sequência às análises, rerepresentamos os integrantes do CA 3, (13a) e (13b):

<p>(13a) A professora tenta ensinar matemática para <u>o menino</u>. - Se eu te der quatro chocolates hoje e</p>	<p>(13b) PESSOA le <QUEM>qu~ ef <interrogativa> PROFESSORA <TENTAR>+++ <ENSINAR>+++ MATEMÁTICA PESSOA <u>Id</u></p>
--	---

<p>mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...? E o garoto: - Contente!</p>	<p><QUEM>qu~ ef <interrogativa> <u>HOMEM^PEQUENO=MENINO (IXmpc) ef</u> <ansiedade-curioso></p> <p>(IXle-mpc) PROFESSORA PESSOA. (IXmpc) SE EU ENSINAR VOCÊ CONSEGUIR <QUERER>qu ef<interrogativa> 4 CHOCOLATE + AMANHÃ 3 CHOCOLATE.</p> <p>(IXld-mpc) HOMEM^PEQUENO=MENINO PESSOA. (IXmpc) CL (balão-pensamento- imaginar) ef<empolgado> somar <quantos chocolate>qu ef <interrogativa> enm <sim sim sim> feliz ef<animado/alegre>.</p>
--	---

No recorte textual (13a), temos uma ‘piada’, caracterizada como um texto narrativo curto de final engraçado, cujo objetivo é provocar risos em quem lê. Para a adequada compreensão do efeito de humor do referente em destaque no recorte textual (13a), o interlocutor precisa conhecer minimamente as possíveis situações que se passam no ambiente escolar: esse é o ‘típico’ menino/aluno que estabelece uma interpretação do que a professora diz conforme o que lhe convém. Em (13a), o referente “o menino”, em LP, é retomado por uma anáfora correferencial sinonímica “o garoto”. Na tradução para a Libras, o surdo necessitou primeiramente compreender que se tratava do gênero discursivo piada, o que requer também indentificar o efeito de humor provocado pelo texto. Com essa compreensão, o próximo passo foi traduzir o recorte textual para a Libras. O surdo usou o recurso de ‘Troca de Papéis’, ou, conforme alguns autores denominam, ‘Mudança de Postura Corporal’, ‘Ação Construída’, fenômeno conhecido como ‘*Role Shift*’, bastante comum nas línguas visuoespaciais quando se trata de narrativas. Esse fenômeno é considerado por Cormier et al. (2015) como “a representational device where one or more bodily articulators (including the head, face, eyegaze, arms, and torso) are

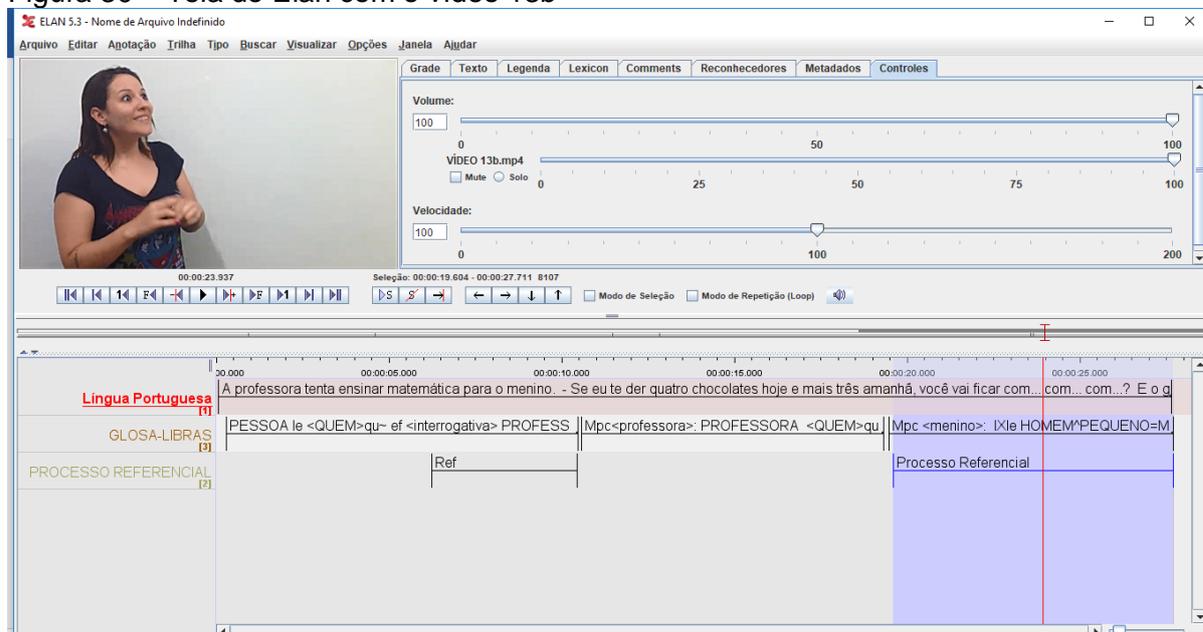
used to represent the utterances, thoughts, feelings and/or actions of one or more referents” (CORMIER et al., 2015, p. 167) ³⁴.

Em (13b), na glosa-Libras, o referente é PESSOA Id <QUEM>qu~ ef <interrogativa> HOMEM^PEQUENO=MENINO ef <ansiedade>, posicionado do lado direito do espaço de sinalização, já orientando para o recurso que será usado no processo de retomada. Após demarcar o referente no espaço discursivo, tem-se a primeira retomada, realizada pelo *Role Shift*: (IXmpc) ef <ansiedade-curioso>. Nessa reconstrução do referente, o surdo já incorpora a personagem, atribuindo-lhe características físicas (como expressões faciais e corporais etc.) e psicológicas (como alegria, animação etc), coerentes com a atitude do objeto do discurso. Temos, nesse caso, um dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais, marcado por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial, por expressões faciais marcadas e por modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’ (PIZZUTO et al., 2006). Nesta tese, denominamos esse processo referencial como *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*. Em um segundo momento, na construção da cadeia discursiva, localizamos uma retomada no instante da troca de papéis: (IXId-mpc) HOMEM^PEQUENO=MENINO PESSOA. “O usuário da Libras retoma o referente apenas mudando a posição do seu corpo” (FERREIRA BRITO, 2010). Por fim, temos a terceira retomada também por *Role Shift*: (IXmpc) CL (balão-pensamento-imaginar) ef<empolgado> somar <quantos chocolate>qu ef <interrogativa> enm <sim sim sim> feliz ef<animado/alegre>. Tanto os sinais manuais quanto as expressões faciais e corporais realizadas nesse momento caracterizam a personagem, e não o enunciador. Nesse sentido, Cabeza e García-Miguel (2018) defendem que “los señantes adaptan a sus propósitos comunicativos las posibilidades de construcción que les ofrecen tanto las articulaciones manuales y los articuladores no manuales (en la elaboración de la acción construida)” (CABEZA; GARCÍA MIGUEL, 2018, p. 258). Por todas essas questões destacadas, denominamos esse processo referencial como *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*.

³⁴ “Dispositivo de representação em que um ou mais articuladores corporais (incluindo a cabeça, face, olhos, braços e tronco) são usados para representar os enunciados, pensamentos, sentimentos e / ou ações de um ou mais referentes” (CORMIER et al., 2015, p. 167, tradução nossa).

Na figura 30, é possível visualizar a tela do programa Elan referente ao vídeo (13b), em um dos momentos nos quais se incorpora o referente:

Figura 30 – Tela do Elan com o vídeo 13b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Em sequência às análises, para efeito de ilustração, trazemos novamente, em formato de quadro, os componentes do CA 3, (14a) e (14b):

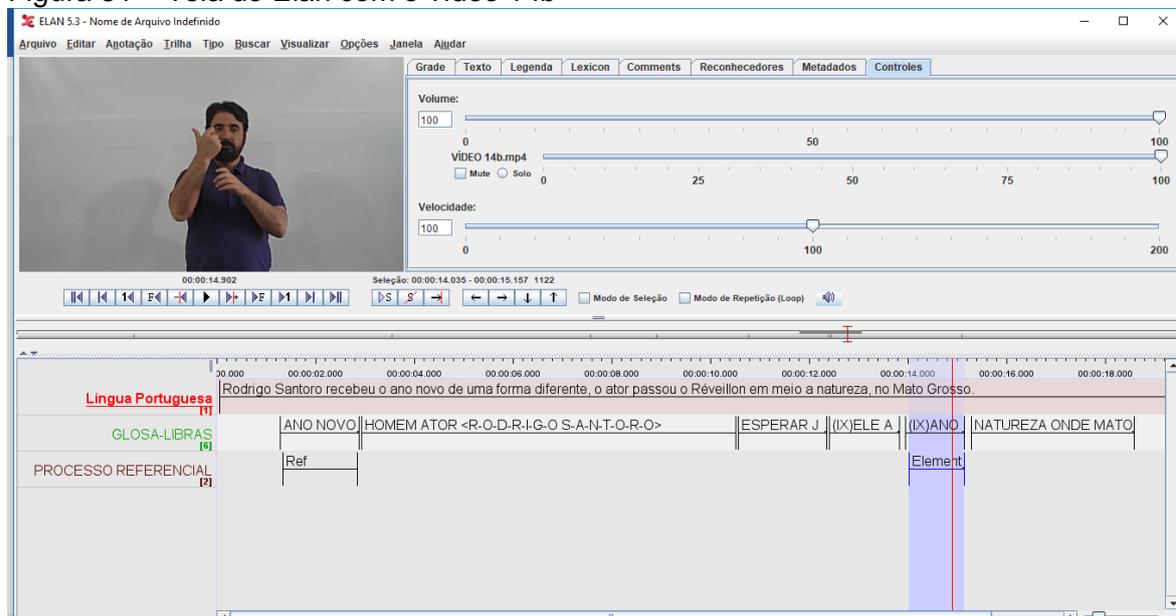
<p>(14a) Rodrigo Santoro recebeu <u>o ano novo</u> de uma forma diferente, o ator passou o Réveillon em meio a natureza, no Mato Grosso.</p>	<p>(14b) CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO HOMEM ATOR <R-O-D-R-I-G-O S-A-N-T-O-R-O> ESPERAR JEITO DIFERENTE. (IX)ELE ATOR (IX) CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO NATUREZA sf ml ONDE MATO GROSSO.</p>
---	--

No recorte textual (14a), o referente é “o ano novo”, que é retomado pelo enunciador por meio de uma anáfora direta sinonímica “o Réveillon”. No processo de tradução para a Libras, em (14b), o surdo usa como referente o sinal de CHAMPANHE para representar ANO NOVO, no espaço de sinalização: mão esquerda em C, palma para cima, mão apontando para a direita; mão direita em O, palma para cima, mão direita à frente e acima da esquerda; balançar as mãos duas

vezes para cima e para baixo e, então, distender o polegar direito (CAPOVILLA et al. 2017) . Tendo em vista que as pessoas costumam brindar a virada do ano com essa bebida, determinados surdos empregam o sinal de CHAMPANHE como equivalente a ANO NOVO, assim como o tradutor o fez em (14b). Quanto a essa possível dinamicidade lexical, segundo Gesser (2009), alguns sujeitos surdos criam sinais ‘provisórios’ a partir de características correspondentes, que acabam sendo disseminados entre a comunidade surda, afinal, a língua é viva e está em constante atividade. Nesse sentido, na glosa-Libras, seguindo a tradução do surdo, o referente foi anotado da seguinte maneira: CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO. Diferente do que ocorreu em LP, na Libras o sinalizante retomou o objeto do discurso por meio de uma repetição: IX) CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO. A essa retomada não temos atrelada um apontamento manual ou visual, simplesmente houve a repetição do sinal. Nessa perspectiva, temos uma *anáfora correferencial cossignificativa*.

Na figura 31 visualiza-se a tela do programa Elan referente ao vídeo (14b), considerando as suas trilhas e a sua imagem:

Figura 31 – Tela do Elan com o vídeo 14b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

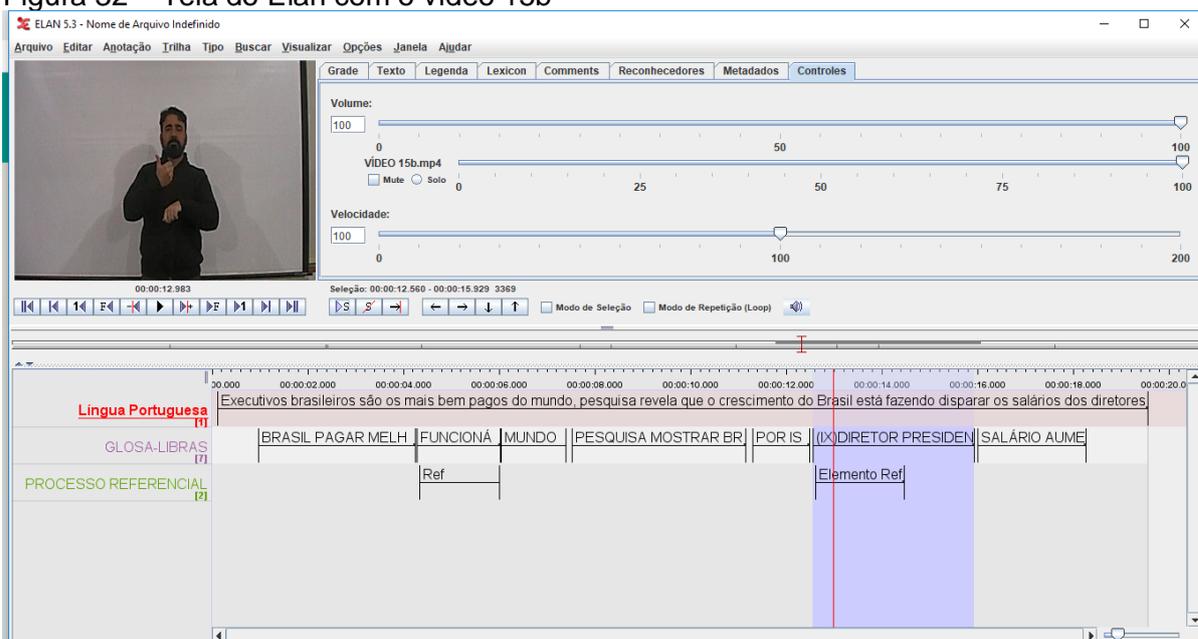
Para encerrar o CA 3, com o intuito de uma melhor visualização, rerepresentamos, em formato de quadro, os componentes (15a) e (15b), antes do processo analítico:

<p>(15a) <u>Executivos brasileiros</u> são os mais bem pagos do mundo, pesquisa revela que o crescimento do Brasil está fazendo disparar os salários dos diretores e presidentes de empresas.</p>	<p>(15b) BRASIL PAGAR MELHOR <u>FUNCIONÁRIOS^GRAVATA=EXECUTIVOS</u> MUNDO. PESQUISA MOSTRAR BRASIL DESENVOLVER POR ISSO (IX)DIRETOR PRESIDENTE EMPRESA PAGAR SALÁRIO AUMENTAR ef <admirado>.</p>
--	---

O recorte textual (15a) é composto pelo referente “executivos”; esse termo significa “aquele que ocupa cargo de direção ou chefia de alto nível numa empresa” (FERREIRA, 2000, p. 304). Nesse sentido, esse objeto do discurso é retomado por meio de uma anáfora correferencial quase sinonímica, considerando o contexto de produção: “diretores e presidentes”. Conforme vimos, uma retomada direta por meio de sinônimos ou quase sinônimos estabelece correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual, sem recategorização (KOCH, 2005). Na Libras, por se tratar de um referente não presente no contexto, o processo referencial requer que o sinalizante construa o objeto do discurso em um local previamente estabelecido. Assim sendo, na glosa-Libras, em (15b), vemos que o surdo coloca o referente à sua frente no espaço de sinalização, mediante o sinal composto assim configurado: EXECUTIVOS: FUNCIONÁRIOS^GRAVATA=EXECUTIVOS. O processo de retomada pelo tradutor é quase semelhante ao que sucede em LP. O surdo reconstrói o objeto do discurso FUNCIONÁRIOS^GRAVATA=EXECUTIVOS por meio dos seguintes sinais: (IX)DIRETOR PRESIDENTE. Ou seja, tem-se uma retomada mediante a uma *anáfora correferencial quase sinonímica*, sem recategorização do referente. Esse foi o segundo caso de retomada na glosa-Libras sem nenhuma marca dêitica evidente, assim como ocorreu em (14a). Diríamos até que essas foram as situações mais semelhantes ocorridas entre as línguas envolvidas no processo tradutório, LP e Libras.

Na figura 32, visualiza-se a tela do programa Elan referente ao vídeo (15b), com as trilhas criadas:

Figura 32 – Tela do Elan com o vídeo 15b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Após as análises do CA 3, damos sequência com o subtópico 4.1.4 que traz o CA 4, composto pela anáfora direta por hiperonímea na língua de partida, a fim de verificar como esse processo referencial se comportará na tradução para a Libras.

4.1.4 CA 4: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por hiperonímia na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Nesta subseção, analisamos recortes textuais compostos pela anáfora direta com recategorização por hiperonímia, em LP, com intenção de observar como esse processo anafórico se comporta na Libras. O hiperônimo, quando assume papel anafórico, “pode ter a função de retomar um termo pouco usual, atualizando, assim, os conhecimentos do interlocutor” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 141). Nessa direção, no quadro 8, organizamos os recortes textuais do CA 4:

Quadro 8 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por hiperonímia

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(16a) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de <u>gorilas</u> da África. A doença de Ebola já matou mais de 300 desses macacos .	(16b) PERIGO ESPALHAR ef <preocupad@>. <u>GRUPO GORILA</u> <u>ÁFRICA</u> <u>VÍRUS</u> ef <preocupad@> E-B-O-L-A JÁ DESTRUIR sf 300 ef <estarecida> (IX) GORILA MACACO ef<triste> .
(17a) O casal está muito feliz com o seu <u>cachorro</u> . O animal é fiel e companheiro.	(17b) HOMEM E MULHER EL@S2 CASAL FELIZ <u>CACHORRO</u> JUNTO ef<sentimento emoção>. (IX)EL@ CACHORRO FIEL AMIGO COMPANHEIRO ef<carinho>.
(18a) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o <u>antraz</u> . Para destruir a bactéria , os potenciais novos remédios teriam um alvo específico.	(18b) GRUPO le GRUPO Id PESQUISA PAÍS AMERICANO. EL@S2 GRUPO PESQUISA COMO <QUEM>qu~ ef <interrogativa> VENCER <u>BACTÉRIA</u> NOME <A-N-T-R-A-Z>. EL@S2 PENSAR ESTUDAR FOCO PRÓPRIO REMÉDIO COMO VENCER ef<animado> (IX) BACTÉRIA ESS@ .
(19a) Os biólogos avistariam um réptil no rio, mas depois assustaram o animal na margem.	(19b) BIÓLOG@ VER 1 <u>CL</u> (animal rastejando^vários=réptil) <u>ÁGUA^CAMINHO=RIO</u> . IX(EL@) JACARÉ SUSTO ef<assustado> AFUNDOU <u>ÁGUA^CAMINHO=RIO</u> .
(20a) <u>O liquidificador</u> está com um barulho estranho. O aparelho deve estar com problemas.	(20b) <u>LIQUIDIFICADOR</u> sf &=motor IX(EL@) LIQUIDIFICADOR BARULHO <QUEM>qu ~ ESTRANHO sf PROBLEMA IX(EL@) LIQUIDIFICADOR ef <preocupado>.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

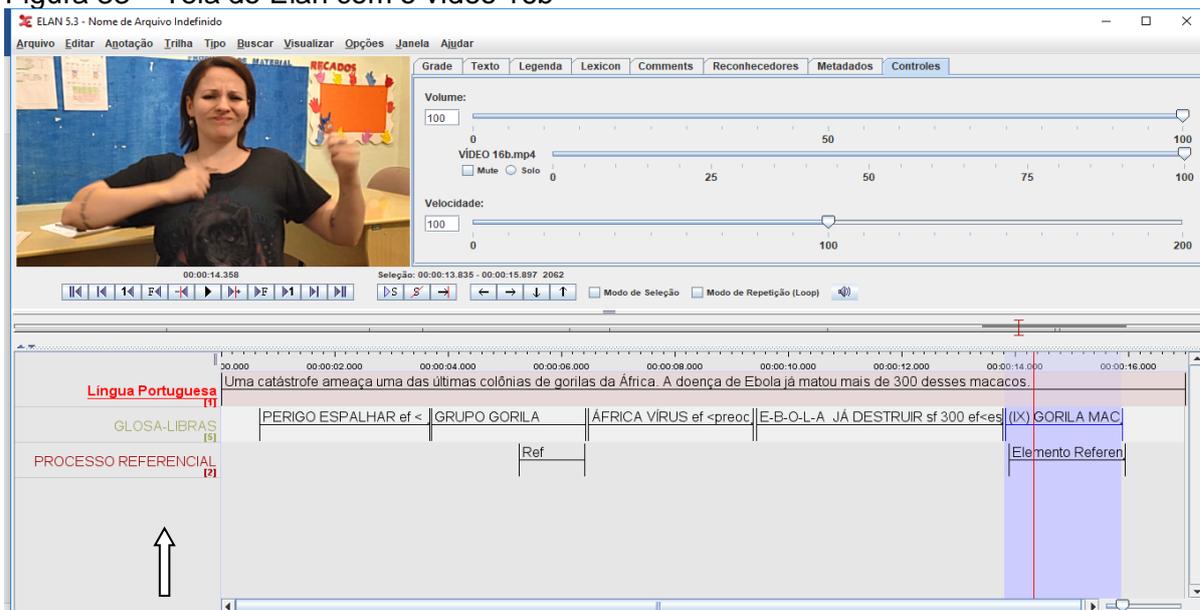
Para iniciar as análises do CA 4, rerepresentamos os integrantes (16a) e (16b), em formato de quadro, visando melhor ilustração:

<p>(16a) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de <u>gorilas</u> da África. A doença de Ebola já matou mais de 300 desses macacos.</p>	<p>(16b) PERIGO ESPALHAR ef <preocupad@>. <u>GRUPO GORILA</u> ÁFRICA VÍRUS ef <preocupad@> E-B-O-L-A JÁ DESTRUIR sf 300 ef <estarecida> (IX) GORILA MACACO ef<triste>.</p>
--	---

O primeiro recorte textual do quadro 8 é o (16a), o qual é constituído pelo objeto do discurso “gorilas”, termo mais específico para um dos grandes primatas, que é retomado pelo termo mais popular e genérico “macacos”. Nesse caso, verificamos uma sequência hipônimo/hiperônimo, em que o processo referencial é realizado por uma anáfora *com recategorização* por hiperonímia. O hiperônimo carrega em seu interior todos os traços lexicais do hipônimo. Obviamente, essas escolhas lexicais vêm carregadas de intenções, as quais vão sendo compreendidas no transcorrer do processo discursivo. Na glosa-Libras (16b), o surdo nomeia, no espaço referencial, o referente “gorilas” como GRUPO GORILA, representando o plural da LP. Além disso, o tradutor recorre à retomada por meio de uma repetição, (IX) GORILA, atrelada ao seu hiperônimo, MACACO ef<triste>. Ou seja, diferente do caso em LP, na Libras primeiro a retomada ocorre *sem recategorização*, não acontecendo uma modificação do referente. Entretanto, em seguida, o surdo sinaliza MACACO ef<triste>, que recategoriza o referente. A nosso ver, esse processo referencial, (IX) GORILA MACACO ef<triste>, além de contribuir para a cadeia referencial, por meio da coesividade, também visa a fortalecer e a enfatizar o referente em questão, até porque temos, na sequência, uma expressão facial afetiva ef<triste>, que atribui a real intenção enfática daquele contexto. Com base nessa análise, denominamos nesta pesquisa essa retomada como *anáfora correferencial cossignificativa-hiperonímica*.

Na figura 33, para visualização, tem-se a tela do programa Elan referente ao vídeo (16b), tendo em vista as trilhas criadas.

Figura 33 – Tela do Elan com o vídeo 16b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, vejamos como sucede o processo referencial em (17a) e (17b), integrantes do CA 4:

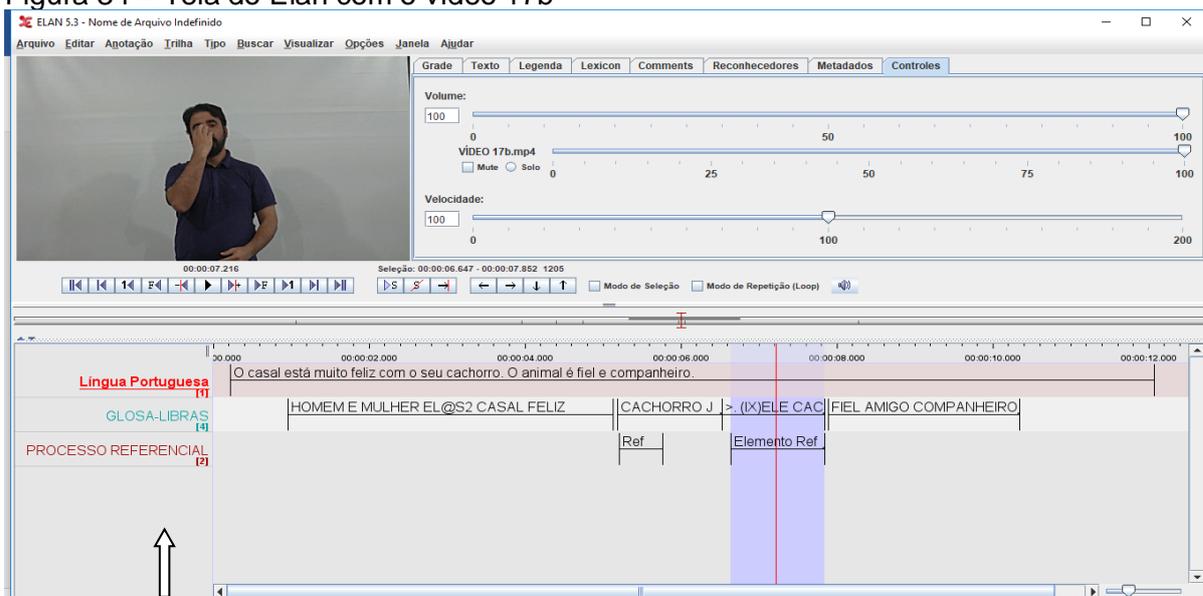
<p>(17a) O casal está muito feliz com o seu <u>cachorro</u>. O animal é fiel e companheiro.</p>	<p>(17b) HOMEM E MULHER EL@S2 CASAL FELIZ <u>CACHORRO</u> JUNTO ef<sentimento emoção>. (IX)EL@ CACHORRO FIEL AMIGO COMPANHEIRO ef<carinho>.</p>
--	--

No recorte textual (17a), o referente em LP é “cachorro”, e a retomada é realizada pela anáfora correferencial com recategorização por hiperonímia, “o animal”; ambos fazem parte do mesmo campo semântico. Ressaltamos que o conhecimento cognitivo do produtor do texto é de extrema importância para a seleção lexical apresentada em um discurso, pois o domínio de determinado campo semântico é o que vai lhe permitir construir a cadeia referencial de seu texto e empregar adequadamente os hipônimos e hiperônimos. Na glosa-Libras (17b), o referente “CACHORRO” é retomado por uma anáfora correferencial *sem recategorização* por repetição, atrelada ao apontamento visual e manual, por meio do pronome “EL@”, com a configuração de mão em G, orientada juntamente com o olhar para o referente no espaço de sinalização; isso leva à composição de um

dêitico-anafórico de classe padrão “(IX) *EL@ CHACHORRO*”. Não bastou para o sujeito surdo retomar somente “(IX) CACHORRO”, foi necessário também localizar o ambiente de marcação desse elemento, uma vez que ele já foi previamente introduzido no espaço discursivo, “(IX) *EL@ CHACHORRO*”. Nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento são componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal (SCHENKER, 2016). Funciona como se as coordenadas dêiticas fossem projetadas em espaços anafóricos, por isso, tem-se o dêitico-anafórico (MEURANT, 2008). Por todas essas questões, em (17b) temos o que denominamos de *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*.

Na figura 34 visualizamos a tela do programa Elan referente ao vídeo (17b), tendo em vista as trilhas criadas e a imagem em destaque.

Figura 34 – Tela do Elan com o vídeo 17b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Dando sequência às análises, rerepresentamos os integrantes do CA 4, (18a) e (18b):

<p>(18a) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra <u>o antraz</u>. Para destruir a bactéria, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico.</p>	<p>(18b) GRUPO le GRUPO Id PESQUISA PAÍS AMERICANO. EL@S2 GRUPO PESQUISA COMO <QUEM>qu~ ef <interrogativa> VENCER <u>BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z></u>. EL@S2 PENSAR ESTUDAR FOCO PRÓPRIO REMÉDIO COMO VENCER ef<animado> (IX) BACTÉRIA ESS@.</p>
---	--

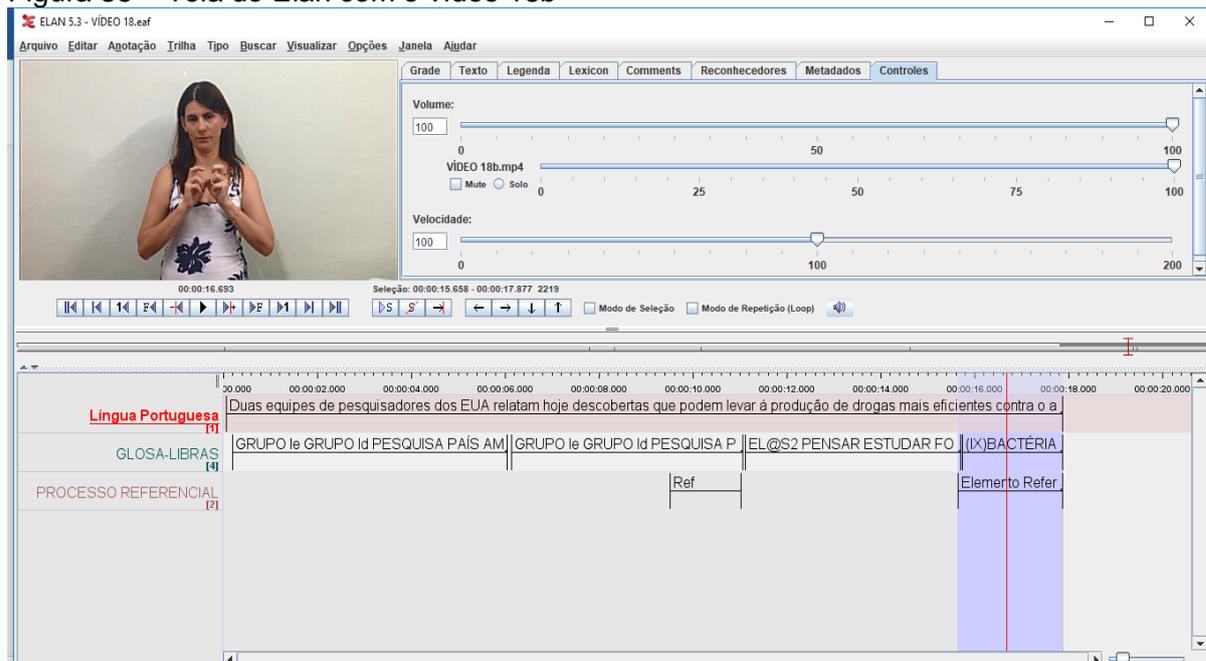
No recorte textual (18a), o referente é “o antraz”, que é retomado pelo enunciador por uma forma nominal, “a bactéria”. Esse processo referencial é denominado como anáfora correferencial por hiperonímia, com recategorização, haja vista que há uma relação hipônimo/hiperônimo, em que “a bactéria” é hiperônimo e “o antraz” é hipônimo, pois “a bactéria” contém todos os traços lexicais de “o antraz”. Ao escolher utilizar determinado processo de retomada, o produtor do texto tem alguma intenção. Sendo assim, a sua escolha lexical não é feita aleatoriamente, mas motivada por um propósito específico para aquela situação de interação. Nesse sentido, segundo Koch (2006), o uso do hiperônimo, geralmente, tem a função de glosar um termo e atualizar o conhecimento do interlocutor. Na Libras, observamos a seguinte construção referencial em (18b): BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z>. Por não ter sinal específico para a palavra “antraz”, o surdo já caracteriza o referente pelo termo mais comum, que em (18a) é considerado o hiperônimo: BACTÉRIA. Em seguida, acopla-se ao sinal BACTÉRIA, por meio da datilologia, o nome <A-N-T-R-A-Z>, constituindo então BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z>.

Conforme assevera Bernardino (2000), durante o processo referencial, alguns surdos utilizam a escrita do nome relativo ao substantivo (próprio ou comum), realizada por meio do alfabeto manual - datilologia. Isso porque não conhecem todos os sinais correspondentes, levando-os a buscar no inventário lexical da LP os nomes apropriados (quando conhecem), ou a perguntar aos colaboradores (no caso de nomes próprios) antes da realização tradução. Outros criam sinais provisórios a partir de características físicas correspondentes. Em (18b), a retomada é realizada por meio de uma repetição atrelada a um pronome demonstrativo, ou seja, há o apontamento manual com a configuração de mão em G, orientando a cabeça e o olhar em direção ao ponto específico do referente: (IX) BACTÉRIA ESS@. A

marcação de pontos específicos espaciais é uma característica típica do processo referencial das línguas visuoespaciais (FERREIRA BRITO, 2010). Por todos esses fatores, denominamos esse processo referencial na Libras, em (18b), como *dêitico-anafórico cossignificativo-pronominal*.

A figura 35 demonstra a tela do programa Elan referente ao vídeo (18b):

Figura 35 – Tela do Elan com o vídeo 18b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para o próximo processo analítico, com o intuito de uma melhor visualização, reapresentamos, em formato de quadro, os componentes (19a) e (19b) do CA 4:

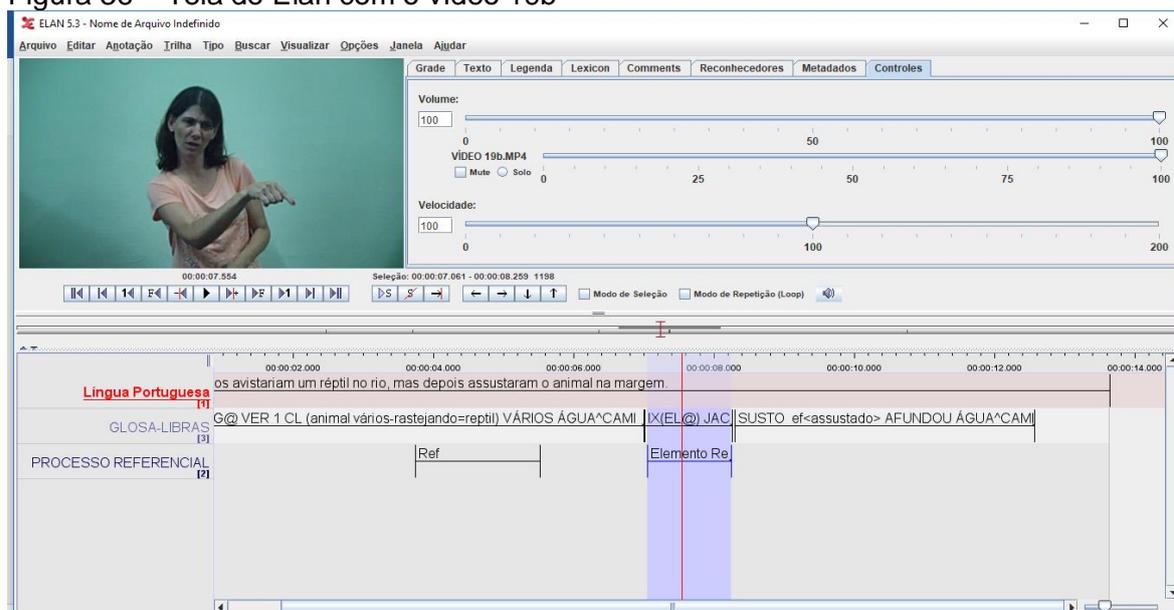
<p>(19a) Os biólogos avistariam um réptil no rio, mas depois assustaram o animal na margem.</p>	<p>(19b) BIÓLOG@ VER 1 CL (animal rastejando^vários=réptil) ÁGUA^CAMINHO=RIO. IX(EL@) JACARÉ SUSTO ef<assustado> AFUNDOU ÁGUA^CAMINHO=RIO.</p>
---	--

O recorte textual (19a), na LP, é composto pelo referente “um réptil”, o qual é retomado por meio de uma anáfora correferencial por hiperonímia. Nesse sentido, “um réptil” é o hipônimo e “o animal” é o hiperônimo, em uma relação semântica, em

que “o animal” abarca todas os traços lexicais de “um réptil”. Na glosa-Libras (19b), percebemos um processo referencial inverso: o surdo constrói no espaço discursivo o objeto do discurso CL (animal-rastejando^vários=réptil), por meio de um classificador de entidade, conforme Supalla (1982). Esse referente é representado, nesse contexto, pela configuração de mão 36, com movimentos de animal rastejando, caracterizando um RÉPTIL, o qual é retomado por IX(EL@) JACARÉ. Esse processo referencial é composto por um pronome, com apontamento manual pela configuração de mão em G, com orientação do olhar para o espaço de sinalização onde o referente foi construído, especificando-o por meio do sinal JACARÉ. Nesse processo referencial há uma especificação ou refinamento de uma categorização por meio da sequência hiperônimo/hipônimo. Em outras palavras, diferente do que aconteceu em (19a), na LP, na Libras, em (19b), o surdo lança primeiro o hiperônimo “RÉPTIL”, termo mais genérico, o qual é em seguida retomado por um dêitico-anafórico de classe padrão atrelado a um hipônimo, termo mais particular: “IX(EL@) JACARÉ”. Nesse caso, denominamos esse processo referencial como *dêitico-anafórico pronominal-especificador*.

Podemos ver, na figura 36, a tela do Elan com o vídeo (19b), composta pela imagem congelada do apontamento manual e visual, que compõe o processo referencial em evidência:

Figura 36 – Tela do Elan com o vídeo 19b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

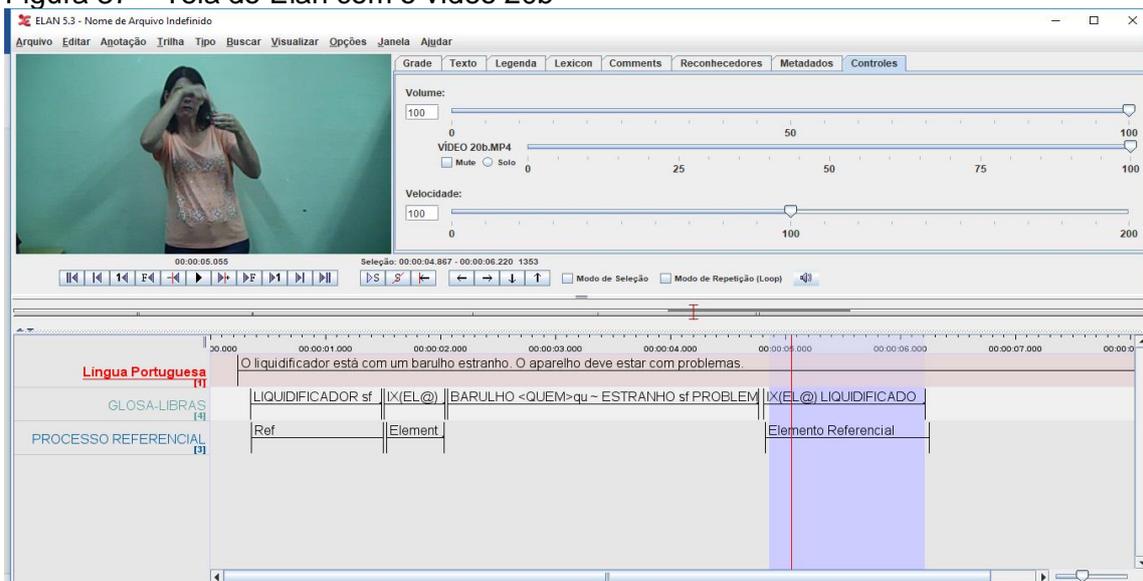
Para finalizar o CA 4, rerepresentamos os constituintes (20a) e (20b) antes do processo analítico:

<p>(20a) O <u>liquidificador</u> está com um barulho estranho. O aparelho deve estar com problemas.</p>	<p>(20b) <u>LIQUIDIFICADOR</u> sf &=motor IX(EL@) LIQUIDIFICADOR BARULHO <QUEM>qu ~ ESTRANHO sf PROBLEMA IX(EL@) LIQUIDIFICADOR ef <preocupado>.</p>
--	---

O recorte textual (20a) é constituído pelo referente “liquidificador”, o qual é recategorizado por uma anáfora direta por hiperonímia, gerando uma relação semântica hierárquica, conforme observado também em outros exemplos. Na glosa-
 Libras (20b), o referente é construído no espaço de sinalização da seguinte maneira: LIQUIDIFICADOR sf &=motor. O surdo, no processo tradutório, lança logo a seguir uma primeira retomada, marcada pelo pronome (IX)(EL@), juntamente com a repetição do objeto do discurso: IX(EL@) LIQUIDIFICADOR. Esse processo referencial merece destaque, uma vez que o surdo constrói os dois sinais simultaneamente no espaço referencial neutro, ou seja, mantém o braço esquerdo semiflexionado, com a configuração de mão em C ()²⁹, caracterizando o sinal de LIQUIDIFICADOR; e ao mesmo tempo, realiza o apontamento manual com a mão direita, por meio da configuração de mão em G, com o olhar também direcionado para o referente. Denominamos essa ocorrência como *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*. Além dessa primeira reconstrução do objeto do discurso, dando sequência à cadeia referencial, há outra retomada que se configura na mesma perspectiva da anterior, com acréscimo da expressão facial marcada: IX(EL@) LIQUIDIFICADOR ef <preocupado>. Assim sendo, temos outro caso de *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*.

Vejamos na figura 37, referente ao vídeo (20b), o exato momento do processo referencial em destaque, além das trilhas integrantes:

Figura 37 – Tela do Elan com o vídeo 20b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Finalizadas as análises do CA 4, prosseguimos com o CA 5, constituído pela anáfora direta por nome genérico na Língua Portuguesa, a fim de verificar como esse processo referencial se comportará na tradução para a Libras.

4.1.5 CA 5: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por nomes genéricos na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Nesta subseção, apresentamos e analisamos o *Corpus* Paralelo Português-Libras composto pela anáfora correferencial com recategorização por nomes genéricos na LP, com o objetivo de observar como esse processo anafórico se comporta na Libras. “Os termos genéricos têm a função de retomar de maneira ampla e geral os elementos linguísticos que o antecedem na superfície textual” (BERNARDI, 2012, p. 61). O quadro 9 foi organizado com os recortes textuais do CA 5:

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(21a) A multidão ouviu o ruído de <u>um motor</u> . Todos olharam para o alto e viram a coisa se aproximando.	(21b) TODAS PESSOAS OUVIR BARULHO ESTRANHO ef <curioso/preocupado> sf MOTOR &=motor Id oc od. IX - CL (enm TODOS-OLHAR Oc < O QUE > qu ~ ef <ansioso/dúvida> sf ESTRANHO-VIR).
(22a) <u>O rapaz</u> reconhece ter rodado bêbado. O tribunal de correção infligiu novamente uma pena de reclusão ao sujeito .	(22b) ELE le <u>HOMEM</u> sf DIRIGIR BÊBADO JUSTIÇA CL(IX-le-ØPEGAR ef <brav@> Id-ØJOGAR ef<aliviado> CADEIA Id) DE NOVO.
(23a) <u>Paulo</u> está muito doente. O indivíduo mal consegue falar.	(23b) <P-A-U-L-O> le DOENTE sf ef <pena/dó>. (IXle)EL@ NÃO-CONSEGUIR FALAR sf MAL DOENTE ef<preocupado>.
(24a) No canto da cozinha, estava <u>um rato</u> . Ao ver a criatura que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.	(24b) CANTO AQUI le PANELA^MEXER=COZINHAR VIVER BIGODE^RABO-CORRER=RATO. (IX)EST@ BIGODE^RABO-CORRER= RATO(le) COMER CL (roer-queijo) QUEIJO <M-A-R-I-A> VER GRITAR CL (CORRENDO).
(25a) Meu avô tinha <u>uma coleção de vinhos antigos</u> . Era o negócio que ele mais apreciava.	25b) <u>VINHO</u> CL le (coleção-vinhos+++ ef<interessante>) ANTIGOS AVÔ TER. (IX) CL le (est@ coleção-vinhos+++) BEBIDA AVÔ (IX)ØAPRECIAR-DEGUSTAR ef<gostoso/bom> MAIS.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

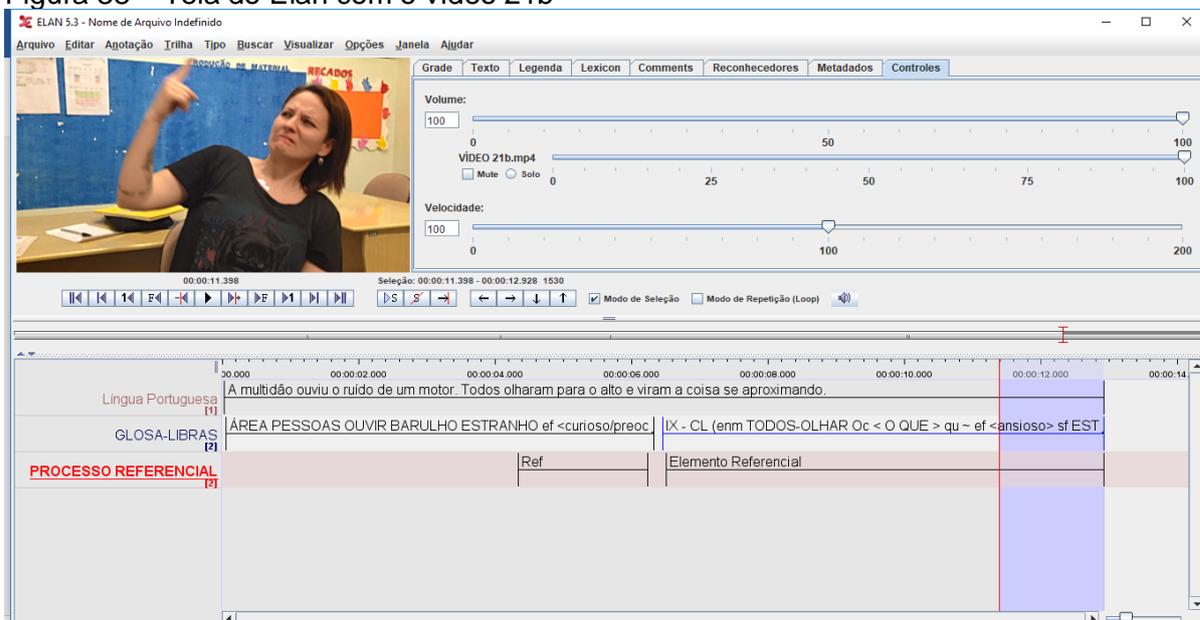
Para iniciar as análises do CA 5, reapresentamos os integrantes (21a) e (21b), em formato de quadro, visando melhor ilustração:

<p>(21a) A multidão ouviu o ruído de <u>um motor</u>. Todos olharam para o alto e viram a coisa se aproximando.</p>	<p>(21b) TODAS PESSOAS OUVIR BARULHO ESTRANHO ef <curioso/preocupado> sf <u>MOTOR</u> &=motor Id oc od. IX - CL (enm TODOS-OLHAR Oc < O QUE > qu ~ ef <ansioso/dúvida> sf ESTRANHO-VIR).</p>
--	---

O primeiro recorte textual em LP do quadro 9 é o (21a), composto pelo referente “um motor”, que é retomado por meio de uma anáfora correferencial recategorizadora por nome genérico, “a coisa”. Por não ter conhecimento do que se tratava aquele barulho de motor se aproximando, o enunciador reconstruiu o objeto do discurso mediante um termo vago, inespecífico. Na glosa-Libras (21b), o surdo já apresenta no início da sinalização, no espaço discursivo, vestígios manuais e faciais de dúvida, curiosidade sobre o barulho que se escuta, e constrói o referente considerando um som de um motor se aproximando do lado direito do sinalizante: MOTOR &=MOTOR Id oc od. Com o referente construído, em seguida, o surdo o retoma, arquitetando toda ação referencial por meio um dêitico-anafórico de complexa unidade manual e não manual, ou seja, por meio de uma *EAI/Transferência*: IX - CL (enm todos-olhar Id oc sf < o que > qu ~ ef <ansioso> sf estranho-vir). Nesse processo referencial encontramos: (i) padrões específicos do olhar – todos olhando para o alto em busca de conseguir compreender o que é o som de motor que se aproxima; (ii) formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial - nesse caso, todo o classificador construído visa a representar o referente em questão; e (iii) expressões faciais marcadas – olhar para a direita do sinalizador e para o alto, com sobrancelhas e testa franzidas, expressão facial de dúvida, ansiedade e ao mesmo tempo de curiosidade. De fato, o tradutor ilustra o que se diz em (21b). Assim sendo, as *EAI/Transferências* são concebidas como vestígios de operações cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem a sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (as três dimensões do espaço acrescidas da dimensão tempo). Por todos esses fatores elencados, temos um *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*.

Na figura 38, visualiza-se a tela do programa Elan referente ao vídeo (21b), tendo em vista as trilhas criadas e a imagem congelada do tradutor durante a construção do processo referencial:

Figura 38 – Tela do Elan com o vídeo 21b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, vejamos como sucede o processo referencial em (22a) e (22b), integrantes do CA 5:

<p>(22a) <u>O rapaz</u> reconhece ter rodado bêbado. O tribunal de correção infligiu novamente uma pena de reclusão ao sujeito.</p>	<p>(22b) ELE le <u>HOMEM</u> sf DIRIGIR BÊBADO JUSTIÇA CL(IX-le-ØPEGAR ef <brav@> Id-ØJOGAR ef<aliviado> CADEIA Id) DE NOVO.</p>
--	--

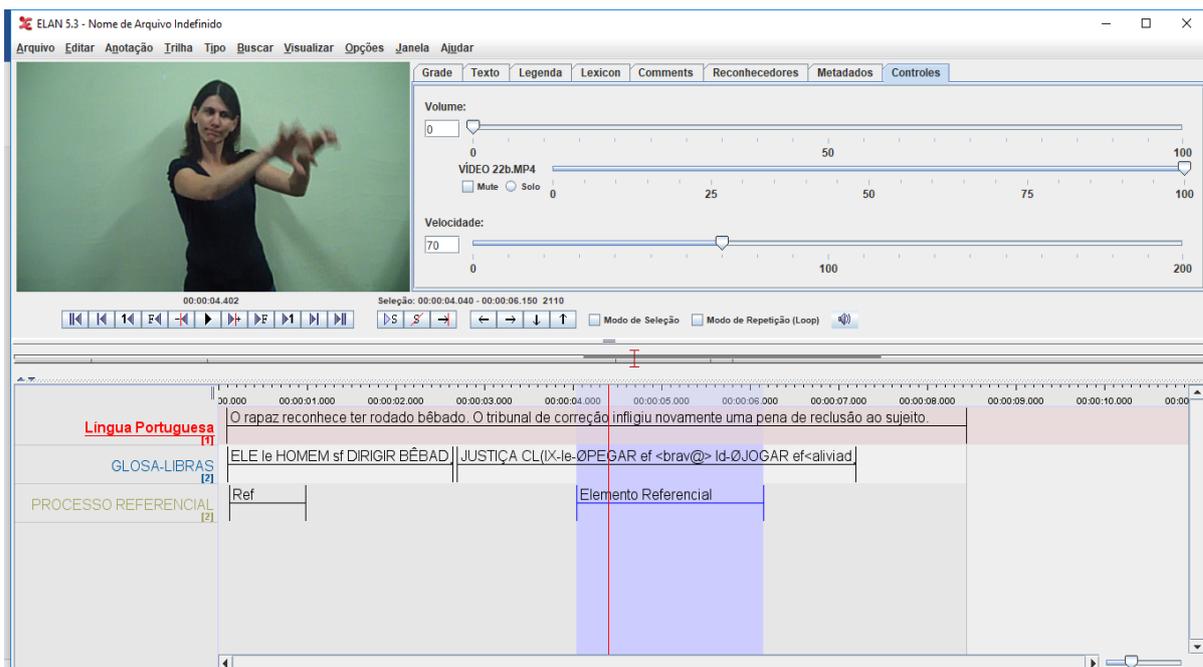
No recorte textual (22a), o referente em destaque é “o rapaz”, retomado por uma anáfora correferencial por nome genérico: “sujeito”. O termo anafórico “sujeito” identifica o referente “o rapaz”, mas o faz atribuindo-lhe uma designação genérica, isto é, recategorizando-o. Segundo Koch (2006), o nome-núcleo genérico é dotado de carga avaliativa, que caracteriza, então, o processo de recategorização. Na glosa-Libras (22b), o tradutor construiu o referente no espaço discursivo da seguinte maneira: EL@ le HOMEM. Nesse processo de introdução referencial, há o objeto do discurso marcado do lado esquerdo do sinalizante, por meio do pronome EL@,

caracterizando o apontamento manual, com a configuração de mão em G, e o apontamento visual, em direção ao referente em questão. Com o ponto específico no espaço, o surdo então atrelou ao pronome EL@ o sinal HOMEM. É importante destacar que o elemento EL@ poderia se referir a outro participante, visto que em Libras EL@ não possui marca de gênero como na LP, por isso a presença do pronome e logo em seguida a apresentação do substantivo (FERREIRA BRITO, 2010). Construído o referente, o próximo passo foi então retomá-lo. Para tanto, o surdo desenvolveu em (22b) um processo distinto do que vimos na LP: CL(IX-le-ØPEGAR ef <brav@> Id-ØJOGAR ef<aliviado> CADEIA). Houve nesse processo referencial a elipse do sujeito afetado pela ação (EL@ le HOMEM), por meio dos verbos manuais PEGAR e JOGAR, que são classificadores. Esses verbos, no contexto em pauta, representam a ação da polícia (justiça) pegando o infrator (pela camiseta) e encarcerando-o (CL – Id-ØJOGAR ef<aliviado> CADEIA). Muito mais que dizer, o sinalizante mostra/ilustra a ação, por meio de olhares específicos e expressões faciais marcadas.

Por todas essas questões, temos em (22b) um *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*. Há de se destacar que esse processo referencial só é possível porque o sinalizante estabeleceu no espaço discursivo um ponto específico para o referente. Todas as ações construídas levam em conta esse ponto demarcado no espaço. Nas LSs, o espaço é tão importante quanto o aparelho fonador nas línguas orais. É nesse espaço que ocorre todo processo referencial, que inclusive permite correferência explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009).

Na figura a seguir podemos ver a tela do programa Elan referente ao vídeo (22b) com os seus constituintes:

Figura 39 – Tela do Elan com o vídeo 22b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Dando sequência às análises, rerepresentamos os integrantes do CA 5, (23a) e (23b):

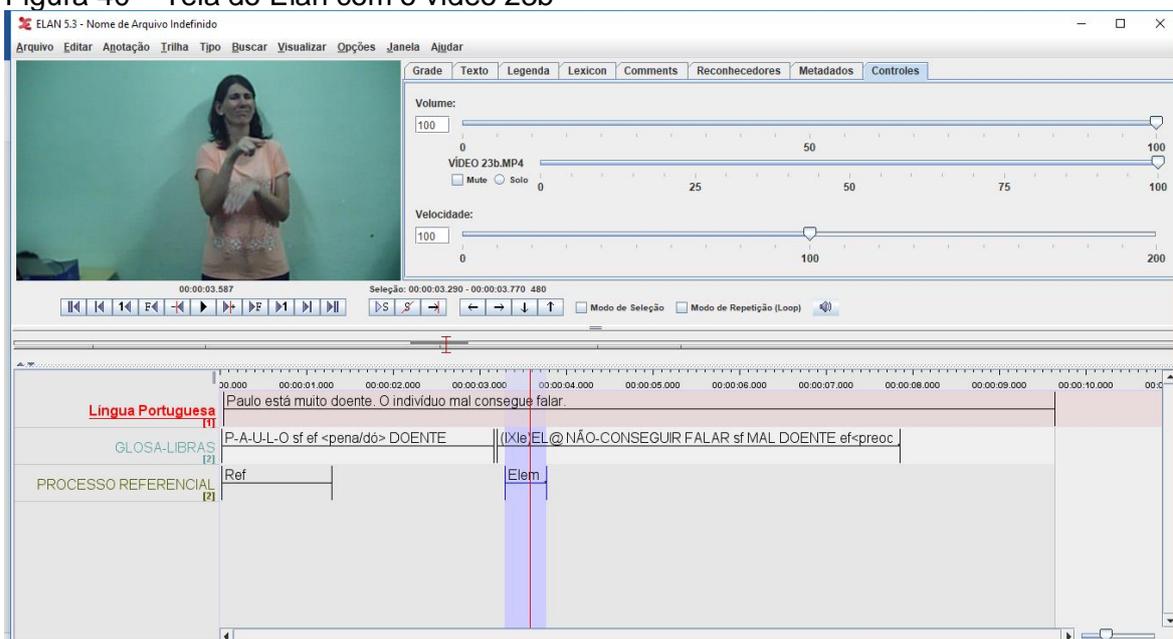
<p>(23a) <u>Paulo</u> está muito doente. o indivíduo mal consegue falar.</p>	<p>(23b) <P-A-U-L-O> le DOENTE sf ef <pena/dó>. (IXle)EL@ NÃO-CONSEGUIR FALAR sf MAL DOENTE ef<preocupado>.</p>
---	--

No recorte textual (23a), em LP, o referente é “Paulo”, que é retomado por meio de uma anáfora correferencial por nome genérico: “o indivíduo”. Essa forma nominal recategoriza e ao mesmo tempo torna o referente mais distante do enunciador, pois esse termo genérico é usado muitas vezes quando não há uma relação próxima com a pessoa da qual se fala. Na glosa-Libras, em (23b), o surdo constrói o referente por meio da datilologia <P-A-U-L-O> le, marcando-o no lado esquerdo do espaço de sinalização. Diferente do que temos na LP, na Libras, o processo de retomada do objeto do discurso acontece mediante o pronome (IXle)EL@, que se caracteriza, na modalidade visuoespacial, por meio do apontamento manual, com a configuração de mão em G, e por meio do apontamento visual, os quais são direcionados ao local de construção do referente previamente estabelecido. Assim sendo, temos um processo referencial simultâneo

entre a anáfora (retomada) e a dêixis (apontamento), constituindo o dêitico-anafórico de classe padrão. Nessa perspectiva, segundo Quadros, Pizzio e Rezendo (2009), os pronomes de terceira pessoa apresentam relações mais complexas, têm funções anafóricas e dêíticas e podem envolver referentes que não fazem parte do contexto imediato (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009). Com base nesses fatores, temos nesse caso um *dêitico-anafórico pronominal singular*.

Na figura 40, visualizamos a tela do programa Elan referente ao vídeo (23b).

Figura 40 – Tela do Elan com o vídeo 23b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

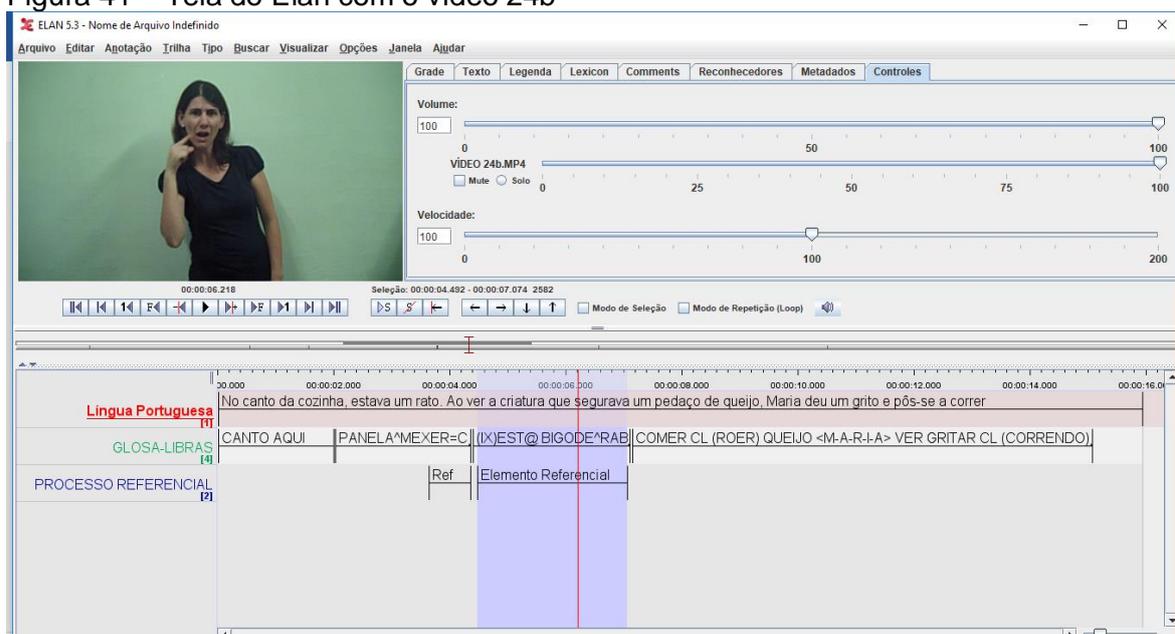
Para efeito ilustrativo, rerepresentamos os integrantes do CA 5, (24a) e (24b), para então iniciar o processo analítico correspondente:

<p>(24a) No canto da cozinha, estava <u>um rato</u>. Ao ver a criatura que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.</p>	<p>(24b) CANTO AQUI le PANELA^MEXER=COZINHAR VIVER <u>BIGODE^RABO-CORRER=RATO. (IX)EST@</u> BIGODE^RABO-CORRER= RATO(le) COMER CL (roer-queijo) QUEIJO <M-A-R-I-A> VER GRITAR CL (CORRENDO).</p>
---	--

No recorte textual (24a), o referente em destaque é “um rato”, que é recategorizado pela forma nominal genérica “a criatura”. Em LP, ocorre uma anáfora correferencial por nome genérico. Por serem os ratos roedores que costumam gerar medo ou nojo em determinadas pessoas, o elemento referencial genérico - “a criatura” - reforça essa ideia de repulsão e não proximidade desse animal. Nesse sentido, é importante considerar que, na perspectiva da *Referenciação*, a escolha lexical de determinado elemento referencial em detrimento de tantos outros possíveis existentes na língua pode revelar opiniões, intenções e atitudes do enunciador. Em Libras, o sujeito surdo, ao traduzir o recorte textual, constrói no espaço de sinalização o referente BIGODE^RABO-CORRER=RATO. Depois de marcado no espaço, o referente é então retomado da seguinte maneira: (IX)EST@BIGODE^RABO-CORRER= RATO(le). Temos um pronome demonstrativo EST@, atrelado à repetição BIGODE^RABO-CORRER= RATO(le). O pronome EST@ é constituído pelo apontamento manual e visual, mediante a configuração de mão G, seguido da orientação da mão e da direção do olhar no espaço referencial marcado, caracterizando então um dêitico-anafórico padrão. Nesse sentido, vale destacar o que Ferreira Brito e Berenz (2010) declaram: “os pronomes em Libras são essencialmente dêiticos (localização espaço-temporal)” (FERREIRA BRITO; BERENZ; 2010, p. 71). Assim sendo, temos o que denominamos nesta tese de *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*.

Esses aspectos podem ser visualizados na figura 41, que apresenta a tela do programa Elan referente ao vídeo (24b) e aos seus integrantes, entre eles a glosa-Libras:

Figura 41 – Tela do Elan com o vídeo 24b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Encerrando o CA 5, rerepresentamos os componentes (25a) e (25b), em formato de quadro, antes do processo analítico:

<p>(25a) Meu avô tinha <u>uma coleção de vinhos antigos</u>. Era o negócio que ele mais apreciava.</p>	<p>25b) <u>VINHO CL le (coleção-vinhos+++ ef<interessante>)</u> ANTIGOS AVÔ TER. (IX) CL le (est@ coleção-vinhos+++) BEBIDA AVÔ (IX)ØAPRECIAR-DEGUSTAR ef<gostoso/bom> MAIS.</p>
---	--

O recorte textual (25a) é composto em LP pelo objeto do discurso “uma coleção de vinhos antigos”. Esse referente é recategorizado pela forma nominal “o negócio”, caracterizando, desse modo, uma anáfora correferencial por nome genérico. Na glosa-Libras (25b), o referente é marcado no espaço como VINHO CL (le coleção-vinhos+++ ef<interessante>) ANTIGOS. Após o sinal VINHO, o tradutor ilustrou no espaço uma adega de vinho, por meio de um classificador descritivo, que representa a forma e o tamanho do elemento em questão: CL (le coleção-vinho+++ ef<interessante>). Com esse referente construído, mais adiante houve então sua retomada por meio do classificador já representado no espaço, do lado esquerdo do sinalizante, acoplado ao sinal BEBIDA: (IX) CL le (est@ coleção-vinhos+++)

BEBIDA. É relevante destacar que, na retomada desse classificador descritivo, o surdo o faz atrelado ao pronome demonstrativo, em outras palavras, o tradutor aponta para o ponto de construção do referente e com a configuração de mão em G já ilustra a adega, fazendo, portanto, construções simultâneas.

Dando sequência à cadeia referencial, logo a seguir, o verbo (IX)ØAPRECIAR-DEGUSTAR ef<gostoso/bom>, junto com olhar específico e expressão facial marcada, retomam BEBIDA, que remete automaticamente ao referente em evidência. Esse conjunto sequencial de retomadas ilustrativas visam, a nosso ver, a reforçar e a destacar o objeto de discurso em questão, deixando-o sempre saliente no espaço de sinalização. Nessa perspectiva, consideramos esse processo referencial como um dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais, pois diferentes subtipos de *EAI/Transferências* são combinadas entre si, com sinais padrão também, para codificar simultaneamente informações voltadas ao referente, permitindo uma especificação multilinear do processo referencial dêitico-anafórico (PIZZUTO et al., 2006). Assim sendo, temos então em (25b) um *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*.

Na figura 42, podemos ver a tela do Elan com vídeo (25b), considerando as trilhas construídas:

Figura 42 – Tela do Elan com o vídeo 25b

The screenshot displays the ELAN 5.3 software interface. At the top, there is a menu bar with options: Arquivo, Editar, Anotação, Trilha, Tipo, Buscar, Visualizar, Opções, Janela, and Ajudar. Below the menu is a toolbar with various icons for file operations and playback controls. The main window is divided into several sections:

- Video Player:** Shows a video of a man speaking. It includes volume and speed sliders, and a progress bar.
- Timeline:** A horizontal axis at the bottom showing time in seconds (e.g., 00:00:00.000, 00:00:02.000, etc.).
- Transcription:** A table-like structure below the timeline showing the transcription of the video. The text is: "Meu avô tinha uma coleção de vinhos antigos. Era o negócio que ele mais apreciava." The transcription is segmented into words and phrases, with a blue highlight under the word "Referente".
- Annotations:** On the left side, there are labels for the transcription segments: "Lingua Portuguesa", "GLOSA-LIBRAS", and "PROCESSO REFERENCIAL".

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Com as análises do CA 5 realizadas, damos sequência ao último CA, o 6, constituído pela anáfora direta por descrições definidas na Língua Portuguesa, a fim de verificar como esse processo referencial se comporta na tradução para a Libras.

4.1.6 CA 6: Corpus Paralelo Português-Libras composto de anáfora direta por descrições definidas na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Esta subsecção é reservada à análise da anáfora correferencial com recategorização por descrições definidas na LP, a fim de observar, no *Corpus Paralelo Português-Libras*, como esse processo anafórico chega na Libras. Segundo Koch e Elias (2006), tais anáforas “desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 137). No quadro 10 constam os recortes textuais selecionados para o CA 6:

Quadro 10 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por descrição nominal definida

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(26a) O filme <i>Central do Brasil</i> fez muito sucesso. O clássico do cinema nacional levou a atriz Fernanda Montenegro a concorrer ao Oscar em 1999.	(26b) <i>FILME NOME</i> <C-E-N-T-R-A-L D-O B-R-A-S-I-L> PASSADO SUCESSO. (IX)FILME ESS@ PROMOVER MULHER ATRIZ <F-E-R-N-A-N-D-A M-O-N-T-E-N-E-G-R-O> TROFÉU <O-S-C-A-R> 1999 CONCORRER.
(27a) <i>A Rainha Silvia</i> da Suécia, nasceu na Alemanha. A monarca consorte é filha de mãe brasileira.	(27b) <i>RAINHA NOME</i> <S-I-L-V-I-A> PRÓPRIO <i>SUÉCIA</i> NASCER ALEMANHA. MAS (IX)EL@ REALMENTE..... FILHA..... MÃE..... BRASIL ef<admirad@>.
(28a) <i>Reagan</i> perdeu a batalha no Congresso. O cowboy do faroeste americano não tem tido grande sucesso.	(28b) <i>HOMEM PESSOA</i> R-E-A-G-A-N Id PERDER DISPUTA CONGRESSO. (IX)Id PESSOA <O QUE>qu sf CL (pessoa-atirando+++) ml ef<nervoso> NOME <F-A-R-O-E-S-T-E> AMERICANO NÃO-CONSEGUIR

	VENCER.
(29a) ¹ A <u>avó</u> não tinha meios para sustentar ² a <u>criança</u> . ¹ A mísera velhinha estava à procura de alguém que quisesse adotar ² o recém-nascido cuja mãe perecera durante o parto.	(29b) ¹ MULHER^VELHA=AVÓ ² CRIANÇA-le NÃO-TER DINHEIRO ² (IXIe)ØSUSTENTAR. ¹ (IX)MULHER^VELHA=AVÓ POBRE+++ ef <dó> PRECISA PROCURAR PESSOA PORQUE MAE MORRER (IX)ØNASCER (IX)ØDAR ADOTAR.
(30a) Um caminhão atropelou o <u>Sr. José da Silva</u> enquanto trocava o pneu de sua Parati de placa AX1529 no acostamento da Rodovia Anhanguera, perto do trevo de Vinhedo. A vítima do acidente foi imediatamente socorrida pelo próprio motorista, que o recolheu ao hospital S. Vicente. Os dois veículos foram vistoriados pela polícia rodoviária. Ficou confirmado que estavam ambos em péssimo estado de manutenção.	(30b) AVENIDA BR CL (carro-estacionar) IXId CARRO SENTIR CL (FURAR-PNEU) NOME CARRO P-A-R-A-T-I NUMERO PLACA A-X-1-5-2-9 NOME HOMEM <J-O-S-E D-A S-I-L-V-A> Id CONSERTAR ARRUMAR MUDAR. CAMINHÃO CL (caminhão-bater-carro) MOTORIST@ CL (descer-caminhão-correr-desesperado-ver) ef<desespero>, (IXId)ØLEVAR HOSPITAL ef<preocupado> , NOME HOSPITAL <QUAL>qu~ ef <interrogativa> S-A-O V-I-C-E-N-T-E (IXId)ØLEVAR GRAVE ef<apreensivo> . POLICIA ID IR VER <QUEM>qu~ ef <interrogativa> ACONTECER ID IR PROBLEMA ID <VER>+++ CARRO CAMINHÃO TER PROBLEMA DEFEITO VELHO.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

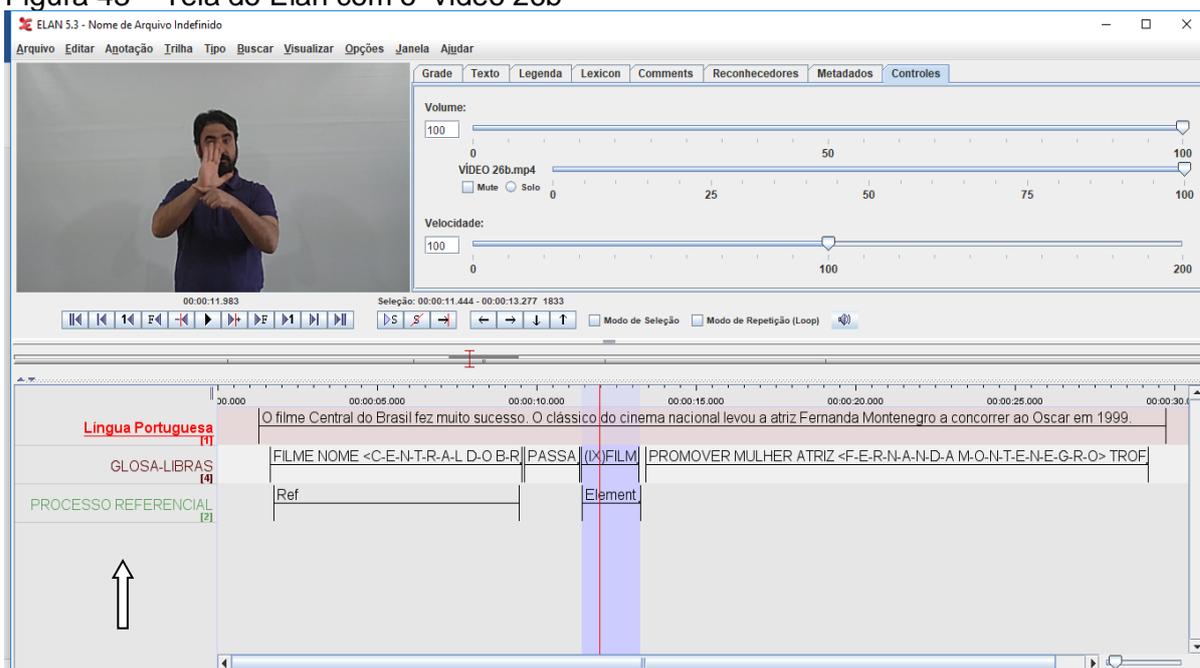
Para iniciar as análises do CA 6, rerepresentamos os integrantes (26a) e (26b), em formato de quadro, visando melhor ilustração:

<p>(26a) O filme <i>Central do Brasil</i> fez muito sucesso. O clássico do cinema nacional levou a atriz Fernanda Montenegro a concorrer ao Oscar em 1999.</p>	<p>(26b) <i>FILME NOME <C-E-N-T-R-A-L D-O B-R-A-S-I-L></i> PASSADO SUCESSO. (IX)FILME ESS@ PROMOVER MULHER ATRIZ <F-E-R-N-A-N-D-A M-O-N-T-E-N-E-G-R-O> TROFÉU <O-S-C-A-R> 1999 CONCORRER.</p>
---	--

O recorte textual (26a), em LP, é composto pela presença do objeto do discurso “O filme Central do Brasil”. Na sequência, esse referente é retomado mediante a uma descrição nominal definida “o clássico do cinema nacional”, com a intenção de situar o interlocutor sobre a relevância desse filme “Central do Brasil” no contexto brasileiro. O uso de uma descrição nominal com papel de recategorização de objeto do discurso “implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de recategorizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto” (KOCH, 2005, p. 35). Na glosa-*Libras* (26b), o sujeito surdo, ao traduzir o recorte textual, construiu o seguinte objeto do discurso: “*FILME NOME <C-E-N-T-R-A-L D-O B-R-A-S-I-L>*”. É possível observar que esse referente é realizado com o auxílio da datilologia relativa ao substantivo próprio, deixando-o mais evidente ao seu interlocutor. Esse objeto do discurso é, na sequência, retomado mediante a repetição do sinal “FILME”, atrelada ao pronome demonstrativo “ESS@”, que é caracterizado pelo apontamento manual e visual, no espaço de sinalização, gerando um dêitico-anafórico de classe padrão: “FILME ESS@”. Landaluce (2015) consente que nas línguas de sinais “es muy común que los mismos demostrativos, locativos y deícticos temporales usados deícticamente se usen también anafóricamente” (LANDALUCE, 2015, p. 42). Por todos esses elementos, o processo referencial em (26b) pode ser caracterizado como um *dêitico-anafórico cossignificativo-pronominal*. Vale destacar que essa retomada na *Libras* foi bastante objetiva, não considerando o fato de o filme ser um “clássico do cinema brasileiro”, conforme enfatizado no recorte textual da LP.

Na figura a seguir, observa-se a tela do programa Elan referente ao vídeo (26b) e aos seus constituintes:

Figura 43 – Tela do Elan com o vídeo 26b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Dando sequência às análises, rerepresentamos os integrantes do CA 6, (27a) e (27b):

<p>(27a) <u>A Rainha Silvia da Suécia</u>, nasceu na Alemanha. A monarca consorte é filha de mãe brasileira.</p>	<p>(27b) <u>RAINHA NOME <S-I-L-V-I-A></u> PRÓPRIO <u>SUÉCIA</u> NASCER ALEMANHA. MAS (IX)EL@ <u>REALMENTE FILHA MÃE BRASIL</u> ef<admirad@>.</p>
---	---

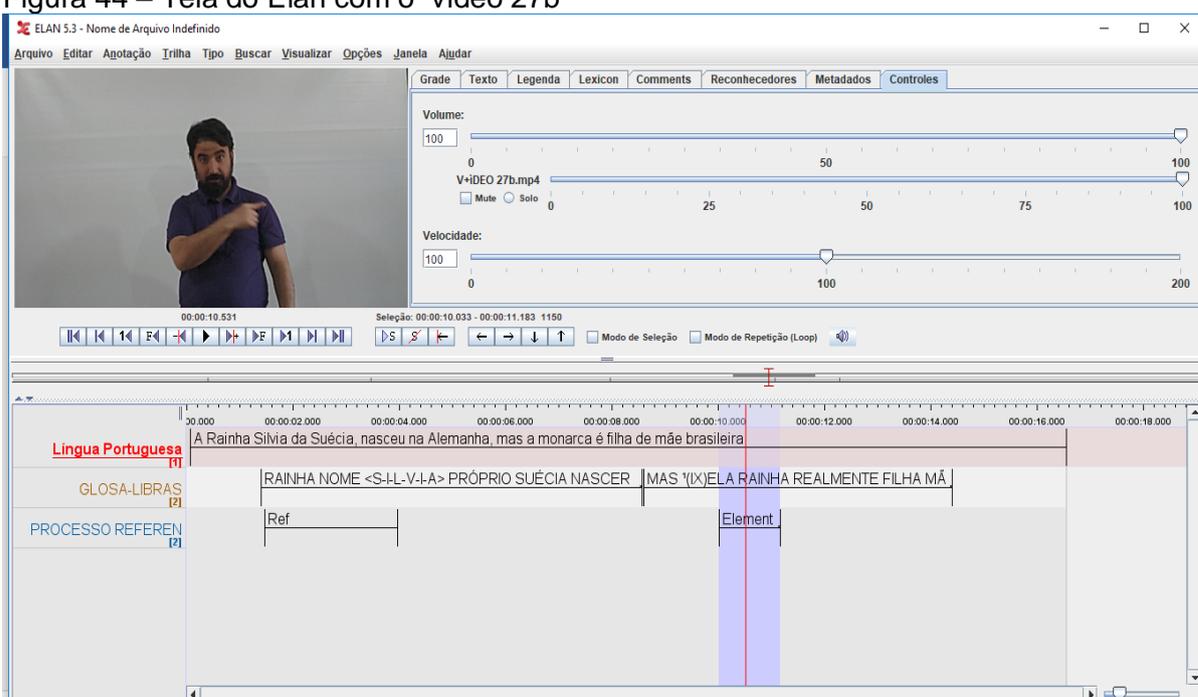
Em (27a), recorte textual construído em LP, observamos a presença do objeto do discurso “A Rainha Silvia da Suécia”, que é retomado por meio de uma descrição nominal definida “a monarca consorte”, um tipo de anáfora direta correferencial com recategorização. Ressaltamos que, apesar de tratar do mesmo objeto de discurso, no processo anafórico há outra qualidade do referente, que expressa um conhecimento específico da vida da “Rainha Silvia da Suécia”, a qual é denominada como “a monarca consorte” por ter casado com o príncipe herdeiro da Suécia, Carl Gustaf. A rainha Silvia, nascida na Alemanha, é filha de mãe brasileira e morou em São Paulo dos 4 aos 14 anos. Para compreender esse processo referencial, é necessário, sem dúvida, acionar esse conhecimento prévio, que demarca

propriedades específicas do referente em evidência no texto. Na glosa-Libras (27b), o referente é “RAINHA NOME <S-I-L-V-I-A> PRÓPRIO SUÉCIA”, marcado no espaço de sinalização. Diferente do que constatamos na LP, na Libras, o referente é retomado por meio do pronome pessoal “EL@”, caracterizado por apontação manual com configuração de mão em G, assim como apontação por meio do olhar no espaço discursivo.

Esse processo referencial é composto por um dêitico-anafórico de classe padrão (PIZZUTO et al., 2006), ou seja, junto à anáfora, há também a dêixis, apontando exatamente para o referente em evidência. Temos então em (27b) o que denominamos nesta pesquisa de *dêitico-anafórico pronominal singular*. É relevante destacar que o surdo optou pelo processo referencial baseado no sistema pronominal, não evidenciando em sua tradução o atributo do referente que na LP foi apresentado por meio da descrição nominal definida. Não questionamos suas seleções linguísticas no ato tradutório; porém, acreditamos que muitas das suas escolhas podem ser ocasionadas pela própria Libras, tendo em vista a sua modalidade visuoespacial.

Com auxílio da figura 44, visualizamos a tela do programa Elan referente ao vídeo (27b) e aos seus integrantes, entre eles a glosa-Libras:

Figura 44 – Tela do Elan com o vídeo 27b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, vejamos como sucede o processo referencial em (28a) e (28b), integrantes do CA 6:

<p>(28a) <u>Reagan</u> perdeu a batalha no Congresso. O cowboy do faroeste americano não tem tido grande sucesso.</p>	<p>(28b) <u>HOMEM PESSOA R-E-A-G-A-N Id</u> PERDER DISPUTA CONGRESSO. (IX)Id PESSOA <O QUE>qu sf CL (pessoa-atirando+++) ml ef<nervoso> NOME <F-A-R-O-E-S-T-E> AMERICANO NÃO-CONSEGUIR VENCER.</p>
--	---

O próximo recorte textual é (28a) com o referente “Reagan” ativado. Esse referente é retomado por meio de uma descrição nominal definida: “o cowboy do faroeste americano”. Nessa reconstrução anafórica por descrição definida, fica visível como o locutor do texto vê o referente e como ele deseja mostrá-lo ao seu interlocutor. Nesse sentido, Koch (2005) assevera que a colocação de uma descrição nominal com função de recategorização de referentes implica sempre em uma escolha entre uma multiplicidade de formas de categorizar o referente. Essa escolha pode trazer ao interlocutor informações relevantes sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto. Na glosa-Libras, o surdo primeiro marca o gênero, por meio do sinal HOMEM SER; em seguida, soletra <R-E-A-G-A-N>Id: HOMEM PESSOA <R-E-A-G-A-N> Id. Com o referente marcado em um ponto específico no espaço de sinalização, há então a retomada: (IX)Id PESSOA <O QUE>qu sf CL (revolver-atirando+++)

Sabemos que se trata de <R-E-A-G-A-N> justamente pela marcação inicial do referente no espaço - lado direito. Temos nesse processo referencial a repetição do sinal PESSOA, atrelado à sequência <O QUE>qu sf CL (revolver-atirando+++)

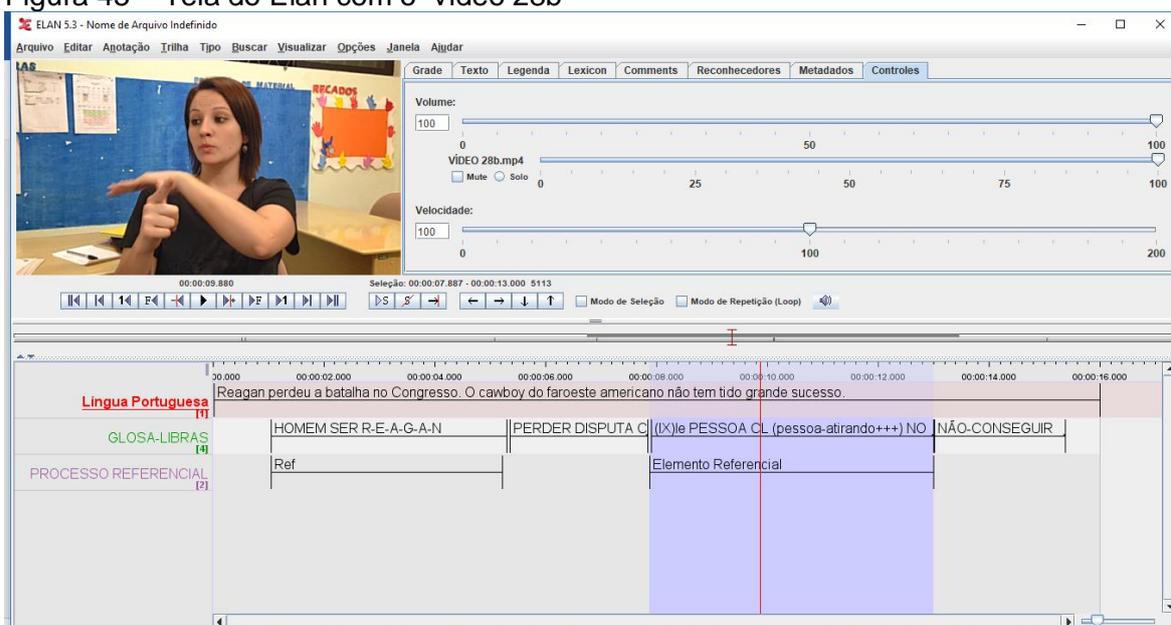
ml ef<nervoso>, que, após lançar a interrogativa sobre o que a pessoa é/faz - <O QUE>qu sf-, há a incorporação da pessoa atirando, por meio do classificador instrumental - CL (revolver-atirando+++)

ml ef<nervoso>. Ainda com foco na reconstrução do referente, o surdo complementa a retomada com a datilologia e outros sinais - NOME <F-A-R-O-E-S-T-E> AMERICANO-, deixando mais claro e evidente que se trata de um cowboy do faroeste. Temos nesse caso diferentes tipos

de *EAI/Transferências* combinadas com sinais padrão, ilustrando e representando informações voltadas ao referente. Por todos esses fatores, podemos então caracterizar esse processo referencial (28b) como *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*.

Na figura 45, nota-se a tela do programa Elan referente vídeo (28b), considerando a sua imagem e as suas trilhas:

Figura 45 – Tela do Elan com o vídeo 28b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Em sequência às análises, para efeito de ilustração, trazemos novamente, em formato de quadro, os componentes do CA 6, (29a) e (29b):

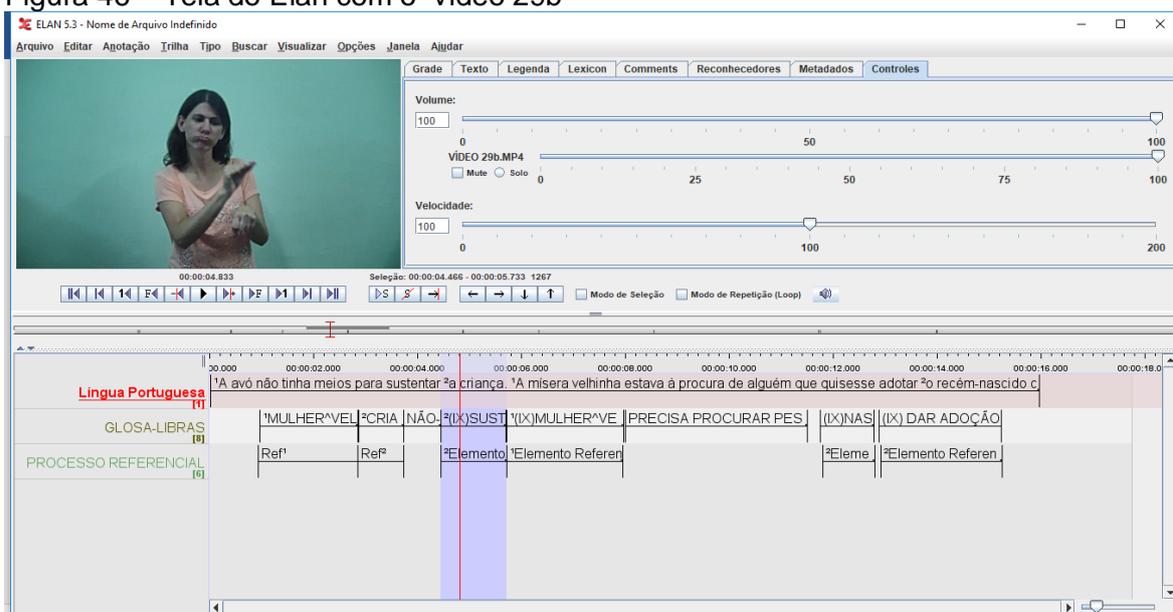
<p>(29a) <u>1A avó</u> não tinha meios para sustentar <u>2a criança</u>. <u>1A mísera velhinha</u> estava à procura de alguém que quisesse adotar <u>2o recém-nascido</u> cuja mãe perecera durante o parto.</p>	<p>(29b) <u>1MULHER^VELHA=AVÓ</u> <u>2CRIANÇA-le NÃO-TER DINHEIRO</u> <u>?(IX)le ØSUSTENTAR</u>. <u>1(IX)MULHER^VELHA=AVÓ POBRE+++</u> ef <dó> PRECISA PROCURAR PESSOA PORQUE MAE MORRER <u>(IX) ØNASCER</u> <u>(IX) ØDAR ADOTAR</u>.</p>
--	---

No recorte textual (29a), em LP, há a presença de dois referentes: “a avó” e “a criança”. Ambos os referentes foram retomados por meio de anáforas por descrições

nominais definidas: “a mísera velhinha” refere-se ao primeiro objeto do discurso citado, “a avó”; e “o recém-nascido” retoma “a criança”. Essas descrições nominais definidas são fundamentais para construir o sentido que o enunciador deseja passar ao seu interlocutor. Na Libras, temos como referente 1 MULHER^VELHA=AVÓ, e como referente 2 CRIANÇA le, que é marcado no espaço de sinalização do lado esquerdo do usuário da Libras. Após construção dos referentes, o próximo passo foi retomá-los, conforme necessidade discursiva. Na glosa-Libras, em (29b), existe uma situação de retomada voltada ao referente número 1: (IX)MULHER^VELHA=AVÓ POBRE+++ ef <dó>. Esse processo referencial se desenvolve por meio de uma repetição, descrevendo e enfatizando um atributo do referente em evidência, com auxílio da expressão facial ef <dó>. Nesse sentido, podemos caracterizar essa retomada como uma *anáfora correferencial cossignificativa-descritiva*. Quanto ao referente número 2, percebemos duas reconstruções: temos uma retomada no início por meio do verbo (IX)le)ØSUSTENTAR, o qual em paralelo, com o olhar direcionado para o local em que o referente foi construído, compõe a correferência dêitico-anafórico de classe padrão, omitindo o sujeito da ação relatada. Nessa mesma perspectiva, temos no final da glosa-Libras outra retomada do segundo referente também por meio de verbos, considerando o ponto específico em que o referente foi criado: (IX)ØNASCER (IX)ØDAR ADOTAR. Tanto o verbo NASCER quanto os verbos DAR e ADOTAR retomam CRIANÇA. Nesse caso, o processo referencial é caracterizado como *dêitico-anafórico por elipse*.

A figura 46 ajuda-nos a visualizar a tela do programa Elan referente ao vídeo (29b), tendo em vista seus constituintes, entre eles as trilhas e a imagem de um dos processos de retomada do referente 2:

Figura 46 – Tela do Elan com o vídeo 29b



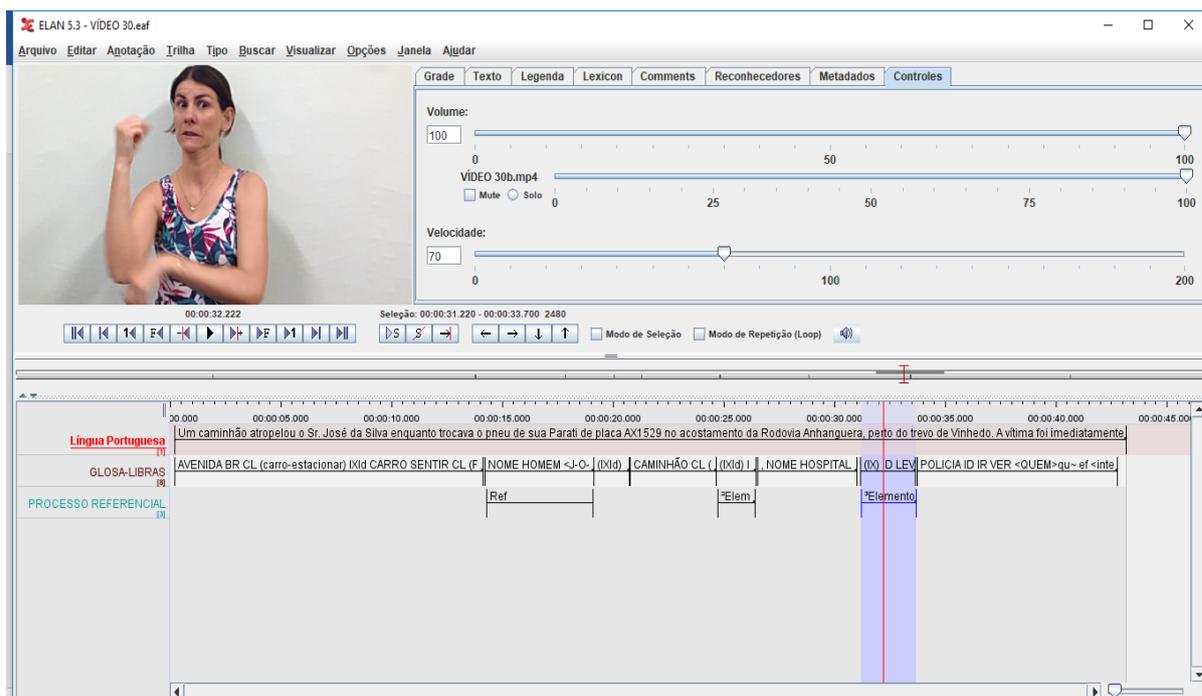
Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para finalizar o CA 6, com o intuito de uma melhor visualização, rerepresentamos em formato de quadro os componentes (30a) e (30b), antes do processo analítico:

<p>(30a) Um caminhão atropelou o <u>Sr. José da Silva</u> enquanto trocava o pneu de sua Parati de placa AX1529 no acostamento da Rodovia Anhanguera, perto do trevo de Vinhedo. A vítima do acidente foi imediatamente socorrida pelo próprio motorista, que o recolheu ao hospital S. Vicente. Os dois veículos foram vistoriados pela polícia rodoviária. Ficou confirmado que estavam ambos em péssimo estado de manutenção.</p>	<p>(30b) AVENIDA BR CL (carro-estacionar) IXId CARRO SENTIR CL (FURAR-PNEU) NOME CARRO P-A-R-A-T-I NUMERO PLACA A-X-1-5-2-9 NOME HOMEM <J-O-S-E D-A S-I-L-V-A> Id CONSERTAR ARRUMAR MUDAR. CAMINHÃO CL (caminhão-bater-carro) MOTORIST@ CL (descer-caminhão-correr-desesperado-ver) ef<desespero>, (IXId)ØLEVAR HOSPITAL ef<preocupado>, NOME HOSPITAL <QUAL>qu~ ef <interrogativa> S-A-O V-I-C-E-N-T-E (IXId)ØLEVAR GRAVE ef<apreensivo>. POLICIA ID IR VER <QUEM>qu~ ef <interrogativa> ACONTECER ID IR PROBLEMA ID <VER>+++ CARRO CAMINHÃO TER PROBLEMA DEFEITO VELHO.</p>
---	---

O último recorte recorte textual que analisamos é o (30a) em LP, composto pelo referente “o Sr. José da Silva”, que é retomado por uma descrição nominal definida “a vítima do acidente”. Esse é um processo referencial cuja descrição nominal definida é mais amena, ou seja, por se tratar de um noticiário, há uma certa neutralidade no uso da linguagem, evitando possível juízo de valor. Na Libras, o surdo constrói o referente mediante o alfabeto manual NOME HOMEM <J-O-S-E D-A S-I-L-V-A> Id, marcado no espaço de sinalização do lado direito do usuário da Libras. Com esse referente estabelecido, temos na sequência sua reconstrução. Na glosa-Libras (30b), o objeto do discurso é retomado em dois momentos, em uma perspectiva diferente da LP: “(IXId) Ø LEVAR HOSPITAL ef<preocupado>” e “(IXId) Ø LEVAR GRAVE ef<apreensivo>”. As retomadas são realizadas mediante o verbo LEVAR, que, em paralelo com o olhar direcionado para o local em que o referente foi construído, e com a expressão facial marcada, constitui a correferência dêitico-anafórico de classe padrão. Conforme já vimos, é natural na LS o uso da elipse do sujeito quando se retoma o referente por meio de determinados verbos. Devido à exploração do espaço feita durante o processo de construção das cadeias referenciais, por meio de pontos específicos estabelecidos no espaço de sinalização, a retomada por meio de alguns verbos não gera dúvida sobre qual referente se está falando. Em outras palavras, o uso dos indicativos espaciais permite a *correferência* explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade. Esse é um recurso exclusivo da modalidade visuoespacial (FERREIRA BRITO, 2010). Nessa perspectiva, denominamos essa ocorrência em (30b) como um *dêitico-anafórico por elipse*.

A seguir, a figura 47, apresenta a tela do programa Elan referente ao vídeo (30b), com suas trilhas e a imagem congelada do sinalizante:



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Concluídas as análises dos seis conjuntos anafóricos, abrimos em seguida um subtópico a fim de sintetizar e, ao mesmo tempo, refletir sobre os principais resultados provenientes dos dados estudados.

4.2 SINÓPSE REFLEXIVA DAS ANÁLISES REALIZADAS

Nesta pesquisa, nomeamos as categorias referenciais na Libras conforme o referencial teórico adotado e as características presentes nas análises. Pautamo-nos nos estudos da *Referenciação*, bem como nos estudos dos processos referenciais nas LSs, em especial as duas grandes classes de dêitico-anafóricos (quando necessário, usamos DA como sigla de dêitico-anafórico, nas figuras a seguir) nas línguas visuoespaciais, propostas por Pizzuto et al. (2006).

De forma geral, tivemos nas glosas-Libras a constante presença do dêitico-anafórico de classe 'padrão', realizado por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os 'loci'). Subdividimos esse processo referencial em algumas categorias, conforme as características evidenciadas nas análises: *dêitico-anafórico pronominal singular*; *dêitico-anafórico pronominal dual*; *dêitico-anafórico pronominal plural*; *dêitico-anafórico pronominal-especificador*; *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo/ dêitico-anafórico*

cossignificativo-pronominal; dêitico-anafórico cossignificativo; dêitico-anafórico por elipse.

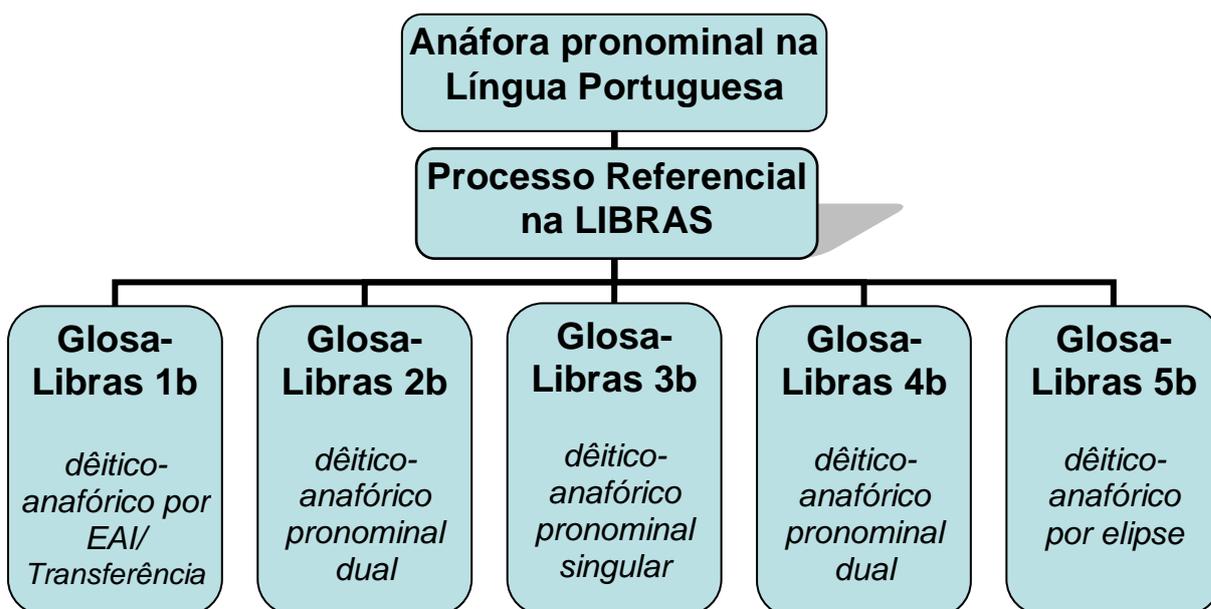
Tivemos também nas glosas-Libras a acentuada presença do dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais, que apresentam características altamente icônicas – EAls ou ‘*Transferências*’. Esse processo referencial consiste na opção consciente do sinalizante em ilustrar o que se diz, exibindo características que são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial – por classificadores -, e por expressões faciais marcadas e/ou por modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’ (PIZZUTO et al., 2006). Nesta tese, esse processo referencial dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais é composto de uma única categoria, nomeada como *dêitico-anafórico por EAl/Transferência*. Não houve subdivisão de outras categorias devido à sua característica composicional, que não se limita a um único fator, mas a diversos ao mesmo tempo, conforme constatamos.

Além desses processos referenciais presentes na Libras, tivemos também alguns casos em que o sinalizante simplesmente retomou o referente, sem nenhum tipo de apontamento. Esse processo foi o que mais se aproximou das categorias referenciais da LP, tendo em vista que chegou na Libras anáfora direta, somente anáfora direta, sem o dêitico. As estratégias anafóricas presentes nas glosas-Libras foram: *anáfora correferencial cossignificativa; anáfora correferencial quase sinonímica; anáfora correferencial cossignificativa-hiperonímica; anáfora correferencial cossignificativa-descritiva*. Foram denominadas dessa forma devido às características apresentadas durante as análises na modalidade visuoespacial. A nosso ver, essas poucas ocorrências presentes no *corpus* em Libras se devem ao processo tradutório, que não é o foco deste estudo.

Não foi possível estabelecer relações fixas das saídas de determinadas anáforas na LP e as suas chegadas na Libras. Os processos referenciais na Libras se destacaram como bastante imprevisíveis. Em outras palavras, não é possível dizer, por exemplo, que dos casos de anáforas pronominais na LP surgiram sempre *dêiticos-anafóricos pronominais* na Libras, ou *dêiticos-anafóricos por EAls/Transferências*. Não conseguimos estabelecer um padrão nesse sentido. A

fim de visualização, com relação ao primeiro CA analisado, composto de anáfora pronominal na LP, na Libras tivemos:

Figura 48 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora pronominal na Língua Portuguesa

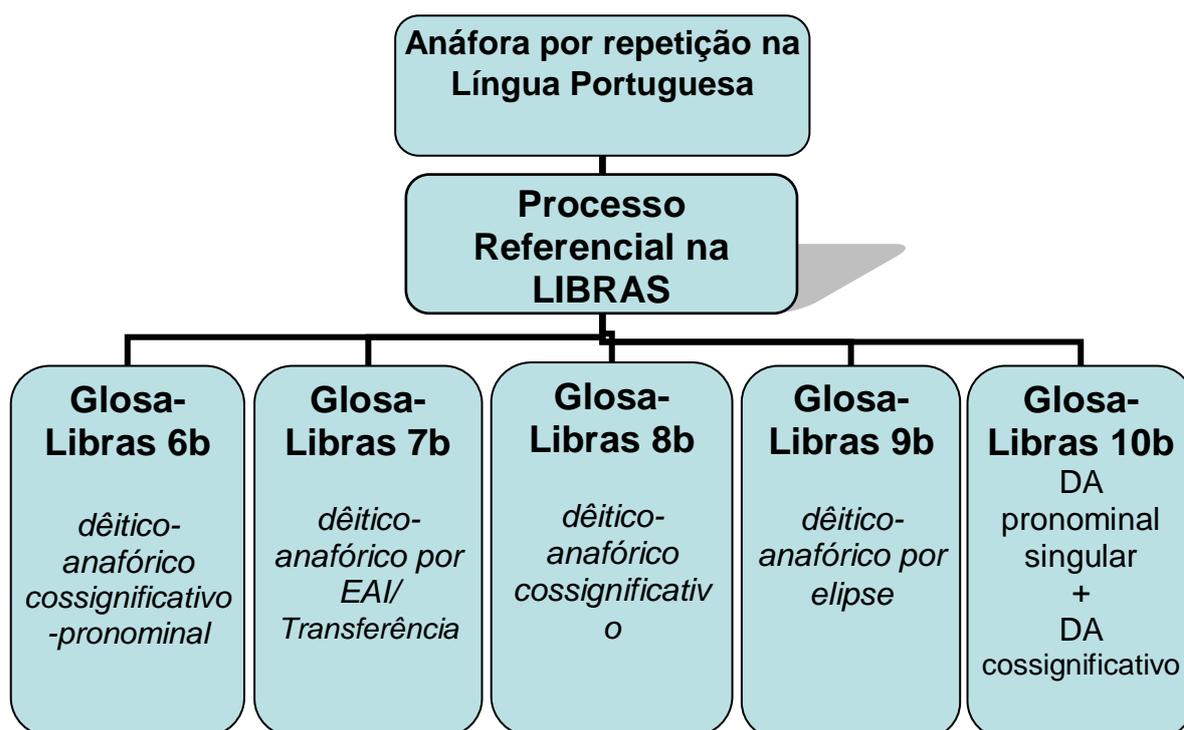


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Observamos nessas glosas-Libras do CA 1 a presença de 4 dêiticos-anafóricos de classe 'padrão', realizados por meio de apontações manuais e visuais, mais especificamente, pronominal dual, pronominal singular e por elipse; e somente 1 dêitico-anafórico por *EAI/Transferência*.

Em se tratando da anáfora por repetição nos recortes textuais da LP, nas glosas-Libras, baseadas na tradução do surdo, manifestaram-se as seguintes categorias:

Figura 49 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por repetição na Língua Portuguesa

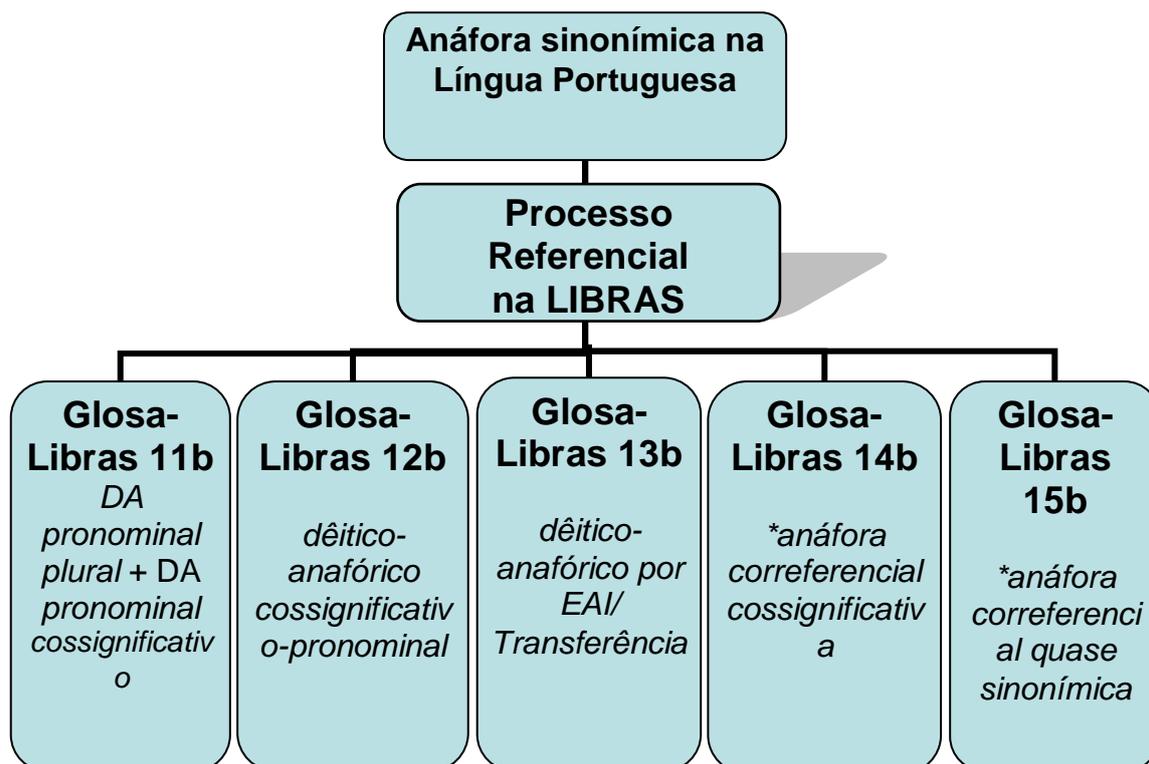


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Nesse CA 2, das 5 glosas-Libras analisadas, verificamos a presença de 5 dêiticos-anafóricos de classe 'padrão', realizados por meio de apontações manuais e visuais. Tivemos a aparição de 1 dêitico-anafórico de classe de complexa unidade manual e não manual, que apresenta característica altamente icônica – *EAI* ou '*Transferência*'.

Do processo anafórico por sinonímia (ou quase sinonímia) na LP, manifestaram-se nas glosas-Libras analisadas as seguintes categorias referenciais:

Figura 50 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora sinonímica na Língua Portuguesa

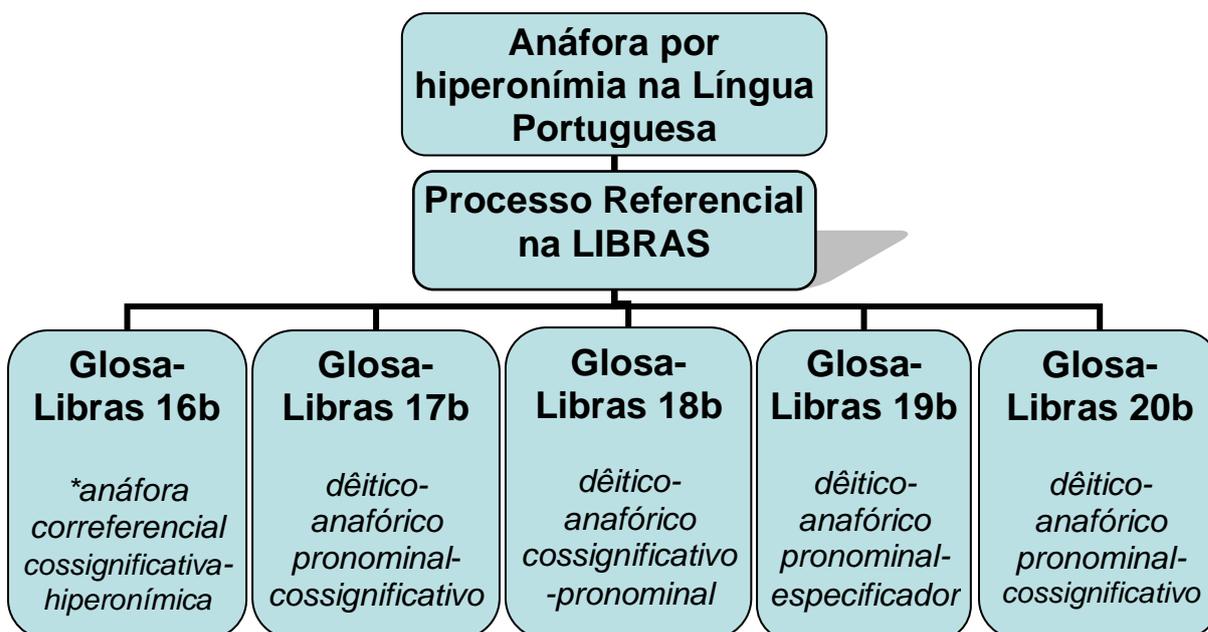


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Esse processo referencial, nas glosas-Libras, se mostrou como um dos mais diferenciados, uma vez que, além da presença do dêitico-anafórico de classe padrão e do dêitico anafórico por *EAI/Transferência*, tivemos 2 casos que mais se aproximaram das categorias referenciais da LP, chegando na Libras anáfora correferencial.

Quanto aos recortes textuais na LP compostos de anáforas por hiperonímia, observamos que, após a tradução do surdo, tivemos nas glosas-Libras os seguintes casos de processos referenciais:

Figura 51 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por hiperonímia na Língua Portuguesa

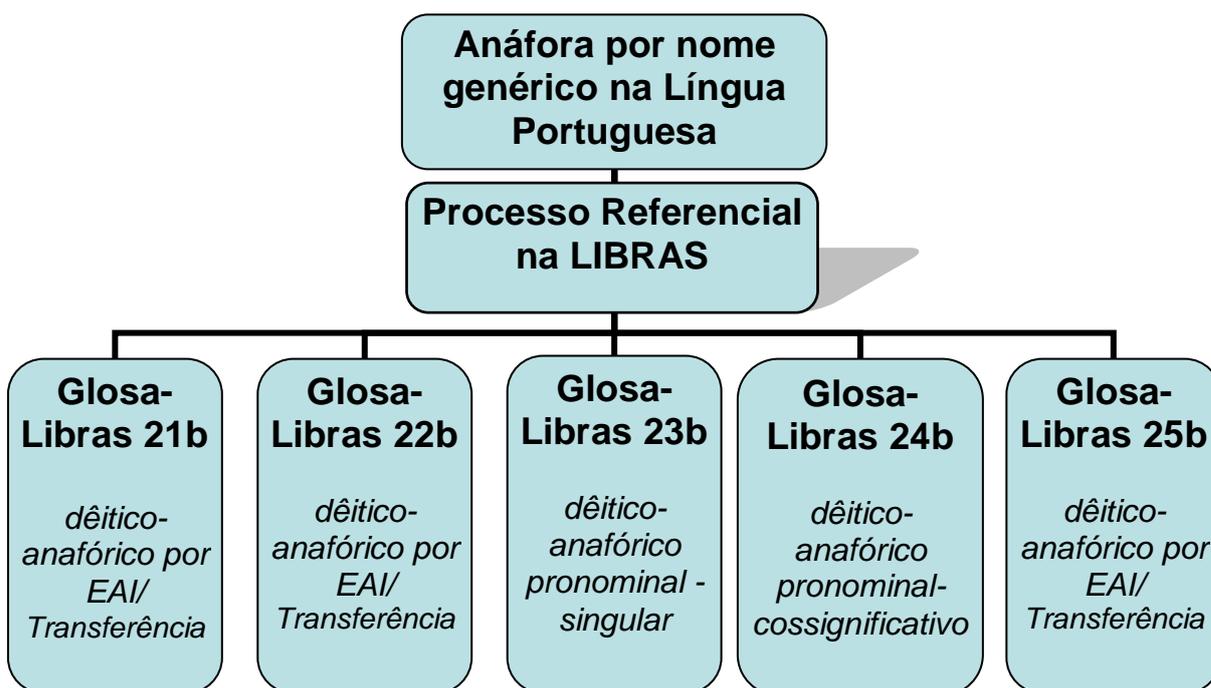


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Nesse CA tivemos, nas glosas-Libras, a presença de 4 dêiticos-anafóricos de classe ‘padrão’, realizados por meio de apontações manuais e visuais, a saber, pronominal-cossignificativo; cossignificativo-pronominal; pronominal-especificador; e pronominal-cossignificativo. Tivemos também um caso que se aproximou da LP, sendo denominado, para efeito dessa tese, como anáfora correferencial cossignificativa-hiperonímica.

No tocante ao *Corpus* Paralelo Português-Libras composto pela anáfora por nomes genéricos na LP, a partir das análises realizadas, percebemos que nas glosas-Libras manifestaram-se os seguintes processos referenciais:

Figura 52 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por nomes genéricos na Língua Portuguesa

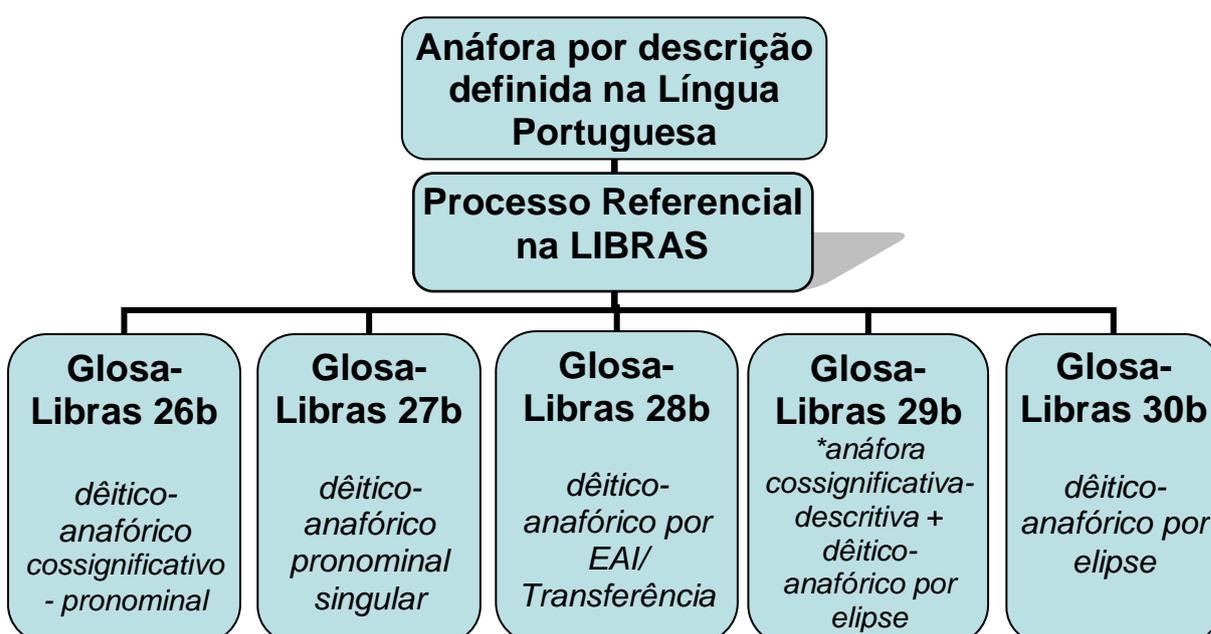


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Observamos, nas glosas-Libras que constituem o CA 5, a presença de 2 dêiticos-anafóricos de classe padrão, sendo eles pronominal-singular e pronominal-cossignificativo. Tivemos, nesse CA, mais casos de dêiticos-anafóricos de classes de complexas unidades manuais e não manuais, que apresentam características altamente icônicas – *EAI* ou '*Transferência*', totalizando 3.

Finalmente, no *Corpus* Paralelo Português-Libras composto de anáfora por descrição nominal definida na LP, ocorreram na glosa-Libras as seguintes situações referenciais:

Figura 53 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por descrição definida na Língua Portuguesa

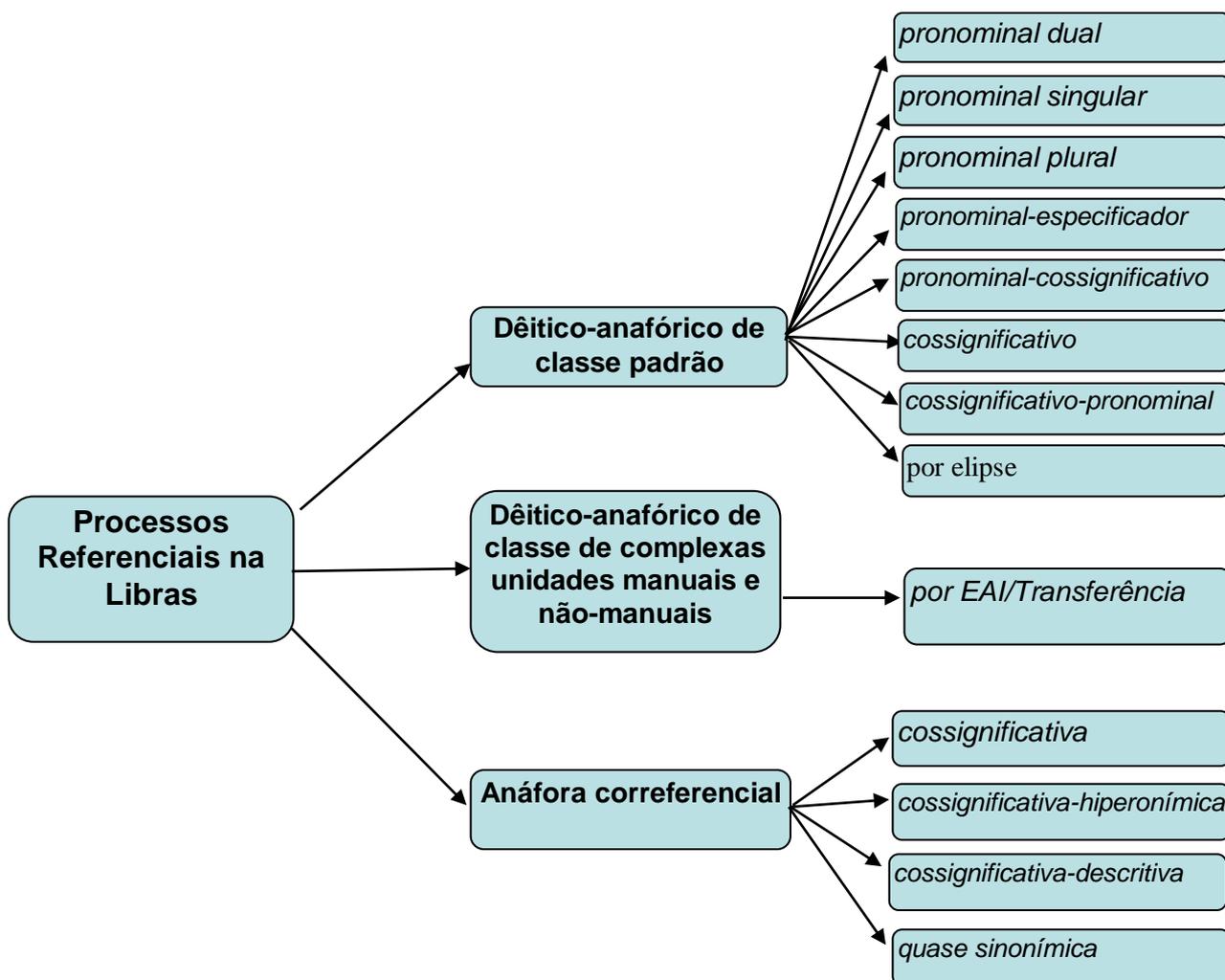


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Percebemos, nesse último CA, a presença de 4 dêiticos-anafóricos de classe padrão, realizados por meio de apontações manuais e visuais. Também é notada a aparição de 1 dêitico-anafórico por *EAI/Transferência*; além de um caso muito próximo da LP, a saber, anáfora cossignificativa descritiva.

A seguir, baseado nas análises realizadas nesta pesquisa, a fim de visualizar de modo mais efetivo, desenvolvemos uma figura dos processos referenciais na Libras, considerando as suas possíveis categorias:

Figura 54 – Processos Referenciais na Libras



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Com as análises realizadas, em um viés tradutório, observamos que o processo referencial em Libras pode-se dividir em 3 grandes categorias: (i) *dêitico-anafórico de classe padrão*; (ii) *dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não-manuais*; e (ii) *anáfora correferencial*, sendo essas subdivididas conforme características da própria língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início, sabíamos que a tarefa de desenvolver esse estudo seria árdua. Encaramos o desafio e chegamos ao cotejamento final. O objetivo dessa tese de doutorado foi analisar os processos referenciais realizados por sujeitos surdos na Libras diante das ocorrências de anáforas diretas em recortes textuais da LP, em um viés tradutório. O desafio para realizar tal pesquisa já se deu na parte inicial, considerando que não havia nenhum *corpus* em Libras que atendesse ao escopo proposto nessa pesquisa, o que nos fez então trabalhar durante um longo período na construção de um *Corpus* Paralelo Português-Libras, adotando a Linguística de *Corpus* como perspectiva metodológica. Nesse processo de construção do *corpus*, destacamos que, entre tantos desafios, a etapa da tradução da LP para a Libras foi bastante complexa, devido a diversos fatores, entre eles, os recortes textuais extensos, o que impôs dificuldades junto aos tradutores, em parte motivadas pela complexidade sintática e até mesmo semântica.

Como aparato teórico para a investigação dos elementos referenciais desencadeados no *corpus*, recorremos à Linguística Textual, mais especificamente ao processo de *Referenciação*, assim como os trabalhos voltados ao processo referencial nas LSs. A associação realizada entre as propostas teóricas culminou em análises que se destacaram por apresentarem fronteiras tênues entre os processos referenciais.

Tendo em vista que a Libras, assim como qualquer LS, é organizada espacialmente, de forma visual, tivemos poucos casos semelhantes aos que adotamos na língua de partida (LP). A maioria das análises nas glosas-Libras apresentou características da própria língua na constituição do processo referencial, considerando, por exemplo, o uso simultâneo entre a anáfora e a dêixis no espaço de sinalização – retomar e apontar para o ponto específico em que o referente foi construído.

O processo referencial mais recorrente nas glosas-Libras foi o dêitico-anafórico de classe padrão. Sua recorrência foi creditada, a nosso ver, à própria modalidade da Libras que, entre outros fatores, constitui, no espaço discursivo, ponto específico para o referente. Ou seja, os elementos introduzidos no discurso geralmente são associados a *pontos* referenciais no espaço da sinalização. Tivemos

também nas glosas-Libras a constante presença do dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais, que se mostrou como uma forma consciente do sinalizante em ilustrar o que se diz, sendo então carregado de operações discursivas e cognitivas, por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado.

Os dêiticos-anafóricos de classe padrão, assim como os de dêiticos-anafóricos de classe de complexas unidades manuais e não manuais, e também as próprias anáforas correferenciais semelhantes as ocorrências da LP, advindos nas glosas-Libras, mostraram-se estratégias fundamentais para a condução da cadeia referencial na Libras, e até mesmo, por exemplo, foram utilizados para construir um certo efeito de 'neutralidade', por se tratar nesse caso de um processo tradutório. Assim sendo, quando o sujeito surdo utilizou determinado processo referencial, ele não o fez aleatoriamente, ao contrário, havia em sua escolha finalidades comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos usuários da LS, em um processo discursivo.

Com a análise do *Corpus* Paralelo Português-Libras foi possível perceber como a anáfora que sai da LP pode chegar na Libras, considerando as estratégias de construção de cadeias referenciais específicas da modalidade visuoespacial. Partindo da perspectiva da *Referenciação* como uma prática discursiva, marcada por situações sociocognitivas e interacionais, torna-se indispensável destacar a simultânea relação entre a anáfora e a dêixis presente nas glosas-Libras analisadas, contribuindo para a construção dos sentidos na Libras, e representando dinamicidade e a fluidez entre os processos referenciais. É nesse ponto que os estudos de *Referenciação* e de dêitico-anafórico nas LSs se cruzam e assumem um papel importante para o desenvolvimento das cadeias referenciais na Libras. Nessa perspectiva, as análises realizadas proporcionam evidências importantes sobre o processo referencial na Libras.

Estudar o processo referencial na Libras, em paralelo à LP, durante o Doutorado, foi um desafio, mas também foi momento de muito aprendizado. Diante de todo o processo investigativo realizado nesses quatro anos, podemos afirmar que esse trabalho agregou muitos conhecimentos, contribuindo para a nossa formação como pesquisadora.

Acreditamos que os resultados dessa tese podem cooperar para fortalecer as investigações desenvolvidas na área dos estudos linguísticos da Libras, suscitando novas indagações e reflexões em torno dos processos referenciais na referida língua, de maneira a se pensar em investigações vindouras. Ademais, esperamos que o trabalho desenvolvido contribua para a aprendizagem do surdo, para os educadores e para os TILS, bem como outros profissionais envolvidos com essa área. Dessa forma, então, é que se retribui à comunidade, em especial, considerando o enfoque da pesquisa voltado à Libras, o retorno é direcionado à comunidade surda brasileira, a qual carece de investigações voltadas para a descrição linguística da Libras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. O. C. de; FILASI, C. R.; ALMEIDA, L. C. Coesão textual na escrita de um grupo de adultos surdos usuários da língua de sinais Brasileira. **Rev. CEFAC**, vol.12, n.2, São Paulo Mar./Apr. 2010 Epub Feb 26, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462010000200007&lang=pt. Acesso em 08.dez.2015.

ALVES FILHO, F. Sua casinha é meu palácio: por uma concepção dialógica de referenciação. **Linguagem em (Dis)curso**. Palhoça-SC, v. 10, n. 1, p. 207-226, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/1001/100109.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, nº 3, p.363-97, mar. 1999.

_____. Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques. In: BERRENDONNER, A.; M.-J. REICHLER-BÉGUELIN (eds.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphores**. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, TRANEL, nº 23, 1995, p.143-73.

BEAUGRANDE, R. de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society**. Norwood, Alex, 1997.

BELLUGI, U.; LILLO-MARTIN, D.; O'GRADY, L.; VANHOECK, K. The development of spatialized syntactic mechanisms in american sign language. In: EDMONDSON, W.H.; KARLSON, F. (Eds.). **The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Hamburg: SIGNUM-Verlag Press. 1990. p.16-25.

BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. The acquisition of three morphological systems in: American Sign Language. **Papers and Reports on Child Language Development** 21, 1-35. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1982.

BERBER SARDINHA, Tony. Uso de corpora na formação de tradutores. **D.E.L.T.A.** 19: Especial, p. 43-70. 2003.

BERNARDI, E. **Análise do processo anafórico em textos produzidos por alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel – PR**. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Cascavel, 2012.

BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou lógica?:** a produção linguística do surdo. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BERRENDONNER, A. REICHLER-BÉGUELIN, M. J. **Du Syntagme nominal:** SN complexes, nominalisations, anaphores. Neuchâtel: Tranel, 1995.

BIEZUS, M. de F. G. T. **Processos de retomada em conto de Eça de Queirós:** um olhar voltado para o ensino. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.

BORREGUERO, M. Z. Naturaleza y función de los encapsuladores en los textos informativamente densos (la noticia periodística). **Cadernos de Filologia Italiana**, v.13, p.73-95, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 5. 626 de 22 de dezembro de 2005.** – Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

_____. **Lei nº 10. 436.** Presidência da República, dispõe a Língua Brasileira de Sinais – *LIBRAS*. Brasília, 24 de abril de 2002.

BUHLER, K. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (Eds.) **Speech, place and action:** studies in deixis and related topics. New York: John Wiley and Sons, 1982.

_____. **Teoría del lenguaje** (Traducido por Julián Marías). Madrid. Alianza Editorial, 1979.

CABEZA, Carmen; GARCÍA-MIGUEL, José. Verbalización de eventos de movimiento y localización en lengua de señas española (LSE): un análisis de las construcciones descriptivas con clasificador de entidad. In: **ONOMÁZEIN**, 41, 2018.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.D. ; TEMOTEO, J.G. ; MARTINS, A. C. . **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil:** A Libras em Suas Mãos. Volume 1: Sinais de A a D.. 1. ed. São Paulo, SP: Edusp, 2017. v. 1. 1130p .

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso:** por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CAVALCANTE, M.; et al. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.) **Linguística de texto e análise da conversação:** panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Referenciação:** sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M.A.P. **Coerência, referenciação e ensino.** São Paulo: Cortez, 2014.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

_____. **A referenciação anafórica e dêitica: com atenção especial para os dêiticos discursivos**. 2002. 90 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

COLAMARCO, M. **Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.

CORMIER, K. et al. Rethinking Constructed Action. **Sign Language & Linguistics**, 18 (2), 2015.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. 2007. 214f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUSTÓDIO FILHO, V; SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Orgs.) **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013, p. 59-85.

CUXAC, C. La Langue des Signes Française (LSF). Les voies de l'iconicité. **Faits de Langues**, p. 15-16. Paris, 2000.

ENGBERG-PEDERSEN, E. **Space in Danish Sign Language**. Hamburg: Signum-Verlag, 1993.

_____. Factors that form classifier signs. In Diane Brentari (ed.): **Sign languages**, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto: Livro do Professor/instrutor - Curso Básico - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos / MEC - SEE**. 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa: século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1995]2010.

FINAU, R.; MAZZUCHETTI, V. A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais. **ReVEL**, v. 13, n. 24, 2015. [www.revel.inf.br].

FONSECA, F. I. **Deixis, Tempo e Narração**. Porto: Fund. Eng. A. de Almeida, 1992.

FRIEDMANN, L. On the semantics of space, time and person in American Sign Language. **Language** **51**, p. 940-961, 1975.

GARCÍA, S. V. **Introducción a los marcadores del discurso en la lengua de señas española**: un estudio comparativo desde el español. Trabajo de investigación para la obtención del DEA dirigido por el Dr. Emilio Ridruejo. Universidad de León, 2007.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

HAAG, C. R.; OTHERO, G. de Á. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. **ReVEL** - Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 1, n. 1, p. 1-16, ago. 2003. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 10 set. 2016.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

KLEIBER, G. **L'anaphore associative**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, G. M.; SILVA, F.; FIGUEIREDO, O. M. (Orgs.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**, Vol. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, p. 263-276.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: _____.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-45.

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas** - Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2004.

_____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; MARCUSCHI, L. A. Processo de referenciação na produção discursiva. **DELTA** - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.

LANDALUCE, J. F. **La deixis en la Lengua de Signos Española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovizual.** Tesis (Doctorado en Lengua). Universidad del País Vasco, 2015.

LEAL, C. L. **Estratégias de referenciação da produção escrita de alunos surdos.** Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011. Tese (doutorado) – UFRJ/Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/LealCL.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, D; KLIMA, E. Pointing Out Differences: ASL Pronouns in Syntactic Theory. In: **Theoretical Issues in Sign Language Research.** v.1: Linguistics. Chigago, IL: University of Chicago Press. 1990.

LIMA, S. M. C. de. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia:** um estudo de processos de recategorização. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LOEW, R.C. **Roles and Reference in American Sign Language:** A Development Perspective. Doctoral Thesis. University of Minnesota. 1984.

LYONS, J. **Semantics.** New York: Cambridge University Press, 1978.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

_____; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (Org.). **Gramática do português falado:** novos estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002.

MEURANT, L. Le regard en langue des signes. **Anaphore en langue des signes française de Belgique (LSFB):** morphologie, syntaxe, énonciation. Namur. Presses Universitaires de Rennes / Presses Universitaires de Namur, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. V; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____; _____. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica;

RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

_____; _____. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. **TRANEL**. Vol. 23. Neuchâtel. Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel. 1995. p. 273-302.

MORAIS, M. A. **Referenciação em campo**: a construção de sentidos nas notícias esportivas. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERDICOYANNI-PALÉOLOGOU, H. Le concept d'anaphore, de cataphore et de déixis en linguistique française. **Revue québécoise de linguistique**, v. 29, n. 2, 2001.

PEREIRA, A. S. de S. A. **Funções discursivas dos processos anafóricos**: uma rediscussão dos critérios de análise. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. de. **Língua Brasileira de Sinais V**: Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais – Semântica e Pragmática. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis. 2009. Apostila. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_IV_para_publicacao.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PIZZUTO, E. et al. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R. M de; VASCONCELLOS, M. L. B. (Orgs. e Trad.). **Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais**. Editora Arara Azul. Petrópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/36.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

PRADO, L. C.; OLIVEIRA, A. S. C. L. de. Aspectos gramaticais dos elementos localizadores em Libras. **Anais**. X Colóquio Do Museu Pedagógico, 23 a 28 de agosto, p. 3285-3291. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3272/2974>. Acesso em 08.dez.2015.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais IV**: Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais - Uso do espaço e sistemas de transcrição (ELAN). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis. 2009. Apostila. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisIV/assets/482/Lingua_de_Sinais_IV_para_publicacao.pdf>.

[iraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinai_IV_para_publicacao.pdf](#)>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: SALLES, H. (Org.) **Bilinguismo e surdez**. Questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

_____; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

_____. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

REIS, L. da S. BIDARRA, J. A anáfora na interface Português-Libras. **Revista Interletras**. Dourados – MS, v. 6, n. 24, 2016.

_____. **Sondagem das retomadas não correferenciais ativadas em processos interpretativos de fábulas**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2012.

SANTOS, R. S. Os gêneros discursivos em livro didático para surdos: análise dos procedimentos tradutórios aplicados de português para Libras. In: ALBRES, N. de A.; SANTIAGO, V. de A. **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012.

SANTOS, L.; CAVALCANTE, M. Referenciação: continuum anáfora-dêixis. **Interseções**, Jundiaí, v. 12, n. 1, maio. 2014.

SCHLENKER, P. **Conditionals as definite descriptions: a referential analysis**. Research on Language and Computation, 2016.

_____. **Temporal and Modal Anaphora in Sign Language (ASL)**. Natural Language and Linguistic Theory 31(1), p. 207-234, 2013.

_____. **Donkey Anaphora: the View from Sign Language (ASL and LSF)**. Linguistics and Philosophy 34(4), p. 341-395, 2011.

SLOMSKI, V. Geni. **Educação Bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas**. 2.ed. Curitiba: Juruá, 2012.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics**. O.P.8, 1960.

SUPALLA, T. R. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language**. Ph.D. thesis, University of California, San Diego, 1982.

TAVARES, D. P.F. **Processos de recategorização: uma proposta classificatória**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFC, Fortaleza, 2003.

VIANA, A. C. M. **Lendo e argumentando**. São Paulo: Scipione, 2006.

VIANA, V. Linguística de corpus: conceitos, técnicas e análises. In: _____; TAGNIN, S. (Orgs.). **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: HUB Editorial, 2011, p. 25-95.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)**. 145fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

ZAMPONI, G. **Processos de referência**: anáforas associativas e nominalizações. Tese de Doutorado, IEL/Unicamp, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000308421>>. Acesso em: 11 out. 2015.

ANEXOS

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: PORLIBRAS: Fundamentos para a Implementação de Ferramentas Computacionais para suporte ao desenvolvimento de um sistema bilíngue de tradução automática Português-LIBRAS

Pesquisador Responsável: JORGE BIDARRA (Tel.: 045 9101.1860)

Colaboradores:

IARA MIKAL HOLLAND OLIZAROSKI	(Tel.:)
LEIDIANI DA SILVA REIS	(Tel.:)
LUIZ GUILHERME FONSECA ROSA	(Tel.:)
MIRNA FERNANDA DE OLIVEIRA	(Tel.:)
TANIA APARECIDA MARTINS	(Tel.:)
VALDENIR DE SOUZA PINHEIRO	(Tel.:)

Pelo presente, os pesquisadores acima identificados vêm convidá-lo para participar da nossa pesquisa que tem por objetivo de descrever e analisar o modo como os elementos referenciais – notadamente as anáforas, as catáforas e os dêiticos - são introduzidos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), assumindo como ponto de partida a Língua Portuguesa, com sentenças coletadas aleatoriamente. Esperamos, com este estudo, contribuir, em especial, com a comunidade surda, uma vez que o trabalho é voltado à Libras, a qual carece de pesquisas direcionadas para a descrição linguística. Também esperamos colaborar para o desenvolvimento de soluções que possam ser úteis, não apenas no tocante às especificidades linguísticas da Libras, mas também para a aprendizagem do surdo, para os educadores e para os Tradutores e Intérpretes da Libras (TILS), bem como outros profissionais envolvidos com essa área. Para tanto, as sentenças coletadas em Língua Portuguesa serão submetidas à interpretação de um surdo nato, para a Libras, diante de filmagem, com o auxílio de um (TILS).

Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso, você poderá cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento. No caso de dúvidas ou da necessidade de relatar

algum acontecimento, você pode contatar os pesquisadores pelos telefones mencionados acima ou o Comitê de Ética pelo número 3220-3272.

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e **(desejo participar do projeto)** ou **(autorizo nome do menor)** a participar da pesquisa.

(Assinatura)
(Nome do sujeito de pesquisa ou responsável)

Eu, **(nome do pesquisador)**, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

(local e data) _____, _____ de _____ de _____.

O TCLE deverá obrigatoriamente conter os itens acima, preferencialmente nesta sequência, e sempre dirigido como um convite ao sujeito da pesquisa.

ANEXO II - TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE DADOS EM ARQUIVO



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE DADOS EM ARQUIVO

Título do projeto: PORLIBRAS: Fundamentos para a especificação, modelagem e implementação de Soluções Computacionais com vistas ao desenvolvimento de um sistema bilíngue de tradução automática Português-LIBRAS

Os pesquisadores Colaboradores do projeto acima identificado assumem o compromisso de:

1. Preservar a privacidade dos sujeitos de pesquisa e dos dados coletados,
2. Preservar as informações que serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão,
3. Divulgar as informações somente de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa e
4. Respeitar todas as normas da Resolução 466/2012 CNS/MS e suas complementares na execução deste projeto

Cascavel, 07 de dezembro de 2015.

JORGE BIDARRA
Coordenador da Pesquisa

Pesquisadores Colaboradores:

LEIDIANI DA SILVA REIS

TANIA APARECIDA MARTINS

VALDENIR DE SOUZA PINHEIRO

APÊNDICES

APÊNDICE I - CORPUS REPRESENTATIVO PORTUGUÊS-LIBRAS

Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora pronominal

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(1a) <u>A roupa</u> ficou mofada na gaveta. Elas precisam ser lavadas amanhã.	(1b) GAVETA AQUI TER <u>ROUPA</u> MANCHA^PRETA=MOFO. AMANHÃ PRECISAR (IX)ØLAVAR (CL-ob-sf-ef<preocupad@>) .
(2a) Susana encontrou <u>o casal</u> no cinema. Eles estavam muito unidos e felizes.	(2b) <S-U-Z-A-N-A> ENCONTRAR <u>CASAL</u> <u>HOMEM-MULHER</u> LUGAR CINEMA. (IX)EL@S2 FELIZES UNIDOS.
(3a) Quando <u>Maria</u> foi jantar na casa de Joana, ela comeu comida japonesa.	(3b) <M-A-R-I-A- Id> ID IR CASA AMIG@ <J-O-A-N-A-le> COMER^NOITE=JANTAR. IXId(EL@) COMER JAPONÊS.
(4a) <u>Ana e Carlos</u> estão namorando há cinco anos e este ano eles ficaram noivos	(4b) <u>le <A-N-A> Id <C-A-R-L-O-S></u> (IX)EL@s2 NAMORAR 5 ANOS AQUI COMEÇAR. (IX)EL@s2 COMEÇAR NOIVADO.
(5a) Meu <u>computador</u> quebrou. Vou levá-lo para arrumar.	(5b) <u>COMPUTADOR</u> MEU QUEBRAR sf. (IX)ØLEVAR CONSERTAR ~ sf-ef <dó/pena> .

Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por repetição

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(6a) Comprei várias <u>revistas</u> ontem. As revistas eram muito interessantes.	(6b) <u>REVISTAS</u> VÁRIAS COMPRAR+++ ONTEM. (IX)REVISTAS ESS@S INTERESSANTES ef<admirado>.
(7a) <u>Minhas camisetas</u> estão amassadas. Preciso passar essas camisetas urgentes.	(7b) <u>CAMISETAS MINHAS</u> AMASSADAS. PRECISAR RÁPIDO (IX)ØPASSAR (CL-ob-ef<preocupad@>) .
(8a) Eu encontrei um lápis e <u>uma caneta</u> . Infelizmente a caneta não escreve.	(8b) EU ENCONTRAR LÁPIS UM sf TAMBÉM <u>CANETA</u> ef <admirada>, MAS (IX)CANETA-od-ef<chateada> NÃO-ESCREVER ef <decepção> sf.
(9a) <u>Um escritor</u> chegou hoje. O escritor veio lançar seu mais recente livro.	(9b) <u>HOMEM^ESCREVER= ESCRITOR</u> LIVRO CHEGAR HOJE. LIVRO (IX)EST@ (IX)ØESCREVER-enm<oe-sf-ml> NOVO.
(10a) Durante a conferência, <u>o Professor Doutor José Mendonça</u> pediu a palavra. O professor insinuou que o conferencista estava cometendo um sério engano.	(10b) CONFERÊNCIA <u>PROFESSOR</u> sf <u>DOUTOR NOME</u> sf <J-O-S-E M-E-N-D-O-N-Ç-A> ID IR DISCURSO. (IX)EL@ FALAR (IX)PROFESSOR FALAR sf ef <bravo> ENGANAR PESSOA.

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
<p>(11a) <u>Os bugios</u> não precisam de muito espaço. O inverno é a estação de fartura para ¹esses símios. ²Esses macacos parecem comprovar as teorias de Charles Darwin.</p>	<p>(11b) <u>MACACOS NOME <B-U-G-I-O-S></u> PRECISAR-NÃO ¹(IX)GRUPO EST@S enm<sf-od-ml> ESPAÇO-GRANDE, FRIO ef<frio> ²(IX)EST@S sf <COMER>++++ ef<guloso> <AUMENTAR>+++ ef<admirado>. ³(IX)EST@S MACACOS enm<sf-od-ml> TER PROVAR TEORIA NOME <C-H-A-R-L-E-S D-A-R-W-I-N>.</p>
<p>(12a) <u>A casa</u> está à venda por um preço bom. Essa habitação é muito bonita.</p>	<p>(12b) TER <u>CASA</u> VENDER VALOR BOM. (IX)CASA ESS@ <BONITA>++++ ef<admiração>.</p>
<p>(13a) A professora tenta ensinar matemática para <u>o menino</u>. - Se eu te der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...? E o garoto: - Contente!</p>	<p>(13b) PESSOA le <QUEM>qu~ ef <interrogativa> PROFESSORA <TENTAR>+++ <ENSINAR>+++ MATEMÁTICA PESSOA <u>Id <QUEM>qu~ ef <interrogativa></u> <u>HOMEM^PEQUENO=MENINO (IXmpc) ef <ansiedade-curioso></u></p> <p>(IXle-mpc) PROFESSORA PESSOA. (IXmpc) SE EU ENSINAR VOCÊ CONSEGUIR <QUERER>qu ef<interrogativa> 4 CHOCOLATE + AMANHÃ 3 CHOCOLATE.</p> <p>(IXId-mpc) HOMEM^PEQUENO=MENINO</p>

	<p>PESSOA. (IXmpc) CL (balão-pensamento-imaginar) ef<empolgado> somar <quantos chocolate>qu ef <interrogativa> enm <sim sim sim> feliz ef<animado/alegre>.</p>
<p>(14a) Rodrigo Santoro recebeu <u>o ano novo</u> de uma forma diferente, o ator passou o Réveillon em meio a natureza, no Mato Grosso.</p>	<p>(14b) CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO HOMEM ATOR <R-O-D-R-I-G-O S-A-N-T-O-R-O> ESPERAR JEITO DIFERENTE. (IX)ELE ATOR (IX) CHAMPANHE &=estouro = ANO NOVO NATUREZA sf ml ONDE MATO GROSSO.</p>
<p>(15a) <u>Executivos brasileiros</u> são os mais bem pagos do mundo, pesquisa revela que o crescimento do Brasil está fazendo disparar os salários dos diretores e presidentes de empresas.</p>	<p>(15b) BRASIL PAGAR MELHOR <u>FUNCIÓNÁRIOS^GRAVATA=EXECUTIVOS</u> MUNDO. PESQUISA MOSTRAR BRASIL DESENVOLVER POR ISSO (IX)DIRETOR PRESIDENTE EMPRESA PAGAR SALÁRIO AUMENTAR ef <admirado>.</p>

Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por hiperonímia

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
<p>(16a) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de <u>gorilas</u> da África. A doença de Ebola já matou mais de 300 desses macacos.</p>	<p>(16b) PERIGO ESPALHAR ef <preocupad@>. <u>GRUPO GORILA</u> ÁFRICA VÍRUS ef <preocupad@> E-B-O-L-A JÁ DESTRUIR sf 300 ef <estarecida> (IX) GORILA MACACO ef<triste>.</p>

<p>(17a) O casal está muito feliz com o seu <u>cachorro</u>. O animal é fiel e companheiro.</p>	<p>(17b) HOMEM E MULHER EL@S2 CASAL FELIZ <u>CACHORRO</u> JUNTO ef<sentimento emoção>. (IX)EL@ CACHORRO FIEL AMIGO COMPANHEIRO ef<carinho>.</p>
<p>(18a) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra <u>o antraz</u>. Para destruir a bactéria, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico.</p>	<p>(18b) GRUPO le GRUPO Id PESQUISA PAÍS AMERICANO. EL@S2 GRUPO PESQUISA COMO <QUEM>qu~ ef <interrogativa> VENCER <u>BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z></u>. EL@S2 PENSAR ESTUDAR FOCO PRÓPRIO REMÉDIO COMO VENCER ef<animado> (IX) BACTÉRIA ESS@.</p>
<p>(19a) Os biólogos avistariam um réptil no rio, mas depois assustaram o animal na margem.</p>	<p>(19b) BIÓLOG@ VER 1 <u>CL (animal rastejando^vários=réptil)</u> ÁGUA^CAMINHO=RIO. IX(EL@) JACARÉ SUSTO ef<assustado> AFUNDOU ÁGUA^CAMINHO=RIO.</p>
<p>(20a) <u>O liquidificador</u> está com um barulho estranho. O aparelho deve estar com problemas.</p>	<p>(20b) <u>LIQUIDIFICADOR</u> sf <u>&=motor</u> IX(EL@) LIQUIDIFICADOR BARULHO <QUEM>qu ~ ESTRANHO sf PROBLEMA IX(EL@) LIQUIDIFICADOR ef <preocupado>.</p>

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(21a) A multidão ouviu o ruído de <u>um motor</u> . Todos olharam para o alto e viram a coisa se aproximando.	(21b) TODAS PESSOAS OUVIR BARULHO ESTRANHO ef <curioso/preocupado> sf <u>MOTOR</u> &=motor <u>Id oc od. IX - CL (enm TODOS-OLHAR Oc < O QUE > qu ~ ef <ansioso/dúvida> sf ESTRANHO-VIR).</u>
(22a) <u>O rapaz</u> reconhece ter rodado bêbado. O tribunal de correção infligiu novamente uma pena de reclusão ao sujeito .	<u>ELE</u> le <u>HOMEM</u> sf DIRIGIR BÊBADO JUSTIÇA <u>CL(IX-le-ØPEGAR</u> ef <brav@> <u>Id-ØJOGAR</u> ef<aliviado> <u>CADEIA Id) DE NOVO.</u>
(23a) <u>Paulo</u> está muito doente. O indivíduo mal consegue falar.	(23b) <P-A-U-L-O> le DOENTE sf ef <pena/dó>. <u>(IXle)EL@ NÃO-CONSEGUIR FALAR</u> sf MAL DOENTE ef<preocupado>.
(24a) No canto da cozinha, estava <u>um rato</u> . Ao ver a criatura que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.	(24b) CANTO AQUI le PANELA^MEXER=COZINHAR VIVER <u>BIGODE^RABO-CORRER=RATO.</u> <u>(IX)EST@ BIGODE^RABO-CORRER=RATO(le) COMER CL (roer-queijo) QUEIJO <M-A-R-I-A> VER GRITAR CL (CORRENDO).</u>
(25a) Meu avô tinha <u>uma coleção de vinhos antigos</u> . Era o negócio que	25b) <u>VINHO CL</u> le (coleção-vinhos+++ ef<interessante>) <u>ANTIGOS AVÔ TER.</u>

ele mais apreciava.	(IX) CL le (est@ coleção-vinhos+++) BEBIDA AVÔ (IX)ØAPRECIAR- DEGUSTAR ef<gostoso/bom> MAIS.
---------------------	--

Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por descrição nominal definida

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Glosa-Libras
(26a) <u>O filme <i>Central do Brasil</i></u> fez muito sucesso. O clássico do cinema nacional levou a atriz Fernanda Montenegro a concorrer ao Oscar em 1999.	(26b) <u>FILME NOME <C-E-N-T-R-A-L D-O B-R-A-S-I-L></u> PASSADO SUCESSO. (IX)FILME ESS@ PROMOVER MULHER ATRIZ <F-E-R-N-A-N-D-A M-O-N-T-E-N-E-G-R-O> TROFÉU <O-S-C-A-R> 1999 CONCORRER.
(27a) <u>A Rainha Silvia</u> da Suécia, nasceu na Alemanha. A monarca consorte é filha de mãe brasileira.	(27b) <u>RAINHA NOME <S-I-L-V-I-A></u> PRÓPRIO SUÉCIA NASCER ALEMANHA. MAS (IX)EL@ REALMENTE FILHA MÃE BRASIL ef<admirad@>.
(28a) <u>Reagan</u> perdeu a batalha no Congresso. O cowboy do faroeste americano não tem tido grande sucesso.	(28b) <u>HOMEM PESSOA R-E-A-G-A-N</u> Id PERDER DISPUTA CONGRESSO. (IX)Id PESSOA <O QUE>qu sf CL (pessoa-atirando+++) ml ef<nervoso> NOME <F-A-R-O-E-S-T-E> AMERICANO NÃO-CONSEGUIR VENCER.
(29a) ¹ A avó não tinha meios para	(29b) ¹ MULHER^VELHA=AVÓ ² CRIANÇA-

<p>sustentar ^{2a} criança. ¹A mísera velhinha estava à procura de alguém que quisesse adotar ^{2o} recém-nascido cuja mãe perecera durante o parto.</p>	<p>le NÃO-TER DINHEIRO ²(IXle)ØSUSTENTAR. ¹(IX)MULHER^VELHA=AVÓ POBRE+++ ef <dó> PRECISA PROCURAR PESSOA PORQUE MAE MORRER (IX)ØNASCER (IX)ØDAR ADOITAR.</p>
<p>(30a) Um caminhão atropelou o <u>Sr. José da Silva</u> enquanto trocava o pneu de sua Parati de placa AX1529 no acostamento da Rodovia Anhanguera, perto do trevo de Vinhedo. A vítima do acidente foi imediatamente socorrida pelo próprio motorista, que o recolheu ao hospital S. Vicente. Os dois veículos foram vistoriados pela polícia rodoviária. Ficou confirmado que estavam ambos em péssimo estado de manutenção.</p>	<p>(30b) AVENIDA BR CL (carro-estacionar) IXId CARRO SENTIR CL (FURAR-PNEU) NOME CARRO P-A-R-A-T-I NUMERO PLACA A-X-1-5-2-9 <u>NOME HOMEM <J-O-S-E D-A S-I-L-V-A></u> Id CONSERTAR ARRUMAR MUDAR. CAMINHÃO CL (caminhão-bater-carro) MOTORIST@ CL (descer-caminhão-correr-desesperado-ver) ef<desespero>, (IXId) Ø LEVAR HOSPITAL ef<preocupado>, NOME HOSPITAL <QUAL>qu~ ef <interrogativa> S-A-O V-I-C-E-N-T-E (IXId) Ø LEVAR GRAVE ef<apreensivo>. POLICIA ID IR VER <QUEM>qu~ ef <interrogativa> ACONTECER ID IR PROBLEMA ID <VER>+++ CARRO CAMINHÃO TER PROBLEMA DEFEITO VELHO.</p>

APÊNDICE II - CORPUS PARALELO PORTUGUES-LIBRAS (INTEGRAL)

CORPUS PARALELO PORTUGUÊS-LIBRAS		
Nº	PORTUGUÊS	GLOSA-LIBRAS
1.	Ana viu um rapaz na praia, ele tinha os cabelos verdes.	PRAIA MULHER NOME <A-N-A> IX(VER HOMEM) JOVEM. IX(ELE) TER CABELO VERDE.
2.	Um rapaz deu a uma menina o livro que ela lhe pediu. Ela ficou muito contente.	LIVRO HOMEM JOVEM ID DAR MULHER IX(EL@) MULHER PEDIR IX(EL@) FELIZ CONTENTE+++.
3.	Um rapaz e uma moça foram ao teatro. Os lugares eram tão ruins que eles quase não viam os atores.	HOMEM JOVEM MULHER JOVEM IX(EL@S2) IR TEATRO. CADEIRAS IX(CADEIRA) RUIM QUASE NÃO- VER LÁ ATOR.
4.	Ana comprou um gato , o animal passeou pela casa toda.	GATO IX(EL@) MULHER^PEQUENA=menina <A-N-A> COMPRAR. CASA TODA CL(gato- passear).
5.	A festa estava ruim, Ana queria ir embora, mas John não queria , por isso começou a briga entre eles .	FESTA RUIM, <A-N-A> IX(EL@) QUERER IR EMBORA, MAS <J-O-H- N> IX(EL@) NÃO-QUERER POR ISSO IX(EL@S2) BRIGAR++.

6.	<p>Ana foi professora durante toda a sua juventude, agora ela está aposentada.</p>	<p>PASSADO <A-N-A> PROFESSORA ANO+++ JUVENTUDE. AGORA IX(EL@) APOSENTAR.</p>
7.	<p>A mãe arrumou os quartos. Depois, ela foi preparar o almoço.</p>	<p>MÃE IR QUARTO ARRUMAR sf. DEPOIS IX(EL@) IR 12 HORAS^COMER=almoço CL(panela-mexer).</p>
8.	<p>A mulher foi à festa de casamento com seus filhos. Eles acabaram dormindo na hora dos cumprimentos.</p>	<p>PASSADO MULHER JUNTO FILH@ SEU+++ IR FESTA CASAMENTO. HORA PEGAR^MÃO^ABRAÇAR=cumpriment ar IX(EL@S FILHOS) DORMIR++ Ef.</p>
9.	<p>O assaltante foi preso. Isso serviu-lhe de lição.</p>	<p>HOMEM^REVÓLVER^CABEÇA=assaltante PRESO sf. POR ISSO IX(EL@) APRENDER Ef.</p>
10.	<p>Dom Pedro I foi o imperador do Brasil, ele foi marido da imperatriz Leopoldina.</p>	<p>PASSADO HOMEM DOM PEDRO PRIMEIRO IMPERADOR BRASIL. IX(EL@) HOMEM^CASAR=marido MULHER IMPERIO^MULHER=imperatriz<L-E-O-P-O-L-D-I-N-A>.</p>
11.	<p>Getúlio Vargas foi chamado de</p>	<p>PASSADO GETULIO VARGAS</p>

	pai dos pobres, ele foi o presidente do Brasil na ditadura militar.	APELIDO <i>P-A-I</i> POBRE. IX(EL@) PRESIDENTE BRASIL MOMENTO MILITAR^MANDAR^SOLDADO=ditadura militar.
12.	Ele namora aquela menina , o irmão dela estuda na minha sala.	HOMEM IXle(EL@) NAMORAR IXld(EL@) MULHER. HOMEM^IGUAL=irmão IXld(EL@)DELA MINHA QUADRADO ESTUDAR.
13.	João está doente. Vi -o na semana passada.	<J-O-Ã-O> DOENTE Ef. SEMANA PASSADO VI IX(EL@) .
14.	Ana comprou um animal , o cão bagunçou a casa toda.	<A-N-A> COMPRAR ANIMAL, IX(EL@) CACHORRO CASA BAGUNÇAR Ef &=barulho com os lábios.
15.	A sala de aula está degradada, lá as carteiras estão todas riscadas.	QUADRADO^ESTUDAR=sala de aula <QUEBRAR>+++ IX(LÁ) QUADRADO <MESA>+++ <RISCAR>+++ Ef.
16.	Maria é uma moça tão bonita que assusta. A beleza dela parece ter um mistério.	<M-A-R-I-A> MULHER^JOVEM=moça <BONITA>+++ CL(queixo-cair) Enm. BELEZA IX(DELA) PARECE MISTÉRIO ef<segredo>.
17.		

	São Paulo é uma grande capital, lá a poluição atinge níveis muito altos.	SÃO PAULO CAPITAL GRANDE Ef. IX(LÁ) CL (lixo-poeira-nuvem) sf FORTE.
18.	Raul Pompeia é um escritor famoso, lemo-lo com prazer.	<R-A-U-L P-O-M-P-E-I-A> HOMEM^ESCREVER= escritor FAMOSO. PESSOA LIVRO LER IX(DELE) PRAZER ef<satisfação>.
19.	Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, ele foi um fidalgo, comandante militar, navegador e explorador português.	<P-E-D-R-O A-L-V-A-R-E-S C-A-B-R-A-L> PEGAR BRASIL. PASSADO IX(EL@) <F-I-D-A-L-G-O> INF(pessoa nobre) COMANDANTE MILITAR CL(barco-timão-navegando) EXPLORADOR PRÓPRIO PORTUGAL.
20.	O presidente de uma ONG tem inúmeras funções. Essas responsabilidades podem ser divididas com outros membros da diretoria.	<O-N-G> PRESIDENTE TER VÁRIAS FUNÇÕES. RESPONSABILIDADE IX(ESSA) PODER DIVIDIR <OUTROS>+++ MEMBRO DIRETORIA.
21.	Lúcia estava no cinema, ela estava esperando o filme começar quando viu uma idosa desmaiar.	PASSADO <L-Ú-C-I-A> VIDA CINEMA. IX(EL@) ESPERAR FILME COMEÇAR ACONTECER IX(VER) MULHER^VELHA=idosa DESMAIAR Ef.

22.	A vendedora é muito competente , por isso ela conseguiu a vaga.	MULHER^VERDER=vendedora CAPACIDADE. POR ISSO VAGA IX(EL@) CONSEGUIR.
23.	Paulo tinha tudo para ganhar a corrida, no entanto, no dia da prova, ele sofreu um acidente de carro.	<P-A-U-L-O> CAPACIDADE sf CL(carro-ultrapassando-rápido) VENCER, MAS DIA CL(carro- ultrapassando-rápido) DISPUTA IX(EL@) CL(carro-ultrapassando- bateram-capotamento) Ef &=barulho com os lábios.
24.	João pode ir brincar na rua, mas ele precisa estudar primeiro.	<J-O-Ã-O> PODER ID IR RUA BRINCAR, MAS IX(EL@) PRECISA PRIMEIRO ESTUDAR.
25.	Silvia estudava oito horas todos os dias, ela queria uma vaga na faculdade.	<S-I-L-V-I-A> ESTUDAR sf 8 <HORAS>+++ TODO-DIA, IX(EL@) QUERER VAGA FACULDADE.
26.	A árvore foi derrubada, os frutos dela eram venenosos.	PASSADO CL(árvores-cortadas-com- machado-caindo) IX(EL@) FRUTOS VENENO.
27.	Amanhã eu irei cortar os cabelos , eles estão compridos demais.	AMANHÃ EU ID IR CL(cortar-cabelo), CABELO CL(cabelo-muito-comprido) Ef.

28.	Vou lavar as mãos , elas estão muito sujas.	V-O-U INF(soletração rítmica) CL (lavando-as-mãos). IX(EL@) SUJA+++.
29.	João chegou em casa, agora ele está tranquilo.	CASA <J-O-A-O> CHEGAR. AGORA IX(EL@) TRANQUILO.
30.	O fumo é prejudicial à saúde , e esta deve ser preservada.	FUMAR SAÚDE PIOR Ef. SAÚDE COBRAR sf CUIDAR.
31.	João entrou na festa sem nenhum problema, ele estava de chinelos.	PASSADO FESTA <J-O-A-O> ENTRAR NÃO-TER PROBLEMA NADA. IX(EL@) CHINELO.
32.	A guerra não poupa velhos , mulheres e crianças . Todos sofrem.	GUERRA CUIDAR-NÃO Ef VELHOS, MULHERES CRIANÇA. IX(TODOS) SOFRER.
33.	Maria foi ao cinema e a Sofia, sua prima , também.	<M-A-R-I-A> FOI CINEMA <S-O-F-I-A> PRIMA IX(DELA) TAMBÉM.
34.	Joana penteceu-se cuidadosamente, Ela estava quase pronta para o jantar.	<J-O-A-N-A> CL(cabelo-pentear)+++. IX(EL@) QUASE PRONTA IR COMER^NOITE=jantar.

35.	<p>O menino e a menina eram irmãos, ambos viviam brigando por tudo.</p>	<p>HOMEM^PEQUENO=menino IXle(menino) MULHER^PEQUENA=menina IXld(menina) IX(EL@S2) IRMÃO, PASSADO BRIGAR++.</p>
36.	<p>José tem oitenta anos, mas ele ainda trabalha.</p>	<p>,J-O-S-É> TER 80 IDADE. MAS IX(EL@) TRABALHAR+++ Ef.</p>
37.	<p>A atleta treinou muito, por isso ela conseguiu vencer.</p>	<p>MULHER^ACADEMIA=atleta TREINAR+++ sf. POR ISSO VENCER CONSEGUIR.</p>
38.	<p>Minha avó dizia que precisamos aproveitar a vida, ela era muito sábia.</p>	<p>PASSADO MULHER^VELH@=avó FALAR <O QUE>qu NOS PRECISAR VIDA APROVEITAR+++. IX(EL@), MULHER^VELH@=avó SÁBIA+++ Ef.</p>
39.	<p>Nelson Mandela foi um dos mais respeitados líderes dos século XX. Por essa razão, ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1993.</p>	<p><N-E-L-S-O-N M-A-N-D-E-L-A> SINAL IX(DELE topete) PASSADO HOMEM LÍDER MAIS RESPEITAR SÉCULO 20. POR ISSO PREMIO <N-O-B-E-L> PAZ IX(EL@) CL(receber-troféu) ANO 1993.</p>
40.	<p>Os Estados Unidos saíram fortalecidos da Primeira</p>	<p>PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL AMERICANOS VENCER sf FORTE.</p>

	Guerra Mundial, esse país até hoje é uma grande potência.	IX(ESS@) PAÍS ATÉ HOJE PODEROSO+++.
41.	Cangaceiros eram homens violentos, eles buscavam vingança pessoal e fama.	INF (SINAL-chapéu-de-cangaceiro-com-estrelas-no-topo) <C-A-N-G-A-C-E-I-R-O-S> IX(EL@S) HOMEM+++ VIOLENTO Ef . IX(EL@S) TENTAR VINGAR PARTICULAR TAMBÉM FAMOSO.
42.	Oswald de Andrade nasceu em 1890 e faleceu em 1954. Ele foi um dos mais importantes escritores do modernismo na literatura brasileira.	<O-S-W-A-L-D D-E A-N-D-R-A-D-E> NASCER 1890 MORRER sf 1954. IX(EL@) ESCRITOR LIVRO+++ VÁRIOS sf MAIS IMPORTANTE MODERNISMO PRÓPRIO LITERATURA BRASIL.
43.	O médico foi fazer sua primeira cirurgia, ele estava um pouco nervoso.	PASSADO HOMEM MÉDICO IR CIRURGIA PRIMERA-VEZ sf. IX(EL@) HOMEM NERVOSO Ef POUCO .
44.	A professora queria explicar o conteúdo, ela pediu atenção.	MULHER PROFESSORA PASSADO QUERER DISCIPLINA EXPLICAR sf, IX(EL@) PEDIR ATENÇÃO Ef.
45.	O farmacêutico receitou um remédio errado , por isso ele foi	HOMEM^ESMAGAR=farmacêutico PASSADO RECEITAR REMÉDIO

	processado.	ERRADO sf. POR ISSO IX(EL@) PROCESSO.
46.	O advogado era muito eficiente, por isso ele foi chamado para defender um homem que assassinou a esposa.	HOMEM ADVOGADO CAPACIDADE^PROFISSIONAL=eficiente. POR ISSO CHAMAR IX(EL@) DEFENDER IX(HOMEM) MATAR MULHER^CASAR=esposa.
47.	Maria tinha muito dinheiro, por essa razão ela nunca se casou, ela tinha medo de homens interesseiros.	<M-A-R-I-A> PASSADO RICA++, POR ISSO NUNCA CASAR, IX(EL@) MULHER MEDO O-QUE HOMEM INTERESSEIR@.
48.	Escolhi a flor mais linda daquela loja, ela era muito cara, mas resolvi comprá-la.	LOJA EU FLOR ESCOLHER LINDA MAIS. IX(EL@) FLOR CARA++ Ef, MAS EU RESOLVER COMPRAR.
49.	Os olhos dele brilhavam quando me viam, eles pareciam apaixonados.	IX(EL@) HOMEM VER-ME OLHO BRILHAR, PARECER APAIXONAR ef<apaixonado>.
50.	Tobby sempre foi um cachorro amigo e muito divertido, mas ele parece estar ficando muito velho.	T-O-B-B-Y CACHORRO SEMPRE sf AMIGO ALEGRE Ef, MAS IX(EL@) CACHORRO PARECE COMEÇAR VELHO+++.

51.	<p>Angelina Jolie foi convidada a ir ao Vaticano, a atriz apresentou seu filme ao papa Francisco.</p>	<p>PAÍS <V-A-T-I-C-A-N-O> CONVIDAR <A-N-G-E-L-I-N-A J-O-L-I-E>, MULHER ATRIZ MOSTRAR FILME IX(PRÓPRIO DELA) PAPA FRANCISCO.</p>
52.	<p>Matemática, Português, e Física ocorrem no mesmo dia, essas disciplinas foram as mais difíceis de resolver naquele vestibular.</p>	<p>MATEMÁTICA, PORTUGUÊS, FÍSICA ACONTECER DIA sf MESMO. IX(EL@S DISCIPLINA+++ DIFÍCIL++ Ef MAIS VESTIBULAR PASSADO.</p>
53.	<p>João e Maria são irmão, eles sempre foram bons filhos.</p>	<p><J-O-Ã-O> <M-A-R-I-A> IRMÃO. IX(EL@S2) FILHO BOM sf SEMPRE.</p>
54.	<p>Central do Brasil fez muito sucesso, o filme levou a atriz Fernanda Montenegro a concorrer ao Oscar em 1999.</p>	<p>FILME NOME <C-E-N-T-R-A-L D-O B-R-A-S-I-L> PASSADO SUCESSO. IX(FILME ESSE) PROMOVER MULHER ATRIZ <F-E-R-N-A-N-D-A M-O-N-T-E-N-E-G-R-O> TROFÉU <O-S-C-A-R> 1999 CONCORRER.</p>
55.	<p>Rodrigo Santoro recebeu o ano novo de uma forma diferente, o ator passou o Réveillon em meio a natureza, no Mato Grosso.</p>	<p>ANO NOVO HOMEM ATOR <R-O-D-R-I-G-O S-A-N-T-O-R-O> ESPERAR JEITO DIFERENTE. IX(ELE ATOR) ANO NOVO NATUREZA ONDE MATO GROSSO.</p>

56.	A Rainha Silvia da Suécia, nasceu na Alemanha, mas ela é filha de mãe brasileira.	RAINHA <S-I-L-V-I-A> PRÓPRIO SUÉCIA NASCER ALEMANHA. MAS IX(ELA) REALMENTE FILHA MÃE BRASIL.
57.	A Rainha Silvia da Suécia fala seis línguas, a monarca fala alemão, espanhol, inglês, português, sueco e francês.	RAINHA <S-I-L-V-I-A> PRÓPRIO SUÉCIA FALAR 6 IDIOMAS. ALEMÃO, ESPANHOL, INGLÊS, PORTUGUÊS, SUECO, FRANCÊS.
58.	Pop rock e reggae são os sons que eu mais gosto, foram os gêneros musicais mais tocados na balada naquela noite.	ROCK POPULAR TAMBÉM REGGAE MÚSICA SOM EU GOSTAR++ MAIS. IX(ESS@S) TIPO MÚSICA TOCAR++(CL) BALADA NOITE PASSADO.
59.	Maça e morango estão na promoção, essas frutas são as minhas preferidas.	MAÇA MORANGO PROMOÇÃO. IX(ESS@S FRUTAS) EU GOSTAR++ MAIS sf.
60.	João e Maria estavam esperando um filho, eles seriam pais pela primeira vez.	IX<J-O-Ã-O> IX<M-A-R-I-A> IX(EL@S2) ESPERAR FILHO NASCER. IX(EL@S2) PRIMEIRA VEZ MÃE PAI.
61.	A noiva quis morrer após o	HOMEM NOIVO RELACIONAMENTO

	noivo terminar o relacionamento que durava quatro anos, deprimida e agoniada , a jovem de 22 anos trajou- se com o vestido de noiva e tentou se jogar da janela do sétimo andar de um prédio.	4 ANOS Ef TERMINAR. NOIVA QUERER MORRER. ANGUSTIA DEPRESSÃO ef<tristeza> IX(JOVEM) TER 22 IDADE PREPARAR VESTIDO NOIVA PRÉDIO SÉTIMO ANDAR JANELA Ef CL(subindo-andar-prédio) TENTAR PULAR.
62.	Ela gostava de todas as frutas , menos manga e morango .	MULHER GOSTAR MAÇÃ^VÁROS=frutas sf TODAS. SÓ NÃO GOSTAR MANGA MORANGO.
63.	Joana precisa de uma boa oportunidade, ela está desempregada.	<J-O-A-N-A> PRECISAR OPORTUNIDADE BOM. IX(ELA) DESEMPREGADA.
64.	Branco, preto e vermelho foram usadas na casa de João. Eram as cores que aquele jovem mais gostava.	PASSADO CASA <J-O-Ã-O> CL(pintar-parede) BRANCO, PRETO VERMELHO. CORES IX(ESSAS) IX(ELE) HOMEM JOVEM GOSTAR ++ MAIS.
65.	O casal está muito feliz com o seu cão . O animal é fiel e companheiro a eles .	HOMEM E MULHER IX(EL@S2) CASAL FELIZ CÃO JUNTO. CÃO FIEL AMIGO COMPANHEIRO.
66.	Nada vai convencer aquela	NADA CONVENCER FAMÍLIA CL

	família a mudar de carro. O pequeno automóvel parece suprir todas as necessidades deles.	(carro-trocar). CARRO PEQUENO PARECE TUDO AJUDAR.
67.	O El Niño não voltou a ocorrer. Este fenômeno ambiental repercutiu a alguns anos em grandes catástrofes.	CLIMA <E-L N-I-Ñ-O> VOLTAR AINDA-NÃO ACONTECER. ANO++ sf IX(ESTE) ÁRVORE+++ AMBIENTE Ef ESTRAGAR+++ HORRÍVEL Ef DESTRUIR+++.
68.	A fauna brasileira é muito rica, mas o homem ainda não se deu conta disso. Todos os dias, árvores e flores morrem por conta da poluição.	BRASIL ÁRVORE++ ANIMAL^VÁRIOS=fauna AMBIENTE CHEIA++. MAS PESSOAS AINDA-NÃO PERCEBER TODO-DIA ÁRVORES, FLORES SUMIR POR CAUSA POLUIÇÃO.
69.	Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigados pela seca. Esses famintos, maltrapilhos e sofridos são realidades brasileiras.	TUDO DIA GRUPO PESSOA++ REFUGIADO CHEGAR CL(pessoas-andando) NORDESTE SOFRER POR ISSO SECA. IX(EL@S) FOME++ ROUPA DEFEITO Ef PESSOA SOFRER ACONTECER REALIDADE AQUI BRASIL.
70.	O amor, a simpatia e a amizade dão sentido à vida, esses sentimentos são	AMOR, SIMPATIA, AMIZADE SIGNIFICADO VIDA++. IX(ESSES SENTIMENTOS) POSITIVO +++.

	positivos.	
71.	Os alunos prestavam atenção na aula de Matemática, era a disciplina favorita daquela turma.	AULA MATEMÁTICA ALUNO PESSOA+++ ATENÇÃO Enm. IX(DISCIPLINA) IX(ALUNOS) FAVORITA.
72.	O garçom ofereceu água, refrigerante e cerveja, mas Maria não quis nenhuma bebida.	GARÇON OFERECER ÁGUA. REFRIGERANTE, CERVEJA. MAS <M-A-R-I-A> NÃO-QUERER BEBER NADA.
73.	Meu avô tinha uma coleção de vinhos antigos, era a bebida que ele mais apreciava.	VINHO CL(garrafas-organizadas-prateleira) ANTIGOS HOMEM^VELHO=avô TER. IX(EL@S BEBIDAS) HOMEM^VELHO=avô CL(SABOREAR) MAIS.
74.	Ele estava com gripe e tosse, a doença que parece simples o deixou de cama uma semana.	HOMEM IX(GRIPE) IX(TOSSE), IX(ESS@S2 GRIPE, TOSSE) DOENÇA Enm PARECER SIMPLES MAS CL (pessoa-deitada) 1-SEMANA DOENTE++.
75.	Arroz e feijão enriquecem o	PESSOA BRASIL PRATO ARROZ,

	prato dos brasileiros , são alimentos importantes para mantê-los saudáveis.	FEIJÃO CL(prato-cheio) Enm &=bochecha inflada. IX(ESSE COMIDA) IMPORTANTE PESSOA BRASIL SAÚDE.
76.	Maria era uma mãe dedicada a João e Ana , todos os dias ela preparava o almoço para os filhos .	<M-A-R-I-A> PASSADO MULHER^BÊNÇÃO=mãe DEDICAR FILHO <J-O-Ã-O> <A-N-A>, TODO-DIA IX(ELA MULHER^BÊNÇÃO=mãe CL(mexer-panela) ALMOÇO ID DAR FILHOS IX(EL@2) .
77.	Os avós eram muito pacientes. João e Maria levavam os netos brincar todos os dias.	HOMEM^VELHO=avô MULHER^VELHO=avó PACIÊNCIA++. <J-O-Ã-O> <M-A-R-I-A> IX(EL@S2) TODO-DIA NETOS LEVAR BRINCAR.
78.	Fábio é um grande professor. O mestre é amado por todos os alunos da faculdade.	<F-Á-B-I-O> PROFESSOR SUPERIOR. ALUNOS PESSOAS+++ FACULDADE TOD@S AMAR IX(ELE) PROFESSOR.
79.	A equipe se reuniu para decidir o que faria com o aluno . Os pedagogos estavam aflitos discutindo sobre o acontecimento que poderia levá-lo a expulsão da escola.	GRUPO PESSOAS REUNIÃO POR ISSO RESOLVER ALUNO <O QUÊ>qu. GRUPO PEDAGOGIA AFLITOS DISCUTIR ASSUNTO ACONTECER PODE CASA^ESTUDAR=escola ALUNO EXPULSAR.

80.	<p>Leila e Joana estavam satisfeitas com o trabalho. As enfermeiras foram homenageadas como melhores funcionárias do ano.</p>	<p><L-E-I-L-A> <J-O-A-N-A> IX(EL@s2) GOSTAR++ TRABALHO. IX(EL@s2) ENFERMEIR@ HOMENAGEAR POR ISSO MELHOR FUNCIONÁRI@S ANO.</p>
81.	<p>(?) Todos os dias o homem caminhava até o lago. Solitário, parecia não ter família.</p>	<p>LUGAR^ÁGUA=lago HOMEM TODO- DIA CAMINHAR+++. HOMEM SOZINHO PARECER FAMÍLIA NÃO- TER.</p>
82.	<p>A depressão atinge centenas de pessoas no mundo, pode ser considerada a doença do século.</p>	<p>DEPRESSÃO ESPALHAR MUITAS PESSOAS MUNDO. IX(DOENÇA ESSA) ACONTECER+++ SÉCULO AGORA.</p>
83.	<p>O diamante é difícil de ser encontrado, é a pedra preciosa mais cobiçada entre os joalheiros.</p>	<p>PEDRA BRILHAR <D-I-A-M-A-N-T-E> DIFÍCIL ENCONTRAR. CL(pessoa- trabalhar-pulseira-corrente-loja) COBIÇAR++ PEDRA BRILHAR=diamante.</p>
84.	<p>Estudantes se prepararam o ano todo para o vestibular da Unioeste, porém o exame foi adiado por causa da greve.</p>	<p>ALUNO ANO TODO ESTUDAR OBJETIVO VESTIBULAR UNIOESTE, MAS IX(PROVA) VESTIBULAR DIA MUDAR POR CAUSA MOVIMENTO GREVE.</p>

85.	<p>Todas as bolsas eram maravilhosas, no entanto, comprei apenas duas para minha mãe.</p>	<p>BOLSA TOD@S CL(organizadas-prateleira) Ef MARAVILHOSAS Ef CHIQUE, MAS COMPRAR++ DUAS ID DAR IX(MÃE) MINHA.</p>
86.	<p>Comprei várias revistas ontem. As revistas eram muito interessantes.</p>	<p>LIVRO MATERIAL^VÁRIOS=objetos COMPRAR+++ ONTEM. IX(EL@S REVISTAS) INTERESSANTE++.</p>
87.	<p>Robô constrói casa em apenas um dia, o protótipo está sendo desenvolvido na Universidade da Califórnia.</p>	<p>ROBÔ IX(EL@) CASA CONSTRUIR UM DIA SÓ. IX(EL@)ROBÔ PROJETO DESENVOLVER UNIVERSIDADE [=?CALIFÓRNIA].</p>
88.	<p>EUA jogaram corpos de soldados americanos no lixão, 274 soldados mortos nas guerras do Iraque e do Afeganistão foram encontrados no estado da Virgínea.</p>	<p>SOLDADO AMERICANO MORTO CL(corpos-organizados-lado-a-lado) AMERICANO ABANDONAR LIXO. 274 SOLDADOS MORTOS CL(corpos-organizados-lado-a-lado) POR CAUSA GUERRA IRAQUE AFEGANISTÃO DISPUTA. SOLDADO MORTO ENCONTRAR ONDE, ESTADO <V-I-R-G-Í-N-E-A>.</p>
89.	<p>A Espanha sofreu grandes mudanças no século XVIII. O país era Católico e</p>	<p>SÉCULO 18 ESPANHA MUDAR+++ ATÉ 18 SÉCULO IX(ESSE PAÍS) PASSADO CATÓLICO</p>

	conservador até esse momento.	TRADICIONAL.
90.	O maior assassino de cachorros é o câncer. Eles também sofrem de problemas de coração e rins.	CÂNCER DOENÇA MAIS DESTRUIR++ Ef CACHORRO. IX(ELES CACHORRO) TAMBÉM SOFRE PROBLEMA CORAÇÃO, RINS.
91.	Doenças estão entre as causas de mortes mais comuns de animais domesticados. O que mais mata os cães é o câncer.	LEÃO^VÁRIOS=animais CASA CUIDAR MORRER++ sf POR ISSO DOENÇAS Ef VÁRIAS. EXEMPLO CACHORRO MORRER+++ POR CAUSA CÂNCER.
92.	Tartarugas-marinhas só atingem a maturidade sexual lá pelos 30 anos. Esses répteis continuam ameaçados pelo homem.	TARTARUGAS CONSEGUIR SEXO MAIS OU MENOS 30 IDADE. IX(ESES LEÃO^VÁRIOS=animais) <R-É-P-T-E-I-S> DIMINUIR POR CAUSA PESSOA DESTRUIR.
93.	Livros são pirateados na internet, os livros de musculação, informática e curiosidades são os campeões de pirataria.	INTERNET TER LIVROS COLOCAR PIRATA. IX(EL@S LIVROS) MUSCULAÇÃO, INFORMÁTICA CURIOSO VÁRIOS PIRATA MAIS.
94.	Em festas todo mundo reclama	FESTAS TODAS PESSOAS

	da sujeira dos banheiros . O problema está nos usuários que não se preocupam em manter o espaço limpo .	RECLAMAR sf BANHEIRO SUJO. PROBLEMA O QUÊ? IX(EL@S PESSOA) PREOCUPAR NADA LUGAR LIMPO.
95.	Robin Willians fez muito sucesso no cinema, o ator americano , sofrendo de depressão severa, suicidou-se aos 63 anos.	<R-O-B-I-N W-I-L-L-I-A-N-S> IX(EL@ HOMEM) ATOR FAMOSO SUCESSO CINEMA. IX(EL@ HOMEM) DEPRESSÃO sf SEVERA Ef CASA^ONDE=morar AMERICANO ACONTECEU MORRER 63 IDADE ENFORCAR.
96.	Razão e emoção são importantes, mas o segredo não está no equilíbrio delas , está em usar cada uma na hora certa.	RAZÃO EMOÇÃO IMPORTANTE. MAS EQUILÍBRIO CERTO NÃO. CERTO O QUE IX(RAZÃO) IX(EMOÇÃO) CADA MOMENTO CERTO.
97.	Executivos brasileiros são os mais bem pagos do mundo, pesquisa revela que o crescimento do Brasil está fazendo disparar os salários dos diretores e presidentes de empresas .	BRASIL PAGAR sf MELHOR FUNCIONÁRIO^GRAVATA=executivo MUNDO. PESQUISA MOSTRAR BRASIL DESENVOLVER POR CAUSA DIRETOR sf PRESIDENTE EMPRESA PAGAR CL(salário-aumentar)Ef.
98.	Quando a morte de Amy Winehouse foi anunciada, a	ACONTECER <A-M-Y W-I-N-E-H-O-U-S-E> MORRER sf AVISAR,

	venda de CDs da cantora inglesa cresceu 37 vezes.	MULHER CANTORA PAÍS INGLATERRA CD VENDER+++ Ef 37 DOBRAR+++.
99.	A mulher tem o direito de interromper a gravidez. O Estado não pode dizer o que ela faz ou não com o próprio corpo.	MULHER IX(PESSOA) TER DIREITO GRAVIDEZ ABORTAR. GOVERNO NÃO-PODE CORPO IX(EL@ PESSOA) MULHER MANDAR sf.
100.	Todo ano 250 mil brasileiras são internadas por complicações de aborto ilegal. Diante desse contexto, proibir essa ação coloca a vida da mulher em risco.	(32b) ANO SEMPRE 250 MIL MULHER BRASIL IR HOSPITAL PROBLEMA ABORTO ILEGAL. 1(IX)TODO PROBLEMA ESSE PROIBIR ABORTO PERIGO GRAVE VIDA MULHER ef<preocupad@>.
101.	Pesquisas revelam que cães e gatos são mais inteligentes e sensíveis do que a ciência imaginava. Essa descoberta pode mudar para sempre sua relação com esses animais domésticos.	PESQUISA MOSTRAR CÃO GATO <INTELIGENTE>+++ sf SENSÍVEL MAIS-DO- QUE CIÊNCIA PENSAR Ef. IX(ESS@) DESCOBERTA PODE MUDAR SUA RELAÇÃO ANIMAL^VÁRIOS=animais CASA.
102.	Cerveja não engorda só a barriga. Uma pesquisa feita durante quatro anos revelou que essa bebida aumenta o peso do corpo todo, não	SÓ sf DV(barriga-aumentar) <CERVEJA>++ ENGORDAR INF(bochecha-inflada) NÃO. PESQUISA 4 ANOS MOSTRAR O QUE sf, BEBIDA CORPO TODO

	especificamente da barriga.	ENGORDAR INF(bochecha-inflada). ESPECÍFICO IX(BARRIGA) NÃO.
103.	Nesse sonho investi muito mais do que dinheiro, nesse sonho eu investi a minha vida.	SONHO IX(NESSE) <INVESTI>++ DINHEIRO SÓ sf NÃO. SONHO MINHA VIDA FOCO Ef DEDICAR INCENTIVAR.
104.	Formação de profissionais com excelência e cidadãos conscientes, esse é o nosso diferencial.	FORMAÇÃO PROFISSIONAL EXCELENTE sf PESSOA CIDADÃO CONSCIENTE. IX(ESSE) NOSSO OBJETIVO DIFERENTE.
105.	Conhecimentos e valores são critérios importantes em nossa empresa. Esses parâmetros podem transformar a sua vida profissional.	CONHECIMENTO VALOR IX(2) IMPORTANTE Ef COMBINAR EMPRESA NOSSA. REGRAS NOSSAS PODER sf VIDA SUA MUDAR.
106.	As gotas de chuva arrastam partículas soltas no ar, muitas delas são poluentes altamente tóxicos.	DV(partículas-nuvem-ar-sujo) CHUVA INF(bochecha-inflada) LIMPAR Ef. CHUVA INF(bochecha-inflada) GOTAS POLUENTE FORTE VENENO.
107.	A água da chuva deixa o ar mais limpo, pois ela varre a	DV (ar-céu-nuvem-água-chuva-limpar) IX(LIMPAR) LIMPAR PORQUE sf CÉU SUJO DV(chuva-limpar+++).

	sujeira do céu.	
108.	<p>O dízimo existe há muito mais tempo que o cristianismo. Templos no antigo Egito, Grécia e Roma, por exemplo, cobravam tributos desde 1500 a.C.</p>	<p>CRISTIANISMO ANTES DÍZIMO JÁ sf TER MUITO TEMPO ATRÁS Ef . EXEMPLO CASTELO^CASA^CRUZ=templo EGITO ANTIGO, [=?GRÉCIA], [=?ROMA] JÁ sf COBRAR DINHEIRO DÍZIMO ANO 1500 JESUS ANTES.</p>
109.	<p>O açúcar surgiu na Índia e chegou a Europa nos Séculos XI a XIII, nesse momento surgiu um enorme comércio do açúcar e outros produtos indianos.</p>	<p>AÇUCAR SURGIR ÍNDIA CHEGAR EUROPA SÉCULO 11 13 ENTRE. MOMENTO IX(ESSE) ACONTECER sf AÇÚCAR ADMINISTRAR^VENDER= comércio TAMBÉM <OUTROS>+++ OBJETO^VÁRIOS= produtos PRÓPRIO ÍNDIA.</p>
110.	<p>Tubaína é a marca de um refrigerante bem popular, o que poucos sabem é que no dicionário essa palavra significa refrigerante barato.</p>	<p><T-U-B-A-I-N-A> MARCA REFRIGERANTE POPULAÇÃO <CONHECER>+++ . POUCA PESSOA SABER DICIONÁRIO SIGNIFICA Ef PALAVRA SIGNIFICA REFRIGERANTE BARATO.</p>
111.	<p>Todos podem cantar bem, para isso basta treinar.</p>	<p>PESSOA TOD@ PODER sf DV(cantando-segurando-microfone) BEM. MAS PRECISA <TREINAR>+++.</p>

112.	<p>Equipamentos sem uso, como eletrônicos e eletrodomésticos devem ser entregues nas lojas ou pontos de coleta determinados.</p>	<p>OBJETOS^VÁRIOS=equipamentos USO NÃO-TER DEVER LEVAR LOJA COLETA PRÓPRIO. IX(ESSES FIO GRUPO TV^RÁDIO^CELULAR^VÁRIOS= eletrônicos) TAMBÉM FIO^CASA^BATEDEIRA^LIQUIDIFICA DOR^VÁRIOS=eletrodomésticos FUTURO RECICLAR.</p>
113.	<p>Na Europa e nos Estados Unidos 95% dos veículos que saem de circulação são reciclados, no Brasil apenas 1,5% deles são.</p>	<p>EUROPA ESTADOS UNIDOS 95% CARROS^ONIBUS^VÁRIOS=veículos CIRCULAÇÃO ACABAR LEVAR RECICLAR. BRASIL SÓ 1,5% RECICLAR.</p>
114.	<p>Tartarugas são péssimas mães, elas botam os ovos e os abandonam.</p>	<p>TARTARUGAS MÃE <PÉSSIMAS>+++ Ef, IX(EL@) DV(tartaruga-andando-lentamente- botando-vários-ovos) ABANDONAR.</p>
115.	<p>A ciência pode ser feita da construção de ideias, porém, muitas vezes, ela acontece pela destruição de algumas delas.</p>	<p>CIÊNCIA DESENVOLVER <IDEIAS>+++ <PREPARAR>+++ MAS AS VEZES CIÊNCIA ACONTECER Ef POR ISSO <IDEIAS>+++ ALGUMAS <CONFLITOS>+++.</p>

116.	<p>A fama de durona de Dilma ganhou reforço esse ano, ao retornar das férias, a presidente convocou seus ministros para reuniões de trabalho.</p>	<p>DILMA FAMA DURONA sf IX(ESSE ANO) CONSEGUIR MOSTRAR DURONA Ef MAIS. FÉRIAS VOLTAR PRESIDENTE PESSOAS^MINISTÉRIOS=ministros CHAMAR MANDAR sf REUNIÃO TRABALHO.</p>
117.	<p>Nos Estados Unidos, o desemprego baixou, as vendas e construções de imóveis cresceram, esses indicadores mostram que o país está em recuperação.</p>	<p>ESTADOS UNIDOS DESEMPREGO <DIMINUIR>+++ , VENDAS, CONSTRUÇÕES CASAS^PRÉDIOS^VÁRIOS= imóveis <AUMENTAR>+++ . IX(ISSO) MOSTRAR PAÍS <MELHOR>+++.</p>
118.	<p>Na China a inflação caiu, isso pode abrir espaço para a redução de juros, indicativos bons para o país que mais cresce na economia.</p>	<p>CHINA INFLAÇÃO DIMINUIR. POR ISSO PODE ACONTECER JUROS <DIMINUIR>+++ . IX(ISSO) BOM PORQUE CHINA PAÍS ECONOMIA MAIS <DESENVOLVER>+++.</p>
119.	<p>O Brasil mudou muito desde a década de 90, época da última onda de investimento externo no setor de tecnologia no país.</p>	<p>DECRETO[=?DÉCADA] 90 ATÉ HOJE BRASIL <MUDAR>+++ PAÍS INVESTIMENTO ÁREA TECNOLOGIA FORA.</p>
120.	<p>Meu pai e minha irmã são engenheiros, como eles eu</p>	<p>ME@ HOMEM^BEIJO=pai ME@ MULHER^IGUAL=irmã IX(EL@S2)</p>

	decidi seguir a mesma profissão.	ENGENHEIRO EU RESOLVER COPIAR IX(EL@S2 PROFISSÃO IGUAL Ef ENGENHARIA.
121.	A revista em gestão de pessoas chegou ao formato digital, agora ela pode ser lida no PC ou no tablete.	REVISTA ADMINISTRAR <PESSOA>+++ sf JÁ FORMATO PRÓPRIO COMPUTADOR, AGORA sf PODER LER COMPUTADOR [...] OU TABLETE.
122.	O Brasil é um dos principais países agrícolas, e sua produção continuará a crescer.	GRUPO PAÍS sf VÁRIOS BRASIL PRINCIPAL < O QUE >qu PRODUÇÃO AGRICULTURA sf IX(EL@) (PRODUÇÃO AGRICULTURA) sf CRESCER Enm CONTINUAR VAI.
123.	O Brasil tem muitos recursos naturais, por isso acredita-se que será o líder na produção de soja. (?)	BRASIL sf APOIO PRÓPRIA NATUREZA Enm VÁRIOS, POR ISSO, ACREDITA FUTURO LÍDER <PRODUÇÃO>++ &=barulho com a boca SOJA.
124.	As horas passam tão depressa, parece que estamos lutando contra esse tempo que nos assombra.	HORA DV (horas-relógio-passando- muito-rápido) Enm PARECE NÓS LUTANDO CONTRA sf PRÓPRIO TEMPO IX(TEMPO) ASSUSTAR ef<angustiad@>.

125.	Constata-se que um remédio pode impedir a transmissão do vírus da aids , pesquisadores americanos descobrem um tratamento que evita que o vírus passe de uma pessoa para outra.	PERCEBER REMÉDIO CONSEGUIR IMPEDIR sf VÍRUS AIDS OUTRA PESSOA HOMEM^PESQUISA=pesquisador ESTADOS UNIDOS DESCOBRIR Enm TRATAMENTO EVITAR VÍRUS OUTRA PESSOA.
126.	Pessoas que sofrem bullying precisam de ajuda, todavia quem pratica essa triste ação também precisa.	PESSOA ef<dó> <SOFRER>+++ BULLYING PRECISAR AJUDAR, MAS PESSOA FAZ CONTRA PRECISAR AJUDAR TAMBÉM.
127.	Estudo mostra que os cardápios de restaurantes e lanchonetes estão errados, pois indicam, em média, 100 calorias a menos do que cada prato realmente contém. (?)	ESTUDO MOSTRAR < O QUE >qu [=CARDÁPIO] RESTAURANTE CASA^LANCHE=lanchonete TUDO <ERRADO>++, PORQUE sf MOSTRAR 100 <C-A-L-O-R-I-A-S> MENOR DO QUE VERDADE TER.
128.	Meu filho está na faculdade, ainda quero vê-lo se formando.	HOMEM^FILHO MEU JÁ <FACULDADE>++, EU ESPERAR IMAGINAR IX(EL@) FUTURO FORMAR.
129.	Um grande amigo é confiável, por isso guarda muitos segredos. (?)	AMIGO <VERDADE>++ CONFIAR TER Ef, POR ISSO SEGREDO GUARDAR Enm PODER.

130.	<p>As matrículas estão abertas, dessa forma todos os interessados podem se dirigir a secretaria.</p>	<p>MATRÍCULA JÁ ABERTA PESSOA, INTERESSE PODER DV(várias-pessoas-indo-em-direção) &=barulho com a boca SECRETARIA.</p>
131.	<p>O Brasil secou, a escassez de água é realidade no País, por conta de mudanças climáticas e do desmatamento na Amazônia.</p>	<p>BRASIL SECAR Ef, FALTA ÁGUA VERDADE, ACONTECER DV(mudança-clima) TAMBÉM DESTRUIR sf NATUREZA.</p>
132.	<p>Um reality show pretende levar voluntários para Marte, porém não promete trazê-los de volta da missão espacial ao planeta vermelho.</p>	<p><R-E-A-L-I-T-Y> SHOW PARECE IGUAL SHOW VIDA REAL QUERER VOLUNTÁRIO LEVAR ESPAÇO PLANETA <M-A-R-T-E> É PRÓPRIO PLANETA VERMELHO MISSÃO ESPAÇO MAS VOLTAR PROMETER NÃO-TEM.</p>
133.	<p>No dia 22 de Abril de 2013 foi lançado o programa de seleção de astronautas, foram 202 mil inscritos em todo o mundo.</p>	<p>DIA 22 MÊS ABRIL ANO[?] 2013 ABRIR <ESCOLHER)+++ PESSOA DV(roupa-capacete-astronauta-viajar-espaço) MAIS 202 MIL PESSOA INSCRIÇÃO MUNDO.</p>
134.	<p>(?) Ir para Marte não é um passeio, pois as dificuldades</p>	<p>VIAGEM PLANETA <M-A-R-T-E> PASSEAR NÃO, PORQUE</p>

	começam na viagem que pode durar até oito meses. K	PROBLEMA Ef COMEÇAR VIAGEM JÁ, PORQUE PODER OITO MÊS Ef DEMORAR.
135.	Robôs vão construir os lares dos astronautas em Marte, tudo deve estar habitável quando eles chegarem.	PLANETA <M-A-R-T-E> ROBÔ CONSTRUIR CASA HOMEM^ROUPA^CAPACETE=astronauta Ef PRECISAR CASA PRONTA QUANDO PESSOA CHEGAR.
136.	Os estudantes não paravam de conversar, por causa disso o professor os expulsou da aula.	GRUPO ALUNOS DV(mãos-simulando-bocas-falando) PARAR NÃO PROFESSOR Ef EXPULSAR.
137.	A aula estava cansativa, devido a isso muitos alunos foram embora.	AULA CHATA Ef POR ISSO ALUNOS <SAIR>+++
138.	Havia muito trabalho pela frente, a dedicação e o compromisso eram fundamentais para a conclusão de tudo.	<TRABALHO>+++ Ef VÁRIOS TER, PRECISAR ESFORÇAR sf COMPROMISSO CONSEGUIR Ef FAZER TUDO.
139.	Chaplin ficou conhecido como eterno "Adorável Vagabundo", ele é considerado um gênio.	HOMEM <C-H-A-P-L-I-N> <CONHECER>+++ ETERNO QUERIDO VAGABUNDO MAS

		IX(ELE) <INTELINGENTE>+++.
140.	A Arte não trabalha só como prazer aos olhos e à alma, Rousseau mostra que ela também serve para compreender pensamentos.	ARTE TRABALHAR sf SÓ PRAZER OLHOS ALMA NÃO <R-O-U-S-S-E-A-U> MOSTRAR TAMBEM PRECISAR COMPREENDER Ef IMAGINAR.
141.	Comemoramos no dia 25 de dezembro o Natal, o nascimento simbólico de Jesus Cristo, simbólico porque não sabemos a data real desse acontecimento.	DIA 25 DEZEMBRO COMEMORAR Ef NASNER MARCA sf JESUS CRISTO PORQUE NÃO-SABER DIA OFICIAL.
142.	É importante conhecer as raízes biológicas de preconceito, pois dessa maneira, pode ajudar a sociedade a combatê-lo.	PRECISAR SABER PORQUE sf PRECONCEITO Ef ACONTECER, PORQUE ASSIM SOCIEDADE EVITAR sf ACONTECER Ef.
143.	“Educação não transforma o mundo, educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo.”	EDUCAÇÃO NÃO-MUDAR MUNDO Ef IX(EDUCAÇÃO) MUDAR PESSOA Ef IX(PESSOA) MUDAR MUNDO.
144.	O GPS é um aparelho muito utilizado, sua funcionalidade	<G-P-S> <USAR>+++ sf POSSIVÉL

	possibilita encontrar lugares a qualquer momento.	ENCONTAR LUGAR NÃO-IMPORTAR Ef HORA
145.	Cientistas americanos anunciaram a criação de algo que pode revolucionar as políticas de combate as drogas, trata-se de uma vacina capaz de anular o efeito da cocaína e do crack.	GRUPO PESQUISA sf ESTADOS UNIDOS AVISAR Ef REVOLUÇÃO CONTRA DROGAS VACINA PODER CANCELAR COCAINA CRACK.
146.	Pôncio Pilatos era governante da Judeia, esse tirano não respeitava as tradições locais.	HOMEM <P-O-N-C-I-O> ESPAÇO <P-I-L-A-T-O-S> HOMEM^GOVERNO=governador CIDADE <J-U-D-E-I-A> IX(ELE) NÃO-RESPEITAR Ef TRADIÇÃO LUGAR.
147.	O urubu-de-cabeça preta, mais comum da América, enxerga bem mesmo. No alto de uma árvore de 18m, ele visualiza insetos de 2mm no chão.	PÁSSARO <U-R-U-B-U> CABEÇA <PRETA>++ NORMAL ESTADOS UNIDOS ENXERGAR sf BOM ÁRVORE ALTURA Ef 18 METROS DV(olhar-para-baixo) INSETO MINÚSCULO Enm CHÃO.
148.	Londres tem 225 carros para cada 1.000 habitantes, já São Paulo tem 630.	CIDADE < L-O-N-D-R-E-S> TER CL(carro-andando) 225 GRUPO MIL Ef PESSOAS IX(AQUI) Ef SÃO-PAULO TER 630.

149.	<p>O que falta para seus alunos não é curiosidade, o que falta para eles é tecnologia.</p>	<p>ALUNO FALTAR <O QUE >qu CURIOSIDADE NÃO FALTAR TECNOLOGIA.</p>
150.	<p>O Museu Histórico de Santa Catarina, em Florianópolis, é uma grande atração, ele chama atenção pela sua arquitetura.</p>	<p>MUSEU HISTORIA Ef PRÓPRIO FLORIANOPOLIS SC DV(olhares- para-si) INF (chama a atenção) PORQUE MOSTRAR PRÉDIO Ef BONITO.</p>
151.	<p>Os dois heróis estão lutando. De repente, eles cortam e passam para o quadrinho seguinte, onde já se vê um deles nocauteado.</p>	<p>LIVRO SABE QUADRADO GRANDE sf QUADRINHO +++ Ef ENTÃO 2 HOMENS SUPER COMEÇAR BRIGAR LUTA CORPORAL SOCO, MUDA QUADRO LUTA CONTINUA MUDA QUADRO, CONTINUA LUTA ATÉ IX ELE CONSEGUIR CAMPEÃO.</p>
152.	<p>Há um filme muito bom em cartaz. O filme fala sobre a Lenda do Rei Arthur.</p>	<p>TER FILME BOM QUADRO TELÃO IX(FILME) SOBRE < > qu sf Ef HISTÓRIA REI A-R-T-H-U-R.</p>
153.	<p>Reagan perdeu a batalha no Congresso. O presidente americano não tem tido grande sucesso.</p>	<p>HOMEM SER/CIDADÃO [?] < > qu NOME R-E-A-GA-N PERDEU DISPUTA CONGRESSO < > qu IX(PESSOA) PRESIDENTE AMERICANO NÃO-TER, Ef NÃO-</p>

		GANHAR, NÃO VENCER.
154.	<p>Reagan perdeu a batalha no Congresso. O cowboy do faroeste americano não tem tido grande sucesso.</p>	<p><u>HOMEM SER R-E-A-G-A-N</u> PERDER DISPUTA CONGRESSO. (IX)le PESSOA CL (pessoa-atirando+++) NOME <F-A-R-O-E-S-T-E> AMERICANO NÃO-CONSEGUIR VENCER.</p>
155.	<p>Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. Uma epidemia de Ebola já matou mais de 300 desses grandes macacos.</p>	<p>PERIGO ESPALHAR Ef <preocupad@> GRUPO GORILA ÁFRICA VÍRUS Ef <preocupad@> E-B-O-L-A JÁ DESTRUIR sf 300 GORILA MACACO.</p>
156.	<p>A multidão ouviu o ruído de um motor. Todos olharam para o alto e viram a coisa se aproximando.</p>	<p>ÁREA PESSOAS OUVIR ESTRANHO Ef &=MOTOR IX(CL (todos-olhar)) Oc, < > qu ESTRANHO ID VIR.</p>
157.	<p>Entre os conjuntos musicais do nordeste encontram-se as bandas de pífaros. É bastante curioso ouvir essa espécie de flautim militar que produz sons agudos e estridentes.</p>	<p>NORDESTE MÚSICA TER GRUPO +++++ MÚSICA ENCONTRAR ÁREA MÚSICA CURIOSIDADE IX(ÁREA MÚSICA MILITAR), CL (pessoa- tocando-flauta, pessoa-tocando- instrumento-marchar-banda-andando).</p>
158.	<p>Os bugios não precisam de</p>	<p>MACACO PEQUENO PAPUDO Ef</p>

	<p>muito espaço. O inverno é a estação de fartura para esses símios. Esses macacos parecem comprovar as teorias de Charles Darwin.</p>	<p>NOME B-U-G-I-O-S NÃO-PRECISA ÁREA GRANDE. FRIO ÁREA COME++++ IX(MACACO) Ef GRANDE MACACO TER PROVA TEORIA NOME HOMEM BARBA Ef +++ C-H-A-R-L-E-S D-A-R-W-I- N.</p>
159.	<p>A Vigilância Sanitária decidiu que os produtos com suspeita de conter transgênicos sejam recolhidos dos locais de venda. A determinação cumpre uma lei estadual de dezembro de 1999.</p>	<p><u><V-I-G-I-L-Â-N-C-I-A S-A-N-I-T-Á-R-I-A></u> <u><O QUE>qu INF(GRUPO CUIDAR SAÚDE POVO) DECIDIR SE DESCONFIAR PRODUTO VÁRIOS</u> <u><T-R-A-N-S-G-E-N-I-C-O-S></u> <u><O QUE>qu INF(PRÓPRIO PRODUTOS VÁRIOS MUDAR GENÉTICA LABORATÓRIO) VENDER PROIBIR.</u> 1(IX) DECISÃO ESSA CUMPRIR-COMBINAR LEI ESTADUAL PRÓPRIO DEZEMBRO 1999.</p>
160.	<p>A verdade, profunda anomalia do nosso sistema de televisão, representa o peso do poder político. Esta declaração provocou uma excessiva fragmentação da rede privada.</p>	<p>VERDADE Ef MOSTRAR, FALAR+++ MAS, IX (ATRÁS) TER COISAS PARTICULAR ESCONDIDA.</p>
161.	<p>Ele abrigou sobre uma velha tília. O tronco estava todo rachado.</p>	<p>HOMEM CL (homem-correr-esconder) sf Ef IXId(ÁRVORE) Oc CORRER Ef CL (rachadura- tronco-árvore).</p>

162.	<p>Chegamos à fazenda abandonada. O velho casarão encontrava-se em ruínas. O mato havia invadido as plantações. Os instrumentos agrícolas estavam jogados no terreiro.</p>	<p>EU VER FAZENDA ABANDONADA. Ef TER CASA CL (DESTRUÍDA) <quebrada>+++~ IX(PLANTA). CL (MATO) Enm ABANDONADO. VER IX(MATERIAL^VÁRIOS = objetos) RASTELO, ENXADA, TRATOR ABANDONADO CL (objetos-jogados-espalhados).</p>
163.	<p>João viu uma maçã e ele comeu-a.</p>	<p>J-O-Ã-O IX(VER) Ef MAÇÃ.</p>
164.	<p>Eu encontrei um lápis e uma caneta vermelha. A caneta não escreve.</p>	<p>EU ENCONTRAR Ef UM LÁPIS, TAMBÉM CANETA, MAS CANETA Ef SF NÃO YYY [=?DÚVIDA].</p>
165.	<p>Eu encontrei um lápis. A ponta está quebrada.</p>	<p>LÁPIS EU sf ENCONTRAR Ef IX (PONTA) QUEBRADA LÁPIS.</p>
166.	<p>Eu comprei duas guitarras. A nova custou barato e a velha custou caro.</p>	<p>EU ENCONTRAR Ef sf GUITARRA. UMA GUITARRA NOVA Ef BARATA, GUITARRA VELHA CARO Ef <espanto>.</p>
167.	<p>João perdeu a corrida. Isso surpreendeu a todos.</p>	<p>J-O-Ã-O CORRIDA Ef PERDER. SUSTO TODOS PESSOAS.</p>

168.	Quando Maria foi jantar na casa de Joana, ela comeu comida japonesa.	M-A-R-I-A ID IR CASA AMIG@ J-O-A-N-A COMER NOITE, IX EL@ (COMER) JAPÃO.
169.	João encontrou uma faca e uma moeda. Ele entregou esses objetos à polícia.	J-O-A-O ENCONTROU UMA FACA UMA sf MOEDA. IX EL@ (ENTREGAR) FACA E MOEDA POLÍCIA.
170.	João viu um gato e um cachorro. O primeiro era branco e o segundo era amarelo.	J-O-Ã-O IX (VER) EL@S2 IXle (GATO) IXId (CACHORRO) IXle (BRANCO) CORES IXId (BRANCO, AMARELO).
171.	Quando ele foi embora, João encontrou Maria.	IX (J-O-Ã-O) SAIR, Ef CL (pessoa-andando) ENCONTRAR Ef M-A-R-I-A.
172.	João encontrou sete moedas. A mais antiga era datada de 1893.	J-O-Ã-O ENCONTRAR Ef 7 MOEDAS++++ sf IX(VER) Ob ANTIGA Ef ANO 1893.
173.	Meu filho não está indo bem na escola. <i>Eles</i> dizem que ele é muito desatento e quase nunca faz as tarefas de casa.	IX (PESSOA) FILH@ NÃO-BOM CASA^ESTUDAR=escola DIRETOR@, COORDENADOR@, PROFESSOR@, FALAR IXle EL@ NÃO-TER ATENÇÃO N-U-N-C-A [=? TAREFA] CASA.

174.	Um ganso costumava entrar na casa. O pássaro era atraído pela despensa.	GANSO sf CASA COSTUME Ef ENTRAR ID IXle EL@ (AVE) TENTAÇÃO sf COMER^VÁRIOS=alimentos.
175.	Os biólogos avistariam um réptil no rio, mas depois assustaram o animal na margem.	BIÓLOG@ IX (VER) CL (animal- andando) VÁRIOS ÁGUA^CAMINHO=rio IXle (JACARÉ) SUSTO Ef AFUNDOU ÁGUA^CAMINHO=rio.
176.	Felipe e Rodrigo gostam de futebol; este torce pelo Inter, enquanto aquela torce pelo Grêmio.	F-E-L-I-P-E IXId (R-O-D-R-I-G-O) EL@S2 GOSTAR Ef FUTEBOL IXle (F-E-L-I-P-E) TORCER GRÊMIO IXId (R-O-D-R-I-G-O) TORCER INTERNACIONAL.
177.	Tenha cuidado, ele pode machucar você.	PRECISA CUIDADO PERIGO IXle MATERIAL^VÁRIOS=objetos O-U PESSOA ACONTECE PODE MACHUCAR IX (VOCÊ).
178.	Este aqui é genuíno, mas aquela ali é falso.	IXle (PESSOA) sf CORRETA Ef VERDADEIRA, OUTRA sf PESSOA Ef FALSA.

179.	Este aqui é genuíno, mas aquele ali é falso.	IXle (PESSOA) EU NÃO-SABER Ef <dúvida> QUAL MULHER HOMEM <quem>qu~.
180.	A <u>avó</u> da <u>criança</u> não tinha meios para sustentá- la . A mísera velhinha estava à procura de alguém que quisesse adotar o recém-nascido cuja mãe perecera durante o parto.	¹ MULHER^VELHA=AVÓ ² CRIANÇA le NÃO-TER DINHEIRO ² (IX)SUSTENTAR le. ¹ (IX)MULHER^VELHA=AVÓ POBRE+++ ef <dó> PROCURA PESSOA ADOTAR CRIANÇA PORQUE QUANDO ² (IX)NASCER MÃE MORRER.
181.	Transcorridos 15 meses de sua eleição, o Papa <i>Francisco</i> <i>iniciou um processo de mudança no estilo de governo eclesiástico, com uma combinação de prudência e audácia. Essa metamorfose religiosa</i> requer manter um delicado equilíbrio entre versões antagônicas do catolicismo.	<u>DEPOIS 15 MES VOTAÇÃO <PAPA F-R-A-N-C-I-S-C-O></u> COMEÇAR <u>MUDANÇA</u> GOVERNO <u>CASA^CRUZ=IGREJA</u> COMBINAR <u>CERTO</u> sf CORAGEM. (IX)EST@ le MUDANÇA PRECISAR sf EQUILIBRIO DENTRO <u>CASA^CRUZ=IGREJA</u> CATOLICA.
182.	A médica conversa com as enfermeiras no hospital embora ela pare pouco tempo	MÉDIC@ IXId ENFERMEIR@ EL@S2 CONSEGUIR CONVERSAR HOSPITAL PORQUE sf IXle EL@(MÉDIC@) TRABALHAR

	durante o plantão.	MENOS, IXLd EL@(ENFERMEIR@) sf TRABALHAR MAIS.
183.	João está doente. Vi-o na semana passada.	J-O-Ã-O DOENTE Ef IX (VER) EL@ SEMANA PASSADO.
184.	A sala de aula está degradada. As carteiras estão todas riscadas.	SALA^ESTUDAR=sala-de-aula VELH@ Ef <nojo> TER CADEIRA, MESA Ef RISCADA.
185.	Ana comprou um cão. O animal já conhece todos os cantos da casa.	A-N-A COMPRAR CACHORRO. sf CACHORRO CONHECER <LUGAR>+++ PRÓPRIO CASA.
186.	Maria é uma moça tão bonita que assusta. Essa sua beleza tem um quê de mistério.	M-A-R-I-A JOVEM BONITA ASSUSTA Ef <espanto>. BONITA YYY ESCONDER.
187.	A irmã olhou-o e disse: - João, estás com um ar cansado.	MULHER^IGUAL=irmã: IX (J-O- Ã-O) IX (VOCÊ) Ef <CANSADO> CARA.
188.	Os nomes próprios mais utilizados na língua portuguesa são estes: João, Maria e José.	TER NOME++ sf PRÓPRIO USAR LÍNGUA PORTUGUESA: UM J-O-Ã- O, DOIS M-A-R-I-A, TRÊS J-O-S-É MAIORIA sf <NOME>+++.

189.	Os hotéis estão com promoções fora da temporada, mesmo para os quartos mais elegantes.	HOTEL VÁRIOS BARATO sf TER FESTA ANO^NOVO, NATAL, FÉRIAS MESMO SALA^DORMIR=quarto CHIQUE.
190.	Vi que a menina chorava muito. A garota estava com fome.	EU VER MULHER^PEQUENA=menina <CHORAR>+++ Ef <choro> PORQUE IXle EL@ FOME Ef ~.
191.	O liquidificador está com um barulho estranho. O aparelho deve estar com problemas.	LIQUIDIFICADOR sf &=motor IX EL@ (BARULHO) <QUEM> qu~ ESTRANHO sf. PROBLEMA IX EL@(LIQUIDIFICADOR).
192.	O meu maior sonho é este: viajar pelo Sul do Brasil.	SEMPRE TER SONHO++(_) Ef VIAJAR SUL BRASIL.
193.	Houve um grande acidente na estrada. As ambulâncias chegaram rapidamente ao local. Os feridos foram levados para os hospitais mais próximos.	TER ACIDENTE sf CAMINHO BR. AMBULÂNCIA CHEGAR[?] <RÁPIDO>+++ sf PEGAR PESSOAS MACHUCAD@ LEVAR CASA^CRUZ^TESTA=hospital PERTINHO PERTO.
194.	As empregadas domésticas de hoje não são mais como as de ontem, elas não têm humildade e querem mandar	EMPREGAD@ IXle EL@ DIFERENTE PASSADO sf ATÉ HOJE IXle(EMPREGADA) NÃO-TER HUMILDADE Bad Enm

	como se fossem as patroas, mas essa situação ruim precisa ser resolvida.	<MANDAR>+++ TAMBEM CHEFE RUIM Ef <desagrado> IX EL@(PESSOA) RUIM PRECISAR RESOLVER.
195.	Rodolfo não compreendeu por que seus amigos foram ao jogo sem ele, mas decidiu que esse acontecimento não seria um determinante para sua amizade.	R-O-D-O-L-F-O IXle (AMIG@) R-O-D-O-L-F-O NÃO^IR FUTEBOL AMIGO IR Ef MAS Bad sf IX EL@(RODOLFO) PENSOU Ef NÃO PREJUIZO AMIG@ EU.
196.	São Paulo é um pólo industrial, e essa situação gerou um crescimento desordenado da cidade.	SÃO PAULO __ LUGAR POLO TER <FABRICA>+++ IX - CL (LUGAR-AUMENTAR enm ~ ef Bad sf) FALTA ORGANIZAR CIDADE
197.	Todos os amigos de Mariana se reuniram para uma festa surpresa, pois era aniversário dela, e queriam que ela ficasse feliz, mas a intenção não foi bem aceita pela aniversariante, pois ela detesta festas surpresas.	TODOS AMIG@ <COMBINAR>+++ [=?UNIÃO] M-A-R-I-A-N-A ANIVERSÁRIO FESTA EL@S3 IX (GRUPO) sf AMIG@ QUERER IXle EL@(MARIANA) FELIZ, MAS IXle (M-A-R-I-A-N-A) DETESTA FESTA SURPRESA.
198.	Os candidatos ao governo costumam alterar os verdadeiros números das pesquisas, quando esses são	PESSOA CANDIDATO GOVERNO sf COSTUME MUDAR VERDADE sf ef<desconfiança> SEMPRE <INFORMAR>+++ BOM

	divulgados na grande mídia, mas essa manipulação já é de conhecimento dos eleitores, que estão cansados de serem enganados.	<VOTAR>+++ PESSOA GERAL ef <desânimo> CANSADO JÁ ENGANAR ef <bravo> PORQUE SEMPRE MUDAR VOTO <NÚMERO^QUANTOS>que f<interrogação>
199.	Chegamos à cidade. O mercado estava fechado.	EU CHEGAR Ef &=barulho boca CIDADE MERCADO JÁ sf FECHADO.
200.	Pedro esteve hoje na livraria. Lá ele não encontrou o livro que procurava, mas eu encontrei lá aquilo que eu queria.	P-E-D-R-O IR LIVRO^VENDER= livraria HOJE IXId LÁ(P-E-D-R-O) <PROCURAR>+++ NÃO-ENCONTAR EU ENCONTAR EU QUERER.
201.	Os jogadores de futebol brasileiros derrotam os argentinos. Essa vitória os fez campeões do mundo.	PESSOA BRASIL JOGAR sf <VENCER>+++ ARGENTINA, BRASIL VITORIA CAMPEÃO.
202.	Um escritor chegou hoje. O escritor veio lançar seu mais recente livro.	HOMEM^ESCREVER=escritor AUTOR ID VIR HOJE. IX (LIVRO) ESCREVER NOVO.
203.	Paulo parece pálido. Ele pode estar doente.	P-A-U-L-O MAGRO AMARELO. IXIe (P-A-U-L-O) PODER ACONTECER sf DOENTE.

204.	Na praça tinha um mercado. A construção era muito antiga.	LUGAR PRAÇA TER CARRINHO^PEGAR=mercado CASA CONSTRUIR sf ANTIGA.
205.	Uma casa está à venda. Está habitação é muito bonita.	TER <CASA>+++ &=barulho boca VENDER. <CASA>+++ sf IXle (casa) BONIT@.
206.	Nós chegamos a uma cidade. A praça estava lotada.	NÓS4 YYY [=?CHEGAR] sf CIDADE PRAÇA IXle(praça) CHEIO CHEIO.
207.	Paulo estava com frio. Ele tinha esquecido de colocar a blusa.	P-A-U-L-O <FRIO>+++ MAS IX (P-A- U-L-O) ESQUECER sf CASACO FRIO.
208.	Deixe-me examinar o seu dedo. À primeira vista, não me parece que o artelho esteja fraturado.	VER <DEDO>qu~ VER IX (DEDO) NÃO OSSO QUEBROU.
209.	Durante a conferência, o Professor Doutor José Mendonça pediu a palavra. O professor insinuou que o conferencista estava cometendo um sério engano.	CONFERENCIA PROFESSOR sf DOUTOR NOME sf J-O-S-E M-E-N-D- O-N-Ç-A ID IR DISCURSO IX (EL@) FALAR PROFESSOR FALAR sf Ef <BRAV@> ENGANAR PESSOA.

210.	Paulo está muito doente. O indivíduo mal consegue falar.	P-A-U-L-O sf Ef <DÓ> DOENTE IXle(EL@) NÃO^CONSEGUIR FALAR sf MAL DOENTE.
211.	João não vai à festa por dois motivos: está cansado e com dor de cabeça.	J-O-Ã-O ID NÃO^IR sf FESTA PORQUE TER DOIS MOTIVO PRIMEIRO DOR^CABEÇA Ef <DOR>, SEGUNDO CANSADO Ef <CANSADO>.
212.	Está chovendo e eu estou com dor de cabeça, por esses motivos não vou sair de casa.	<CHOVER>+++ EU DOR^CABEÇA Ef <DOR> NÃO-QUERER sf SAIR CASA.
213.	Meu computador quebrou. Vou levá-lo para arrumar.	COMPUTADOR MEU QUEBRAR. sf ID LEVAR CONSERTAR.
214.	Não compre a xícara amarela. O cabo está quebrado.	COMPRAR sf XÍCARA sf AMARELA, IXle (XÍCARA) <CABO>+++ sf CL (cabo-quebrado-esparramar) &=barulho boca.
215.	O mar revolia-se forte e, quando as ondas quebravam junto às pedras, a espuma salgada salpicava-a toda.	MAR sf <MAR>+++ CL IX(<PEDRA>) sf <ONDAS>+++ Ef <forte> &=barulho boca CL (espuma-espirrando).

216.	Quis sentar-se num banco do jardim, porque na verdade não sentia a chuva e não se importava com o frio. [...]. O banco seria um ponto de repouso.	SENTAR IXId (BANCO) FLOR- <ÁRVORE>+++GRAMA NÃO^SENTIR <CHUVA>+++ NÃO^IMPORTAR FRIO, IX sf (FRIO) SENTAR Ef <CALMA> <ACALMAR>+++ PAZ.
217.	[O guarda traz a refeição.] Primeiro prisioneiro: – Que é isso? Guarda: - Um consomê à moda do chefe... [Os homens começam a comer...] Segundo prisioneiro: - Ela não é 'tomável'.	GUARD@ sf ID TRAZER PRATO sf IX (COMIDA) , IXId (PRES@) <QUEM>qu~ ef <interrogativa> IXle (ISSO) , GUARD@ IXId (PRATO) CHEFE FAZER COMIDA, IXId GERAL <COMER>+++ sf, PRESO IXle (BEBER) <QUEM>qu~ ef <interrogativa> .
218.	Eles [os ecologistas] souberam colocar em evidência certas tendências que poderiam se tornar perigosas, fazendo as pessoas pensarem, não se deixarem levar pela fascinação do progresso a qualquer preço. Esta tomada de consciência teria ela acontecido sem eles?	GRUPO IX (ÁREA) PESSOA PESQUISA ESTUDA PESQUISA [?] PESQUISA sf IX (ÁREA) <BUSCAR>+++ PRÓPRIO PERIGO <BUSCAR>+++ LOUCO <BUSCAR>+++ GRUPO IX (ÁREA) PODE ACONTECER PERIGO DÚVIDA [=?CONFUSÃO] <IMAGIMAR>+++ ID <DAR>+++ DÚVIDA [=?CONFUSÃO]

		CONCIÊNCIA ef<dúvida>.
219.	Um caminhão atropelou p Sr. José da Silva, enquanto trocava o pneu de sua Parati de placa AX1529 no acostamento da Rodovia Anhanguera, perto do trevo de Vinhedo. A vítima foi imediatamente socorrida pelo próprio motorista, que o recolheu ao hospital S. Vicente. Os dois veículos foram vistoriados pela polícia rodoviária. Ficou confirmado que estavam ambos em péssimo estado de manutenção.	AVENIDA BR CL (carro-estacionar) IXId (CARRO) SENTIR CL (FURAR-PNEU) IX (NOME CARRO) P-A-R-A-T-I NUMERO PLACA A-X-1-5-2-9 IX (NOME HOMEM) J-O-S-E D-A S-I-L-V-A IXId (CONSERTAR) ARRUMAR MUDAR, CAMINHÃO CL (caminhão-bater-carro) MOTORIST@ IX (OLHAR) CL (descer-correr-desesperado) Ef<desespero> ID LEVAR HOSPITAL, NOME HOSPITAL <QUEM>qu~ ef <interrogativa> S-Ã-O V-I-C-E-N-T-E ID LEVAR GRAVE. POLICIA ID IR VER <QUEM>qu~ ef <interrogativa> ACONTECER ID IR PROBLEMA IX (ID <VER>+++) CARRO, CAMINHÃO TER PROBLEMA DEFEITO VELHO.
220.	Paulo saiu. Ele foi ao cinema.	IXle (PESSOA) NOME sf P-A-U-L-O sf. IXle (EL@) SAIR CINEMA.
221.	Só quero isto: que vocês me entendam.	QUERER IXle (ISSO): VOCÊ <QUEM>qu~ ef <interrogativa> ME-ENTENDER.
222.	Com quase 62% dos votos válidos, Lula alcança a meta perseguida há 13 anos, é o	IX (ÁREA) sf PESSOA VOTOS 62% PESSOA <QUEM>qu~ ef <interrogativa> [?] [=?LULA] TENTAR

	<p>primeiro operário a chegar à Presidência do Brasil e encara agora o desafio de promover desenvolvimento com justiça social.</p>	<p>LUTAR 13 ANO NÃO-CONSEGUIR <LUTAR>+++ <QUEM>qu~ ef <interrogativa> TRABALHAR DENTRO ANTES sf DENTRO EMPRESA >+++ <QUEM>qu~ ef <interrogativa> PRODUÇÃO, TENTAR <LUTAR>+++ CONSEGUIR ef <ALEGRE> PRESIDENTE DISPUTA sf IX (ÁREA) DESENVOLVER Ef Bad JUSTIÇA SOCIAL.</p>
223.	<p>Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o <u>antraz</u>. Para destruir a bactéria, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico.</p>	<p>GRUPO le GRUPO Id PESQUISA PAÍS AMERICANO. EL@S2 GRUPO PESQUISA COMO <QUEM>qu~ ef <interrogativa> VENCER <u>BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z></u>. EL@S2 PENSAR ESTUDAR FOCO PRÓPRIO REMÉDIO COMO VENCER ef<animado> (IX) BACTÉRIA.</p>
224.	<p>Para orientar as manobras dos aviões, os aeródromos são dotados de aparelhos que indicam a direção dos ventos de superfície. As birutas, que têm a forma de sacola cônica, são instaladas perpendicularmente à extremidade de um mastro.</p>	<p>AVIÃO^CHÃO=aeroporto LUGAR ÁREA SEMPRE TER <AVISAR>+++ PILOTO AVIÃO ACONTECER IX (AVISAR AVIÃO) [?] B-I-R-U-T-A <QUEM>qu~ ef <interrogativa> PORQUE AVIÃO PRECISA SABER ACONTECER.</p>

225.	A polêmica parecia não ter fim. Pelo jeito, aquele bate-boca entraria pela noite adentro, sem perspectiva de solução.	<DISCUSSÃO>+++ <BRIGAR>+++ DIA-TODO NADA PARAR, CONTINUAR ~ ef <BRAV@> <BRIGAR>+++.
226.	O sujeito chega para o padre e pergunta: - Padre, o senhor acha correto alguém lucrar com o erro dos outros? - É claro que não, meu filho! - Então me devolve a grana que eu te paguei para fazer meu casamento.	IXle (VOCÊ) ACHA <QUEM>qu~ ef <interrogativa> IX (EL@) ÁREA APROVEITAR ME IX (VOCÊ) ACHA <QUEM>qu~ ef <interrogativa> EU ERRAD@ APROVEITAR DINHEIRO. - IXId NÃO EU ID DAR DINHEIRO EU ID DAR. - IXle EU-PAGAR AGORA ID DAR-ME DINHEIRO.
227.	O sujeito chega para o padre e pergunta: - Padre, o senhor acha correto alguém lucrar com o erro dos outros? - É claro que não, meu filho! - Então me devolve a grana que eu te paguei para fazer meu casamento.	IX (PESSOA HOMEM) IXle (PESSOA PADRE) IXle (VOCÊ) ACHA IX (ÁREA) APROVEITAR DINHEIRO MEU, LUCRO <QUEM>qu~ ef <interrogativa> - IXId (PADRE) , NÃO MEU FILHO Ef <negativa> - IXle ENTÃO ID DAR-ME DINHEIRO EU-PAGAR MEU CASAR.

<p>228.</p> <p>A professora tenta ensinar matemática para o Joãozinho.</p> <p>- Se eu te der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...?</p> <p>E o garoto:</p> <p>- Contente!</p>		<p>le PESSOA <QUEM>qu~ ef <interrogativa> PROFESSORA <TENTAR>+++ <ENSINAR>+++ MATEMÁTICA <u>Id<QUEM>qu~ ef</u> <u><interrogativa> CRIANÇA ef</u> <u><ansiedade>.</u></p> <p>Mpc<professora>: PROFESSORA (direção-olhar) <QUEM>qu~ ef <interrogativa> SE EU ENSINAR VOCÊ CONSEGUIR <QUERER>qu ef<interrogativa> 4 CHOCOLATE + AMANHÃ 3 CHOCOLATE.</p> <p>Mpc <menino>: IXle HOMEM^PEQUENO=MENINO CL (balão-pensamento-imaginar ef <alegre/empolgado> somar <quantos chocolate>qu ef <interrogativa> enm <sim sim sim feliz ef<animado/alegre>.</p>
<p>229.</p>	<p>Não é necessário ser um especialista para se perceber o quanto o crack é uma droga devastadora e que coloca em risco não somente a saúde e a segurança dos usuários, mas</p>	<p>NÃO-PRECISAR sf PESQUISAR ESTUDAR FOCO PRÓPRIO <u>DROGA</u>, PORQUE PODE ACONTECER VIDA PERIGO sf SAÚDE, SEGURANÇA FAMÍLIA COMUNIDADE, PODE ACONTECER PREJUÍZO ÁREA</p>

	das famílias e comunidades afetadas pelo crescente consumo desta substância entorpecente.	PESSOA, CUIDADO DROGA PODE ACONTECER <AUMENTAR>+++ PROBLEMA ef <preocupado>.
230.	Eu lhe ofereci um dia fora deste convento. Ela aprovou esta proposta , e tendo aceitado essa vantagem , eu fui dar ordens para a execução deste projeto .	PESSOA ID DAR PROPOSTA FREIRA SAIR UM DIA CASA^FREIRA=convento. IXle (EL@ FREIRA) ACEITAR PESSOA ID IR FAZER PAPEL ASSINAR.
231.	Real cai das nuvens. Agora, vai ser difícil recuperar o antigo poder de compra da nossa moeda diante do dólar.	REAL NÃO-TER VALOR AGORA DIFÍCIL sf REAL IGUAL [?] [=? DÓLAR].
232.	No canto da cozinha, estava um rato. Ao ver o roedor , que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.	CANTO AQUI PANELA^MEXER=COZINHAR VIVER <u>BIGODE^RABO-CORRER=RATO.</u> (IX)EST@ BIGODE^RABO-CORRER= RATO(le) COMER CL (ROER) QUEIJO <M-A-R-I-A> VER GRITAR CL (CORRENDO).
233.	Ele reconhece ter rodado bêbado(...) O tribunal de correção infligiu ontem uma pena de reclusão a este	IXle (HOMEM) sf DIRIGIR BÊBADO JUSTIÇA IX (PEGAR) Ef <brav@>JOGAR CADEIA DE NOVO.

	reincidente.	
234.	Eu nasci em Londres e moro lá desde então.	L-O-N-D-R-E-S NASCER CASA IXle (LÁ) [?] [=?ATÉ] HOJE VIVO.
235.	Cavaristo é um cachorro. Ele está com muito sono.	CACHORRO sf NOME C-A-V-A-R-I-S-T-O IXle (EL@) sf CACHORRO <SONO>+++.
236.	Eu preciso fazer isto: telefonar para um mecânico.	<PRECISAR>+++ LIGAR HOMEM-CONSERTAR.
237.	"O pássaro seguia-o pelo caminho, reparou o moço".	CL (homem-andar) IX (OLHAR) CL (passarinho-seguir- atrás-homem).
238.	Ana comprou uma linda bolsa. Ela estragou após dois dias de uso.	A-N-A COMPRAR BOLSA LINDA, 2 DIAS JÁ IX (ALÇA) [?] [=?ESTRAGAR]. &=barulho-boca.
239.	Em janeiro viajarei para o Rio de Janeiro. Lá é o lugar onde encontro paz, descanso e felicidade.	JANEIRO RIO VIAJAR IXle (lá) LUGAR PAZ, DESCANÇAR, FELIZ.
240.	Minhas camisetas estão sujas. Preciso lavar essas peças de roupa urgente.	ROUPA MINHA SUJA Ef <NOJO> PRECISO RAPÍDO <ESCOLHER>+++ LAVAR.

241.	Ganhei muito dinheiro na loteria. Não sei nem como gastá-lo.	GANHAR SORTEIO Ef <ALEGRE> NÃO-SABER COMO Ef <interrogativa> sf GASTAR.
242.	Meu cachorro morreu. Sinto falta desse meu amigo que me acompanhou por muitos anos.	CACHORRO MORRER FALTA sf JUNTO INTIMIDADE AMOR.
243.	Ana e Carlos estão namorando há cinco anos e este ano eles ficaram noivos.	IXle A-N-A IXId C-A-R-L-O-S EL@s2 NAMORAR 5 ANOS IX (AQUI) COMEÇAR IX (EL@s2) COMEÇAR NOIVADO.
244.	Somente a educação pode mudar sua história. Ela é o pilar de uma vida digna.	SÓ EDUCAÇÃO PESSOA PRECISA MUDAR HISTÓRIA sf IXle (EL@) EDUCAÇÃO VIDA CORRETA.
245.	Minha casa precisa ser reformada. Isso requer muito dinheiro.	CASA PRECISA [?] [=?REFORMA] CASA IXle (EL@) DINHEIRO Ef <PREOCUPADO>.
246.	A escola precisa investir no ensino das ferramentas tecnológicas. Hoje não é mais possível viver sem elas.	CASA^ESTUDAR=escola PRECISA VALOR TECNOLOGIA, HOJE NÃO MAIS VIVER Ef, <negativa>TECNOLOGIA.
247.	Eu gostaria de usar o mesmo estojo o ano que vem, mas	GOSTAR CONTINUAR ESTOJO IXle (EL@) ANO-QUE-VEM NÃO-PODER

	não poderei porque ele está muito velho.	USAR IXle (EL@) PORQUE JÁ VELHO ESTOJO.
248.	Fui ao mercado e comprei uma pizza de frango. Quando fomos comê-la, meu filho não gostou desse sabor, queria outro.	CARRINHO^GUARDAR=mercado COMPRAR 1 PIZZA [?] [=?FRANGO]. IX (NÓS2) VAMOS COMER PIZZA, MAS FILHO MEU NÃO-GOSTAR SABOR [?] [=?FRANGO] QUERER OUTRO PIZZA.
249.	O pedreiro estava construindo a parede da casa quando a engenheiro chegou e percebeu que ela estava desalinhada.	HOMEM CONSTRUIR CASA PAREDE, HOMEM^VIGA=engenheiro YYY [=?CHEGAR] PERCEBER IX (OLHAR CASA) PAREDE DEFEITO.
250.	Ana foi ao museu bem cedo. Eles recebem pouca gente nesse horário.	<A-N-A> IR MUSEU CEDO Ef. TER PESSOA+++ CL (várias-pessoas-andando) &=barulho língua batendo PORQUE TER POUCO HORÁRIO CEDO Enm.
251.	Susana encontrou o casal no cinema. Eles estavam muito unidos e felizes.	<S-U-Z-A-N-A> ENCONTRAR IX (EL@S2 CASAL) LUGAR CINEMA. ef<alegre> IX(EL@S2) FELIZES sf UNIDOS.
252.	Todo mês eu compro um livro. Acho que eles são importantes para minha formação	SEMPRE MÊS ++++ UM COMPRAR LIVRO. (IX)EL@ LIVRO IMPORTANTE FORMAÇÃO

	intelectual.	CULTURA.
253.	A roupa ficou mofada na gaveta. Elas precisam ser lavadas amanhã.	GAVETA IX(AQUI GAVETA) TER ROUPA MANCHA^PRETA = mofo. AMANHÃ PRECISAR LAVAR.
254.	Cumpri todas as promessas, menos esta: a de praticar atividades físicas durante as férias.	PESSOA+++ SEMPRE PROMETER+++ IR FAZER, MAS NÃO FAZER ACADÊMIA FÉRIAS.
255.	Canetas, lápis e gizes: foram essas as mercadorias que chegaram.	MERCADO MATERIAL^VÁRIOS = objeto [=CHEGAR[?]] JÁ CANETA LÁPIZ GIZ.
256.	Ela ainda não veio. Sempre tive menstruação regular, já que tomo pílula há cinco anos.	SEMPRE TER MESTRUAÇÃO CERTO+++ DIA CL(CERTO). ACONTECER MESTRUAÇÃO NADA CONSEGUIR AINDA-NÃO.
257.	As crianças vão ao circo. Teremos que cuidar dessas pestinhas.	CRIANÇA+++CL (várias-crianças-IR) NARIZ^TENDA=circo. PRECISAR CUIDAR Ef PORQUE sf CRIANÇA SEMPRE AGITADA BAGUNÇA+++.
258.	Machado de Assis escreveu estes livros: Dom Casmurro,	NOME HOMEM LIVRO ESCREVER. IX(ESSE LIVRO) "<M-A-C-H-A-D-O D-

	Memórias póstumas de Brás Cubas, entre outros.	E A-S-S-I-S>” TER IX(DOIS LIVRO+++) ESCRITOS. <QUAL>qu IX(PRIMEIRO “<D-O-M C-A-S-M-U-R-R-O>”). IX(SEGUNDO “<M-E-M-O-R-I-A-S P-O-S-T-U-M-A-S D-E B-R-A-S C-U-B-A-S>”). TAMBÉM IX(OUTRO+++ LIVROS+++) HOMEM ESCREVER.
259.	<i>As matérias mais cobradas em concurso público são estas: regência e crase.</i>	CONCURSO IX(ESSE CONCURSO) PÚBLICO DISCIPLINA COBRAR NOME <QUAL>qu IX(PRIMEIRO “<R-E-G-E-N-C-I-A>”) IX(SEGUNDO “<C-R-A-S-E>”).
260.	<i>Joana não saiu ontem. Ela preferiu ficar em casa.</i>	“<J-O-A-N-A>” NÃO-SAIR ONTEM. IX(ELA) PREFERIR FICAR CASA.

APÊNDICE III - CD: VÍDEO DO *CORPUS* PARALELO PORTUGUÊS-LIBRAS
(INTEGRAL)

Língua Portuguesa

Libras

Glosa-Libras